A America Latina

Do mesmo auctor:

Discursos, 1 vol.	500
Martins Penna, 1 vol.	400
Cantos populares do Brazil	1$400

SYLVIO ROMÉRO

A America Latina

(Analyse do livro de igual titulo do Dr. M. BOMFIM)

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
R. das Carmelitas, 144
—
1906

PORTO — Imprensa Moderna

A

José de Mello e Arthur Guimarães

unidos n'um só abraço,

offerece,

Sylvio Roméro.

A AMERICA LATINA

I

Em março de 1904, dizia eu no prefacio posto ás *Questões Economicas Nacionaes,* do sr. Arthur Guimarães, alludindo ao estudo que ando a escrever do Brasil social e politico, apreciado á luz da escola de Le Play e H. de Tourville: «Duas especiaes circumstancias puzeram-me no encalço das idéas que vão ser expostas: a observação attenta dos factos passados no periodo republicano, que vae decorrendo, e o conhecimento mais intimo das doutrinas e ensinamentos da chamada Escola da *Sciencia Social* de Le Play, H. de Tourville, Ed. Demolins, P. de Rousiers, P. de Préville, P. Bureau e tantos outros, ...aes se devem os melhores trabalhos existentes ...a indole das nações.

...Republica teve a vantagem de revelar este ... povo brasileiro tal qual é, entregue a si

proprio ou aos seus naturaes directores, o que vem a ser a mesma coisa. Os vicios e defeitos de sua estructura social tornaram-se patentes aos observadores imparciaes e cultos.

Até á Independencia, este amado Brasil tinha apparecido sempre sob a tutella da realeza portugueza, que o havia dirigido, guiado, afeiçoado, por assim dizer, ao sabor de seus planos e designios, até onde governos pódem influir na estructura das massas populares, sobre as quaes lhes cumpre velar.

No regimen passado, egual tutella tinha sido exercida pela monarchia nacional, que se poderia considerar, em mais de um sentido, uma continuação, um prolongamento da realeza mãe.

Poder-se-hia dizer que havia uma força estranha a estorvar o povo no seu andar normal e proprio.

Hoje, este obstaculo jaz desfeito: não existe mais tal embaraço ou tal desculpa. O observador não divisa um astro estranho a desviar-lhe os instrumentos de analyse; não encontra tropeços no caminho.

As doutrinas do evolucionismo spenceriano tinham-me posto na pista do desdobramento natural dos varios ramos da actividade humana; tinham-me despertado a attenção para as formações dispares dos povos mestiçados, nomeadamente os da America do Sul, e, por esse caminho, havia sido conduzido ás conclusões a que cheguei em todos os escriptos ácerca da minha patria. As doutrinas da escola de Le Play, posteriormente, fizeram-me penetrar mais

fundo na trama interna das formações sociaes e completar as observações exteriores do ensino spenceriano.

É uma confirmação, em ultima instancia, de theses obtidas por outras estradas e por outros processos.

A historia d'estes deseseis annos de Republica tem servido aos espiritos sem preoccupações mesquinhas, para aclarar toda a historia colonial, regencial e imperial do Brasil. O periodo da Regencia, sobretudo, esclarece-se com uma intensa luz nova. A cohesão, a unidade, a estabilidade constitucional do paiz, a intima organisação do povo, eram em grande parte puramente illusorias!

O manto da realeza, puxado e repuxado em todos os sentidos pelos politicões de officio, encobria muita coisa que se não deixava vêr.

A Republica manifestou o Brasil tal qual elle é; e, por isso exactamente, é o governo que lhe convém, porque o não illude... E' o que se vae vêr á luz do systema de Le Play e Henri de Tourville... A posição do Brasil, *seu verdadeiro estado social, esclarecido com o criterio intimo dos elementos primarios e essenciaes da vida*, é o que me proponho elucidar.

Infelizmente só a traços largos e em linhas ge-, porque um estudo regular e completo do paiz, tal methodo, exigiria tres ou quatro volumes, -dos em duzentas ou trezentas monographias, existem, que estão por fazer.

Seria preciso apreciar acuradamente, sob multiplos aspectos, cada um dos povos que entraram na estructura da gente actual; dividir o paiz em zonas de producção, em zonas sociaes; em cada zona analyzar, uma a uma, todas as classes da população e, um a um, todos os ramos da industria, todos os elementos da educação, as tendencias especiaes, os costumes, o modo de viver das familias de diversas categorias, os methodos e meios de trabalho, as condições de visinhança, de patronagem, de grupos, de partidos; estudar especialmente a vida das povoações, arraiaes, villas e cidades, a posição do operariado em cada uma d'ellas e nas roças, nos engenhos, nas fazendas, nas estancias de crear, os recursos dos patrões, e cem outros problemas, dos quaes, n'esta parte da America, á rhetorica dos bandos partidarios que vivem da *politica alimentaria* que os nutre, devorando a patria, jámais occorreu cogitar». [1]

Como se vê, é o mesmo problema abordado, por outras vias, por outros processos, por outras doutrinas, pelo sr. dr. Manoel Bomfim em seu livro, apparecido em junho de 1905, sob o titulo de—*A America Latina*. O seu quadro é apenas mais vasto, porque elle cogita de todo o continente e eu me refiro sómente ao Brasil.

---

[1] *Questões Economicas Nacionaes*, de Arthur Guimarães, *prefacio*, pag. 14 e 26.

Trata-se n'um e n'outro livro de descobrir a causa originaria, constitucional, organica, dos males que nos opprimem, dos defeitos que nos afeiam como nação, causa sempre occulta aos politiqueiros de todos os tempos, que se arrogaram o direito de dirigir os nossos destinos.

Tomaram esses pretensos estadistas *meros symptomas* por causa efficiente, etiologica, e andaram sempre, como era fatal, de erro em erro, de quéda em quéda, perdidos nos meandros d'um empirismo desoladoramente improficuo.

O auctor da *America Latina* suppõe haver atinado com a raiz primaria dos alludidos males sociaes e politicos e haver descoberto o remedio adequado á sua extirpação.

Etiologia e therapeutica infalliveis, a seu vêr e de muitos que, por falta da precisa cultura, andam ahi boquiabertos deante d'essa inesperada prova da sabedoria indigena.

Passado o primeiro momento de effusão no *clan* litterario e profissional de que faz parte o auctor do livro encomiado, já é tempo de sobra para dizer a verdade e mostrar que o novo producto do joven professor não passa de um acêrvo de erros, sophismas e contradições palmares.

…lsa é a sua base scientifica, falsa a ethnogra-…, falsa a historica, falsa a economica.

…ão admira, portanto, que falsa seja tambem a … a que attribúe os desvios e atropellos da evo-

lução latino-americana, e soffrivelmente inefficaz a *medicação* que propõe para corrigil-os.

E' o que se vae mostrar á evidencia, *sine ira ac studio*, para reivindicação dos direitos dos factos, das doutrinas, da verdade, cruelmente desvirtuados no livro do psychologo do *Pedagogium*.

Seguirei na analyse, ora emprehendida, o stricto methodo objectivista de mostrar a verdade rigorosamente documentada.

Não é o talento do auctor que vae entrar em jogo; é, sim, a pouca segurança de muitas de suas vistas, a erronia das suas doutrinas capitaes, a falsidade da mór parte de seus conceitos, a precipitação de suas conclusões, o nenhum valor das fontes em que bebeu.

A gente illustrada, os homens de verdadeira instrucção, de seria cultura, decidirão quem está com a razão, quem seguiu a severa trilha da sciencia.

II

Quem aborda a fatigante leitura da *America Latina* é para logo surprehendindo por uma contradicção intrinseca, visceral, organica de todo o livro, contradicção que o vicia e corrompe de principio a fim.

Refiro-me ao facto de apresentar o auctor a America Latina como a *victima da calumnia européa* e, ao mesmo tempo, como *cheia das mais deprimentes mazellas.*

As duas coisas se repellem: se a America é uma *calumniada*, é que os males que lhe assacam os europeus não são *verdadeiros;* e, se estes são *verdadeiros*, ella deixa de ser uma *victima* da má vontade do Velho-Mundo.

Leia-se toda a primeira parte do volume, intitulada *A Europa e a America latina*, e repare-se que ahi esta porção do planeta é a misera *victima* da petulante má vontade e do vêso de *calumniar* que a seu respeito nutre a Europa.

Escusado é citar; é só ler quem quizer os dois capitulos da referida parte, denominados — *A opinião corrente* e — *Consequencias da malevolencia européa.* Não resta a menor duvida: somos uns *calumniados*, o que não impede que, nos tres quartos seguintes do livro, sejamos pintados como uns pobres diabos cheios de terriveis vicios e defeitos.

O auctor, mais cruel n'essa pintura do que qualquer dos escriptores de além-mar, pensa, talvez, que se fórra á contradicção, affirmando que todas essas mazellas são heranças dos nossos calumniadores: os neus...

seu enthusiasmo de accusador, o psychologista ueiro tem passagens como esta: «O resultado passado recalcitrante é esta sociedade que

ahi está: *pobre, esgotada, ignara, embrutecida, apathica*, sem noção do proprio valor, esperando dos céos remedio á sua miseria, pedindo fortuna ao azar, loterias, jogo de bichos, romarias, *ex-votos;* analphabetismo, *incompetencia*, falta de preparo para a vida, superstições e crendices, teias de aranha sobre intelligencias abandonadas...

Ou a *putrefacção* passiva ou o agitar de interesses *baixos*, conflictos de grupos, dominados por um utilitarismo estreito e *sordido*, onde os mais astutos não sabem pensar nem querer, incapazes de um esforço continuo, correndo de empreza a empreza, gemendo quando tem fome, *grunhindo como bacôro (sic)*, quando estão fartos. Isto, porém, não chega a impressionar aos que dirigem, que procedem como se não contassem com outros moveis senão o egoismo, o medo, o interesse material; sem pensar, sequer, no quanto é fragil a obra social que se não inspira de outros motivos. E cada um comprehende a vida ao sabor de seus interesses, ou a não comprehende; *tal é o caso da maioria, desleixada, entorpecida*, sem direcção moral, sem amparo, succumbida á ignorancia, que *oppõe um obstaculo invencivel* ao desenvolvimento de todas as virtudes civicas.

No mais, é o cansaço, a descrença, a desillusão antecipada. Se as campanhas sociaes dão medida da vitalidade e do progresso de um povo, as sociedades, no geral da America latina, e notavelmente no

Brasil, dão *tristissimo attestado do que valem actualmente.*

De tudo isto resulta, mesmo para os mais esclarecidos, um pessimismo doloroso, um scepticismo negativista e triste, contra o qual não prevalecem enthusiasmos, nem sonhos de sacrificios generosos». (Pag. 398).

Eis ahi: é a synthese a que chegou o sr. Manoel Bomfim ácerca do estado dos povos latino-americanos. O quadro é negro; a condemnação é completa e sem aggravo.

Nunca escriptor d'além-mar disse metade do que ahi fica e de muito mais que está para ler-se no seu livro. Nunca Le Bon, com quem o auctor brasileiro parece ter especial *teiró*, com quem *intica* devéras, escreveu um terço d'aquillo. E se essa é a opinião, o modo de ver do sr. Manoel Bomfim sobre a situação politica, economica, social e moral d'esta parte do mundo, com que direito e com que seriedade vem apresentar em varios pontos da sua obra os povos latino-americanos como *victimas da malevolencia, da maledicencia* da Europa?

Com que direito e com que seriedade passa verdadeiros *xingamentos* no illustre Le Bon, figura respeitavel como physiologista e sociologo, a quem a ·ncia deve alguns serviços reaes?

enomeno é esse psychologico só explicavel ·stado cháotico das idéas do escriptor sergipa- assumptos de politica e sociologia e pela

lucta travada entre o seu sentir e o seu pensar ácerca das coisas americanas.

Quando, despreoccupado dos phantasmas da arrogancia européa, lança as vistas no continente sul-americano e nomeadamente no Brasil, chega a enxergar alguns actos reaes e a dizer a verdade.

Mas esse estado d'espirito se esvaéce prestes, sempre que o escriptor se lembra que é filho d'America e d'esta teem dito mal alguns europeus... Então já as maculas, que via no corpo social de nossas gentes, deixam de ser verdadeiras e se transformam em eructações da calumnia d'estranhos, máus ou invejosos...

Em sua serenidade de pretenso sondador de esconderijos psychicos, o sr. Manoel Bomfim tem momentos de colera e não trepida em injuriar um homem como Gustavo Le Bon, cujo crime é ter dito, antes d'elle, metade das coisas feias com que brinda os povos emphaticamente appellidados os *latinos* da America.

As *coisas feias* são grandes verdades, quando ditas pelo mestre do *Pedagogium* e grosseiras mentiras, quando sahidas da penna do auctor da *Psychologia das Multidões*, da *Psychologia da Educação*, da *Psychologia do Socialismo* e de dez outros livros excellentes.

E' um claro symptoma da contradicção ingenita, organica, constitucional da obra do auctor brasileiro, contradicção que é reflexo directo do estado de va-

cillação de suas idéas sociaes e de seus conhecimentos das materias de que se occupa em seu livro.

Mas preciso é ouvil-o ácerca de Le Bon, porque, além de comprovar tudo que aqui se affirma, o trecho, no seu final, encerra um tremendo erro de facto, que póde servir, desde já, de amostra dos muitos que enxameiam no livro.

«No que se refere, escreve o sr. Manoel Bomfim, ás nacionalidades sul-americanas, é positivamente uma *estulticia* dizer como Gustavo Le Bon: — *Todas ellas, sem excepção, chegaram a esse estado em que a decadencia se manifesta pela mais completa anarchia e em que os povos só teem a ganhar em ser conquistados por uma nação bastante forte para os dirigir.*

O termo — *estulticia* — parecerá exaggerado, mas é o que melhor corresponde ao *disparate.* Paizes *decaidos!* Decaidos de que?... Dar-se-á o caso de que algum d'elles, ao menos, já houvesse possuido uma civilisação superior á actual, ou que tivesse sido mais prospero, rico ou adeantado?... Esta pergunta não acudiu nunca ao espirito d'este *terribilissimo* philosopho; nem esta, nem outras que indiquem a curiosidade natural de quem deseja conhecer os objectos e os factos, sobre os quaes discorre. A America Sul é um pedaço de mundo, de que o sr. Le Bon serve discricionariamente, ao sabor do momento, e que tem necessidade de nações ou povos tamente abjectos: — *Sujeitem-nos a um regi-*

men de ferro, unico de que são dignos estes povos, desprovidos de virilidade, de moralidade, e incapazes de se governar.

E n'estes termos elle nos empresta os mais contradictorios defeitos e crimes. *Repugna* o dar attenção a conceitos como estes seus, que teem *tanto de grosseiros como de vasios;* mas, visto que é preciso citar o *disparate e deixar patentes as extravagancias e malevolencia* dos que nos assignalam como *decaidos*, nomeiamos o sr. G. Le Bon; é elle o mais categorico e completo *(Menos do que o sr. Bomfim)* na especie; as suas affirmações dão bem idéa do valor e importancia que se devem attribuir á opinião que ellas exprimem. São juizos feitos de injurias. A ouvil-o, os americanos do sul não prestariam nem para adubar *(Isto é pilheria do dr. Manoel Bomfim...)* as terras que occupam. Não nos impressionemos por isto, e acceitemos a sociologia do homem pelo que ella vale; lembremo-nos de que, para elle, o nosso crime capital é que:—Situados nas regiões mais ricas do globo, somos incapazes de tirar um partido qualquer d'estes immensos recursos, e ao passo que a grande republica anglo-saxonia se acha no mais alto gráu de prosperidade, as republicas hispano-americanas, apezar do seu sólo admiravel e das riquezas inesgotaveis, se acham no mais baixo da escala da decadencia.

Não enriquecem! Porque não enriquecem?... Eis a preoccupação unica d'esse philosopho; não vê

outra razão de proceder, nem outro liame entre os homens.

A' lembrança das riquezas, *o entendimento se lhe obscurece por uma vez.*

Na furia de exaltar os anglo-saxões dos Estados-Unidos, porque enriqueceram, elle nem reflecte que alli mesmo, ao lado, existem ontros anglo-saxões — no Canadá — que *nem enriqueceram, nem prosperaram* (?!!!); *vivem uma vida mais mesquinha, tem menos valor que o Mexico, o Chile ou a Argentina.* E porque razão, apezar de anglo-saxonio, o Canadá vale tantas vezes menos que os Estados-Unidos? *O pobre homem não saberia responder.* Elle pertence a essa especie de philosophos, *cuja inspiração é a inveja, cujo idéal é a riqueza...* São individuos nos quaes o *espirito não vê o que a mão alcança...»* (Pag. 378).

Tanta pedrada á tôa, só porque Le Bon, em linguagem rude, é certo, disse-nos algumas duras verdades, das quaes o primeiro crente é o colerico professor do *Pedagogium...*

Mas nada como a importancia que o sr. Manoel Bomfim liga ás perguntas que dirige ao auctor de *O homem e as sociedades.*

No seu enthusiasmo, não chega a perceber que são verdadeiras impertinencias.

...om effeito, perguntar, com ar ufano, a um ho... como Gustavo Le Bon, de que foi *que decairam* ...*os* sul-americanos, e fazel-o na encantada il-

lusão de que a pergunta *nunca havia acudido ao espirito do philosopho*... é o requinte da mais ingenua singeleza!

Não percebe, ainda agora, o sr. Bomfim haver Le Bon empregado o termo *decadencia* no sentido geral de *atrazo?*

Não se faz isto ahi a toda a hora?

A outra leviana pergunta envolve, nos commentarios que a cercam, enormissimo erro de apreciação: o atrazo do Canadá e sua inferioridade ao Mexico, Chile e Argentina.

III

«E porque razão, apezar de anglo-saxonio, o Canadá vale tantas vezes menos que os Estados-Unidos?... O pobre homem não saberia responder».

São, como se viu, palavras do sr. Bomfim, dirigidas a Le Bon.

Mas a pergunta é apenas uma interessante fórma da banalidade.

Ao escriptor francez naturalmente não poderiam occorrer essas *caloiradas*, que, nem sequer, chegam a ser problemas de decima ordem.

Nada, entretanto, mais facil a qualquer escolar do que responder á pergunta do professor brasileiro.

Entre uma duzia de motivos que mantêm a *actual*

inferioridade do Canadá em face dos Estados-Unidos, bastaria escolher os seguintes: o clima do Canadá é muito mais rigoroso do que o dos Estados-Unidos; o territorio aproveitavel é muito menor alli do que na grande republica; é mais pobre em geral; a colonisação é mais recente e tem sido *embaraçada* exactamente por esse famoso *elemento latino*, tão endeusado pelos retardatarios de toda a casta.

Quem o diz não sou eu; é toda a gente que sabe ver e pensar na propria França.

Dos numerosos estudos ácerca do Canadá, publicados na revista *La Science Sociale*, Ed. Demolins extrahiu as seguintes theses que os resumem:

«O rei de França mallogrou-se em suas tentativas de colonias no Canadá, em razão da instabilidade do Estado e da má organisação de suas finanças. Os nobres, por causa do caracter guerreiro e burocratico que os tornava inaptos para crearem colonisações agricolas. Na epocha da descoberta e do primeiro povoamento da America, era em França a classe superior incapaz de colonizar sem o soccorro do Estado, e este era incapaz de o fazer, quer por subsidios, quer por concessão de privilegios permanentes. A exploração do Canadá por companhias mercantes teve como resultado entregar o paiz ao estrangeiro.
primeiros *senhores* do reino, em vez de sustenm os colonisadores canadenses, se estabeleceram elles, *como parasitas*, e procuraram viver á sta.

A exploração feita pelas companbias mercantes deixava em penuria todos os elementos estaveis da colonia. Taes companhias limitaram-se á exploração do paiz no mero intuito do commercio de *pelles;* não estabeleceram colonos e entregaram a terra ao inimigo.

Em consequencia da decadencia local em França e da incapacidade dos poderes publicos, a colonisação do Canadá limitou-se a alguns esforços espasmodicos e incompletos. Os primeiros esforços da colonisação mallograram-se pela ausencia do elemento agricola. Os primeiros *senhores canadenses contavam com os empregos publicos para viver* e empregavam todas as traças para obtel-os.

Os gentis-homens francezes idos para o Canadá, sendo meros funccionarios, não fizeram nada ou quasi nada pela colonisação. O mecanismo para esse fim, devido a Richelieu, repousava na detenção senhorial das terras; mas como esta tinha por base o monopolio do trafego, que era fraco e vacillante, o edificio ameaçava ruina. Luiz XIV foi impotente para supprir a iniciativa privada na colonisação. A intervenção do Estado, que não pôde transformar gentis-homens em agricultores, deixou-os apoderarem-se do commercio de pelles e contentarem-se com elle. Tal commercio fez dos senhores canadenses *aventureiros ou funccionarios.*

A caça ás pelles levava aquelles que a ella se entregavam á *preguiça e á vida selvagem.* Pelo

crescimento limitado da massa popular e pela ausencia de individualidades superiores, de patrões agricolas, a população rural franco-canadense achou-se impedida de fazer grandes coisas.

Na cidade e no campo, os franco-canadenses mostraram-se inhabeis a elevarem-se nas artes usuaes. Os pontos fracos da raça franco-canadense são a inaptidão da classe operaria para elevar-se e a da classe dirigente para proteger».

Muitas outras proposições syntheticas existem na alludida revista; não são aqui citadas por não estender demasiado estas paginas.

O sr. Bomfim não tem estudado o assumpto; do contrario, não seria tão prodigo em erros e affirmações destituidas de senso.

Onde viu elle que o anglo-saxão do Canadá *não enriquece, nem prospera, e sua terra tem menos valor que o Mexico, o Chile, a Argentina?*

A posse definitiva do Canadá pela Inglaterra, é um facto moderno que não chega a ter seculo e meio de existencia.

A famosa colonia franceza passou ao dominio inglez pelo tratado de Pariz, de 1763.

Os progressos realisados de então para cá são verdadeiramente assombrosos.

Dominio do Canadá constitue hoje uma fede-na qual se juntaram todas as colonias ingle-a America que demoram ao Norte dos Estados-dos, menos *Terra Nova* e parte do *Lavrador*.

Um caminho de ferro transcontinental atravessa-o de mar a mar na extensão de 4.952 kilometros. E' uma das obras mais colossaes que existem, no genero, sobre a terra.

Bastaria ella para provar que o anglo-saxão não degenerou n'aquellas asperas regiões septentrionaes.

Falando d'essa gigantesca, surprendente, colossal empreza, escreve Elisée Réclus na sua admiravel *Nouvelle Geographie Universelle:* «De nenhum outro paiz se póde com tanta verdade dizer que um caminho de ferro é a sua arteria vital.

Sem a ferro-via que a atravessa de léste a oéste, a Columbia Britannica não faria parte do mundo commercial senão por alguns pontos isolados do littoral e não teria nenhuma relação directa com às outras provincias do Dominio do Canadá. Os primeiros immigrantes brancos que se estabeleceram alli provinham quasi todos da California e, quando os mineiros se precipitaram em multidão para esse *novo Eldorado*, São Francisco se tornou o mercado privilegiado por onde se exportava o ouro columbiano. De anno para anno, as communicações se tornavam mais directas e mais seguidas; a despeito do laço politico, a Ilha de Vancouver e as colonias oppostas da terra firme prendiam-se cada vez mais á republica dos Estados-Unidos, e o governo britannico podia receiar que a sua colonia fôsse arrastada pela força das coisas a tornar-se uma dependencia politica de São Francisco. Como remedio a esse perigoso estado

de coisas, era mistér ligar a bacia do São Lourenço á do Fraser por uma via de communicação rapida.

Recuava-se deante da execução de uma obra tão dispendiosa. E, todavia, a decisão era urgente. Em 1871, ao entrar para a Federação Canadense, — a Columbria Britannica impôz, como condição de seu concurso, que um caminho de ferro transcontinental fôsse construido atravéz das Montanhas Rochosas, e tal era a urgencia de semelhante obra, tão grande foi a munificencia do governo canadense em relação aos capitalistas concessionarios, que o limite do prazo para a conclusão da obra foi de muito antecipado. A carta de concessão impunha a abertura da linha completa em 1891, porém cinco annos antes (1886) as locomotivas fizeram a travessia de um a outro Oceano».

Só isto basta de sobra para dar um seguro attestado do mesquinho gráu de *atraso* em que vegetam sem recursos, sem riquezas, em vergonhosa *apathia,* no pensar do dr. Bomfim, os anglo-saxões do Canadá...

Outras provas tão ou mais eloquentes poderia o terrivel adversario de Le Bon encontrar nas grandes emprezas de mineração, de criação de gados, de agricultura, de manufactura, de navegação, de pesa, de commercio, alli existentes; nas bellas ci-›s formadas como por encanto de um dia para ɔ; no gráu de adeantamento da instrucção; na ›m, na riqueza, no florecimento geral do paiz.

O conhecimento exacto da nova *Commonwealth* e de suas estatisticas deita irremissivelmente por terra o grosseirissimo erro do auctor da *America Latina*.

O estudo do Canadá na obra de Réclus é verdadeiramente phantastico. O grande geographo inicia a sua exposição pela provincia mais occidental — a Columbia, passando em ordem por Manitoba, territorios do noroéste, Ontario, Quebec, Novo-Brunswick, Ilha do Principe Eduardo e Nova Escossia.

Surprehende vêr como em climas tão asperos a energia britannica pratica verdadeiros prodigios. Tudo em menos d'um seculo a esta parte na maior porção do paiz.

Impossivel é dar aqui o resumo de duzentas ou trezentas paginas. Basta repetir, demasiado reduzidas, algumas notas estatisticas.

Por ellas, verá o sr. Manoel Bomfim quão longe de seus anathemas estão os anglo-saxões do Canadá, a ponto de uma auctoridade, como Ed. Demolins, avançar theses assim: «O colono anglo-saxão creou no Canadá uma ordem social nova e complicada; fez avançar a agricultura e a industria. A inferioridade da vida privada dos franco-canadenses prodûz o insuccesso da vida publica local, a má administração dos negocios urbanos e provinciaes e o revéz na arena federal. A inferioridade dos franco-canadenses provém da familia e da educação dos filhos. A organisação social dos franco-canadenses atraza e li-

mita seu desenvolvimento material, intellectual e moral; não os arma para, com vantagem, luctar contra os *seus concurrentes inglezes*. Se a raça franco-canadense não evoluir no sentido da formação particularista, desapparecerá deante do elemento anglo-saxão».

Mire-se o sr. Manoel Bomfim n'este espelho e veja quanta coisa sem razão ouzou dizer em face de Le Bon.

IV

Um reduzidissimo resumo de notas estatisticas, ácerca do Canadá, vem mostrar quanto se illude o sr. Bomfim sobre aquella região e sua progressiva e opulenta população.

A riqueza florestal, diz E. Réclus, é sufficiente, ainda hoje, para supprir as necessidades do paiz, e, em parte alguma do mundo, se gasta mais madeira na construcção de casas, galpões, telheiros, caminhos, pontes e no fabrico de moveis e instrumentos. A despeito d'isso, as florestas fornecem uma exportação que representa, todos os annos, a quarta parte [illegible]ommercio total.

[illegible]m 1891, os productos florestaes do Canadá [illegible]m:

Lenha.............	3.161.186	metros cubicos
Tóros de pinho......	22.324.407	» »
D'outras madeiras....	26.025.584	» »
Mastros e vergas.....	192.241	» »

Valor — 115.000.000 de francos.

Os campos occupam uma grande porção das terras agricolas e, de algum tempo para cá, exporta-se o gado em pé para a Europa e vendem-se mais de vinte mil cavallos por anno, e, guardadas as proporções, o Canadá é um dos paizes que os possuem em maior quantidade. As fabricas de queijos e manteigas multiplicaram-se rapidamente, e hoje o Canadá, tornado um grande paiz productor, contribue largamente para a alimentação da Inglaterra.

O valor da exportação de gados, em 1888, attingiu á cifra de 45.584.400 francos.

Existiam no paiz, n'aquelle anno, 2.624.000 cavallos, ou 1 por 2 habitantes. A exportação, em 1874, foi:

Queijos......................	10.625	toneladas
Manteiga....................	5.461	»

Em 1885:

Queijos......................	35.560	toneladas
Manteiga....................	3.272	»

Valor em 1885 — 50.440.000 francos.

A exportação de pelles, em 1888, foi no valor de 9.070.770 francos.

A pesca é uma fonte de lucros quasi inexgotavel. O seu valor annual é de mais de 161.000.000 francos.

A exportação de peixes foi, no anno de 1885, do valor de 41.392.000 de francos, sendo, 18.515.000 francos para os Estados-Unidos e 10.624.790 para as Antilhas, e o restante para outros paizes.

As pescarias canadenses, accrescenta Réclus, dão, sem contar as da Terra Nova, *um rendimento annual duplo das da França.*

Na agricultura, o trigo representa no Dominio o papel mais importante e, de ordinario, ultrapassa as necessidades do consumo local. A balança do commercio se mostra, quasi sempre, favoravel ao Canadá.

A producção tem vacillado entre sete e treze milhões de hectolitros; e tudo leva a crer que em proximo futuro a exploração das ferteis terras de Manitoba dará ao Dominio um logar muito eminente entre as nações productoras de cereaes.

A prophecia do grande geographo está hoje de todo realizada.

O Canadá é, na actualidade, um dos celleiros de trigo no mundo.

A região é, por outro lado, muito rica em pro- 'os mineiros e já os explora sufficientemente para ..r, como productora de metaes, no numero dos ados de segunda ordem. As minas de ouro da ᵓa Escossia fornecem, todos os annos, de 1 a 2

milhões de metal puro; os *campos de ouro* da Columbia fornecem uma producção de quadruplo valor.

Entre os outros metaes, o cobre do Ontario e do Lago Superior parece dever adquirir a maior importancia economica. O ferro existe em enorme profusão e os minerios de melhor qualidade se acham na visinhança das minas de carvão. Estas, na Nova Escossia, no Cabo Bretão, no Novo Brunswick e na Columbia Britannica, augmentam todos os annos sua producção e *luctam com a propria Inglaterra nos mercados do Novo Mundo.*

A actividade manufactureira tomou notavel desenvolvimento a datar de 1879, anno em o qual o Dominio pôde livremente fixar tarifa sobre os artigos de importação e *taxar* até os que lhe são fornecidos pela Inglaterra. O numero dos operarios duplicou, e o capital empregado nas manufacturas elevou-se ao triplo. Industrias novas, como a da refinação do assucar e da fiação do algodão, se organizaram e *não existe hoje um só genero de fabricação que não esteja representado nas cidades de São Lourenço.*

A producção elevou-se, sobretudo, nas provincias maritimas e no Ontario meridional, regiões onde a vida social evolúe para o typo industrial.

Em 1881, havia alli estabelecimentos industriaes com um capital de fundação que chegava a 859.570.000 francos, com 254.935 operarios e cujos productos ascendiam ao valor de francos 1.610.315.500.

O commercio de importação, no anno fiscal de 1888-89, foi de 566.817.920 francos; o de exportação: 449.095.830; um total de 1.015.013.750 francos.

Graças a seu caminho de ferro transcontinental de Quebec a Vancouver, pondera E. Réclus, que venho seguindo, o Canadá offerece a estrada mais directa entre a Europa e o Extremo Oriente. E, além d'isso, faz parte do grupo de Estados que possuem a mais consideravel marinha mercante. Posto que seja officialmente uma dependencia da Grã-Bretanha, o Canadá *ultrapassa a maior parte* (note o sr. Bomfim) *das outras nações pela importancia de sua tonelagem*.

Excedem-n'o, apenas, a esse respeito, a Ingaterra, a Allemanha e a Noruega.

E todos os annos essa formidavel frota augmenta-se de alguns vapores.

A marinha mercante era, em 1888, de 7.178 navios de véla e 1.240 vapores, com um total de 1.130.240 toneladas.

Os mares, os rios navegaveis, os lagos prolongam-se pelo interior por meio de canaes. Essa rêde artificial completa tão acertadamente a rêde natural dos rios e lagos, que o movimento da navegação com os Estados-Unidos cresceu em proporções esosas.

O Canadá é o paiz (veja, sr. Bomfim) no qual ivamente á população, *o vde e vem dos navios é consideravel.*

O movimento da navegação no anno fiscal de 1887-88, foi de 30.807 navios de longo curso, arcando 9.197.803 toneladas, equipados por 364.781 homens; e mais 100.116 navios de cabotagem, com 18.789.279 toneladas, equipados por 875.954 homens.

A navegação com os Estados-Unidos, nas aguas interiores, chegou a 33.496 navios, com 6.019.505 toneladas, equipados por 276.130 homens.

Ao total: 164.419 navios, arcando 34.006.587 toneladas, equipados por 1.516.865 homens.

Compare o sr. Bomfim esses algarismos, hoje enormemente augmentados, com os congeneres dos paizes predilectos que, na sua lamentavel leviandade, julga mais adeantados que o Canadá. Veja onde fica o seu Mexico. Mas ouça mais um pouco.

Em 1835, segundo informa Réclus, o Canadá construiu seu primeiro caminho de ferro de Lafirairi a S. João; em 1844, a sua rêde de estradas ferreas era ainda insignificante; mas, desde o meiado do seculo, se preparava o estabelecimento de duas linhas de primeira ordem: a *Intercolonial*, que liga as provincias maritimas — Nova Escossia e Novo Brunswich — ás cidades ribeirinhas do S. Lourenço, e a *Grande Arteria*, que as liga aos portos atlanticos dos Estados-Unidos.

A estrada de ferro do Pacifico, a grande via média da região, aquella, entre todas as linhas transcontinentaes do Novo Mundo, que apresenta ao com-

mercio universal o caminho mais directo, foi iniciada, como já ficou dito, em 1880; mas, cinco annos mais tarde, como tambem já se disse, era levada a bom termo e agora se completa por vias lateraes e ramificações que chegarão até ao extremo norte, até Alaska e até o mar de Hudson.

Os caminhos de ferro do Dominio, em junho de 1888, se elevavam a 20.440 kilometros, que custaram 3.780.000.000 de francos, ou 185.000 francos por kilometro. Transportaram, n'aquelle anno, 11.416.791 passageiros, o que dá duas viagens por habitante.

Transportaram 17.172.759 toneladas de mercadorias.

Tiveram de:

Receita....................	— 219.230.000	francos.
Despeza....................	— 159.390.000	francos.
Lucro liquido..............	— 59.840.000	francos.

E estes são os pobres saxões do Canadá!

Posto que pouco habitado, em razão do clima, em varias zonas, a florescente dependencia britannica já em 1888, em viação ferrea, occupava o oitavo logar entre os Estados do mundo. O seu crescimen- annual é de um milhar de kilometros.

A companhia do Pacifico, accumulada de favores, ...o rica quanto o proprio Estado.

... grande linha de Quebec a Vancouver tem 4.932

kilometros e hoje está mais que duplicada por varias linhas traçadas nas condições da primeira. Sua rêde é agora de 10.458 kilometros. Seu capital de construcção — 5.960.000.000 de francos. E' um colosso.

Como são pobres esses saxões do Canadá!...

E são estatisticas de perto de vinte annos atraz.

A pobreza alli deve ser, no anno da graça de 1906, verdadeiramente assombrosa!

Se chega até para mandar funccionar entre nós um pobre syndicato, sob o nome de *Light and Power*, cujo capital é maior do que toda a circulação fiduciaria do Brasil, é que realmente anda em estado de completa indigencia.

A pobresinha da companhia do Pacifico, a transcontinental, é dona de navios a vapor que, póde-se dizer, continuam suas linhas de um lado para a Inglaterra e, de outro, para a China e a Australia. E' muita indigencia junta.

Pelo que toca a telegraphos, os pobres saxões do Canadá fazem o mesmo que ás estradas de ferro: pertencem as linhas, quasi todas, a companhias particulares.

Em 1885, ha vinte e um annos, já montavam ellas a 32.738 kilometros.

O movimento postal, em 1887, foi de 103.866.000 cartas e cartões postaes, 20 por habitante; 28.660.000 jornaes e impressos, ou 6 por habitante.

Total — 132.526.000, ou 26 por habitante.

Compare com o Brasil, sr. Manoel Bomfim!

No que se refere á instrucção publica, assegura o illustre Réclus, é ella proporcionalmente *muito notavel*, porque um quinto da população canadense é de escolares, dos quaes dois terços frequentam regularmente as classes. A tal respeito, accrescenta, o Canadá *avantaja-se á Republica dos Estados-Unidos.*

Que gente pobre e atrasada!...

O numero das escolas publicas era, em 1886, de 14.491, com 841.030 alumnos.

O orçamento geral do Dominio, no anno financeiro de 1888-89, foi:

Receita....................	—	198.514.830 francos.
Despeza...................	—	190.906.580 francos.
Saldo......................	—	7.608.250 francos.

Só a renda das alfandegas foi, no anno de 1887-88, de 114.970.660 francos. E' realmente muita indigencia!

Nos derradeiros quinze ou vinte annos, tudo alli duplicou, tudo cresceu, tudo se avolumou, e o sr. Bomfim, que faz sociologia e historia para gaudio dos basbaques nacionaes, não vê nada d'isso; está completamente cégo e alheiado de tudo, pensando que com *parasitas* e *parasitismos* resolve todas as difficuldades...

E haver quem acreditasse em tão grosseira patêa!...

V

Não foi sem razão que, logo nas primeiras paginas, puz em evidencia o desacerto do sr. Bomfim, no que diz respeito ao Canadá. E' que esse disparatado erro tem origem n'uma das profundas contradicções que deitam a perder a sua *America Latina.*

Todos os nossos males provéem do facto de termos sido colonisados por dois povos *depredadores,* que nos devoraram a seiva como verdadeiros *parasitas,* phenomeno este que se não deu na colonisação dos Estados-Unidos pelos anglo-saxões, portadores d'outros processos mais fecundos e progressivos. Esta excepção, feita em favor da grande republica, é repetida em varias paragens do livro, nomeadamente nas paginas 133, 194, 200 e 391.

Na primeira d'estas, escreve: «Na America do Norte, os Estados-Unidos do Sul estão, hoje, em situação bem prospera. E' que as colonias inglezas poderam *organisar-se desde logo segundo convinha a seus proprios interesses e não foram victimas de um parasistimo integral,* como esse que as metropoles ibericas estabeleceram para as suas colonias».

Contradicção manifesta com o que entra depois a affirmar dos anglo-saxões no Canadá, e já se notou.

Na pag. 391, tratando dos colonisadores ibericos, comparados sempre aos anglo-saxões, proclama com

rudeza: «Vinham da peninsula, não para fazer aqui uma nova patria,—*americana e livre*—*como essa da America Ingleza*, mas unicamente para enthezourar».

Contradicção flagrante com estas monstruosas palavras que occorrem á pag. 353:

«Todos os povos occidentaes participam d'essas *atrocidades;* mas a palma, actualmente, *cabe aos implacaveis anglo-saxões. Como desfaçatez e crueldade, nenhum os sobreleva.* A fome, organisada e preparada periodicamente *(que violenta falsidade!...)* na India, como recurso para melhor dominar as populações, as atrocidades de Kartum (?!) e das Philippinas (?!), a guerra feita á China para manter o direito de envenenar-lhe as gerações com o opio tirado do trabalho do hindú, tudo isto nos diz muito bem que *esses anglo-saxões, já tenazes por temperamento, são de uma tenacidade especial quando se applicam a opprimir e espoliar os outros povos.*

Não póde haver maior comedia: n'uns pontos do livro, o grande mal da America latina foi o *parasitismo de seus colonisadores,* no que diversa foi a sorte da America anglo-saxonica, formada sob melhores auspicios, devidos ao inglez; n'outras passagens, este vem a ser o rei dos *depredadores, op-*
...ores e parasitas... Um cumulo!

...*primum mobile* d'esta contradicção é identico
...e foi indicado para explicar a outra, já analy-
...o estado de vacillação, a lucta travada no es-

pirito do auctor entre suas idéas e seus sentimentos. Quando, despreoccupado de *latinismos e francesias*, lança olhares imparciaes aos Estados-Unidos e outras colonias inglezas, seu pensamento, desanuviado de preconceitos, chega a conceber a verdade. Gaba, então, esses malditos anglo-saxões.

Para logo, porém, lembra-se que é iberico de origem e, como bom rebento de tal fonte, sente-se na obrigação de dizer mal de inglezes, anglo-americanos, saxões e teutonicos de toda a casta.

Convém notar que impossivel quasi é a brasileiros e seus affins escaparem a preoccupações d'esse genero.

São suspeições ethnicas difficeis de apagar.

E isto me leva a apreciar de perto as theorias fundamentaes do livro.

O que n'elle se póde chamar o esteio principal é a doutrina biologico-social do *parasitismo*, applicada á colonisação dos ibericos n'America.

Em torno d'essa desvirtuada prémissa, rolam todos os capitulos da obra.

A theoria alli não passa d'uma desazada geringonça, sem base nos factos, falsa sob quasi todos os aspectos, nomeadamente no exaggero com que a emprega o sr. Bomfim.

As doutrinas scientificas não andam, infelizmente, ao salvo das imposições da moda.

Depois que P. G. Van Beneden escreveu seu bello livro ácerca dos — *Commensaes e parasitas no reino*

animal, não se puderam conter os srs. J. Massart e Vandervelde sem que atirassem ao mundo o seu — *Parasitismo organico e Parasitismo social.*

A viagem ascendente do *parasitismo* era innegavel: estudado, com razão, primeiramente no reino *vegetal*, passou a ser estudado, ainda com justos motivos, no reino *animal*, e chegou, por meio de erros e exaggerações, a ser encaixado no reino *social*.

O livro de Massart e Vandervelde contribuiu assás para esse resultado.

Pegar d'elle e applical-o á colonisação de hespanhoes e portuguezes n'America, foi toda a façanha do sr. Bomfim.

Mas, afinal, que vale esse processo de explicação?

O caracter *parasitario* dos ibericos é uma realidade?

Quando se manifestou elle?

Em que consiste? Veio da Europa ou se gerou na America?

Dado que exista, que seja positivo, pertence a todas as classes das populações peninsulares?

Provado que seja real, não é antes um méro *symptoma?* Parasitas, parasitas!...

Mas porque?

Que causa os fez assim?

auctor embrulha todas estas coisas e fornece males da America latina uma explicação que explica.

escriptor não põe fóra de duvida o caracter

parasitario das gentes ibericas e esse esticado *parasitismo*, no caso de existir, não passaria nunca de um *symptoma*, um *effeito*, uma *manifestação* de alguma causa profunda que elle não descobriu, nem suspeitou sequer.

Não basta dizer que isto aqui foi obra de parasitarios e suppôr que tudo está aclarado, todas as duvidas resolvidas.

O *parasitismo* na ordem social, de que falam, além de Massart e Vandervelde, Ives Guyot *(La Science Economique)*, A. Bordier *(La Vie des Societés)*, E. Demolins *(La Science Sociale)*, e outros e outros, não deve ser tomado no sentido malefico, pejorativo, pessimistico do dr. Manoel Bomfim. A expressão *classes-parasitarias-sociaes*, *individuos-parasitas-sociaes*, a despeito de sua repetição constante, teem ainda hoje um pronunciado sabor metaphorico.

Muitas vezes, dá-se o caracter *parasitario* a quem o não merece; crê-se artificial o que é natural; acredita se inutil quem presta reaes serviços.

O abuso das metaphoras, fundadas em illusorias relações de semelhança, é o flagello da sociologia.

Existem preconisadas theorias que não teem outra origem e são incapazes de indicar outro fundamento.

O parasitismo social, no que tem de real, é sempre a excepção n'um povo dado; absurdo é suppôl-o estendido por uma nação inteira. Não poderia ella subsistir e menos ainda representar uma funcção historica distincta.

Nas sociedades animaes e nas sociedades humanas, os varios modos de aggremiação que receberam os nomes de *castas, classes, escravidão, servidão, commensalismo, parasitismo* e outros, não passam de fórmas diversas, ensinam os competentes, do *mutualismo*, da *solidariedade*, indispensavel á existencia d'essas mesmas sociedades.

São producções necessarias, fataes, do principio mesmo da evolução das especies vivas.

«O modo de associação, a combinação social que chamamos *parasitismo*, escreve A. Bordier, não passa muitas *vezes d'um expediente tomado por certos sêres para accommodarem-se ás mudanças operadas no meio exterior*. Os vermes que hoje vivem como parasitas no intestino dos mammiferos, onde encontram o sustento, o abrigo e uma agradavel temperatura, não fôram sempre parasitas, porque os seus antepassados existiam já em uma epocha na qual a evolução das fórmas vivas não tinha chegado ainda até os mammiferos. Eram, n'esse tempo, livres, e a temperatura da atmosphera ou das aguas era, n'essas remotas epochas, assás elevada para os satisfazer.

Só mais tarde, quando as condições do meio mudaram, quando, em particular, o meio exterior dei- de ser bastante quente para elles, e um intestino mammifero proporcionou-lhes novas condições de ptação capazes de substituir as que haviam per- só então é que estes vermes mudaram sua

combinação social, e de animaes livres passaram a ser parasitas.

O mesmo se póde dizer de raças ou populações humanas que só escaparam á morte e á completa extincção, consentindo, no momento azado, em perder a independencia ou a antonomia, para, com outras raças ou outras populações, entrarem em combinações sociaes inferiores.

Nem sempre, porém, é n'um momento dado da vida da especie, isto é, n'um ponto certo da cadeia formada no tempo pela série dos individuos originados uns dos outros, *que se opéra a metamorphose da independencia em parasitismo*: é varias vezes em um determinado momento da vida do individuo, em uma certa edade que se realiza essa transformação do meio social.

O *ichneumon* nasce como parasita no corpo de uma lagarta; sua mãe depoz o ovo d'onde elle saiu no fundo da chaga por ella mesma feita para esse fim no corpo da lagarta; sua infancia passou-a elle a comer o corpo d'essa especie de ama, a quem sua mãe tinha imposto tão terrivel adopção.

Mas, ao ficar adulto, abala voando, *esquecendo seu emprego de parasita*, do qual só se lembrará quando, um dia, querendo, por seu turno, assegurar o futuro de seus filhos, fôr depositar seus ovos no corpo de outra lagarta, no qual elles exercerão o papel de parasitas, como seu pae na primeira edade.

E os proprios mammiferos não vivem como pa-

rasitas de suas mães *durante todo o periodo embryonario?*

Certos jovens não vivem até mais tarde como parasitas de seus paes?

Se o *ichneumon* é um *parvenu*, que conquista opportunamente a independencia, outros sêres são verdadeiros *desclassificados:* a principio, livres, *são obrigados a tornar-se parasitas nos dias da velhice.*

Lerneas e *cirripedes* são crustaceos, animaes bastante elevados; bem armados, livres, independentes, percorrem a região por elles habitada como tyrannos temiveis e temidos. Mas, em meio da vida, cansados, sem duvida, de penar, combater e trabalhar para viver, aposentam-se nas guerlas d'um peixe, ou no corpo d'um caranguejo. Sob o influxo da inação, seus orgãos se atrophiam, e o brilhante crustaceo de antanho desapparece e transforma-se n'um animal gelatinoso, que o naturalista tomaria por um mollusco se não tivéra assistido ao seu descaír.

A humanidade não tem, por certo, o privilegio dos desclassificados e dos preguiçosos! Como se o mundo animal devesse nos mostrar a caricatura da humanidade, alguns animaes mostram o parasitismo dos *machos* exclusivamente, os quaes vivem, sem a fazer, do trabalho das *femeas;* estas, condes-dentes, apresentam no dorso um córte, um ca- em que se instala o principe consorte, d'onde vem o nome de *théocosomas.*

O parasitismo, sob todos os aspectos, *é uma fórma natural do meio social,* porque a natureza nol-o mostra, em todos os gráus da escala biologica: *não existe parasita que não tenha por sua vez seus parasitas,* os quaes provocam invejosos que desejam viver á custa d'elles.

Não se devem, nas relações humanas, tomar como parasitismo factos que não passam, na realidade, de adaptação para outras funcções diversas das nossas, phenomenos que não são mais do que uma isenção de certos trabalhos forçados em vista de outras vantagens.

Mistér é que o parasita tenha sua razão de existir, pois que elle existe.

Sem esses microbios, sem esses parasitas microscopicos, que seria da flóra e da fauna?...

E não é por equivoco que o homem, que leva a volver, durante vinte annos, a mesma roda ou o mesmo martello com seus vigorosos musculos, se põe, nas horas de cansaço, a encarar *como parasitas o pintor, o artista, o scientista?* Porque não vê o cerebro d'estes trabalhar, como vê seus proprios musculos desenharem-se sob a pelle, molhada de suor e negra pelo carvão, esquece que, se executa uma tarefa para aquelles, estes effectúam, por sua parte, um trabalho do qual elle terá seu quinhão de proveito, quer se instrua e acalme com a vista d'um quadro e com a leitura d'um livro, quer lucre, em sua vida de todos os dias, com as descobertas do sabio». (*La Vie des Societés*, pag. 19).

Eis-ahi: n'estas poucas palavras, já um verdadeiro homem de sciencia nos havia ensinado, ácerca de parasitismo biologico e social, mais e melhor do que o auctor da *America Latina* por si e pelas citações que prodigalisou ás mancheias.

Um facto geral, universal, trivialissimo, indispensavel á natureza em sua estructura viva; um facto que, na ordem social, é egualmente espontaneo e rudimentar, que não é peculiar a este ou aquelle povo, que é de todos os tempos e de todos os logares, que não é um privilegio dos ibericos, nem tem importancia e valor para constituir a base larga d'uma explicação historica e sociologica, é alçado pelo sr. Manoel Bomfim em alguma coisa de inédito, inesperado e fecundo, a ponto de ser capaz, só por si, de explicar a vida intima de vinte nações: Portugal, Hespanha e todos os povos que fundaram na America.

Erro e falsidade quasi em toda a linha.

E haver quem tenha batido palmas a taes dislates!

VI

A *Segunda Parte* do livro expõe a theoria *pararia.*

O parasitismo, no reino vegetal e no reino ani- . é phenomeno tão vulgar e universalmente re-

petido que não escapou aos mais remotos observadores dos antigos tempos.

Aristoteles é a prova.

Nas sociedades humanas, certas relações de dependencia e subordinação voluntaria receberam aquelle qualificativo, egualmente, desde os antigos escriptores. Fallando dos *bardos* celtas, já Poseidonios lhes chamava os *companheiros de mesa e parasitas dos reis*. Não é tudo. Em certo sentido, toda a enorme categoria da existencia não passa d'uma immensa cadeia de parasitismos.

Parasitas são todos de tudo e tudo de todos; parasitas são os vegetaes uns dos outros, são os animaes entre si e em relação aos vegetaes de que se nutrem; parasitas são as classes sociaes umas das demais; é o Estado em face da sociedade; é o commercio em relação á lavoura e ás industrias fabris e manufactureiras; é o capitalista deante do operario que o enriquece, e o operario para com o capital que o nutre... Parasitas são os astros, póde-se dizer, em relação ao espaço, a Lua em relação á Terra, a Terra em relação ao Sol, o Sol em relação a algum grande centro cosmico desconhecido; parasitas são todos esses do tempo que os faz mover e os destróe.

Com todo seu orgulho, não passa a humanidade, na phrase de A. d'Assier, d'um monstruoso polypo, *simples parasita da epiderme da terra*. «A sorte de nossa especie está tão intimamente ligada, escreve

o arguto philosopho, á do globo sobre o qual gravita, que qualquer movimento do eixo da trajectoria terrestre implica um movimento analogo no eixo da trajectoria humana. Parasitas da epiderme planetaria, cada uma de nossas pulsações repercute as pancadas que agitam o monstro tellurico». (*Essai de Philosophie Naturelle*, III, pag. 291).

Mas, assim concebida, é claro, a qualidade de *parasita* é um *predicado* que, por demasiado extenso, não define o *sujeito*. E' pallido, incolor, indeterminado, incaracteristico, indefinido, e, como tal, não póde exercer a funcção logica de distinguir e classificar.

N'essa acepção generica, é apenas uma *metaphora*, que amplia e, implicitamente, falsêa, o significado rigoroso que tem o qualificativo em historia natural.

E é n'essa acepção metaphorica que, em rigor, se póde fallar de *parasitas e parasitismo* na vida social da humanidade.

Mas com tamanha latitude, é evidente, esse pretenso qualificativo não póde servir de base para a explicação da vida politica, economica, scientifica, historica, em summa, de povos quaesquer.

Se foi com essa tenção que empregou o termo, virtuando-o, o nosso auctor, seu livro pécca pela e e não merece o minimo credito.

E tenho o dever de accrescentar que, mesmo no do technico, peculiar, restricto, que tem a pa-

lavra em botanica e zoologia, o sr. Manoel Bomfim não podia, sem dislate, applical-a, como fez á evolução politica da Hespanha e Portugal e de sua actividade colonisadora nos tempos modernos.

Parasita, ou, melhor, *parasito*, é expressão peculiar á vida vegetal, e quer dizer, etimologicamente, *que vejeta sobre (outra planta).*

Da botanica passou, por extensão, ao reino animal, no sentido de *que vive sobre ou dentro (de outro animal).*

Como sêr biologico, o homem é, como qualquer outro, a séde de varios *parasitos*, mas não é parasito de nenhum.

Na sociedade, nas relações que ella crêa e determina, e, pois, como sêr sociologico, o homem não se póde transformar e vir a ser aquillo que na simples esphera animal elle não é nem póde ser: *individuo que vive ou vegeta em cima ou dentro de outro.*

O termo assume, nas relações sociaes, caracter metaphorico, e *parasito* passa a ser synonimo de *papa jantares.*

Ora, em tal acepção, pequenina e pulha, é uma verdadeira aberração assentar em base tão fragil e mesquinha a philosophia da civilisação peninsular e do valor das nações que ella veio a produzir na America.

N'esta ultima acepção translata de *papa-jantares*, dado que o sr. Bomfim o empregue no sentido, ainda mais translato, de *systema de viver á custa da*

riqueza, da fortuna ou do trabalho alheio, o parasitismo não é coisa que, sem grave erronia, se possa invocar como principio explicador das luctas, das conquistas, das glorias, das grandezas e das lacunas do genio das populações hispanicas.

Dest'arte, e fazendo ao perplexo escriptor todas as concessões possiveis, sou forçado, e digo-o com magua, a declarar que só no tocante á base biologico-social do seu confuso e immethodico livro, errou:

1.º Em exaggerar o phenomeno trivial do parasitismo, no que é admissivel em assumptos sociaes, nas Hespanhas;

2.º Em estendel-o a todas as classes, de alto a baixo em ambas as nações peninsulares;

3.º Em fazer d'elle o principio basico e dirigente de toda a historica politica e social d'aquelles povos;

4.º Em tomar um méro e réles *symptoma* por causa efficiente da acção nacional;

5.º Na explicação falha que dá d'esse mesmo *symptoma*, cuja existencia não sabe demonstrar fóra de declarações inuteis;

6.º Em dal-o como explicação unica das vicissitudes da historia e da vida da America latina;

7.º Em não comprehender a historia da grande- e do declinio de Hespanha e Portugal;

8.º Em falsear a historia das colonias, preponantemente a do Brasil, sobre o qual cáe em ine- contradicções.

9.º Em dar o tal parasitismo como um phenomeno, por assim dizer, peculiar aos ibericos, ao seu modo singular de crear e dirigir a colonisação;

10.º Em, finalmente, não distinguir os casos em que o parasitismo, quando real, foi mais das *colonias* do que das *metropoles*.

São proposições que a leitores de alguma cultura resaltam, provadas, d'entre os disparates do livro.

E' preciso não saber nada de assumptos sociaes, politicos, economicos e de historia da colonisação antiga e moderna, para se deixar prender n'aquelle cipoal de desacertos e heresias.

Abra-se o livro nos tres capitulos da *Terceira Parte: — As nações colonisadoras da America do Sul*, — onde se acha exposta a patusca doutrina do parasitismo dos dois povos ibericos.

Antes de tudo, releva pezar e vêr como são frageis e leves as fontes onde Manoel Bomfim foi beber sua sciencia historica das gentes peninsulares.

Falla de portuguezes e hespanhóes e de seus mais longinquos antepassados, não com os subsidios de um Jubainville, um Dozy, um Mommsen, um Buckle, um Pompeyo Gener, um Hübner, um Pérez Pujol, um Martins Sarmento, um Leite de Vasconcellos, um Basilio Telles... senão com as declamações, erros e despropositos de Oliveira Martins nos seus dois pamphletos historico-politicos intitulados *Historia da Civilisação Iberica e Historia de Portugal*, livros perniciosissimos, causadores de males incalculaveis entre dilettantes.

Os estudos historicos de O. Martins, pondéra, com razão, José Caldas, não *têm novidade de documentos nem originalidade de investigação, a despeito de certa originalidade, quasi sempre* disparatada, cumpre accrescentar, *de critica*

«A intuição historica de Oliveira Martins, adeanta o mesmo erudito José Caldas na sua admiravel — *Historia de um Fôgo-Morto*, é tal que, a lance opportuno, depois de comparar Palmella a Alvaro Paes, e o Condestavel a Saldanha (!), chama a D. Pedro IV, D. João I!... Não é possivel em tão breves palavras um acervo dos mais irreverentes e dos mais irracionaes desconcertos». (*Historia de um Fôgo-Morto — Vianna de Castello;* pag. 443).

Já nem é preciso, por demasiado fortes, repetir as palavras em que o mesmo pesquisador moderno portuguez se refere ás *interinidades* do sentimento democratico de O. Martins, que, escrevendo como historiador do povo, *acabou como adulador dos reis.* Expressões são estas ultimas que, por grosseiras, vão além do alvo. Mas tudo isto, na bocca de escriptor do saber e da fibra de José Caldas, está indicando que já agora não existem senão ignorantes e desvalidos pobretões espirituaes para tomar a serio as pacoadas de Oliveira Martins.

Estava reservado ao sr. Manoel Bomfim vir, em .eços do seculo XX, regalar os seus leitores com ·inas e paginas dos citados pamphletos martines- sobre Hespanha e Portugal, não se dignando

tambem de mostrar que sua sciencia de nossa terra é, outrosim, haurida no pobre livrinho *O Brazil e as Colonias Portuguezas* do mesmo phantasioso escriptor.

E para que se note a sêde com que o sr. Bomfim se atirou a *parasitar* sobre o sonhador Oliveira Martins, basta que se repare n'esta terrivel proporção: — Em 2.276 linhas que se contam nos tres capitulos da referida parte terceira — 1.144, salvo erro ou omissão, são tiradas do auctor portuguez... Mais de metade!

Convém não esquecer que tambem alli se acham transcriptos trechos e trechos de Rocha Pombo, fonte unica de Manoel Bomfim no que se refere ás republicas hespanholas da America.

Quasi nada fica pertencendo, de lavra propria, ao moço professor.

J. Massart e E. Vandervelde forneceram-lhe as miragens do *parasitismo social*, com applicações especiaes ás colonias do novo continente.

Oliveira Martins encheu-lhe os bolsos de notas falsas ácerca da Hespanha, Portugal e Brasil, mui aptas para serem grudadas pelo parasitismo de Massart e Vandervelde.

Rocha Pombo esvoaçou-lhe sobre a America n'uns reaccionarismos anti-europeus de quinta ou sexta ordem pelo atrazo das investidas e a pulhice dos conceitos. Com tão falhos e suspeitos elementos é que foi architectada *a America Latina*. Avaliem.

Tal a razão pela qual, tiradas as divagações, o livro se reduz a cinza e nada.

Entre as interminaveis citações, cumpre notar, antes que me esqueça, figura uma, que, só por si, dá a medida dos estudos de Manoel Bomfim e da seriedade com que coseu os fragmentos do seu livro.

Refiro-me ao trecho que transcreve da pagina 104 á 108, com estas emphaticas palavras: «A Inquisição e a Companhia de Jesus incumbiram-se de matar todas as velleidades de progresso; a historia d'essas duas instituições é a historia da degeneração iberica, que se vê perfeitamente retratada n'este quadro, devido a *um dos mais vigorosos e conscienciosos escriptores peninsulares actuaes* — o sr. Theophilo Braga...»

Segue-se o famoso quadro que abre com estas palavras: — *A uma geração de philosophos, de sabios e de artistas creadores, succede a tribu vulgar dos eruditos sem critica, dos academicos, dos imitadores...*

E' um trecho forte, bem feito, vibrante na côr e no estylo.

Logo após as primeiras palavras, conheci que não era, não podia ser de Theophilo Braga, e escrevi á margem: — «Não é do confuso monsarabe; só se é filado!» —

...m pouco esforço, lembrei-me do verdadeiro ...r: Anthero de Quental, no opusculo — *Causa ...decadencias dos povos peninsulares.*

...o que mais admira na cegueira do sr. dr. Ma-

noel Bomfim, o trecho vem citado, com indicação certa de quem o escreveu, por Oliveira Martins, tão cruelmente parasitado pelo moço brasileiro, na *Historia da Civilisação Iberica*, pag. 262 a 264, da 2.ª edição; 280 a 282, da 4.ª

Se até em coisas tão simples, se até nos nomes dos auctores que cita, o nosso joven Manoel faz trocas tão burlescas e mette, tão sem cerimonias, os pés pelas mãos, avalie-se em casos mais graves.

Mas vejamos o conteùdo dos tres capitulos da *Terceira Parte.*

São os mais consideraveis de todo o livro e se intitulam: *A educação guerreira e depredadora; Parasitismo heroico — o pensamento iberico; Transformação sedentaria — decadencia degenerativa.* Ha alli curiosidades de espantar...

VII

A *Segunda Parte* da *America Latina*, sob a denominação de *Parasitismo e Degeneração*, não reclama analyse prolongada. Não passa, como se viu, de um acervo de logares communs de biologia sobre o phenomeno natural do parasitismo. São trivialidades.

O que n'estas paginas já ficou dito dispensa peculiar pesquiza por esse lado.

Urge abordar, como já avisei, a *Terceira Parte* do livro, onde as noções biologicas ácerca do phenomeno citado são applicadas ás *nações colonisadoras da America do Sul.*

Preparem-se para ouvir ousadas extravagancias.

«A Hespanha apparece na historia, escreve Bomfim, com as invasões *carthaginezas* da peninsula, pelo IV seculo antes da éra actual.

Por ventura (Este *por ventura* merece uma *opera-bufa*...) houvéra já outras invasões de *phenicios* ou *berberes* em tempos prehistoricos...

Parece certo, tambem, que varias migrações de *celtas* concorreram para formar estes povos que lá se encontravam — os chamados *celtiberos*, na epocha em que principia a historia da peninsula».

E'uma penca, um cacho de dispauterios esse trecho transcripto, diria eu, se não quizesse ser moderado.

Eis em que vem a dar a leitura de O. Martins como guia e mestre em coisas de historia...

O sr. Bomfim acha problematica a estada dos *phenicios* na peninsula, coisa materialmente provada pelos monumentos e por documentos do valor do *periplo de Himilcon*, glosado na *Ora Maritima* de Avienus. O mesmo lhe acontece no que tóca aos *celtas*, cuja permanencia e definitivo estabelecimento Hespanha são attestados por toda a litteratura ›sica de gregos e romanos.

Não falla nos *iberos*, não diz palavra dos *ligures*; ›e-se desintelligentemente aos *berberes*...

Vê-se por tudo que o professor brasileiro não quiz estudar nada da ethnographia da peninsula; nem procurou saber-lhe os rudimentos.

Não procurou informar-se dos trabalhos, hoje correntes nas mãos dos que estudam, já não digo de Müllenhoff e Hübner: mas de Jubainville, de Lefévre, de Bertrand, de Martins Sarmento, de Leite de Vasconcellos.

Se tivesse lido attentamente, ao menos, *Les prémiers habitants de l'Europe*, de Jubainville, teria visto, sem a menor sombra de duvida, a seriação dos invasores e habitadores na peninsula, após o homem quaternario e das cavernas.

Não viria ainda agora escrever aquelle comico *por ventura* e embrulhar *phenicios* com *berberes*. A ordem é esta, sr. Bomfim, após os homens das cavernas: *iberos, phenicios, ligures, gregos, celtas, carthaginezes, romanos, suevos, godos, arabes*. De *silingos, alanos e vandalos* pouco haveria a dizer, dos primeiros, porque fôram destruidos antes de crearem raizes serias em a nova patria; dos ultimos, porque quasi se limitaram, após curta demora, a atrevessar a peninsula de passagem para a Africa.

Póde-se, talvez, fazer n'esta lista apenas uma modificação, a conselho de Francisco Martins Sarmento, o grande ethnologo e historiador portuguez, isto é, collocar os *ligures* antes dos *phenicios;* porque a argumentação do sabio auctor d'*Os Argonautas* me parece victoriosa, n'este ponto, contra Jubainville.

Mas é só; tudo mais é inatacavel; aquelles povos, e n'aquella ordem, senhorearam as Hespanhas, em maior ou menor extensão, sem a menor sombra de duvida.

O *por ventura*, o *parece* de Manoel Bomfim, sobre trez povos que apresenta em vez de cinco antes dos carthagineses, não tem o mais leve fundamento critico ou historico.

Após a tropega *ouvertura* ethnographica, segue-se um apanhado lucunosissimo e pessimamente feito das luctas peninsulares entre carthaginezes, romanos, godos e arabes, no qual o auctor procura, no intuito de destacar o *genio turbulento* dos povos hispanicos, fazer sobresaír a *guerra*, a *lucta*, a *desordem* constante, a *rebellião* endemica.

E' uma colossal e eterna fogueira, onde ardem perpetuamente as gentes peninsulares, sendo verdadeiramente miraculoso como do meio de tal incendio saíram tantas riquezas, tantas obras d'arte, tantos poetas, pintores, dramatistas, oradores, jurisconsultos, eruditos de toda a ordem e, o que mais espanta, mulheres tão bellas e tão encantadoras.

Quer-me parecer que a esse eterno e perpetuo batalhar nas Hespanhas ha alguns embargos a oppôr.

E' ao periodo godo e aos tempos arabes, *por doze tados seculos*, que o sr. Bomfim attribue princinente a guerra incessante, sempre estribado em eira Martins, que o faz errar ainda mais do que ostume.

Estude o nosso imitador das leviandades de O. Martins, por exemplo, o bello livro de D. Eduardo Pérez Pujol — *Historia de las Institutiones Sociales de la España Goda*, e veja como foi pacifico e brilhante alli o periodo *phenicio*, desdobrado mais tarde no *carthaginez*, prolongamento natural da mãe patria, cujos dominios herdaram e desenvolveram.

Foi alli, onde o commercio, a cultura do sólo, a mineração dos metaes, tinham accumulado riquezas extraordinarias, que os Barcas acharam gente e dinheiro para, por tres vezes, fazerem a guerra a Roma, invadindo, n'uma d'ellas, a Italia, cuja ruina politica esteve a dois dedos de completa realisação.

Pelo que se refere á conquista romana, de que é costume dizer haver custado *dois seculos de tremendas luctas*... não passa isto de uma phrase de effeito na bocca de oradores. O facto certo é que as regiões do nordéste, de léste e do sul da peninsula submetteram-se quasi sem resistencia. No centro e oéste, a lucta se prolongou por bastante tempo, mas não chegou a dois seculos, facto acontecido apenas com as barbaras gentes do noroéste, os montanhezes das regiões cantabricas. Mas, mesmo ahi, as luctas, de certo tempo em deante, eram correrias, que — *han de considerar-se como depredaciones privadas, semejantes á las que aún en el siglo pasado hacian los higlands en las tierras bajas de Escocia.*

Perto de cinco seculos de quasi inalterada paz, fizeram da Hespanha, máu grado a fereza do des-

potismo romano, a mais rica e prospera das provincias do Imperio.

Mais valorosa e cheia de recursos que a da Gallia, ou a d'Africa, ou a d'Asia, ou a da Grecia, foi essa Hispania, patria dos litteratos, oradores, poetas, politicos e generaes mais famosos dos melhores tempos romanos.

O quadro da Hespanha latina é grandioso e não é o logar aqui de o esboçar. Basta-me repetir, com o insigne historiador das *Instituições Godas:*

«La larga paz que disfrutó España bajo la dominacion de Roma, facilitó singularmente la difusion del idioma, costumbres, leyes e cultura de los vencedores». *(Historia de las Instituciones de la España Goda,* I, pag. 133).

Só por ahi vão apreciando o pavoroso incendio em que andou a arder a peninsula no periodo carthaginez e nos bellos dias de Roma.

Mas o sr. Bomfim se reportou peculiarmente aos tempos godos e arabes. Vamos vêr se tem razão.

«Quando os barbaros do norte, escreveu elle, se *derramaram* sobre o imperio romano, a Hespanha é *(ou foi?)* invadida pelos visigodos, vandalos, alanos... Verdadeiramente, não é a Hespanha a vencida por estas hordas: é Roma.

A peninsula era, n'aquelle momento, essencialmente latina *(E' falso)*...

Substituem-se os visigodos aos romanos; a guerrão se alonga muito; os barbaros passam asso-

lando, saqueando, devastando *(E' falso)*... Mais fortes, os visigodos estabelecem-se definitivamente, fundam um imperio. Um seculo, *(Está errado)* durou o imperio visigodo, pujante e forte; isto não significa, porém, que houvesse sido um seculo de paz *(Está errado)*... A peninsula não mais a conheceu, depois que os bandos barbaros desceram os Pyreneus; começou n'este momento uma successão de luctas, de saques e rapinas *(E' falso)*... Os romanos não resistiram; mas os proprios barbaros disputavam cruelmente a preza entre elles *(Queria dizer entre si)*... Em 415, luctam os visigodos contra os vandalos *(Errado)* que são finalmente expulsos para a Africa.

Segue-se a lucta contra os alanos e suevos *(Errado)*, que só termina em 584, pelo *anniquilamento (Falso) definitivo* d'estes ultimos, fixados na Galliza, e que, n'essa data, perderam de todo a independencia.

N'uma ultima campanha, (?) os visigodos, segundo um historiador, passaram a ferro e fogo, a Hespanha... Era dos costumes da epocha. Então começou o declinio do imperio visigodo.

...Quando começam a desapparecer os vestigios das depredações da conquista e da invasão, *menos de um seculo (Falso)* depois do estabelecimento definitivo das instituições visigothicas, surge em face da Hespanha o arabe, que vinha victorioso e avassalára todo o norte da Africa. Em 711, cáe sobre

a peninsula, vence facilmente o imperio visigodo, já enfraquecido, e substitue-se ao barbaro christianisado. E a lucta se reaccende. Note-se: não é a *guerra*, é a *lucta*. Guerra, não ha quando o barbaro invade a peninsula, que é tomada facilmente; guerra, não ha quando o arabe se apresenta: elle domina de prompto; mas a *lucta* se reaccende. Em verdade, o godo nunca dominou em absoluto toda a peninsula...

Disputa dos invasores uns com os outros, resistencia, reluctancia de certas populações em acceitar o dominio dos novos conquistadores, mantêm a peninsula agitada até ao começo do seculo VIII. E' o periodo da *agitação* e tambem o de *assimilação* e *unificação (Que milagre!... no meio de tanta desordem, de tanta lucta?!)* dos povos peninsulares...

Estabelecido o arabe na Hespanha, recomeçam as luctas e revoltas, — agora com um novo dominador.

Anniquilado o imperio vesigodo, vão esconder-se nas montanhas das Asturias uns restos de insubmissos, irreductiveis; são os bandos de Pelayo, que vieram crescendo e engrossando, depois, avançando e reconquistando a patria, até expulsar completamente o arabe-mouro, oito seculos mais tarde... O arabe, o musulmano — typo perfeito de civilisação ...nsiva, guerreira, depredadora, vinha flammante ...ua nova fé...

...endo vencido o mouro, convertendo-o ao ma...tismo, arrasta-o comsigo á Iberia... Durou

pouco o poder, incontrastavel, de brilho e prosperidade do novo dominador.

As suas dissensões, —entre arabes e mouros, — os enfranquecem e permittem aos insubmissos asturianos avançar para a reconquista. São, estes, bandos de guerrilheiros, tão desorganisados a principio, tão instaveis, que mais parecem *salteadores*. No emtanto, a resistencia avoluma-se, os revéis organisam-se, já não são bandos, senão exercitos; estabelecem *côrte* em Oviedo, e, em 739, vinte e sete annos, apenas, depois da conquista arabe, já apparece ao norte da peninsula um Estado christão-hespanhol, sahido d'esse nucleo de guerrilheiros asturianos...

Ficam assim, lado a lado, invadindo-se mutuamente, luctando sempre, christãos e sarracenos, até que, em 1492, cáe em poder d'aquelles o ultimo reducto mouro-arabe-Granada. A Hespanha, que já vinha agitada, perturbada, convulsa *(Está exaggerado...)* ainda da invasão barbara, viveu, depois, estes *oito seculos* de lucta continua, tenaz, implacavel *(Está exaggerado...)*, lucta de populações dominadas, e que vão, a pouco e pouco, reconquistando o sólo e levando deante de si o invasor... São infinitas as peripecias d'essa campanha de oito seculos... Formam-se logo varias nações hespanholas, VIGOROSAS DESDE A PRIMEIRA HORA (Milagre! no meio de tanta desordem?!), e que se expandem crescendo sobre o *infiel*, o inimigo commum...

Muitas vezes, os Estados christãos luctam entre

si... Os sarracenos tambem se hostilizam — mouros e arabes... Nos fins do seculo xv, a Hespanha está constituida nação moderna, livre, organisada, victoriosa. *(Que milagre! no meio da fogueira?!)* e á custa dos seus proprios esforços. Esse trabalho intimo de organisação fôra prodigioso, unico talvez, *(?!)* do que se conhece na historia dos povos. D'aquellas alluviões successivas de gentes — phenicios *(Faltam os iberos e os ligures)*, celtas, carthaginezes, romanos, godos, suevos, alanos *(Faltam os silingos e vandalos)*, mouros, arabes... ella fizera uma nacionalidade *unica, perfeitamente caracterisada, homogenea e forte (Que milagre!)*. Foi um cadinho de povos e raças, tradições e costumes; depurou, eliminou os elementos irreductiveis, irritantes; fundiu, congregou n'uma massa unica, o resto.

O cadinho *ferveu 12 seculos, 1.200 annos de lucta, guerra continua!* (Que horror! e que cegueira!). Não d'essas guerras, em que só os exercitos tomam parte; nas quaes a população soffre mas não soffre directamente.

Aqui, é a revolta *constante*, o *conflicto perpetuo (Que extravagancia!)* de populações inimigas, vivendo sobre o mesmo territorio, transbordando umas sobre as outras». *(America Latina*, pag. 43 ...).

...pós esta e outras passagens assustadoras, chega ...ctor á seguinte conclusão: «Qual o effeito d'es... ...nze *seculos (Agora já não são doze!)* de guerra

constante e generalisada sobre o caracter das nacionalidades ibericas?

De que fórma esse passado vem influir sobre o futuro? Duas fôram as consequencias d'este passado de luctas permanentes sobre os povos ibericos, consequencias que se combinaram maravilhosamente para os impellir ás aventuras que constituem a sua vida posterior: a *educação guerreira,* exclusivamente guerreira, a cultura intensiva dos instinctos bellicosos de centenas de gerações successivas e o *regimen* a que elles se afizeram durante esses longos seculos de viver de saques e razzias; o desenvolvimento sempre crescente das *tendencias depredadoras* e a *impossibilidade* quasi de se habituarem *ao trabalho pacifico*». (pag. 51).

Apreciemos as premissas e as consequencias.

VIII

O trecho transcripto ácerca das invasões da Hespanha pelos barbaros do norte, e depois pelos arabes, ácerca das luctas então travadas e das que se debateram na phase da reconquista, encerra uma duzia de erros, cada qual mais grave.

D'est'arte, é falsissimo, é um desacerto hoje apenas repetido por bisonhos collegiaes, o caracter

que o auctor da *America Latina* attribue á chamada invasão dos barbaros no começo do v seculo da era vulgar.

O sr. Bomfim ainda é d'aquelles que ouzam repetir haver sido a alludida invasão um tremendo cataclisma, uma inesperada torrente devastadora, um furacão impetuoso partido dos quatro pontos cardeaes, a derrocar tudo, um terramoto, um incendio universal, conduzindo o terrivel concurso dos roubos, das mortes, das violações, das ruinas...

Ainda vem regalar os seus leitores com essas apparições phantasticas e aterradoras, encontrando no Rio de Janeiro, onde a decadencia dos estudos chegou a um gráu incrivel de abaixamento, quem lhe bata as palmas...

Pois não sabe o sr. Bomfim que os quatro longos seculos, anteriores á famosa e mal apreciada invasão, fôram empregados pelos imperadores romanos em attrairem, por todas as fórmas, os barbaros, concedendo-lhes terras por toda a parte, em alguns pontos, provincias inteiras?

Ignora que o grosso das tropas do imperio passou a ser composto de barbaros? que estes forneceram aos romanos decadentes seus melhores generaes?

uem eram Ricimer, Stilicon, Odoacro, Theodo-, Arbogasto, Cariovisco, Hildemundo — ao serviço Roma, chegando alguns a cazar com princezas riaes e outros a tomar assento no Senado?

Varios chegaram a ser imperadores.

Sob tres categorias diversas, eram as gentes germanicas incorporadas ás populações romanas: como: — *dediticii*, que eram os prisioneiros de guerra, reduzidos ao *colonato;* como *foederati*, que eram as tribus alliciadas por contracto para, a troco de terras, occuparem-se das lavouras; como *laeti*, que eram as tribus fixadas, com grandes vantagens, nas fronteiras para defendel-as.

O phenomeno da infiltração lenta do imperio romano pelos barbaros é tão consideravel, é de valor tão indispensavel para a comprehensão da historia da edade-média, respectiva da historia moderna, que sobre elle se edificou até a theoria de *Dubos*, repetida, mais tarde, por Guérard, Littré, Coulangues, Lefèvre, de nem sequer ter havido invasão, these que, na mente de seus auctores, serve para demonstrar a *preponderancia* do elementó romano e a quasi nenhuma influencia do factor germanico em a cultura moderna. Isto na desasada opinião d'esses exaggerados *romanistas*.

A verdade é outra e bem diversa; nem está com *Dubos* e seus repetidores, absorvidos no *romanismo* a ponto de nada divisarem além, nem com *Boulainvilliers*, que, caindo no extremo opposto, só via o germano, a invasão, a conquista em toda a historia moderna. A verdade está com os espiritos calmos, ponderados, imparciaes d'um Montesquieu, d'um Guizot, d'um Aug. Thierry, cuja doutrina foi repe-

tida e estribada, em documentos fornecidos pela mais segura erudição, por A. Geffroy, Bryce, Laurent Tourville e a maioria dos mais profundos historiadores modernos.

Deixe o sr. dr. Bomfim os delirios de Oliveira Martins e aprenda no *Santo Imperio Romano Germanico,* livro precioso do sabio auctor da *Republica Americana*, qual o verdadeiro caracter das relações dos romanos e germanos.

Leia, estude, com attenção e criterio, a excellente obra de A. Geffroy, *Roma e os Barbaros — Estudo sobre a Germania de Tacito,* e veja quão incoherente e obscuro é o cahos das idéas falhas, falsas, incompletas, contradictorias, que andou a arrebanhar e a pespontar n'esse manto de retalhos a que deu o nome de *America Latina.*

Preferivel a tudo seria que, após larga preparação na escola social de Le Play, fizesse seu livro predilecto de leitura e meditação nocturna, seu livro de travesseiro, d'essa estupenda *Historia da formação particularista — A origem dos grandes povos actuaes* — de Henrique de Tourville.

N'essa obra prima do grande francez, aprenderia, com segurança, a vêr o papel historico d'esses godos, d'esses francos, d'esses scandinavos, d'esses ...ões, d'esses germanos, em summa, ácerca dos ...es o sr. Bomfim repete blasphemias e dispaute...s, indignos d'um homem de cultura, por pequena ... seja.

Mas, para o fim indicado, bastaria que o dissertador do *parasitismo* e do *ciúme* tivesse, ao menos, conhecimento do 5.º volume dos *Estudos da historia da humanidade — Os barbaros e o catholicismo*, de F. Laurent.

Abra-o á pagina 38 e faça commigo uma consolidação, um rapido resumo.

O mundo romano, com sua bella civilisação, estava reduzido ao ultimo extremo, e, para sustentar um resto de vida, foi forçado a chamar em seu auxilio os barbaros. Não fôram estes que invadiram o imperio; fôram os romanos que lh'o entregaram.

De ordinario se costuma figurar a invasão como uma irrupção imprevista e subita das populações do norte; mas, bem antes do grande movimento de povos que precipitou a quéda do imperio no v seculo, o elemento barbaro tinha penetrado, de todo, o colosso romano. Mal tinha Roma acabado a conquista do mundo e tinha já começado sua ruina; sente que vae morrendo aos poucos e vae procurar entre os germanos um novo elemento de vida. A população diminúe, Roma é forçada a recrutar suas legiões entre os seus rivaes. As terras sentem falta de braços para o trabalho, são chamados os barbaros para cultivar os desertos do imperio. Populações inteiras são admittidas no territorio romano; os destruidores do imperio são estabelecidos n'elle. Os barbaros entram no serviço dos principes, cujo logar vão tomar; são elles que fazem e desfazem os

imperadores; e até os homens que defendem o throno dos Cesares véem do norte. Enchem as legiões, occupam o sólo, dispõem do imperio; para precipitar a ruina, bastará um choque.

A invasão do v seculo apréssa apenas o curso dos acontecimentos e encurta a agonia...

Os romanos mesmos fôram procurar os germanos em suas florestas desde o tempo de Cesar.

O conquistador das Gallias admirava a sua coragem e formou cohortes selectas com esses terriveis guerreiros que espantavam romanos e gaulezes. Cesar os empregou nas guerras civis... Cobriramse de gloria em Pharsalia; seu choque impetuoso fez em destroços a cavallaria de Pompeu.

Dest'arte, até a sorte da republica foi decidida pelos barbaros! Desde então, ficaram ao soldo do imperio e, á medida que os romanos desertavam das legiões, o numero dos auxiliares germanos augmentava. No III seculo, seu serviço tomou fórma regular...

Tropas inteiras d'elles se estabeleceram no territorio do imperio; receberam terras com a condição de servir nos exercitos romanos...

A julgar pelo numero consideravel de seus estabelecimentos n'uma só provincia, Roma tinha mais essidade dos barbaros do que os barbaros de a; só na Gallia a *Notitia Dignitatum Imperii* ciona doze acampamentos de *Laeti*, e taes colo- militares tiveram tão notavel desenvolvimento

que algumas vieram a formar povos: os *Borguinhões* fôram *Létes*... E se as legiões precisavam de soldados e as terras de agricultores, não se deve procurar a causa d'esse facto unicamente na corrupção e na fraqueza dos romanos: a população livre e a escrava se extinguiam, a cultura das terras estava abandonada; para completar as legiões, era mistér repovoar os campos. Para isso, os imperadores, além das tribus germanicas attrahidas pelas vantagens do serviço militar ou pelas concessões de terras, distribuiam pelas regiões desertas os captivos provindos de suas raras victorias... Na ultima metade do II seculo, Marco Aurelio transportou os marcomanos para diversas regiões do imperio e, principalmente, para certas terras despovoadas da Italia. O imperador Claudio, cognominado o *Gothico*, povoou as provincias com agricultores de origem barbara; os romanos se envaideceram ao vêr suas propriedades cultivadas por trabalhadores cuja servidão lembrava a victoria das legiões e não percebiam que andavam installando no imperio seus futuros destruidores. Aureliano transplantou para a Mesia os antigos habitadores da Dacia... Probo, conhecendo a paixão de independencia dos barbaros, collocou-os a immensas distancias de sua patria: vandalos na Britania, gepidas nas margens do Rheno, francos no Danubio e na Asia Menor, bastarnos na Thracia... E, todavia, os desertos augmentavam com a decadencia do imperio. As necessidades do

fisco tinham avultado com a desordem e os perigos do Estado; as provincias, na miseria, deviam pagar no dobro contribuições que não podiam supportar na opulencia: os agricultores fugiam dos campos.

Tal a situação de Roma no reinado de Diocleciano.

O imperador augmentou o mal com o crear uma côrte ao gosto oriental; mas procurou remediar o perigo, povoando os campos com trabalhadores barbaros. Pôz n'esse designio toda a sua energia.

Os seus collegas de admninistração ajudaram os seus planos. Maximiano estabeleceu os francos nas terras baldias dos Nervios e da região de Treves; as victorias de Constancio Chloro obrigaram os chavanes, os frisões e outros povos barbaros a trabalhar as terras para os romanos... E' esta a crueldade da situação; os melhores imperadores, os Marcos Aurelios, os Diocleciano s, os Canstantinos vêem-se obrigados a entregar as provincias aos futuros senhores de Roma.

O imperio tem apenas de romano o nome e as fórmas, os barbaros fazem toda a sua força. Os godos forneceram 40:000 homens a Constantino, e foi com elles que o primeiro imperador christão venceu Licinio nos campos de Andrinopla e da Chalcedonia, onde succumbiram os ultimos defensores do aganismo. E dest'arte, os barbaros decidiram até a ictoria do christianismo. Os dois elementos princies da civilisação moderna estão senhores do imio; falta só afastar os ultimos escombros da an-

tiguidade... A sociedade greco-romana abate-se e morre; os imperadores sentem que ella não lhes offerece mais apoio e lançam-se nos braços dos germanos. Graciano tem tanto amor para com os barbaros quanto devotamento ao christianismo e não occulta o desprezo que lhe inspiram os romanos; abandona a toga e a veste pontificia: dir-se-ia um repudio da antiguidade nos seus elementos essenciaes, a cidade e a religião.

Véem, pois, homens do norte; o mundo está apto a recebel-os.

Em 376, a fama annunciou ao imperador Valente que um movimento immenso agitava o norte, que populações barbaras, impellidas por outros povos mais barbaros, tinham sido deslocados de seus altos recessos até ás margens do Danubio. Uma embaixada dos godos confirmou esses boatos: expulsos de seus vastos dominios pelos hunos, imploravam a clemencia do imperador, supplicando que os deixasse cultivar os desertos da Thracia. Promettiam abraçar o christianismo e defender as fronteiras do imperio como auxiliares. Com esta noticia, os cortezãos de Valente exaltaram a felicidade do principe a quem a fortuna trazia guerreiros invenciveis dos confins da terra... A transplantação dos godos dá inicio á invasão dos povos do norte... Theodosio restabelece, em simulacro, a dignidade do imperio; mas, em realidade, este pertence aos barbaros.

Elles é que formam, quasi por si sós, os exerci-

tos, tanto dos imperadores como dos pretendentes á purpura. O mundo romano é como vasta arena, em que acampam e se abatem os barbaros. Seus chefes governam o imperio... Havia muito, tinham investido as mais altas dignidades; tinha-se já visto um godo no throno e não havia razão para recuzar o consulado e o commando das legiões áquelles que davam Cesares aos descendentes degenerados dos vencedores do mundo.

Ao ler os nomes dos generaes romanos, Hartmund, Haldgast, Hildemund, Cariovisc, suppôr-se-ia que se estava nas florestas da Germania. Galliano contracta os serviços do chefe dos herulos—Naulobat, e faz d'elle consul. Constancio Chloro tem por companheiros d'armas o rei dos alamanos—Eroch.

No IV seculo, não se pódem mais contar os francos, os alamanos, os godos, os burgundios que desfructam cargos da côrte ou do exercito. Alguns revestem-se da purpura, e é o caso de Sylvano e Maguencio; outros, mais prudentes como Reciner e Argobasto, lançam-na aos hombros d'algum romano e reinam em seu nome. O vandalo Stilichon, sogro de Honorio, governa o Occidente por quatorze dilatados annos.

Barbaro de genio, capaz de defender o imperio ntra os barbaros, succumbe sob os golpes da inja d'uma côrte decrepita.

Rompe-se o ultimo dique, Alarino toma Roma.

As provincias e a Italia estavam arruinadas, des-

povoadas pelas usurpações dos grandes proprietarios e pelo despotismo dos imperadores. A classe média, os agricultores livres, tinham desapparecido; o resto estava por tal fórma aviltado que comparou esses miseros decadentes a mulheres, e só os barbaros eram homens. Sem elles, o mundo romano teria succumbido ao exgotamento.

Fala-se muito, declama-se demasiado sobre a morte da civilisação pelo ferro dos barbaros.

Essa morte não passa de uma figura; a sociedade romana não foi exterminada. Longe d'isso. A invasão não foi tão destruidora, quanto praz repetir á rhetorica dos declamadores; as conquistas dos barbaros fôram mais uma occupação que uma guerra. Só encontraram resistencia nos primeiros seculos quando Roma era ainda forte; no v seculo, o imperio foi-se retirando successivamente das varias provincias, as legiões fôram desapparecendo, a nação não deu mais signal de vida. Era como se não existisse. Os alanos, os vandalos, os suévos e muitos povos a elles reunidos, diz o chronista Orosio, atravessaram o Rheno, invadiram a Gallia e chegaram, sem o mais leve obstaculo, até ás faldas dos Pyreneus. Ninguem, exclamava Salviano, quer morrer e ninguem busca os meios de não morrer; tudo está em uma inacção, uma covardia, uma preguiça, uma negligencia inconcebiveis; só se pensa em comer, beber e dormir...

Tem-se procurado, conclúe Laurent, que tenho

vindo a seguir, tem-se procurado a razão d'esse singular phenomeno d'uma nação que se deixa pilhar e expropriar sem nenhuma resistencia; nós accusamos o despotismo dos governantes tanto quanto a corrupção dos povos. O materialismo antigo, addicionado aos excessos da tyrannia imperial, lançou os homens n'um abatimento que os tornou indifferentes ao proprio destino. Como se haviam de apegar a uma patria que não mais existia? a uma ordem social que não lhes garantia nem a vida, nem a liberdade? O governo dos barbaros pareceu-lhes preferivel ao regimen romano. (Laurent — *Etudes sur l'Histoire de l'Humanité*, v; pag. 38 e seguintes).

A' vista d'este quadro tão diverso das aberrações que andam a transviar o sr. Bomfim, deve elle perceber que não póde com os barbaros arredondar a cifra dos 12 seculos de luctas e guerras perennes de que preciza para desnaturar o genio iberico em o espirito de méros *depredadores e parasitas*...

Desfiemos outros erros do trecho transcripto.

IX

Todo o esforço do sr. Bomfim é para demons- o estado de guerra permanente da Hespanha nte 12 seculos seguidos. O fim a que destina

essa falsificação da historia é conhecido: é para arranjar um periodo de luctas e depredações que lhe parece o prologo indispensavel a todo parasitismo social.

Não sei como elle conta os seus 12 seculos de eterno pelejar. Não se conhece invasão nenhuma na Hespanha que diste 12 seculos da conquista de Granada pelos christãos, termo que o sr. Bomfim dá ao seu periodo de perpetua matança.

A dos ligures, conforme a lição de Martins Sarmento preferivel á de Jubainville, dista 32 seculos; a dos phenicios, segundo a chronologia de Velleio Paterculo, 26; a dos carthaginezes, 19 a 20, se se toma em consideração seu predominio sobre a mãe-patria nas regiões occidentaes do Mediterraneo, e 18, se attendemos á sua conquista directa de certas partes da Hespanha; a dos romanos,—17; a dos godos,—pouco mais de 10 seculos e meio.

Contar 12 é que não vejo como. Nem os 32 que decorrem das primeiras incursões dos ligures; nem os 26 da entrada dos phenicios; nem os 20 ou 21 da chegada dos celtas, dos quaes me ia esquecendo; nem os 19 ou 20 da vinda dos carthaginezes; nem os 17 do apparecimento dos romanos; nem os 10 e meio do advento dos godos fôram preenchidos pela constante carnificina sonhada por Bomfim.

Já tive occasião de lembrar os quatro ou cinco seculos da paz romana; cumpre, agora, accrescentar que, estabelecidos os ligures, os phenicios, os celtas

em determinadas regiões peninsulares, decorreram dilatados seculos de florescimento e socego entre as gentes ibericas que chegaram entre os turdetanos, no dizer de Strabão, a um alto gráu de cultura.

Coisa é esta que se não adquire no meio do incendio de todos os dias.

«Comparados aos outros ibericos, escreve Strabão, são os turdetanos reputados os mais sabios; possúem uma litteratura, historias ou annaes dos antigos tempos, poemas e leis em verso que datam, ao que pretendem, de seis mil annos; as outras nações ibericas teem tambem a sua litteratura, ou, melhor, as suas litteraturas, pois que não falam todas a mesma lingua». *(Livro III da geographia,* de Strabão, trad. de Gabriel Pereira, pag. 6).

Para chegar ás suas conclusões, o sr. Bomfim não desnatura só, como se viu, o caracter das invasões germanicas, em geral, na Europa; desfigura nomeadamente as que se deram em Hespanha.

Vê-se de sobra que, em taes assumptos, elle nunca leu os grandes historiadores, os que escreveram com os documentos authenticos e coevos á vista.

Sua sciencia historica é bebida, além do extravagante e apressado O. Martins, em ignobeis compendios de historia universal que andam ahi estultificando a mocidade.

Do longo trecho citado — destaco estas palavras: "n 415, luctam os *visigodos* contra os *vandalos,* , são finalmente expulsos para a Africa.

Segue-se a lucta contra os *alanos* e *suévos*, que só termina em 584, pelo anniquilamento definitivo d'estes ultimos, fixados na Galliza, e que, n'essa data, perderam de todo a independencia».

Eis ahi: tantas palavras quantos erros.

D'est'arte, não é verdade que os *visigodos* tivessem luctado em 415 com os *vandalos*. Não é verdade que se tivesse seguido lucta com os *alanos* e *suévos*. Tudo isto está desvirtuado, invertido, erradissimo para o uso do parasitismo bomfinico.

Aprenda, meu caro; deixe o Martins e abra livros de gente de saber e não de productores de fancaria.

Abra a *Historia das Instituições Sociaes da Hespanha Goda* e note como os factos se passaram, conforme o testemunho de Idacio, Orosio, Santo Isidoro e outras testemunhas do tempo.

Em 409 os *suevos* e os *vandalos* estabeleceram-se na Galliza, uns na parte occidental e outros na oriental; no mesmo anno os *alanos* apoderaram-se da Lusitania e parte da Cartaginense, ao passo que os *silingos* occuparam a Betica.

Tudo quasi sem resistencia. Em 415, entraram os *visigodos*, e, logo no anno seguinte, sob as ordens de Wallia, e ainda por conta do imperio romano, *exterminaram* os *silingos* da Betica, (Repare, sr. Bomfim) e, em seguida, os *alanos*, causando-lhe tal mortandade e estrago que os poucos sobreviventes, morto seu rei, Atacio, deixaram de formar corpo de nação e fôram confundir-se na Galliza com os *van-*

dalos de Gunderico, chefe d'estes desde o tempo da invasão.

D'esta narrativa, se deprehende que das cinco gentes barbaras em presença na peninsula no anno de 415 —*silingos, alanos, vandalos, suévos* e *visigodos* — só as duas primeiras é que fôram destruidas, em 416 — *silingos* e *alanos* — e não *vandalos*, como asseverou o propagandista do parasitismo.

Não é tudo; dos tres povos restantes em 416,— *visigodos, suévos* e *vandalos*, — estes se retiraram em 429, treze annos após o anniquilamento dos *alanos* e *silingos*, não por lucta com os visigodos, senão por outras causas.

Os factos são os seguintes:

Mal avindos com os *suévos*, aos quaes combatiam e sitiavam nos montes Erbasos, abandonaram o cerco sem motivo conhecido, apoderaram-se das Baleares, destruiram Carthagena, saquearam Sevilha e estenderam-se pela Betica, já livre dos *silingos*. Chamados depois pelo conde Bonifacio, emigraram para a Africa em 429. (Perez Pujol, op. cit. II, pag. 10).

Ficaram na peninsula os dois povos germanicos que n'ella consideravelmente influiram: os *suévos* — que desfructaram quasi dois seculos de prosperidade; os *visigodos* — que tiveram tres de grandes es-
ços em pról da civilisação.

O influxo dos suévos, na formação do genio gal-
e portuguez, foi do maior valor.

ão é aqui o logar de o explanar. Nem o devo

fazer pelo que toca aos godos quanto á Hespanha.

Para o caso em debate, — caracter selvagem da invasão, — é de sobra oppôr ao sr. Bomfim o testemunho dos chronistas do v seculo já citados.

E' o que vae já ser feito; mas antes não será sem vantagem mostrar-lhe que o caso dos suévos não é assim tão simples, como lhe parece, e não se decide n'uma pennada. Nem elles andaram sempre em guerra; dos quasi duzentos annos que tiveram de independencia na peninsula, mais de cem fôram em seguida de inalteravel paz; nem fôram destruidos, como levianamente affirma o escriptor sergipano.

Depois de batidos os silingos e alanos e afastados os vandalos, ensina Pérez Pujol, só faltava saber a qual dos dois povos, *godos* ou *suévos*, havia de pertencer o dominio da Hespanha. De quasi toda ella se apoderaram os ultimos, e seu rei Rechilan pôde estender seu imperio pela Lusitania, a Betica e a Cartaginense; vencidos, porém, por Theodorico II e depois por Eurico, em 469, ficaram reduzidos á antiga posse da Galliza e da parte da Lusitania até ao Tejo. Segue-se um *seculo inteiro de paz* (Repare, sr. Bomfim) desfructada pela monarchia suéva.

N'este periodo, o Estado se constituiu e chegou a florescer durante o seculo VI com a vitalidade revelada nos concilios de Braga e nos escriptos de São Martinho Dumiense.

Em 584, quasi dois seculos depois da invasão e

após cem annos de paz, perderam a independencia politica e fôram incorporados ao imperio visigotico. «Pero su influencia, accrescenta o grande escriptor, se hace sentir de um modo perceptible, no sólo en la epoca goda, sino en el periodo seguiente al reconstituir-se la España de la Edad Media».

Vá notando o sr. Bomfim o quanto ignora essa historia dos suévos, por elle representados como uma especie de bandidos anniquilados, da noite para o dia, pelos visigodos...

Como quer que seja, dizia eu, não foi só a invasão geral dos barbaros na Europa — a desfigurada pelo sr. Manoel Bomfim. Peculiarmente o foi a da Hespanha, *devastada a ferro e fogo, depredada, como era dos costumes da epocha*, repete o parasitador de Oliveira Martins.

Não é esta a lição dos factos aprendida nos escriptores do tempo, os quaes, por entre exaggeros inspirados no seu patriotismo contra os barbaros, chegam a confessar a verdade quando *asseveram que, passado o primeiro impeto, os invasores transformaram as espadas em arados e usaram de tal brandura que as proprias populações hispano-romanas preferiam o governo dos barbaros ao dos imperadores*. «Irrupta sunt Hispaniae, cades vastationes passæ sunt... quanquam et post hoc quoque ·inuo barbarie execrati, gladios suos ad aratra ·ersi sunt, residuos que romanos ut socios modo ·nicos fovent, ut inveniantur iam inter eos qui-

dam romani qui malint inter barbaros pauperem libertatem, quam inter romanos tributariam sollicitudinem sustinere».

São palavras de Paulo Orosio, que tinha mais razões de conhecer a verdade dos acontecimentos do que os novos serzidores de remendos para essas colchas de retalhos chamadas *Americas Latinas*...

Firmados nos chronistas, nos Orosios, Idacios, Isidoros, Rodrigos de Toledo, Salvianos e oitenta outros, os grandes mestres chegam a ensinar que, posto tivesse sido a primeira irrupção a mais violenta praticada pelos barbaros, não é, comtudo, comparavel á guerra de exterminio praticada em varias partes de Hespanha pela Republica Romana, não havendo no seculo v nenhuma hecatombe como a de Numancia, não sendo destruida pelos caudilhos dos novos conquistadores, depois da victoria, cidade alguma como friamente as destruiam, ás centenas, os ferozes proconsules. Bem longe d'isso; logo que viram languescer a terra por falta de cultivo, repartiram por sorte as provincias, convocando os habitantes; com estes dividiram o sólo para que o cultivassem, mediante tributo, e as terras que para si reservaram fôram por elles mesmos agricultadas. Como socios e amigos começaram a tratar aos provincianos, muitos dos quaes, na phrase do chronista, garam a *preferir a livre pobreza desfructada ent. barbaros á expoliação e tyrannia com que os ago: vam os magistrados romanos.* (Op. cit. II, pag.

Tres seculos durou o governo visigodo na Hespanha, sendo os dois primeiros na mór parte d'ella e o ultimo na sua totalidade. Viram interrompido o bello surto de seu desenvolvimento pela conquista arabe, é certo; erra, porém, em claro quem no tempo de seu dominio só vê guerras, luctas, depredações e massacres.

Se assim fôra, seria inexplicavel toda a historia medieval e moderna da peninsula. Bem cedo prepararam a reconquista; e, em pouco tempo, toda a metade sptentrional das Hespanhas estava independente. E não foi *arabe* que appareceu falando ás novas populações, senão *romanço* (E' como escreve o sabedor Leite de Vasconcellos), isto é, dialectos novo-latinos, nos quaes o influxo suévico e gothico é patente.

E a influencia nas instituições administrativas? e nas juridicas? e nas politicas? nas industriaes?

Muitas d'ellas já tinham sido apontadas por Masdeu, Marina, Montesquieu, Guizot, Herculano, Ginoulhiac e outros. Constitúem o objecto da obra monumental de Pérez Pujol.

Não é aqui o logar e a occasião de compendial-as.

Estude um pouco mais o sr. Bomfim, que acabará por conhecel-as.

Urge mostrar como errou em claro ácerca da invasão arabe.

X

Se os duzentos annos de independencia dos suévos não fôram de perpetua lucta, tambem não o fôram os trezentos dos visigodos antes da invasão arabe.

Os visigodos tinham entrado em Hespanha como alliados de Roma. Passados os embates em que fôram destroçados alanos e silingos, e não os vandalos, como erroneamente escreveu Bomfim, em 416, o dominio godo se dilatou mansamente por toda a Hespanha, com excepção da Galliza, onde, por cerca de dois seculos, se mantiveram prosperamente os suévos, como já foi dito á saciedade.

Os acontecimentos entraram em curso normal depois do exterminio dos citados alanos e silingos (416) e da emigração dos vandalos (429) e o estabelecimento definitivo dos godos se verificou em tempo de Eurico (476) *de um só golpe, de um modo, por assim dizer*, ensina grande historiador, *organico, sem outras luctas*, além da sustentada, algum tempo, com a nobreza tarraconense. Os godos eram os mais moderados de todas as gentes germanicas — as mais *romanisadas* por sua permanencia de duzentos annos na Dacia antes do periodo das invasões no v seculo. Eram chamados os *athenienses dos barbaros;* não eram, pois, essa cabilda feróz que anda a tripudiar na cabeça do sr. Bomfim.

Cansadas da debilidade e da oppressão do imperio, as gentes hispanicas, já a elles devedoras da libertação das hordas barbaras anteriores, acharam-se bem dispostas a receber o dominio de um povo que consideravam o mais culto e o mais estimavel dos germanos.

Na peninsula, possuiam os godos, desde o tempo de Theodorico II, a Lusitania e, desde Athaulfo, parte da Tarraconense. Conquistaram, *quasi sem lucta*, o resto d'esta provincia, occuparam, *sem combater*, a Betica e a Garthaginense, e, *sem grande violencia*, se acharam donos de Hespanha, exceptuada, por algum tempo, a Galliza. As *thiufadas* godas substituiram-se ás *legiões*, os duques aos presidentes ou reitores das provincias, o rei ao Cesar ou imperador; deram-se terras aos godos, sem que *esse despojo occasionasse grande transtorno*, comparado ao atropello das invasões anteriores. E, dest'arte, ficou constituida a nova sociedade sobre a base d'um Estado novo após a phase de perturbação do primeiro estabelecimento.

Seguiu-se largo periodo de paz, perturbado mais tarde, após extincção da dynastia dos Balthas, que forneceu os primeiros e mais esforçados monarchas visigothicos, pela nobreza, que, contra as tradições germanicas, tinha sido quasi totalmente arredada do er na organisação *romanisada* que os legislado- n'esse periodo fundamental da sociedade e do do, haviam dado ás instituições nacionaes.

i esse o grande erro e a causa principal da

ruina do Estado godo e não o espirito de lucta e de depredação que lhe empresta o sr. Bomfim.

Eis ahi o resumo da historia dos compatriotas de Eurico em Hespanha, e quão longe está tudo isso das orgias cannibalescas sonhadas pelo auctor brasileiro!

Ha, sobre todos, um facto que, indicando a profundissima assimilação dada entre os godos e os hispano-romanos, põe em inteira evidencia a deploravel confusão das idéas do nosso compatriota n'esses assumptos. E' o estado do direito no imperio visigothico.

Se Bomfim conhecesse quatro linhas de historia do direito, não escreveria tanta barbaridade ácerca da Hespanha no tempo alludido.

Bastava que tivesse passado a vista no *Espirito das Leis*, de Montesquieu, ou na *Historia das Origens do Governo Representativo*, de Guizot, para vir a saber que, redigidas as leis visigodas para os subditos de origem germanica desde o tempo de Eurico, ao que se suppõe, e logo após o *Breviarium Aniani* para os subditos de origem hispano-romana, em dias de Alarico, pouco depois foi indispensavel promulgar um codigo que servisse conjunctamente a toda a população, sem distincções de origens, tanto se haviam ellas apagado sob a tolerancia dos novos dominadores!

Este resultado assombroso é caso unico em toda a Europa. O *Codex Visigothorum*, ou *Forum Judicum*

é, sob este aspecto e a essa luz, o mais notavel documento legislativo da epocha medieval. Parece evidente que essa obra de paz não poderia ser a floração de tres seculos de luctas perpetuas... E' tempo de fallar dos *arabes*.

Para o nosso escriptor, o arabe era *o typo mais completo da civilisação depredadora*...

Veio trazer lenha á fogueira e fez lastrar um incendio que durou oito seculos ininterruptos. Não havia tempo nem de comer e dormir; eram armas em punho e mortes para deante... Um inferno!

Mas toda a decantada sciencia psychologica do sr. Bomfim não chega para lhe mostrar ser isso um tremendo absurdo, um impossivel a olhos vistos?

Póde-se lá admittir que o arabe, intelligente, negociador, maneiroso, tolerante, levasse oito seculos a degolar gente?

Póde-se lá admittir que a população peninsular, a população que se chamava romano-goda, mas que era pela mór parte constituida dos indestructiveis rebentos iberos, parentes dos berberes, parentes dos arabes, recebessem a estes como bestas féras? Póde-se lá admittir, sr. Bomfim? Ora, deixe-se d'isso; largue o Oliveira Martins, que não passa de um Th Braga elegante, mas cheio dos mesmos erros e ...rates; largue o Martins e abra o Herculano, o ...l de Guizot e de Thierry, ou, melhor, o superior ...bos, porque tinha mais estylo do que um e mais ...phia do que outro.

Se já o tivéra lido, veria com outra côr essa phase memoravel da conquista e do dominio arabe. Veria serem quatro as idéas mais originaes do grande historiador, pelas quaes se bateu resolutamente contra varios contradictores: a *brandura* da conquista arabe; o valor politico e social da enorme classe dos *mosarabes* que veio a facilitar a reconquista christã; a transformação desde o seculo VIII dos servos godos em *adscriptos;* a *inexistencia do feudalismo* em Portugal.

D'estas quatro idéas, as duas primeiras, expostas com a maxima erudição, brilhantismo e vigor de argumentar possiveis em assumptos historicos, no 3.º vol. de seu incomparavel livro, quando estuda a formação da *sociedade* na peninsula, são as mais consideraveis e são a mais formal condemnação dos absurdos da *America Latina.*

Envio os meus leitores para toda a *Historia de Portugal,* nomeadamente o volume indicado.

Penoso é resumir e condensar aqui aquella formidavel móle de factos.

Para bater Bomfim ácerca d'arabes, não é mistér ir além do ensaio de Herculano — *Do estado das classes servas na peninsula desde o VIII até o XII seculo,* que occorre no 3.º vol. dos *Opusculos.*

Ahi se encontra o essencial para desfazer a noite profunda em que se debate o espirito do nosso auctor.

Defendendo a sua grande obra das censuras, aliás nimiamente cortezes, de Th. Muñoz y Romero, es-

creveu o egregio pensador: «O estudo reflectido dos historiadores arabes e dos monumentos christãos da epocha da conquista e do dominio sarraceno tem feito sentir que essa conquista e esse dominio estranho fôram, na historia das invasões e da sujeição de raça a raça, de povo a povo, entre os factos de semelhante ordem, *um dos que custaram á humanidade menos tyrannias, menos lagrimas e menos sangue*. Tem-se dado o devido desconto ás exaggerações das chronicas e á linguagem de certos escriptores christãos contemporaneos, aonde auctores mais modernos fôram buscar os lineamentos dos seus quadros de terror, quando ahi mesmo se encontram as provas de que os factos não correspondem ás expressões genericas com que é descripto, como um dos mais crueis flagellos, o predominio dos sarracenos na Peninsula. Se junto de Guadalete se desmoronou o imperio dos godos, a sociedade visigothica ficou.

As provincias ou as cidades que acceitaram, *sem resistencia*, o jugo dos novos senhores não tiveram que padecer senão as consequencias dos grandes movimentos militares sobre qualquer territorio, as violencias accidentaes durante a lucta. Em geral, *(vá reparando, sr. Bomfim)* a ordem das relações civis, ma parte das publicas continuam a subsistir do mo modo que d'antes. O tributo e o exercicio altas funcções da administração do Estado é que lam. Nas provincias meridionaes da Hespanha fi-

ca, até, por algum tempo um simulacro de imperio gothico, o reino de Theodomiro, tributario mas livre, que se incorpora obscuramente depois nos dominios do kalifa. No meu livro, busquei desenhar com fidelidade essa nova situação; dar aos successos o seu verdadeiro valor, estribando-me nos monumentos coévos, e fazer sobresaír a *população mosarabe*, godo-romana, tão esquecida em geral pelos historiadores». (Op. cit., III, pag. 245).

Essa população *mosarabe*, (quasi arabe) que o insigne escriptor trouxe plenamente á luz da historia, e da qual falavam vagamente os seus antecessores sem lhe comprehender o alcance e a funcção na sociedade hispanica durante o dominio sarraceno, é a prova mais completa e mais eloquente da moderação da conquista e do governo mahometano na peninsula. Constituia ella quasi a totalidade dos habitantes da Hespanha, excepção apenas dos que estancionavam no seu alto norte, que não soffreram o jugo sarraceno ou o sacudiram logo. O estudo d'essas gentes no 3.° e 4.° volumes da *Historia de Portugal* constitúe uma d'essas reconstrucções historico-sociaes que só se encontram iguaes nos trabalhos de Niebuhr, Mommsen, Freemann, Rancke e outros espiritos de primeira ordem.

Essa parte da obra de Herculano é uma das mais valorosas, senão a mais valorosa manifestação da sciencia iberica no seculo XIX.

Guizot e Thierry não teem nada que se lhe com-

pare na amplidão do quadro e na profundeza das vistas.

Foi alli que o sr. Th. Braga, corrompendo, deturpando, denegrindo linhas e perfis, foi buscar todo o material das suas *Epopêas da raça mosarabe*, vendo uma *raça* onde apenas estava uma classe da população, e *epopêas* onde apenas estavam factos politicos, sociaes, e economicos positivos.

O sr. Bomfim evidentemente nunca leu a *Historia de Portugal.*

Digo-o com magua: este delicto não é só d'elle... Dos oitocentos ou mil litteratos que empavezam das mais garridas côres a sua incommensuravel vaidade e passeiam-na por essas ruas fóra, por desdém e acinte aos *burguezes*, de que tanto fabulam, talvez nem quatro ou cinco tenham lido esse grandioso monumento da nossa lingua!

A intuição dominante é a de ter sido Herculano apenas o romancista, hoje *demodé*, de *Eurico*, que raros terão lido, e do *Monge de Cistér*, conhecido só de titulo e este mesmo quasi sempre pronunciado erradamente. E' um horror, uma verdadeira desgraça.

Que pódem saber de serio do povo brasileiro — doutores, bachareis, litteratos, jornalistas, politicos, escriptores, que nada sabem da formação do povo portuguez, de seu estado social, intimo, organico, quatro primeiros seculos de seu viver?

ada, ou essas barbaridades que infestam a

a Latina.

Os erros brotam, pullulam, crescem, engrossam, lastram, alli, com a pujança d'uma floresta tropical, Lá dentro o espirito suffoca-se como o viajante na matta hirsuta e densa do Congo.

Só a geral ignorancia do mundo legente no Brasil póde explicar a attenção despertada por um livro tão mal feito, tão falso, tão cheio dos mais grosseiros erros.

Mas, tornemos a Herculano.

Caracterizando rapidamente a população romano-goda, que se congraçou completamente com os arabes, escreve: «Civilmente, socialmente, os *mosarabes* eram sarracenos. Do modo como essa grande maioria da população romano-gothica buscava, em geral, assimilar-se aos conquistadores, temos sobejas provas nos escriptos contemporaneos de Alvaro de Cordova, d'Eulogio, do biographo de João de Gorze, nas actas dos martyres Voto e Felix e em outros monumentos.

Os mosarabes serviam nos exercitos musulmanos... Entre os altos officiaes da corôa na côrte de Cordova, figuram condes godos, e apparecem-nos *a cada passo magistrados, funccionarios, prelados* (Tome nota, sr. Bomfim! Que tal a fogueira!...), *sacerdotes godo-romanos* nas provincias do vasto imperio dos benu-umeyyas. Quantos d'estes, pospondo as questões religiosas, *e adoptando a tolerancia dos dominadores arabes*, seriam verdadeiramente addictos á situação politica em que se achavam, elles, que abraçavam não raro os nomes proprios, os costumes,

as usanças, a civilisação e a lingua dos mussulmanos, a ponto de esquecerem completamente o idioma néo-latino, segundo o testemunho de Alvaro de Cordova; elles, que admittiam, até, a circumcisão, se acreditarmos o *Indiculum* e a biographia de João de Gorze? Não achamos nós ainda no seculo XI os bispos mosarabes, esquecidos das funcções episcopaes, e dedicados inteiramente á vida politica, empregarem-se no serviço profano dos respectivos soberanos sarracenos? Se nos proprios Estados dos reis de Leão, a mistura dos usos mussulmanos com os christãos dava, ás vezes, nas exterioridades do culto, occasião a factos que seriam comicos, se não fossem irreverentes, o que seria essa mistura entre mosarabes e ismaelitas nos Estados mussulmanos?» *(Op. cit.* III, pag. 272).

A esse viver em commum, a essa assimilação quasi completa da generalidade das gentes hispanicas e dos mussulmanos, é que o sr. Bomfim chama torrar-se nas fogueiras da guerra por oito dilatados seculos...

Esquece que a conquista néo-gothica, iniciada nas Asturias, Oviedo, Leão, Navarra e no que veio a ser o condado de Barcelona, alcançadas certas vantagens durante os seculos VIII e IX, havendo, desde então, retomado todo o norte da peninsula de mar a mar, sou a ter varios periodos de paz.

No que se póde chamar a sua segunda phase, deu o caracter primitivo de barbaria. Deu logar ...as phases de socego e ordem.

Só por figura de rhetorica é que se continúa a falar na interminavel *batalha de oito seculos* entre sarracenos e christãos.

E' apenas uma *hespanholada* que o sr. Bomfim inconscientemente repete.

XI

A *Terceira Parte* do livro do dr. Manoel Bomfim intitula-se, como já adverti, *As Nações Colonisadoras da America do Sul* e contém tres capitulos. O primeiro d'elles, sob a denominação de *A Educação guerreira e depredadora,* ficou analyzado nos dois artigos anteriores.

Agóra devo passar em revista o segundo, que tem por nome—*Parasitismo heroico: o pensamento iberico,*—e o terceiro, que pomposamente se inscreve —*Transformação sedentaria; decadencia degenerativa.*

N'elles é que o singular antropologista e psychologo improvisado tira as consequencias das premissas estabelecidas no primeiro.

Convém ouvil-o claramente para refutal-o com segurança.

Os trechos que vão ser transcriptos acham-se todos entremeados, a duzias e duzias de citações de

Oliveira Martins, que deve ser considerado o verdadeiro auctor dessa theoria parasitaria dos dois povos da peninsula. Martins, sem o querer talvez com suas grosseirissimas objurgatorias, suas pesadissimas descomposturas a seus compatriotas, veio dar mão forte ao reaccionarismo *negrista* e *caboclisante* contra as raças superiores, mui da moda actualmente entre os agitadores da America latina.

Mas ouçam o parasitista da historia: «Foi assim que a Hespanha se formou; não ha que separar o pequeno reino portuguez—a historia é a mesma *(Falso)*. *Oito seculos* de lucta contra o Sarraceno, e, depois, ella apparece organisada, vigorosa, intrepida, unificada, possuida de um pensamento unico: *conquistar o mundo*, diz um de seus panegyristas. Sim, e se ella *o queria conquistar* é porque o movimento adquirido a precipitava a isto; porque *se habituára a viver* exclusivamente do fructo das conquistas *(Antes de conquistar, já vivia do fructo das conquistas!... E' de mais!...)* porque não sabia fazer outra cousa senão guerrear; porque cultivára, intensamente, por *onze seculos (Agora já não são oito!)* os instinctos guerreiros e agressivos, e guerrear se tornára para os homens uma necessidade organica; porque, em contacto por *oito seculos* com o arabe predador e mercantil, tomára gosto ao luxo e á riqueza facilmente adquiridos...» *(Segue um trecho Martins...)*

«Findou o primeiro periodo da vida da Hespanha

moderna: o periodo da guerra necessaria, da conquista da patria. Mas tão laboriosa e longa e intensa foi essa lucta que os povos só teem um pensamento —*conquistas (Falso)* Fazia-se a rapina, porque a guerra necessaria a isto obrigava; agóra, quer-se a guerra pelo amor do saque e da rapina. E' o segundo periodo — o da expansão depredadora: sêde de riqueza, voracidade desencadeiada, appetites insaciaveis...

(Segue um longo trecho de Martins, verdadeiro auctor de metade do livro, debicado d'aqui por deante com varios remoques; estylo de alta sociologia... rhetorica de panegyrista... etc).

E' na historia da expansão portugueza, nas suas tenazes tentativas de mais de um seculo, que se póde estudar bem a evolução e realisação d'esse pensamento *iberico* — idéal depredador, absorvente, exclusivo, dentro do qual se vieram fundir todos os outros: glorias guerreiras, ardores mysticos... Para o lado do mar é que apparece a visão de riquezas e thezouros: visão real, sem duvida. A Hespanha esteve mesmo em contacto com essas riquezas, por intermedio do arabe. Admira até esse esforço a que certos historiadores se entregam para achar os motivos metaphysicos que impelliram os povos ibericos para o mar. *Elles* se lançam para alli, porque vinham atraz do arabe, *(Falso)* vivendo em grande parte das rapinas sobre *elle,* e viram as riquezas que *elles* *(Que estylo!)* os sarracenos — desfructavam lá para

além dos mares... *(Falso; antes dos arabes, já o commercio do Oriente era praticado pelos occidentaes).* Vencem-nos, e desejam naturalmente essas riquezas, esse dominio que os outros exploravam além... *(Seguem-se paginas e paginas, terriveis verrinas de Oliveira Martins contra os conquistadores e governadores da India Portugueza)*... Foi mistér, prosegue Bomfim, transcrever longamente, transcrever e repetir. Repetições propositaes para deixar bem evidente o caracter da conquista portugueza: saquear, sem nenhum outro objectivo — a rapina, a pirataria, o parasitismo depredador...

E a Hespanha propriamente dita?... Colombo partira para o occidente, Gama para o oriente... Como realiza a Hespanha esse pensamento maduro, mas ainda encoberto — commum á peninsula, e que arrojou um e outro ás conquistas longinquas? *(Responde com um trecho de Martins, de quem parecia se haver despedido)*... Causas communs, prosegue, produzem effeitos communs.

Na America, os hespanhóes procedem como os portuguezes na India. Toda a differença está em que as riquezas accumuladas no Novo Mundo eram em muito menor quantidade que as do Oriente, e que a Hespanha tem um estomago mais vasto que o de ·tugal. Este não chegou a devorar, a consumir a preza ·iramente; com o excesso e a fartura veio-lhe a ·adencia degenerativa, e a victima caiu-lhe dos tes frouxos e gastos, arrebatada por outros, antes

que elle se estendesse sobre ella para viver na molleza das tenias ou dos *Condracanthus*.

A Hespanha deparou com uma preza que ella devorou na primeira investida. Não fôram só as riquezas, foi tudo: povos, civilisação, monumentos historicos. A violencia da sua voracidade tudo consumiu. Os portuguezes cortavam os pés e as mãos ás mulheres para arrancar-lhes os brincos e braceletes; os hespanhóes arrazavam um mundo para colher alguns saccos de ouro. Trinta annos depois de pisarem os hespanhóes o continente americano, ninguem, que visitasse as paragens do Mexico ou do Perú, seria capaz de desconfiar, sequer, que alli existiram dois imperios adeantados, fortes, populosos, encerrando um mundo de tradições. *(Faço idéa! Este parasita ainda acredita que a meia civilisação communaria e rudimentar do Mexico e Perú era verdadeiramente superior. Coitado!)* Tudo desapparecera... Não se creia, porém, que os hespanhóes sejam mais vorazes que os outros — o genio, o pensamento é o mesmo. O nosso panegyrista, que é preciso conservar *(Pudera não!)*, tanto nos facilita elle as demonstrações *(Ingenua confissão!)* exprime muito bem no seu estylo de philosophia sabia *(Que tal o parasita! copia dois terços do livro e agóra debica com a victima!)* esta identidade de pensamento e de processos. Buscavam o mesmo ideal. *(Segue um trecho do depenado Martins...)*

O hespanhol, que apenas iniciára o seu parasitismo sobre a America, por essa fórma depredadora, ado-

ptou logo as suas tendencias e appetites naturaes ás condições novas que se lhe offereciam. Emquanto houve riqueza accumulada, elle foi depredador, guerreiro, conquistador. Exgotaram-se as riquezas, elle fez-se immediatamente sedentario *(Santo Deus! e eram nomades os hespanhóes?!)* Colheu os restos de populações indias, sobreviventes ás matanças, escravizou-as e fel-as produzir riquezas para elle — cavando a mina ou lavrando a terra. — Acabou o parasitismo heroico; começa o sedentarismo, regimen sob o qual a decadencia se accentúa e a degeneração se manifesta. Quanto a Portugal, a passagem ao sedentarismo foi mais complexa *(Forte pulhice!)*. Elle era pequeno de mais para a preza que se lhe deparou; esta lhe caíu dos dentes antes que se houvesse normalizado o parasitismo sedentario.

A transformação ia-se fazendo, mas foi perturbada, justamente, pela desproporção entre o parasita e a victima. Occorre tambem que a decadencia já era muito pronunciada, de tal fórma que a Lusitania (!?) não se póde defender contra os que lhe disputavam a preza *(Segue um infallivel trecho de Martins)*. Foi-se a India e Portugal perdeu até a independencia. Todavia, mesmo n'essa hora de crise, elle não deixou de viver parasitariamente.

Quando o hollandez e o inglez o despojaram, já Brasil era uma colonia, estava preparado para sustal-o — o Brasil e a Africa.

O Brasil dá-lhe os tributos, *dizimos e monopolios*,

a Africa dá-lhe o trafico dos negros. Devorando a India, Portugal ia enviando para aqui os seus degredados e os fidalgos mal aquinhoados na partilha do oriente; e uns e outros fôram fazendo no Brasil o mesmo que a Hespanha fazia no resto da America: obrigaram logo o indio a trabalhar para elles. Estava encaminhado para o parasitismo sedentario, regimen que é favorecido pela circumstancia de ser portugueza a Africa.... *(Linhas abaixo, segem-se trechos e trechos de Martins)*... «Agóra, o intento, prosegue o parasitario historiador, é mostrar, apenas, na successão chronologica da vida das nações ibericas, como ellas viveram sempre, desde o primeiro momento, de uma vida parasitaria; como se educaram n'essas depredações; como se viciaram e se perverteram; como, de guerreiras por necessidades, passaram a aventureiras por educação, e como, de aventureiras e depredadoras, se fizeram parasitas sedentarias. *(Surgem agóra, — que será? — trechos e trechos de Martins!)*... Estas transcripções, accrescenta, já nos instrúem bastante sobre os effeitos de um tal regimen parasitario sobre a vida interna d'essas nações. Transcrevamos ainda algumas linhas (*Até o fim do capitulo, mais de 300!!...*) que completarão o quadro das sociedades peninsulares, adaptadas ao sedentarismo parasitario. Serão os ultimos toques da prova, aliás superflua, do parasitismo das metropoles sobre as colonias... Todo o mundo correu á obra, todas as classes se encorporaram ao parasitismo. O

Estado era parasita das colonias; a Egreja parasita directa das colonias e parasita do Estado. Com a nobreza, succedia a mesma cousa; ou parasitava sobre o trabalho escravo nas colonias, ou parasitava nas sinecuras e pensões. A burguezia parasitava nos monopolios, no trafico dos negros, no commercio previlegiado. A plebe parasitava no adro das egrejas ou nos pateos dos fidalgos».

Basta! Basta! Tanto parasitismo juncto dá para desconfiar.

E' preciso tentar o monopolio da ingenuidade para não ver a extravagancia d'essa pretensa explicação historica, e é preciso ter bem curta a intuição das coisas sociaes para não perceber que esse parasitismo, na parte minima em que é verdadeiro, não passa de méro symptoma de causas mais remotas e profundas.

Todas as passagens, ahi citadas, de Manoel Bomfim deixam ver as Hespanhas a uma luz falsissima; estão prenhes de erros de toda a casta, historicos e sociologicos.

Toda a moxinifada bomfinica não passa da aposta do auctor comsigo mesmo para applicar á peninsula a theoria lacunosa de Massart e Vandervelde sobre as phases do parasitismo social, e da innocente occupação de revelar erudição á custa de Oliveira Martins.

Vamos a desfiar o formidavel tecido.

XII

Os trechos, citados acima, e outros, que constam do livro, revelam que o sr. Manoel Bomfim faz da Hespanha e Portugal, da sociedade iberica, em summa, uma especie de monstrengo historico, taes e tantas são as singularidades com que brinda aquellas gentes.

Dest'arte, anomala originalidade se lhe antolha a conquista arabe e a respectiva reconquista néo-gothica.

E' por não advertir que outros phenomenos do genero se repetiram durante o periodo da formação das nações modernas. Bem depois das grandes invasões dos barbaros, quando os modernos povos se iam constituindo, varios d'elles tiveram interrompida sua evolução normal pela invasão e conquistas de populações estranhas.

E' o caso da Russia com os tartaros e mongóes, que, nos seculos XIII, XIV e XV, alli estacionaram e deram tremendos trabalhos para serem extirpados, e isto só em parte, pois cruzaram intensamente com as populações slavas.

E' o caso das terras que fórmam a Hungria de hoje.

Ahi, o velho elemento aryano de romanos, slavos e germanos foi de todo submettido, recebendo o jugo e a lingua do vencedor, do Madgyar.

*

Caso este ainda mais aspero do que o da Hespanha, que se approxima mais ao da Russia e ainda mais ao da Grecia e imperio Bysantino.

Conquistada toda a região balkanica pelos turcos, mahometanos como os arabes, só aos poucos e aos pedaços é que se vae fazendo a reconquista, embaraçada, é certo, pela politica europêa dos ultimos tempos com o seu famoso *equilibrio.*

Grecia, Valaquia, Moldavia, Bulgaria, Servia, Montenegro, que, pouco a pouco, e, a intervallos mais ou menos longos, se teem constituido independentes, estão para aquellas zonas, deante dos turcos, nas mesmas condições em que Asturias, Oviedo, Leão, Navarra, Castella, Aragão, Galliza e Portugal estiveram na peninsula, em face dos arabes.

Não é tudo; a Inglaterra depois de, mais ou menos, constituida pelos saxões, teve de soffrer a invasão dos *anglos*, e depois a dos *dinamarquezes*, e mais tarde a dos *normandos.*

Já não falando nos *celtas* e nos *gutas*, que os *saxões* tiveram de reduzir em terriveis luctas, uns após outros, os embates com os *anglos* e os *dinamarquezes* fôram tremendos; a pugna com os *normandos*, em pleno seculo XI, custou a quéda da realeza nacional e a perda da independencia da pa-[illegible]a. Parecia que tudo tinha acabado de uma vez, e se ia repetir o caso da Hungria, e os conquista-[illegible]es iam assimilar os vencidos...

Foi o contrario o que se deu: a tenacidade sa-

xonia acabou por absorver completamente os seus inimigos!

A Inglaterra e a Hungria constituem, pois, os dois casos extremos: alli, foi o vencido o assimilador; aqui, este papel coube ao vencedor.

Na Hespanha, como na Russia, como nos Balkans, as raças antagonicas não se fusionaram senão parcamente e os vencedores fôram recuando aos poucos até total expulsão para além do sólo conquistado.

Na Hespanha, durou pouco mais de sete seculos o duello; na Russia, mais de tres; nas terras bysantinas, na Turquia de hoje, vae por quatro seculos e meio, e promette continuar talvez por um, ou dois, ou tres...

Por ahi vá vendo o sr. Bomfim que um pouco de historia comparada seria sufficiente para reduzir consideravelmente as espantosas originalidades com que o parasitismo o anda a inquietar nas Hespanhas.

Outra grande originalidade das gentes ibericas para o interessante discutidor do *ciúme*, é a attracção, o impulso irresistivel que as atirou ao mar, ás descobertas e conquistas.

Para o nosso auctor, tudo aquillo não passou da *tendencia parasitaria* que impellia os povos hispanicos atraz dos arabes vencidos no empenho de pilharem, como elles pilhavam, as riquezas do Oriente.

Se o joven escriptor tivesse um pouco mais de conhecimentos de historia universal e, nomeadamente,

de historia da ultima phase da edade-média, não seria tão superficial e leviano na falsa caracteristica por elle traçada dos compatriotas de Cervantes e Camões.

Veria que o commercio do Oriente e das regiões tropicaes foi, desde a mais remota antiguidade, a aspiração universal; que o periodo arabe, nesse commercio, representa apenas um reduzido episodio; que os sarracenos, substituidos pelos venezianos, genovezes, pisanos e amalfenses, principalmente os primeiros, já tinham, havia muito, deixado a concurrencia quando chegou a vez dos portuguezes; que o espirito de cavalleria, ultima phase do feudalismo desde as cruzadas, foi, talvez, o principal propulsor das descobertas e conquistas; que castelhanos e aragonezes entraram nesse caminho tarde e a contragosto.

Não houve em tudo isso impulso nenhum de parasitismo.

As relações dos europeus com o Oriente fôram entretidas pelos phenicios. Mais tarde, o fôram pelos gregos, carthaginezes e romanos.

No começo da edade-média, todo o commercio do Mediterraneo, caminho natural do Oriente, estava a cargo da marinha dos bysantinos.

Com as conquistas arabes na Asia anterior, no .orte d'Africa e no sul da Europa, tiveram os homens 'e Bysancio de contar com esses novos concurrentes. m o auxilio da cavallaria e das gentes teutonicas,

que procuravam participar das vantagens da mercancia oriental, Veneza, ponto intermedio magnificamente bem collocado, cresceu e entrou com galhardia na liça.

Dest'arte, no segundo periodo da edade-média, bysantinos ao léste, venezianos ao norte e arabes ao sul partilhavam entre si a navegação mediterranea, interposto do famoso commercio.

Foi desde esse periodo que se desenvolveram as famosas republicas italianas de Veneza, Genova, Pisa, Amalfi, Florença e outras; foi nessa epocha que prosperou extraordinariamente a celebre *Liga Hanseatica* do norte, em que entraram mais de oitenta cidades. Mas essa phase da concurrencia de bysantinos, arabes e italianos foi curta. A cavallaria do norte arredou da arena os dois primeiros grupos de contendores e deixou os italianos sós na lucta, da qual se retiraram após as invasões e conquistas dos turcos, que tomaram todos os caminhos do Oriente.

O grande surto do commercio mediterraneo nos seculos XIII, XIV e metade do XV, a cargo das cidades do sul, era, em grande parte, sustentado pelo desenvolvimento do commercio da Hansa do norte.

Lisbôa era o ponto de convergencia dos dois movimentos, como já uma vez alvitrei por simples inducção [1] e vejo agóra confirmado pelo grande

[1] Vide *Conferencia sobre Pinheiro Chagas.*

mestre Henrique de Tourville, no seu recentissimo livro de *Historia da Formação Particularista.*

Na impossibilidade de transcrever as bellas paginas por elle consagradas á *cavallaria*, ás *cidades livres italianas* e ás *cidades livres do norte*, não me furto ao prazer de resumir aqui a bella lição sobre a convergencia d'quelles tres movimentos no facto historico do descobrimento das *Indias Orientaes e Occidentaes.*

O insigne continuador de Le Play lança uma luz nova n'este velho assumpto e bem claro se vê como anda asphyxiado em trevas o sr. Bomfim, com o seu *parasitismo,* que seguia o arabe para depredar com elle na inexgottavel matriz oriental.

«A apreciação do descobrimento das Indias Orientaes e Occidentaes, escreve de Tourville, liga-se naturalmente ao estudo comparativo da evolução de Veneza e da Liga Hanseatica. Dissemos que os productos dos tropicos e regiões visinhas fôram em todas as phases da historia, o grande e incomparavel objecto do commercio. Comprehendemos por esse facto as vantagens de Veneza e por elle apreciâmos devidamente a singular energia vital que a Liga Hanseatica teve de tirar de sua propria formação particularista para chegar a uma tão alta prosperidade commercial sem ter tido o accesso das regiões tropicaes.

Mais viva, porém, mostraremos a importancia do commercio dos tropicos, quando o virmos fechar-se

para Veneza, abatida por esse golpe, e abrir-se aos povos do norte, que n'elle acharam a origem de seu extraordinario desenvolvimento actual.

Para se bem comprehender as relações da Europa com os tropicos, mistér é examinar a carta do mundo.

A região tropical está comprehendida entre os vinte e tres primeiros gráus e meio ao norte e ao sul da linha equatorial. Póde-se considerar como estendendo-se até o trigesimo gráu ao norte e ao sul d'esta linha a região similar, caracterisada por uma temperatura de 20 gráus acima de zero na média annual. Uma simples olhada lançada na carta faz immediatamente ver a que distancia d'esta zona está a Europa impellida na direcção do norte.

Não é tudo: se se reparar que especies de terras directamente abaixo da Europa se acham na zona tropical, ver-se-á que mostram condições mui defeituosas.

Apresenta-se primeiro o deserto do Sahara; mais abaixo, o Soldão, centro continental de difficilima penetração. Surgem após as florestas equatoriaes; para além, no outro hemispherio, reproduzem-se inversamente as mesmas condições.

Se da Eurora nos transportamos á Asia, veremos, ao contrario, os paizes de natureza tropical, a India, a Indo-China, a Persia meredional e a Arabia, decotarem-se sobre o mar e tornarem-se accessiveis por longas e numerosas praias.

Todas essas regiões, exceptuado o deserto arabico

que o commercio não ha mistér atravessar, são adrede regadas para a producção dos generos dos tropicos.

A conclusão resultante d'este exame é simples: os paizes tropicaes praticaveis e productivos estão, relativamente á Europa, não ao sul, sinão ao Oriente.

Donde provém serem as producções dos tropicos designadas na Europa não com a denominação de generos do sul e sim do Oriente e este é o motivo da fama do commercio do Levante.

Os povos europeus teem para chegar ao Oriente um caminho dos mais commodos, o Mediterraneo, cujo elogio não é preciso repetir.

Esse mar não penetra, porém, nos paizes asiaticos de producções tropicaes; e por este motivo os europeus não poderam, por tal via, fazer o commercio dos tropicos, sem entrar em relações com as gentes que occupam o intervallo entre o Mediterraneo e os paizes longinquos.

Convém conhecer, pois, quaes eram, na edade-média, na região intermedia, os habitantes e os caminhos.

Toda essa região estava sob o dominio dos arabes, ou de povos por elles assimilados—seldjucidas, tartaros e outros estabelecidos nos sertões da Asia anterior.

Ao passo que a invasão germanica tomava posse a porção occidental da Europa e a invasão slava estendia na porção oriental, o enorme transbordamento arabe, iniciado por Mahomet, se dilatava pelo meio-dia desde o Caspio aos Pyreneus.

Toda a Europa e o reconcavo asiatico e africano do Mediteraneo achavam-se partilhados entre tres grandes grupos de populações: os germanos, os slavos e os arabes. N'este circulo de *barbaros* estava encravado o ultimo resto do imperio romano, com o appellido de imperio grego ou bysantino, reduzido ás costas da Asia Menor e ás velhas regiões da Thracia, da Macedonia, da Grecia e da Grande Grecia.

Facil é comprehender quão aptos eram os arabes, educados na sua peninsula no duplo officio de nomades transportadores e de sedentarios commerciantes nas costas maritimas, para o papel, no commercio europeu, de intermediarios entre o Mediterraneo e as regiões tropicaes no Oriente...

As tres grandes vias de penetração da bacia mediterranea para as terras tropicaes asiaticas são os valles do Euphrates, do Nilo e do Oxus, o Amú-Daria de hoje.

Durante a mór parte da edade-média, os arabes fôram os senhores d'esses tres famosos caminhos; nada mais lhes poderia convir do que apoderarem-se do proprio Mediterraneo.

Tentaram-no com fortuna varia.

Os que primeiro se apresentaram para embargar-lhes o passo fôram os bysantinos, habeis marinheiros desde os aureos tempos gregos e que no começo da era mediéval tiveram o monopolio do commercio mediterraneo.

Na lucta, os arabes levaram a melhor e chega-

ram a despojar os seus rivaes das possessões do sul e do oriente do Mediterraneo: Chypre, Creta, Sicilia, Sardenha, Hespanha, littoral africano, Egypto e Syria.

Os bysantinos ficaram reduzidos ao mar Egeu e ao golpho de Tarento.

Não lograram, porém, fazer acceitar seu commercio maritimo nas costas septentrionaes do Mediterraneo, occupadas pelas gentes germanicas.

Em tal conjunctura, Veneza protegida por suas lagumas, no fundo do Adriatico, fez sua a clientela do mundo germanico.

Póde, com pouco esforço, fechar aos arabes o mar que dominava. Bysantinos, arabes e venezianos dividiam, pois, entre si, o Mediterraneo: bysantinos — o norte oriental; arabes — o sul; venezianos — o norte occidental. Veneza, simples republica originada de pantanos e alagadiços, foi durante muito tempo a mais modesta d'entre essas tres potencias maritimas.

Mas tudo tinha de mudar quando seus protectores entrassem, sob a fórma da cavalleria, no Mediterraneo. Os normandos de Roberto Guiscard começaram por tomar a Grande Grecia aos bysantinos e a Sicilia aos arabes. Depois, os cruzados conquistaram a Palestina, a Syria e a mór porção do imperio de Constantinopla.

Com São Luiz, ameaçaram as costas egypcias e afri-anas. Foi a ruina do commercio dos bysantinos dos arabes: o campo ficou livre aos venezianos e ;uns de seus emulos, irmãos de raça — e occiden-

taes como elles — genovezes, pisanos e amalfenses. Foi, portanto, á cavalleria que se deveu a victoria do commercio dos occidentaes sobre o dos arabes e dos gregos no Mediterraneo.

Mas este restabelecimento do commercio do Occidente para os tropicos repousava em base fragil: a cavalleria. Os arabes tinham ficado, além d'isso, senhores dos sertões intermedios entre o Mediterraneo e os paizes tropicaes. Essa má situação aggravou-se profundamente com a entrada em scena dos turcos, isto é, com as populações do Turkestan, que tendiam, de longo tempo, a supplantar os arabes. Originarios da grande steppe central da Asia, não estavam preparados para o trafego mercantil, como seus predecessores; primitivos e grosseiros, tornavam-se unicamente militares e dominadores, desde que sahiam do isolamento de suas pastagens. Em 1254, os mamelucos, milicia composta de turcos, apoderou-se do governo do Egypto. Em 1299, os turcos ottomanos estabeleciam no centro da Asia Menor seu imperio em Konieh, a antiga Iconium. Sabe-se como, sob o grosseiro esforço dos mamelucos no meio-dia e dos ottomanos ao norte, todo o oriente do Mediterraneo foi subtrahido aos latinos e aos gregos, aos cavalleiros, leigos ou religiosos, aos mercadores de Veneza e de Genova. Esta celebre historia marca o inicio da edade moderna.

A invasão dos turcos tem um alcance maior que as causas interiores e intrinsecas da decadencia de

Veneza, porque, se o Oriente tivesse ficado de livre accesso aos occidentaes, Veneza, cahida por sua má organisação social, teria podido ser substituida, no commercio do Mediterraneo, por alguma outra cidade maritima, socialmente melhor constituida. O que, porém, morreu com o acontecimento lembrado não foi só Veneza, foi de um modo geral o commercio pelo Mediterraneo com os povos intermediarios entre elle e os tropicos. Muito mais conquistadores e piratas que os arabes, os turcos não conservaram esse commercio. Mistér é explicar a razão pela qual os europeus, que não podiam para todo sempre abrir mão do commercio dos tropicos, não fizeram um supremo esforço para manterem o accesso do Oriente pelo Mediterraneo.

Aqui é preciso voltar ao exame da carta. Existe na extremidade occidental da Europa um paiz que mostra singulares similitudes com a Syria — é Portugal. E como a Syria estende sua linha de praias e portos ao fundo do Mediterraneo, Portugal alonga, quasi parallelamente, sua linha de praias e portos antes da entrada d'aquelle: parece uma Syria projectada ao Occidente á frente do famoso mar.

Ainda mais significativa é esta approximação pelo facto singular de que, assim como o commercio inior do Mediterraneo achava o fim de sua derrota costas da Syria, de egual fórma o commercio Mar do Norte, do Baltico e do Atlantico deparava fim de sua róta nas praias de Portugal. Era alli

que vinha, de facto, acabar a acção da *Liga Hanseatica* que se dilatava de Novogorod a LISBÔA. Era em LISBÔA que a marinha do Norte encontrava o Oriente: a partir d'alli, Veneza lhe servia de intermediario atravez no Mediterraneo». (*Histoire de la Formation Particulariste*, pag. 415 e segts).

Esta é que foi a ordem natural dos factos. Surprehende-se a marcha successiva da historia do commercio entre a Europa e o oriente por meio do Mediterraneo durante os dez seculos da edade-média. O periodo bysantino, o arabe e o veneziano destacam-se com nitidez e bem se comprehende a entrada natural da gente portugueza na liça a demandar os tropicos pelo Atlantico, quando imprestavel se havia tornado o caminho do Mediterraneo.

O sonhado *parasitismo* dos povos ibericos nada tem a vêr na successão e encadeiamento dos factos. Basta fazer o synchronismo d'estes para arrancar os ultimos trapos que encobrem a nudez da doutrina do dr. Manoel Bomfim.

Quando os portuguezes se atiraram ao mar, se davam as seguintes circumstancias, cada uma das quaes é bastante para derrocar a explicação phantasista do escriptor sergipano:

a) Havia mais de dois seculos que estavam completamente livres dos arabes;

b) Havia mais de dois seculos que estes tinham perdido o predominio no Mediterraneo;

c) Egual lapso de tempo já tinha decorrido des-

de que os turcos os tinham, quasi completamente, supplantado na Asia Menor. Junte-se a isto o memoravel facto de que o ultimo e decadente Estado sarraceno da peninsula — o reino de Granada — desde muitos seculos, não dependia dos kalifados do Oriente, nem exercia a minima influencia na sociedade, na politica, nas idéas, na vida das populações christãs.

Explicar, portanto, a evolução naturalissima levada a cabo pelos portuguezes como um producto de *parasitismo,* fazer d'esses occidentaes umas especies de *carrapatos,* de *rodeleiros* pegados aos corpos dos arabes para com elles irem ao Oriente, é dar provas extremas de completa ausencia de senso historico.

Cumpre não esquecer que a evolução atlantica do commercio para o Oriente é feito exclusivamente portuguez; porque, pondéra Préville, das tres regiões naturaes da peninsula, constituidoras dos tres Estados independentes nas ultimas phases do seculo XV — Portugal, Aragão e Castella, o primeiro é que se lançou ao Oceano com larga antecedencia. Aragão fez, durante seculos, o commercio maritimo no mar interior, no mediterraneo; Castella era terra de creadores, que só no extremo norte e extremo sul tinha ·os portos pouco utilisados no periodo historico ı debate.

Tarde, e a contra-gosto quasi, após muitas re·tancias, depois da união dos dois Estados, é que

os hespanhoes se resolveram a lançar-se ao Atlantico sob o mando de Colombo.

Póde ahi haver de tudo, menos o azogado *parasitismo* do dr. Bomfim.

XIII

Se não é verdade terem os povos ibericos passado doze ou quinze ou vinte seculos em guerras continuadas, como approuve ao auctor da *America Latina* phantaziar, para sobre elles edificar a theoria do *parasitismo;* se não é exacto que tivessem sido os unicos povos christãos da Europa que, depois de constituidos, soffreram a conquista de estranhos; se não é certo que tenham corrido atraz dos arabes para irem com elles parasitar no Oriente, ainda mais errada é a opinião de que houvessem sido méros *depredadores* em o Novo-Mundo.

A colonisação dos povos ibericos na America foi singularmente branda, se a houvermos de comparar com todas as conquistas e colonisações conhecidas na Historia, desde que o mundo é mundo.

Se o auctor da *America Latina* quizesse estudar o que fôram as conquistas de egypcios, assyrios, babylonios, persas, phenicios, carthaginezes, gregos e romanos, em que se destruiam cidades ás centenas; se transportavam de umas para outras regiões

populações inteiras postas a ferros; se passavam a fio de espadas homens, velhos, mulheres e creanças; se punham a sacco até os templos e se reduziam a cruel escravidão os que escapavam a tantas miserias e oppressões, chegaria a moderar o seu juizo no que ouza dizer das malvadezas e depredações de que o Novo Mundo foi victima.

Ninguem contesta algumas vantagens que á Gallia, á Iberia, á Grecia, á Asia, ao Egypto, á Africa, minados pela anarchia, a desordem, a corrupção, advieram com a conquista romana.

O progresso geral do mundo teve a lucrar com a reducção d'esses paizes ás condições de provincias da Republica e do Impeiro.

Os historiadores de melhor nota são unanimes em proclamal-o.

A disciplina, a organisação, o senso juridico que esses terriveis conquistadores acabavam por imprimir ás terras e ás gentes submettidas ao seu durissimo jugo, valiam sempre mais do que a anniquillante anarchia que andava a consumir a civilisação antiga.

E, todavia, as crueldades e depredações dos romanos em suas conquistas, comparadas ás dos povos da peninsula iberica na America, são como acções de monios deante de folguedos de rapazes alegres.

E convém não esquecer que os romanos não colizaram jámais terras selvagens e incultas, como do Novo Continente; estabeleceram-se entre na-

os hespanhoes se resolveram a lançar-se ao Atlantico sob o mando de Colombo.

Póde ahi haver de tudo, menos o azogado *parasitismo* do dr. Bomfim.

XIII

Se não é verdade terem os povos ibericos passado doze ou quinze ou vinte seculos em guerras continuadas, como approuve ao auctor da *America Latina* phantaziar, para sobre elles edificar a theoria do *parasitismo;* se não é exacto que tivessem sido os unicos povos christãos da Europa que, depois de constituidos, soffreram a conquista de estranhos; se não é certo que tenham corrido atraz dos arabes para irem com elles parasitar no Oriente, ainda mais errada é a opinião de que houvessem sido méros *depredadores* em o Novo-Mundo.

A colonisação dos povos ibericos na America foi singularmente branda, se a houvermos de comparar com todas as conquistas e colonisações conhecidas na Historia, desde que o mundo é mundo.

Se o auctor da *America Latina* quizesse estudar o que fôram as conquistas de egypcios, assyrios, babylonios, persas, phenicios, carthaginezes, gregos e romanos, em que se destruiam cidades ás centenas; se transportavam de umas para outras regiões

populações inteiras postas a ferros; se passavam a fio de espadas homens, velhos, mulheres e creanças; se punham a sacco até os templos e se reduziam a cruel escravidão os que escapavam a tantas miserias e oppressões, chegaria a moderar o seu juizo no que ouza dizer das malvadezas e depredações de que o Novo Mundo foi victima.

Ninguem contesta algumas vantagens que á Gallia, á Iberia, á Grecia, á Asia, ao Egypto, á Africa, minados pela anarchia, a desordem, a corrupção, advieram com a conquista romana.

O progresso geral do mundo teve a lucrar com a reducção d'esses paizes ás condições de provincias da Republica e do Impeiro.

Os historiadores de melhor nota são unanimes em proclamal-o.

A disciplina, a organisação, o senso juridico que esses terriveis conquistadores acabavam por imprimir ás terras e ás gentes submettidas ao seu durissimo jugo, valiam sempre mais do que a anniquillante anarchia que andava a consumir a civilisação antiga.

E, todavia, as crueldades e depredações dos romanos em suas conquistas, comparadas ás dos povos da peninsula iberica na America, são como acções de monios deante de folguedos de rapazes alegres.

E convém não esquecer que os romanos não colizaram jámais terras selvagens e incultas, como do Novo Continente; estabeleceram-se entre na-

tentassem murmurar. D'isso dá testemunho o mesmo Cicero n'estas terriveis palavras:

«Eu penso que as nações estrangeiras enviarão deputados ao povo romano para pedir a revogação da lei e dos tribunaes contra os concussionarios. Essas nações teem notado que, se esses julgamentos não existissem, cada magistrado não tiraria das provincias senão o que lhe parecesse sufficiente para si proprio, ao passo que hoje cada um d'elles subtráe tudo o que precisa para si e para seus protectores e advogados, para o pretor e para os juizes, e por isso as malversações não teem mais limites.»

Existem, no assumpto, paginas verdadeiramente assombrosas em Plutarcho. Se Cicero chamava os proconsules de *abutres*, o escriptor grego comparava-os, a elles e aos publicanos, ás *harpias*. Fallando da Asia sob o governo de Lucullo, dizia o distincto philosopho: «Devastada, reduzida á servidão pelos publicanos e pelos usurarios, seus melhores habitantes estavam reduzidos a vender seus mais bellos jovens e suas filhas virgens, e as cidades — seus objectos de culto, seus quadros, as estatuas dos deuses; e, no fim de tantas vexações, os cidadãos eram adjudicados, como escravos, a seus credores. O que soffriam, antes de caír em escravidão, era mais cruel ainda: torturas, prisões, cavaletes, exposições aos rigores do tempo, queimados no verão pelos ardores do sol e mettidos na lama ou no gelo durante o inverno. Dest'arte, a escravidão era para elles um allivio e um repouso.»

Eis um traço da tomada e do saque de Athenas por Sylla, no grande escriptor: «Sylla entrou em Athenas á meia noite, aos gritos furiosos do exercito, a quem elle tinha dado licença para pilhar e degolar. A carnificina foi horrivel: sem contar os que fôram mortos nos outros quarteirões, o sangue derramado na praça regorgitou pelas portas e correu pelos arrabaldes.»

O saque foi homerico; a soldadesca não deixou nada aos vencidos.

Coisas assim atrózes, contam-se ás duzias e centenas na *Vida dos homens Illustres*. A mór parte d'ellas deixam em apagada postura as proëzas dos hespanhóes e portuguezes.

Mas deixem-se os Ciceros e Plutarchos e ouçam-se os escriptores christãos, mais doces e complacentes.

Falando dos romanos, pondera Bossuet, grande admirador do povo rei: «A ambição não deixava a justiça pezar em seus conselhos. Suas injustiças eram tanto mais perigosas quão melhor sabiam disfarçal-as com o especioso pretexto da equidade e pôr no jugo, insensivelmente, reis e povos, sob a capa de os proteger. Eram, além d'isso, crueis para com os que lhes resistiam. Para espalhar o terror, affectavam deixar nas cidades tomadas, terriveis espectaculos de crueldade, e parecer implacaveis a quem esperava a força, sem poupar os reis, que, deshumanamente, faziam morrer, depois de tel-os levado em triumpho,

carregados de ferros e levados em carros como escravos.»

E porque a pilhagem, a pirataria, a depredação, desde o começo, foi sempre o movel principal de suas guerras e conquistas, o proprio Montesquieu não se dedignou de ponderar: «Como se julgava da gloria d'um general pela quantidade de ouro e prata que levava em seu triumpho, nada deixava elle ao inimigo vencido.»

As guerras civis que ensanguentaram a agoniada Republica, na phrase d'um historiador, mostraram os romanos em toda a sua ferocidade; nas relações com os demais povos, despiram-se elles de toda fé e de toda lei.

Davam-se até ao luxo de apoderarem-se dos reinos por decreto.

Sobre isto reflexionava o admiravel auctor do *Espirito das Leis:* «Senhores do Universo, os romanos arrogaram-se o direito a todos os thezouros: roubadores, menos injustos como conquistadores do que como legisladores. Tendo sabido que Ptolomeu, rei de Chipre, tinha immensas riquezas, fizeram uma lei pela qual se constituiram herdeiros de um homem vivo e confiscaram um principe alliado.»

Topicos são estes isolados, aptos, porém, a revelarem a rapacidade e a crueza do famoso povo rei.

Mais explicito é o grande Herder, que recapitula, em poucas palavras, toda a historia das depredações romanas, e pergunta: «Que produziram as guerras

mortiferas com os povos italianos? A pilhagem e a devastação. Não conto os homens mortos dos dois lados; a ruina de nações inteiras, como as dos etruscos e dos samnitas, a destruição das cidades, a perda de sua independencia, fôram a maior das desgraças que se tem feito sentir até os derradeiros tempos. No meio de seus circulos mathematicos, foi morto o grande e sabio Archimedes e como admirar que os seus compatriotas ignorassem onde repouzavam suas cinzas, se sua patria desceu com elle ao tumulo? — Incrivel é o damno causado pelo dominio de Roma, n'este canto do mundo, ás sciencias e artes, á cultura do sólo e ao desenvolvimento do pensamento humano... Submettida a Italia, a longa lucta com os carthaginezes começou por um modo que deve fazer corar o mais fervoroso partidario dos romanos. Os soccorros dados aos mamertinos, a tomada da Sicilia e da Corsega, exactamente na epocha em que a tremenda revolta dos *mercenarios* punha Carthago no ultimo apuro, a deliberação de graves senadores, —*se uma Carthago devia ainda ser conservada na terra,* —como se se tratasse d'uma arvore por elles plantada, tudo isto e mil traços mais d'este genero fazem, a despeito da perseverança e da coragem dos romanos, de sua historia uma historia de demoios... Para qualquer parte que mova os olhos, deiındo Carthargo, só vejo destruições e ruinas, pore por toda parte esses conquistadores do mundo ɔixam os mesmos signaes.

Se os romanos tivessem pensado seriamente em ser os libertadores da Grecia, como blazonaram nos jogos isthmicos, sua conducta teria sido inteiramente diversa.

Que sorte te reservaram, oh! Grecia, os teus protectores! O que de ti nos resta são as ruinas que os teus barbaros vencedores levaram em triumpho, para que nas cinzas de sua propria cidade perecesse tudo que de bello a humanidade tinha produzido...

Se da Grecia olharmos para a Asia e Africa, basta dizer que conhecidas de todo o mundo são as proezas de Scipião—o Asiatico, de Melius, de Sylla, de Lucullo, de Pompeu... Que salteadores! Que deram, em compensação, os romanos ao Oriente? Nem leis, nem paz, nem instituições, nem artes; devastaram o paiz, queimaram as bibliothecas, os altares, os templos, destruiram as cidades...

A Hespanha foi para Roma o que a America, prosegue Herder, é hoje para os hespanhóes: mina a explorar, terra para a pilhagem».

O historiador philosopho tem razão nas linhas geraes de seu juizo ácerca dos romanos, maximé no que se refere á acção d'esse latinos no Oriente, acção quasi apagada até certo ponto.

Deveria, porém, ser mais explicito em reconhecer as vantagens da administração romana no Occidente, Italia, Hespanha e Gallia, a despeito de toda a brutalidade de seu genio e do espirito depredador de seu caracter.

Mistér seria não equiparar tão completamente a administração hespanhola da America á romana do velho mundo.

Os mestres dos hespanhoes e portuguezes ficaram muito acima dos discipulos.

E se áquelles não occorreu ainda a ninguem, em bom juizo, chrismar de *parasitas*, menos é possivel applicar aos outros o epitheto.

Nem se pense ser mistér, para proval-o, remexer Cicero, Plutarcho, Bossuet, Montesquieu e Herder.

Não foi preciso ir tão longe: estão citados, ao lado de outros, no volume 3.º dos *Estudos sobre a Historia da Humanidade*, por F. Laurent, volume consagrado a Roma. E' livro de facillimo accesso. Quem se quizer convencer do que fôram as conquistas, a colonisação e a administração romanas, — leia os capitulos intitulados — *Os municipios*, *As colonias*, *Os alliados italianos*, *Relações com os povos estrangeiros*, *A dedição*, *As provincias*, *A pilhagem do mundo*, *O regimen da força bruta*. —

Quem quizer, leia e compare com as noticias pelo sr. Bomfim tomadas a Oliveira Martins e Rocha Pombo — ácerca de ibericos na America.

Pelo que toca, peculiarmente, á acção do governo da metropole portugueza no Brazil, já o nosso ;rande historiador, o incomparavel J. F. Lisbôa, tiha dito coisas muito mais serias e fundadas, sem ue, todavia, cheguem para, sobre ellas, se levantar pagodeira do *parasitismo*.

XIV

A velha e debatida questão dos moveis explicativos da decadencia das nações peninsulares não adeantou um passo com a doutrina do professor do *Pedagogium*.

Se o decantado parasitismo firma-se mal no erro historico da invenção de doze seculos de guerra desabrida e na subsequente falsa depredação das colonias por dilatados tresentos annos, a decadencia não se póde explicar por um facto tão mal escorado.

Para mostral-o, basta uma simples consideração: a decantada decadencia das nações ibericas data, quanto a Portugal, segundo todos os historiadores, dos fins do reinado de D. Sebastião, (1557-1578) chegando até o reino a perder a independencia dois annos após o desapparecimento do *Encoberto* (1580); e quanto á Hespanha, desde os fins do reinado do famoso *Demonio do meio dia*, Philippe II, reinado que se distendeu de 1556 a 1598.

Ora, até então, a colonisação da America tinha apenas sido iniciada. No Brasil, até 1530, nada se fez. D'esta epocha até ao meiado do seculo, foi a phase dos donatarios, que quasi nada puderam conseguir.

A ultima metade foi a das primeiras tentativas mais serias por parte da realeza; mas o seculo, con-

forme provou Varnhagem, findou com um *deficit* notavel para o governo portuguez.

Analoga foi a evolução, n'esse periodo, das colonias hespanholas.

Os conquistadores gastaram esse tempo em descobrir as terras, luctar com os indigenas, fundar as primeiras cidades, estabelecer o governo e as normas da administração, tudo com o animo claro de quem pretendia fazer casa e ficar, é certo, mas com minguadas vantagens.

Se tudo isto é a verdade, resulta dos factos que a decadencia das metropoles se manifestou bem antes de começarem a tirar proveito serio de suas colonias americanas, e não passa de um crasso dislate fazel-a depender d'um *parasitismo* que não tinha ainda podido começar...

A explicação do sr. dr. Bomfim offereceria certo gráu de verosimilhança, se a decadencia, resultado da depredação parasitaria, se tivesse revelado após um ou dois ou tres seculos de vida regalada á custa alheia.

Foi o que se não deu. Em 1580 e 90, já a decadencia lavrava forte nos dois paizes ibericos, prolongando-se por todo o decorrer do seculo XVII.

Pelo que toca ao seculo XVIII, ha ainda uma obvação a fazer, que destróe pela base a theoria do ctor sergipano.

Este seculo foi quasi todo, em Hespanha, preendo por tres reinados de principes de primeira or-

dem: Philippe v (1700-45), Fernando vi (1745-59), Carlos iii (1559-88). Foi uma epocha de renascimento, de largo progresso, de animação e de vida.

Se verdadeira fôra a doutrina de Manoel Bomfim, essa renovação não se poderia ter dado; porque, n'esse tempo, já a gente hespanhola devia estar desgraçada por mais de um seculo de parasitismo na America; porquanto, se parasitação houve, esta se deveria ter dado desde fins do seculo xvi e por toda a extensão do xvii e do xviii, e os viciados hespanhóes deveriam estar cada vez mais mergulhados na pasmaceira, na dormente miseria de seu descaír.

Abatidos desde os fins do reinado de Philippe ii e sob os governos dos miseros principes que se chamaram Philippe iii, Philippe iv e Carlos ii, (1598-1700), os hespanhóes, sempre *parasitando* no pensar do nosso Manoel, levantam a cabeça, chegam a parecer regenerados sob Philipe v, Fernando vi e Carlos iii, e, sempre parasitando na phantasia de Bomfim, cáem de novo com Carlos iv, José Bonaparte e Fernando vii...

O parasitismo, que chega a consentir periodos tão diversos entre si na vida de seus adeptos, tantos altos e baixos na existencia de seus sequazes, é uma doutrina, pelo menos, muito elastica...

Em Portugal, no seculo xviii, deu-se egual phenomeno no reinado de D. José, com a alta capacidade do marquez de Pombal: a safadeza parasitistica não pôde impedir uma evolução para adeante, depois de

uma devastação de perto de duzentos annos, a admittir-se que tenha esta começado, quando muito, alli, por 1580 ou 90.

Claro é, por todos estes motivos e muitos outros que poderiam ser adduzidos, que o sr. Manoel Bomfim, com seus delirios parasitarios, não faz idéa clara do que fôram a grandeza e a decadencia da Hespanha.

Embrulha e confunde tudo. Arranca das cinzas d'uma fogueira de doze seculos, sem mais *tirte nem guarte*, uma nação forte, grande, prospera, adeantada, progressiva, culta e illustre sob todos os titulos.

Verdade é que o nosso mestrinho do *Pedagogium* não é o primeiro a se servir d'essa linguagem, que sempre me pareceu soffrivelmente illusoria e falsa.

Sempre tive para mim que ou os horrores da fogueira não fôram tamanhos ou a grandeza da Hespanha tão notavel como se assoalha.

O atropelo dos factos é tal nas paginas da *America Latina*, que nem se sabe quando começa nem quando acaba a grandeza da Hespanha, nem quando começa e acaba o seu parasitismo.

«...Essas nações, escreve Bomfim, fôram, em tempos relativamente bem proximos, excepcionalmente *poderosas, ricas e adeantadas*.

Houve um momento, *ha pouco mais de tres se-'os*, em que a Hespanha dominou a Europa *e avas-ju o mundo quasi inteiro*. N'essa epocha, os po-s ibericos estiveram effectivamente *na vanguarda*

do progresso; a civilisação da peninsula foi das *mais brilhantes e fecundas,* n'esse momento ephemero. Arrancando-se a um dominio estrangeiro, aquelles povos se constituiram em nacionalidados, *perfeitas* para sua epocha, *vigorosas, activas, brilhantes;* o seu poder era incontrastavel em terra e absoluto nos mares; as suas energias offuscaram, então, a historia dos outros povos». (Pag. 24).

Esse momento de gloria hespanhola *foi ha pouco mais de tres seculos,* o que nos transporta ao seculo XVI.

O livro do dr. Bomfim foi escripto, ao que consta, em 1903; tirados os tres seculos, cahimos em 1603; mas a *grandeza foi algum tanto anterior,* o que nos leva a 1580 ou 90, se quizerem. A contar d'ahi para atraz até 1500 ou 1492, pois que o auctor allude á quéda de Granada, é que se distende o *momento ephemero* do apogeu hespanhol.

E' o periodo de Fernando e Izabel, Carlos V e Philippe II; não resta duvida, e o proprio auctor o confirma linhas abaixo n'estas palavras: «A Hespanha não é hoje a sombra, sequer, do que foi no seculo XVI. Então, ella era a *primeira entre as nações da Europa...»* (Pag. 25).

Entretanto, o guapo escriptor, com um enthusiasmo que merecia melhor emprego, se encarrega de deitar fóra esse mesmo seculo de grandezas, de apagal-o, pois que, paginas adeante, escreve: «Um seculo de *estagnação politica,* de conservantismo

systematico, é um seculo de *regresso social.* As nações da peninsula viveram assim, *não um seculo, mas tres.*

No momento em que normalisaram a vida como parasitas—entenderam todos que estavam no melhor dos mundos, e que o essencial *era não modificar em nada a situação. A Inquisição e a Companhia de Jesus incumbiram-se de matar todas as velleidades de progresso...»* (Pag. 104).

Alli, o seculo XVI foi um periodo em que a Hespanha *foi invencivel, absoluta em poder incontrastavel em mar e em terra, avassalou o mundo quasi inteiro, dominou a Europa, offuscou a historia dos outros povos,* série esta de exaggerados despropositos que encerram outras tantas falsidades.

Aqui, o mesmo seculo XVI não passou de uma epocha *de estagnação, de regresso social, que serviu apenas para normalizar a vida dos hespanhóes como parasitas e na qual se mataram todas as velleidades de progresso...*

E' de desorientar a cabeça mais solida; fica-se sem saber o que pensa, na realidade, o Manoel, por conta do seculo de Colombo e Camões. Nem se ouze dizer sophysmaticamente que o famoso seculo XVI não está em o numero dos *tres* em que as gentes da peninsula *viveram,* na phrase de Bomfim, *na estagnação.*

Contra tal interpretação, protesta todo o livro no qual se dá de principio a fim o seculo XIX como sendo

aquelle em que os povos ibericos, perdidas as colonias, começaram a regenerar-se, sendo os tres anteriores (XVI, XVII e XVIII) os da *estagnação parasitaria*.

E para que não reste a mais leve duvida ácerca do direito que tem a epocha de *quinhentos* ao seu quinhão na safada pasmaceira parasitaria, o impavido psychologo do *ciúme* brada com requintes de quem tem desejos de empolar a fé alheia:

«Quando começou a colonisação da America, *já as nações peninsulares estavam viciadas no parasitismo*, e o regimem estabelecido é, desde o começo, um regimen *preposto exclusivamente á exploração parasitaria*». (Pag. 110).

E é a uma gente assim, viceralmente viciada, barbaresca gente affeita a depredações, saida de uma lucta selvagem de doze seculos, que, de repente, sem transição, sem aprendizado, se outorga o poder de avassalar e deslumbrar o mundo!

Ha n'isto uma contradição intrinseca, um pronunciado ataque ao bom senso, que a sciencia psychologica de todos os Bomfins não consegue apagar, ou attenuar sequer. E' mistér encurtar o raio dos elogios ou o das censuras, o das grandezas ou o dos defeitos.

Eu, por mim, encurtaria ambos: nem as gentes peninsulares são portadoras de tantas mazéllas, como pensa o auctor da *A America Latina*, nem ellas fizeram tão assombrosas coisas, como elle inconsciente-

mente repete, reproduziudo phrases de declamadores incorregiveis.

A investigação das causas da decantada decadencia das nações ibericas tem dado logar a uma vasta litteratura.

Para com firmeza apreciar o livro do escriptor sergipano, tive ensejo de reler quatro dos mais correntes estudos consagrados ao assumpto: os de Anthero de Quental, de Oliveira Martins, de Th. Buckle e de Pompeyo Gener.

As *Causas da decadencia dos povos peninsulares*, de Anthero, são um discurso emphatico, sonoro e cantante, onde a phrase predomina sobre a idéa, phenomeno mui do gosto de phantasistas e meridionaes, que trocam fatalmente doutrina por palavreado. E' uma peça de estylo, na qual pouco ha a apurar. A idéa mais aproveitavel que d'alli se póde extrahir, verdadeira mas não original, é a de que as gentes ibericas não collaboraram na formação e desenvolvimento da sciencia moderna. «Durante duzentos annos de fecunda elaboração, refórma a Europa culta as sciencias antigas, cria seis ou sete sciencias novas, a anatomia, a physiologia, a chimica, a mechanica celeste, o calculo differencial, a critica historica, a geologia; apparecem os Newtons, os Descartes, os cons, os Leibnitzes, os Harveis, os Buffons, os ıcanges, os Lavoisieres, os Vicos; onde está, entre nomes d'estes e dos outros verdadeiros heroes epopéa do pensamento, um nome hespanhol ou

portuguez?» São palavras de Anthero, que occorrem no discurso por Manoel Bomfim attribuido a Theophilo Braga, amesquinhador posthumo do poeta das *Odes Modernas*.

Já bem antes do escriptor portuguez, Buckle na *Historia da Civilização na Inglaterra*, tinha insistido, como principal causa da decadencia de Hespanha, na ausencia alli do cultivo das sciencias no pavoroso periodo.

Oliveira Martins, n'uma synthese immethodica e tumultuaria, allude ao desequilibrio geral de toda a vida das nações peninsulares, causado pelo ouro da America, que as corrompeu e as fez descer os degráus do tumulo; e mais á necessidade de sustentar interminaveis guerras, que levou Carlos v a adoptar expedientes financeiros que roubaram a maior parte dos capitaes ás industrias productivas da nação; aos emprestimos forçados; aos aboletamentos obrigados das tropas; ás falsificações da moeda; aos monopolios e direitos das alfandegas que estancaram as fontes da riqueza commercial; ao abandono do trabalho agricola e das industrias, atraz das miragens da America e da India; á expulsão dos judeus e dos mouros; á ignorancia, geradora do fanatismo e da intolerancia, e mais vinte outras causas secundarias, quasi todas já dantes tambem apontadas pelo alludido pensador inglez.

O mais interessante, porém, é que, depois de desfiar o seu rosario de causas, Martins, como que

se arrepende de as ter enumerado, faz uma parada subita e declara que todas ellas são impotentes para explicar o facto: o que matou a Hespanha foi a *grandeza da extraordinaria idéa, por ella concebida, cuja realisação heroica a extenuou!*

E querem saber qual é essa grande *obra* e essa grande *idéa,* que o auctor portuguez compara ao *Renascimento* na Italia, e á *Refórma* na Allemanha? E' a *Inquisição!...*

«Quem estudou a historia de Roma na *Renascença,* sabe quanto o estado a que o christianismo chegára, o tornava insufficiente para as almas piedosas. Ahi reside a causa intima dos movimentos reformadores, que rebentam parallelamente na Hespanha e na Allemanha, dando, de si, a *Inquisição* na primeira, o *Protestantismo* na segunda». E' incrivel; mas está escripto... A *Inquisição* dada como um *movimento reformador que achava insufficiente o christianismo para as almas piedosas!...*

E' impossivel mais barbaridades em tão poucas linhas. E tal é o enthusiasmo de Martins, que, logo em seguida, assevera que foi a *Inquisição* que descobriu o *Novo-Mundo* e venceu o antigo. Parece um delirio com 42 gráus de febre: «...Entre o *mysticismo* dos allemães, o *naturalismo* dos italianos e o *déalismo* peninsular; entre o sentimento que leva aos delirios dos anabaptistas, o que leva ás monsruosidades dos Borgias, e o que leva a formar a ıleiade dos heróes que dominaram o velho mundo

e descobriram o novo, a palma cabe ao ultimo, apezar das suas funestas consequencias ». *(Historia da Civilisação Iberica*, pag. 257 e 58; 2.ª edição.)

Na *Refórma* só vê de predominante o fervor dos anabaptistas; no *Renascimento*, os crimes dos Borgias. Digna visão historica de quem faz nascerem da *Inquisição* os heróes da peninsula!

Nem ao menos se lembra que a melhor parte d'elles vingou *antes* e a outra *a despeito* d'ella. Nem ao menos se lembra de notar o abysmo que váe da Refórma, fonte de vida para o norte da Europa, e da Renascença, principio de renovação para a Italia, á Inquisição, germen de morte para a Hespanha.

E é a um gerador de extravagancias d'este e de peior quilate que o sr. Manoel Bomfim vive a pedir lições, copiando-lhe paginas e paginas. E' que o auctor da pretensa *Historia da Civilisação Iberica* era ardente cultor do palavreado campanudo, retumbante, imponderado e vasio, muito do gosto e da admiração de todos os mendigos de idéas e saber, que enchem a actual phase litteraria brasileira. E' o troço onde se recrutam os sacerdotes e officiantes d'esse néo-bysantinismo sovado que anda agóra a dissertar sobre o *ciúme*, a *tristeza*, a *dôr*, o *pé*, a *mão*, o *beijo*, a *agua*, a *preguiça*, a *asnidade* e outros problemas assim... Deixemol-os; porque urge passar a outro analysta das causas da decadencia de Hespanha: Henrique Thomaz Buckle, que foi a fonte principal em que beberam Anthero, Martins e o proprio Pompeyo Gener.

O caso da Hespanha, na obra do valoroso escriptor britannico, occorre para corroborar a theoria historica do auctor. Sabe-se que Buckle doutrina ser a civilisação essencialmente movida pelo concurso de duas ordens de forças: as *physicas* e as *mentaes*, predominando as primeiras nos antigos tempos e as outras nos modernos. Estabelece mais a divisão das energias mentaes em *moraes* e *intellectuaes*, sendo estas ultimas as que impellem para deante os povos.

Na Hespanha deu-se, por dilatados seculos, pressão rigorosa do *meio* exterior, quasi sem resistencia da parte de populações mal apparelhadas para resistir-lhe, e subsequente predominio das forças *moraes*, religião, governo, tradições, costumes, com prejuizo dos largos impulsos intellectuaes movidos pela sciencia.

O andar normal da civilisação executa-se, na opinião do philosopho, conforme os quatro principios seguintes: 1.°, o progresso humano depende da segura investigação das leis dos phenomenos da natureza e da proporção em que se espalha o conhecimento d'estas leis; 2.°, para que tal investigação possa ter inicio, mistér é que surja fecundo espirito de *duvida* que, auxiliar a principio das pesquizas, é depois por ellas ajudado; 3.°, os descobrimentos por esse caminho alcançados fazem crescer o prestigio das verdades intellectuaes e diminúem, relativamente, a influencia exclusiva das leis moraes; porque estas, não podendo tornar-se tão numerosas, são

mais estacionarias que as intellectuaes; 4.º, o grande inimigo d'este movimento ascencional, e pois o grande inimigo da cultura, é o espirito *protector*, isto é, a idéa que a sociedade não póde prosperar sem a guia e o auxilio do Estado e da Egreja nos menores passos da vida, encarregando-se o Estado de ensinar aos homens o que devem fazer, e a Egreja o que devem crer.

Na peninsula iberica, os tres primeiros principios tiveram negativa realisação e o ultimo reinou d'alto a baixo com um despotismo cruel. Na demonstração d'esta these, o pensador inglez traça um quadro de mão de mestre do meio physico da peninsula e da evolução das suas populações do v ao xix seculo da éra vulgar. Tendo nas theses geraes de seu livro estabelecido que, entre os factores physicos, tem singular predominio o que elle chama *o aspecto geral da natureza*, factor este que, nas primitivas civilisações tropicaes, tinha sido o agente principal da *superstição*, com o inflammar a imaginação do homem, impedindo-o de analyzar phenomenos physicos que lhe pareciam ameaçadores, não se esquece de notar que, de todos os paizes da Europa, é a Hespanha o que, sob tal ponto de vista, tem mais semelhanças com as regiões tropicaes.

Aponta o *calor* e a *seccura* do clima, augmentados pelas difficuldades da irrigação, o que tem sempre levado o sólo ao estado de extrema aridez. A esta causa e á *raridade das chuvas*, attribúe o ser

a peninsula, mais do que qualquer outra região europêa, devastada pelas *séccas* e as *fomes*. Estas vicissitudes do clima, maximé nas regiões centraes e meridionaes, faziam da Hespanha uma terra *insalubre*, o que, com a frequencia da *fome* durante a edade-média, tornou demasiado graves as devastações da *peste*.

Lembra, em seguida, os *terremotos* que, por vezes, teem causado alli grandes desastres e ajudado a superexcitar os sentimentos *supersticiosos*. Allude ao predominio da vida *pastoril* em vastas zonas da peninsula, com seu caracter meio *nomada* e subsequente desprazer pelos habitos regulares da vida agricola. Não deixa de mostrar como esta tendencia se viu reforçada pelos azares da guerra de reconquista. A vida tornou-se incerta, o *amor das aventuras* e o *espirito romanesco* espalharam-se por toda a parte. Tudo se tornou precario, inquieto, alleatorio; *pensar* e *investigar* era impossivel, a *duvida* não podia surgir e o caminho das crenças enraizadas e *fanaticas* e o caminho da *superestição* estavam abertos. Pelo que toca á acção da historia, o escriptor inglez firma com força o facto de, na formação da Hespanha moderna, logo no v seculo, quando se lançaram os novos elementos do povo actual, ter-se visto a geração que surgia para os novos destinos, forçada a *uma guerra pela independencia*, que foi, ao mesmo tempo, *uma guerra pela religião*.

Foi o caso que os francos, convertidos ao chris-

tianismo, por serem *orthodoxos*, moveram guerra aos visigodos, sectarios da doutrina de Ario. A heresia *ariana*, seguida pelos suévos e godos, por cento e cincoenta annos teve na Hespanha seu principal baluarte. A egreja estimulou Clovis e seus successores a fazerem a guerra aos visigodos *incredulos*. N'essas luctas, que duraram perto de cem annos, o imperio visigothico esteve a dois dedos de total ruina. As provincias que possuía na Gallia, fôram perdidas, e as da Hespanha seriamente ameaçadas. Dest'arte, uma guerra pela independencia nacional era, ao mesmo tempo, uma guerra pela religião nacional, e uma alliança intima se realizou, naturalmente, entre os reis arianos e o clero ariano.

—Hence, in Spain, a war for national independence became also a war for national religion, and an intimate alliance was formed between the arian kings and the arian clergy.—

Aqui está a origem primeira da enorme influencia que sempre exerceu o clero em Hespanha. Quando no VI seculo, os reis visigodos se converteram á fé orthodoxa da Egreja, o clero latino veio a gozar de ainda maior prestigio reconhecido pelos proprios soberanos agradecidos áquelles que os tinham tirado das veredas do erro.

Mais tarde, é a invasão dos arabes e o começo das luctas da reconquista, e uma *nova guerra pela independencia é ainda uma guerra pela religião nacional*. E esta foi demasiado extensa.—A desperate

struggle ensued, which lasted eight centuries, and in which, a second time in the history of Spain, a war for independence was also a war for religion. —

Os terriveis azares da guerra trouxeram a *pobreza* dos combatentes christãos por muitos seculos, a grosseiria dos costumes, a *ignorancia* e, com tudo isto, um arraigado espirito de *veneração*, gerador principal da *credulidade* e do *beatismo régio*, da *superstição* e da *subserviencia aos reis*, da *submmissão* e do *fanatismo*.

Toda esta parte do livro de Buckle é de uma fina analyse de ethno-psychologia, que merece acurada leitura.

—The Mohammedan invasion made the Christians poor; poverty caused ignorence; ignorence caused credulity; and credulity, depriving men both of the power and of the desire to investigate for themselves, encouraged a reverential spirit, and confirmed those submissive habits, and that blind to the Church, whiche form the leading and most infortunate peculiarity of spanish history... And that there is a real and pratical connexion between loyalty and superstition, appears from the historical fact that the two feelings have nearly always flourished together and decayed toge ther... These were the great elements of which the spanish character is compound. — Guerra e religião, militares e padres tomam, facilmente, a deanteira a todas as classes.

As relações economicas são descuradas, a agri-

cultura e as industrias productoras despresadas e entregues exclusivamente ás clases inferiores e servas da *mourisma*. Com a expulsão d'estas, que é terminantemente imposta pela intolerancia, todos os officios, todos os generos de trabalho, desceram a completa ruina.

Os estudos scientificos não chegaram a organizar-se até tempos proximos a nós; a educação fradesca reinou desassombrada, teve o delirio, compartido pelos principes, de depurar a fé e o conseguiu accendendo as fogueiras da Inquisição. Morta a vida intellectual, a verdadeira vida espiritual da investigação desassombrada e livre, da sciencia, seccas as fontes productoras do trabalho e da riqueza nacional, cahiu a gente hespanhola no lastimavel estado de miseria que encheu todo o seculo XVII, chegando a sentir-se fome em Madrid...

Baldados fôram os esforços de grandes reis, como os já citados—Philippe V, Fernando VI e Carlos III, para erguer o povo de seu abatimento, levantando-o pelo concurso das idéas livres, arrancando-o do captiveiro clerical. Debalde.

No tempo de seus successores, todas as grandes medidas fôram desfeitas e tudo voltou ao antigo lethargo.

E' que os povos educados como o hespanhol vivem da tutela e pela tutela do poder, a direcção do alto; e só caminham certo quando são guiados por chefes de valor. Foi assim, na peninsula, com Fer-

nando e Izabel, Carlos v e mesmo Philippe II. Eram principes de intelligencia e energia. Diverso foi o caso com os seus successores — Philippe III, Philippe IV e Carlos II. Fôram principes de um cretinismo, uma boçalidade a mais não poder. A Hespanha rolou com elles ao abysmo.

Mais tarde, como já ficou notado, com Philippe V, Fernando VI e Carlos III, altos espiritos, houve um renascimento, posto de novo a perder pelos successores d'estes reis. E' que viciado é o systema de governo que, tendo por base a fidelidade e o respeito do povo, funda seu successo não na intelligencia de toda a nação e sim na habilidade d'aquelles a quem se acham confiados os destinos de todos.

O caso da Hespanha serve para mostrar quão impotente é um governo para esclarecer uma nação e quão essencial é que o desejo de progredir venha, antes de tudo, do seio do proprio povo. O progresso só é effectivo quando é espontaneo; o movimento só é fecundo quando sáe do interior das massas e não de fóra; quando provém de causas geraes que actuam sobre todo o paiz e todo o povo, e não sobre a vontade de alguns individuos poderosos.

Mergulhada na ignorancia, adorando o passado, sem impulsos para reformar suas idéas e seu cara-
er, a nação hespanhola, submissa a seus reis e a
eus padres, foi-se deixando rolar na decadencia, sa-
sfeita de si propria, descuidosa de tudo que ia fa-
ndo a renovação do mundo.

Dest'arte, fazem-se notar, adeanta Buckle, os hespanhóes por uma inercia, uma falta de elasticidade, uma ausencia de esperança, que os insulam, em nossos tempos, ousados e emprehendedores, do mundo civilisado: convencidos de ser pouco o que resta a fazer, não se apressam em o executar.

—Hence the spamards are remarkable for an inerthness, a want of buoyancy, and an absence of hope, which, in our busy and enterprizing age, isolate them from the rest of civilized world. Believing that little can be done, they are in no hurry to do it.—*(History of Civilisaton in England*, II, pag. 595 e *passim)*.

Claro é que não tenho aqui a obrigação de fazer a critica das opiniões de Buckle ácerca das causas da decadencia hespanhola, cuja rapida *silhouette* procurei apenas offerecer.

O fim é mostrar que o historiador britanico andou por largas estradas e não encontrou o parasitismo de Bomfim.

Pompeyo Gener, em seu livro *Heregias*, traz um ensaio intitulado—*La Decadencia Nacional*. E' um escripto vibrante em que o celebre auctor de *A Morte e o Diabo* repete quasi todas as observações de Buckle, sem o citar,—máu grado referir mais de cincoenta auctores, alguns dos quaes inglezes. Gener, porém, tem o cuidado de juntar algumas notas que se não deparam na *Historia da Civilisação na Inglaterra*. D'este numero é o que refere do concurso das *raças*

inferiores na formação do povo hespanhol e da larga parte que tiveram e continúam a ter em sua decadencia.

O estado de inferioridade da civilisação em Hespanha é, no pensar de Pompeyo Gener, *essencial* e refractario a toda refórma politica e a quaesquer medidas economicas, e só póde ceder a um systema completo de educação que chegue *a modificar o intimo do caracter nacional.*

Em synthese, as causas d'essa inferioridade são:

1.º—As correntes dispares de raças que concorreram para formar os diversos povos que hoje habitam o paiz;

2.º—O predominio do castelhano, o povo em que mais influiram os máus elementos ethnicos semiticos e présemiticos, sobre todas as outras gentes hispanicas;

3.º—O modo como o castelhano, com seus costumes nomado-guerreiros e religiosos, fez a unificação, com o predominio theocratico e monarchico;

4.º—O despovoamento e consequente falta de trabalho e de cultura.

Na demonstração d'essas theses, o illustre auctor das *Litteraturas Malsanas* traz algumas considerações proprias e repete muitas das que já tinham sido feitas Buckle.

As referentes ao auctor ethnico, posto que encer alguns erros, são as mais interessantes.

Falo de *erros*, porque Pompeyo Gener ainda se

deixa resvalar no equivoco de menoscabar dos semitas, de desconhecer a filiação dos *berberes*, que, sob o nome de *iberos*, constituiram e constitúem o fundo principal da mór parte das populações hispanicas, e são do ramo *Kamitico*, em que se prendem os *lybios*, *ethiopes* e *cananéos*.

Convém-me citar uma das muitas passagens attinentes ao ponto, porque parece retrato tirado da fátua gente brasileira.

«No sabemos ya si el intelecto español, en general, es capaz de progresar y civilisar-se á la moderna, á causa de la larga serie de causas que han favorecido la aparicion de *atavismos inferiores*. Hay demasiada sangre semitica y berber esparramada por la peninsula para que pueda generalisar-se en la mayoria de sus pueblos la sciencia moderna, para que adquieram una conducta conforme á la universales relaciones de la Naturaleza, para que abandonen el pensar con idéas absolutas, *ó sólo con palabras.*

Lo único que se generalisa aqui muy facilmente es la milagreria religiosa ó de otra especie; lo imprevisto, lo imposible, esto es la ley.

Siempre las turbas, marchan detrás de los dres. Garrido... Aunque se digan liberales los jefes de los partidos españoles, siguen aún mandando á lo Califa. *Su psicologia és oriental:* al que el Sultan toca, aquel es el elegido por Alá para desempeñar cualquier cargo con acierto; no importa que sea un cocinero ó un sastre el elegido; el podrá ser um

buen ministro de Ultramar ó de Fomento... Así obran en el poder los jéfes de los partidos y entre estos, aún los republicanos, los tienen indiscutibles, *y tienen á honor el apellidarse del nombre del jefe.* Un solo hombre disponiendo en absoluto de la conducta pública de un gran grupo de sus semejantes, y hasta de su porvenir colectivo! *En España se es de fulano ó de zutano.* Para un castelarista, por ejemplo, una objeción puesta á Castelar es un crimen más grave que para un católico el de atacar el Sacramento. Toda la politica española afecta hoy un bizantinismo deplorable, *una division microscopica inverosimil;* por todas partes predomina un espiritu de *personalismo asqueroso, mantenido por quienes no tienen personalidad de ningún género.* Hemos dicho *bizantinismo* y nos hemos equivocado. En Bizancio se defendian por *verdes* y *azules* diferencias de dogma, diferencias de idéas fundamentales en la conciencia, pero en el Madrid politico no hay idéas ni hay conciencia ni hay nada.

La cuestión es ser amigo de este ó de quel hombre público que sólo tiene de notable el parecerse á las mujeres que se las designa con el mismo adjectivo.

Si observamos las altas esferas de la capital de la nacion, hallamos sólo el imperio absoluto de la ,ente del *Verbo, la aristocracia de la palabreria,* el 'ue mejor habla es el que llega más alto; un Was- 'ngton, un Cromwell, un Cavour, que no fueran 'adores, en España, no llegariam á obtener un em-

preco de seis mil reales. Todos aguzan la facultad del lenguaje y olvidan las otras superiores facultads, pues esta, más facil de cultivar que las otras, es la unica que les abre la via hasta los altos puestos. Y es que en España se crée que el que sabe el nombre de las cosas sabe ya lo que son las cosas, y por lo tanto *producirlas, modificarlas ó gobernalas.*

Asi como los individuos de las civilizaciones orientales se figuraban modificar el curso de los acontecimientos con ciertas palabras adecuadas, aqui también hay fórmulas para producir el progresso, el orden, la riqueza, el bienestar, y no hay ni progresso, ni orden, ni bienestar, ni riqueza, ni nada... En cuanto á la manifestación de la inteligencia, Madrid tiene hoy una literatura que se precia de lista y que *muere de animia, falta de ideas, de observación y de estudio*, una literatura cuya gama fluctúa entre *las minuciosidads ortografico-arcaicas de ciertos academicos, y los folletines retórico-pornográficos de los escribidores de oficio.*

A lo más pegan en la corte las degeneraciones de lo moderno, los excrementos de la civilización.» (*Heregias*, pag. 232).

O illustre escriptor tem razão.

Por mais minuciosas que sejam ou tenham pretendido ser as considerações devidas aos varios auctores citados ácerca das causas da decadencia das nações peninsulares, Anthero, Martins, Buckle e Pompeyo Gener, não é menos verdade que a estes es-

criptores não se deparou a conveniencia ou a opportunidade de reduzir aquelles povos a meros *parasitas*. Qualidade é esta que não póde convir a uma nação inteira. Estava reservado ao nosso Manoel Bomfim essa maravilha historica e sociologica.

Todos elles notaram a desorganisação do trabalho entre castelhanos; mas não chegaram a conclusão tão absurda.

Todas essas doutrinas, que, aliás, se pódem reduzir a uma só e cujo valor intrinseco não tenho que discutir, repousam na falta de certas distincções, que, se fôssem feitas, lhes mostrariam quanto forçam alguns factos.

Assim, fazem todos datar a formação dos defeitos dos hespanhoes das especiaes circumstancias da guerra de reconquista, circumstancias que encontraram reforço no modo por que se operou a unificação do paiz e nas proezas da descoberta e colonisação das terras d'America, reforço este que mais ainda veio consolidar os alludidos defeitos.

Ora, não se faz mistér mui grande perspicacia e mui atilado senso historico—para se vêr que essas censuradas qualidades do caracter iberico são bem anteriores á reconquista, á moderna unidade da Hespanha e á colonisação da America.

A leitura de Strabão não permitte duvidas a este espeito.

Não é tudo; os seguidores das theorias que raidamente apontei, por amor de suas idéas, são le-

vados a exaggerar os horrores das luctas da reconquista, as calamidades da colonisação da America, no intuito de justificarem o genero aspero, duro, guerreiro e depredador que, por suas doutrinas, são forçados a dar aos hespanhoes.

Ainda mais: fazem brotar de repente do meio de luctas sem fim uma Hespanha de exaggeradas grandezas, cuja formação não pódem explicar e cuja rapida quéda, tambem exaggerada, pouco melhor esclarecem.

Eu me parece, e Deus me perdóe se digo alguma tolice, me parece que a decantada grandeza, a maravilhosa força, o extraordinario adeantamento da Hespanha, no seculo XVI, foi mais apparente que real.

O concurso de tres inesperadas circumstancias é que chegou a produzir essa illusão, esse *qui pro quo* da historia.

Primeiramente, o facto de, tendo ficado o throno de Aragão, por morte de D. Martim, sem representante directo, ser escolhido pelo parlamento de Caspe Fernando, — *El de Ante quera*, que, ligado a Isabel de Castella, juntou esta a Aragão, constituindo a quasi completa unidade da Hespanha, unidade que, com a conquista de Granada, pouco depois realizada, veio a considerar-se definitivamente concluida. Esse facto da quéda do ultimo reducto sarraceno no occidente da Europa echoou por toda a christandade em tom festivo e despertou a attenção geral para a

Hespanha, além de tudo, unida, reduzida a um grande todo.

Pelo mesmo tempo, outro facto, inesperado para Castella, que não cogitava de colonisações e conquistas, foi o descobrimento da America, para ella feito por Colombo.

Acontecimento foi esse que levantou a geral cobiça dos povos occidentaes europeus, que se atiraram todos no encalço da America: inglezes, francezes, dinamarquezes, hollandezes, todos se jogaram através do Atlantico, admirados da fortuna e do poder da Hespanha.

Este poder era meramente illusorio, porque meramente occasional e fortuito. Provinha de uma terceira circumstancia: o filho de Joanna — a Louca, e de Philippe — o Bello, d'Austria, o neto de Fernando e Isabel, Carlos v, rei de Hespanha, era o herdeiro da casa d'Austria e do imperio da Allemanha.

Carlos era habil, reinou por mais de quarenta annos e fez valer a sua posição de imperador.

Isto quer dizer que, além de suas terras de Hespanha, da Italia e de suas colonias da America, se achou senhor da Austria, que n'aquelle tempo dominava a Austria propriamente dita, a Bohemia, a Silesia, a Lusacia, o Franco Condado, o Milanez, o Tyrol, os Paizes Baixos, e investido da auctoridade imperial, o poder do santo imperio romano germanico, a mais alta posição politica européa desde a edade-média.

Era de fazer perder a cabeça a qualquer, e os hespanhoes, invejados de todos, chegaram a julgar-se verdadeiramente grandes e poderosos.

E' verdade que Francisco I, de França, deu-lhes muito que fazer; mas cahiu vencido n'uma lucta verdadeiramente desegual. A illusão de poder e grandeza era geral.

Provinha principalmente da Austria, habilissima na politica diplomatica, e do imperio, cujo prestigio era incalculavel.

Com a abdicação e subsequente morte de Carlos V, começou o reverso da medalha.

Seu successor, Philippe II, ficou ainda grandemente aquinhoado, pois que lhe couberam — a Hespanha, os Paizes Baixos e a Italia, além das colonias do Novo-Mundo; mas perdeu a Austria e a corôa imperial, que passaram a Fernando, irmão de Carlos V.

Desappareceu como por encanto o prestigio. Em balde, a *Demonio do meio dia* e seu irmão siamez — o *Duque d'Alba* — se agitaram no seu delirio de grandeza, allumiado pelas fogueiras da Inquisição.

Os Paizes Baixos revoltaram-se, sairam vencedores da lucta. A Italia passou tambem a outros donos.

Costuma-se marcar dos ultimos annos de Philippe II a famosa decadencia da Hespanha.

A coisa vinha de antes. Tinha-se velado durante o imperio de Carlos V; mas revelou-se tal qual era, quando a corôa imperial passou a outra cabeça.

Basta examinar os actos de Fernando e Isabel,

de Carlos v, na sua qualidade de rei hespanhol, e de Philippe II, para se reconhecer que Philippe III, Philippe IV e Carlos II fôram dignos continuadores de suas obras nefandas.

Não é com gente d'esta que se fazem os grandes povos.

Fernando e Isabel decretaram a expulsão dos judeus e crearam o tribunal da Inquisição.

Carlos v foi um fanatico de máus instinctos.

Segundo a auctoridade de Grocio, Bor e Meteren, auctores competentes, fez perecer, por motivos religiosos, perto de cem mil pessôas na Hollanda.

De 1520 a 1550, publicou, ensinam os historiadores, uma série de leis que tinham por fim *enforcar, queimar ou enterrar vivos os que fôssem suspeitos de heresia.*

Escusado é lembrar os crimes de Philippe II. Bastante é repetir, para finalizar, estas palavras a seu respeito, escriptas por um historiador: «Sua maxima favorita, chave de toda a sua politica, era que—*mais vale não reinar do que reinar sobre hereticos.* No poder—empregou todas as suas faculdades para fazer d'essa maxima um principio director. Logo que soube que o protestantismo fazia proselitos na Hespanha, não descançou emquanto não os suffocou, e foi tão admiravelmente ajudado pelo sentimento geral de seu povo, que pôde, sem correr o minimo risco, supprimir crenças que abalaram todos os outros paizes da Europa.

Os hollandezes adoptaram a rofórma; Philippe fez-lhes por isso, uma guerra cruel, que durou trinta annos, e que proseguiu até á sua morte, porque elle havia jurado extirpar a nova crença.

Deu ordem *para queimar vivo quem recuzasse abjurar*. Se o heretico abjurasse, lhe seria concedida alguma indulgencia; mas, porque tinha sido conspurcado, devia sempre morrer. *Em vez de ser queimado vivo, seria enforcado...*

O duque d'Alba se vangloriava de haver feito condemnar á morte mais de dezoito mil pessôas, sem contar o numero immenso dos que morreram nos campos da batalha».

Nem isto é um grande rei, nem este é um grande povo.

Deixemo-nos de lendas.

Grandeza territorial teve, com as colonias e outras possessões, a Hespauha. Mas verdadeira superioridade, social, politica, intellectual, economica, scientifica, não lhe coube.

Em resumo: os defeitos dos hespanhoes, são, *mutatis mutandis*, os mesmos dos berberes, e são anteriores á reconquista néo-goda, á unidade moderna do povo, ao descobrimento e colonisação da America; a sua grandeza, menos a territorial, foi apparente e illudiu a toda a gente pelo concurso de tres circumstancias que se deram quasi simultaneamente: unificação do paiz, descoberta da America e supremacia imperial na pessôa d'um rei de Castella.

Passado o imperio, a Hespanha voltou a ser o que sempre foi: um conjuncto de bôas qualidades que se deixam inhibir por pessimas tendencias; e a uma grandeza, que muito se tem exaggerado, succedeu um abatimento, que não o tem sido menos.

Uma das sinas da Hespanha é ser victima de exaggerações: as que ella mesma cria para seu uso e as com que a mimoseam admiradores seus e adversarios.

No meio de tudo isto, o *parasitismo* de Manoel Bomfim é apenas uma exaggeração a mais.

XV

Resta examinar as duas ultimas partes do livro do ex-director do *Pedagogium*. São a 4.ª e 5.ª, intitulada aquella—*Effeitos do parasitismo sobre as novas sociedades*, e a outra—*As novas sociedades*.

São as porções praticas da obra; e o auctor liga-lhes tal importancia que, constando todo o volume de 430 paginas, 316 fôram consagradas a essas duas partes praticas, e 114, apenas, ás tres primeiras, que exercem a funcção theorica no livro.

Por agóra, vejamos—*Os effeitos do parasitismo sobre as novas sociedades*. E' a 4.ª parte.

E' onde bem claro se póde ver o methodo, o systema que foi seguido na confecção do trabalho.

Percebe-se, sem a menor sombra de duvida, ser elle o resultado, não de serios estudos sobre o assumpto, senão de notas tomadas ao acaso de leituras varias, com um pensamento preestabelecido: a these do parasitismo.

Onde Manoel Bomfim encontrava, especialmente nos jornaes, algumas d'essas interminaveis divagações liberalisantes, apimentadas e futeis, ia recolhendo no sacco, e assim chegou a formar os tres quartos ultimos de seu libello.

Não lhe escapou quasi nada d'esse rozario de *famosas questiunculas*, que constitúem os themas predilectos dos declamadores de officio. Estado, ensino, orçamento, impostos directos e indirectos, immigração, colonisação, agricultura, trabalho, legislação, codigos, olygarchias estadoaes, espirito conservador, falha de capacidade de observação, sciencia *livresca*, refórmas, educação... e oitenta coisas analogas.

Claro é que não posso acompanhar o nosso escriptor n'essas correrias depredadoras atravéz de tão desparatados assumptos. Seria preciso fazer um livro do tamanho de sua *America Latina*.

Mistér é ser sobrio e tocar apenas em quatro ou cinco pontos principaes. Abre esta parte do livro por algumas paginas sobre o *trabalho escravo* na America do Sul. E' tal a má vontade do auctor, que chega ao ponto de estranhar o facto, vulgarissimo, da *industria caseira ou domestica*, existente em todos os tempos, entre todos os povos, sempre que o *pastoreio*,

ou até a *lavoira* — é a occupação absolutamente predominante, e a *industria* propriamente dita, apenas indispensavel aos uzos da familia, não se tem constituido, como organismo á parte, não se tem differenciado, como força economica autonoma.

«Havia, diz elle, escravos *carpinteiros*, *ferreiros*, *pedreiros*, *alfaiates*, *sapateiros*... escravos tecendo, fiando, plantando... Em cada cosinha, havia uma duzia de escravas *doceiras*, outras tantas *assadeiras*, *queijeiras*, *biscoiteiras*... em cada varanda viviam *bandos de mucanas (Tudo isto está horrivelmente exaggerado)*; e em redor da casa, ou mesmo sob o tecto conjugal, um *harém de mulatinhas*, todas as *crias puberes*, cujas primicias, pelos costumes da epocha, pertenciam ao *senhor*...» (Pag. 130).

Já tardava esta nota pornographica em o correr d'essas paginas, que são um libello, uma verdadeira verrina.

Fallando das familias coloniaes, notam-se phrases d'este jaez: «Em materia de abjecção e cruezas, nada lhes é desconhecido. Não raro, a *Sinhá moça*, creada *a roçar os molecotes*, entrega-se a elles, quando os nervos degenerados acordam em *desejos irreprimiveis*; então, intervem a moral paterna: *castra-se, com uma faca mal afiada*, o negro ou o mulato, salga-se a ferida, *enterram-no vivo depois*. A rapariga, com um dote reforçado, *casa com um primo pobre*...» (Pag. 153).

Não é um estudo; é uma diatribe!...

Eu não quero esconder os crimes que se devem ter dado na phase colonial d'America do Sul, e, nomeadamente, os que devem ter manchado as terras brasilicas.

Maiores fôram perpetrados nas colonisações antigas e eguaes são os que ainda hoje occorrem entre todos os povos.

São phenomenos morbidos, desgraçadamente presos á peccaminosa e imperfeita organisação humana e social.

Não vejo, porém, onde se possa deparar a vantagem de generalizar, de dar como um facto explicativo e expoencial de uma epocha, a triste occorrencia allegada pelo sr. Bomfim no trecho ultimo citado, misera aventura, que se deve ter dado rarissimas vezes.

A historia não tem por funcção apanhar essas degradações, essas eructações de esgoto que não esclarecem nem instrúem.

O alvo do sr. Bomfim é pintar os povos ibericos como uns perversos e loucos depredadores, sem estimulos moraes de trabalho, incapazes de mourejar por si nos labores da producção, aptos á *parasitação escrava*, e só ella.

Não é a lição que sáe do estudo severo dos factos, desde a remotissima epocha dos iberos.

Estudo é este que se tem chegado a reconstruir com as noticias esparsas que se encontram em Strabão, Plinio, Seneca, Columéla e outros, pelo que toca

aos antigos tempos; as de Santo Isidoro, Rodrigo de Toledo, Paulo Diacono e varios mais, — no que se refere á edade-média, sendo innumeras as fontes para os tempos modernos.

Se o sr. Manoel tivesse passado a vista na *Historia de la Economia Politica en España*, de Colmeiro, não se mostraria tão despachado nas suas phantasmagorias parasitistas.

Seria mais comedido e não cairia no delirio de reduzir duas nações, d'alto a baixo, ao papel que lhe approve conceder-lhes.

Na mente do moço escriptor, o viver nas Hespanhas não passou jámais da pandega, de um lado, e da extorção, da razzia, de outro.

Na falta de razões moraes e sociologicas, só por si sufficientes para mostrar a impossibilidade, a olhos vistos, de um tal modo de existir, bastaria o conhecimento do *Forum Judicum*, para evidenciar quão afastada da verdade anda vagabundando a intelligencia de Bomfim.

Alli se encontram, compendiadas, leis relativas á propriedade, ao trabalho, ás terras publicas e particulares, á industria pastoril, ao commercio, aos contractos, que estão todos na mais flagrante opposição ás cahoticas idéas que depravam as paginas l'*America Latina*.

Não é aqui o logar de fazer, mesmo em larguissimos traços, um quadro do trabalho na peninsula. Basta lembrar o grande desenvolvimento havido na

industria pastoril, na pesca, agricultura, e até em a navegação na epocha ibera e celtibera; o avanço extraordinario de todas estas coisas e mais da mineração e da industria textil no periodo phenicio e carthaginez; a normalisação completa de todas estas forças economicas na phase romana, coisas todas conservadas no tempo dos suévos, godos e arabes. D'estes é tão famoso o cuidado prestado á cultura agricola, que é phrase corrente o dizer-se *que reduziram a Hespanha a um jardim*. Facto é o ultimo que, sendo interpretado por alguns no sentido de haverem os arabes restaurado a agricultura morta nos tempos dos godos, despertou exame especial dos eruditos, os quaes chegaram a demonstrar o florescimento do cultivo das terras no dominio barbaro, devido, então, a melhor posição das populações ruraes.

Os arabes na Hespanha tiveram o bom senso de conservar, melhorando n'alguns pontos, talvez, o que lhes deixaram os godos. A historia acabou por fazer-lhes justiça.

«Ha sido, escreve Perez Pujol, común la creencia de que los arabes, restauraron entre nosotros el cultivo de la tierra, decaido ó abandonado bajo la dominación suévo-gótica, creencia que tenemos por inexacta en uno y otro extremo. Tierra que cultivar buscaban los invasores al estabelecerce en las provincias del Imperio; e los más bárbaros entre ellos, los suévos, vándalos y alanos, passadas las prime-

ras perturbaciones de la conquista, convertieron sus espadas en arados, segun la sabida frase de Orosio. Labradores habiam sido los del lado de allá y del lado de acá del Danubio; lo eran en Aquitania desde los tiempos de Walia; y cuando deseosos recebiam bajo Teodorico II á Avito, como embajador de paz, exclamaba uno de sus guerreros: *Perüt bellum, date sursum aratra.* No fué, por tanto, la invasión, no pudo ser causa de decadencia para la agricultura; debió serlo de relativo adelanto, pues que, como acabamos de ver, trajo al cultivo nuevas clases libres que se aprovecharon de los mecanismos y de los procedimientos romanos.» (Op. cit., IV, pag. 367).

De tudo se evidencía que nem os romanos, cujo systema economico passou aos godos, nem estes, que desenvolveram a herança recebida, nem os arabes, que se mostraram dignos successores, n'este ponto, de seus adversarios, reduziram a Hespanha a essa *oficina latronum* que tripudía, em allucinada visão, deante de Manoel Bomfim.

A gente germanica, especialmente, devia merecer uma pouca mais de attenção da parte do moço pedagogo; porque o systema, nunca desmentido em tempo nenhum e em paiz algum do mundo, d'essa raça insigne foi o de conservar as bôas instituições que se lhe depararam. Em tudo se nota essa tendencia, na Hespanha ou na Africa, na Gallia ou na Britannia.

Falando de Vianna do Castello, escreve o erudito José Caldas: «Pela sua parte, os conquistadores, que se seguiram ao dominio romano, *suévos e visigodos, não destruindo os costumes, nem alterando as linhas de demarcação de sua propriedade rural,* não imprimiram nenhuma outra designação especial ao obscuro villar gallego». *(Historia de um fogo morto,* pag. 31.)

Casos houve em que a dominação arabe é que foi desastrada e Vianna foi um d'esses, e, por isso, accrescenta o severo escriptor: «A quéda, decadencia e total ruina da *villa* de *Atrio* não póde, portanto, ser attribuida senão á epocha da dominação sarracena, accentuando-se-lhe o *fogo-morto* desde Musa (khalifado de Al-walid) até ás incursões de Mohamed (Almanssor).»

Este e outros factos analogos são, porém, pouco abundantes na peninsula: a regra foi, quando não o progresso, a conservação do *statu-quo* durante o dominio arabe. O mesmo não foi o caso na antiga provincia romana da Africa. Alli, devido, talvez, á immensa pressão *berbere,* provinda das populações fronteiriças do deserto, que se misturavam aos arabes, o dominio d'estes foi verdadeiramente desastrado e opposto ao dos *vandalos,* geralmente apontados como selvagens cannibalescos pela ignorancia togada dos auctores de *Americas Latinas.*

O primoroso Gaston Boissier, tratando das magnificas obras hydraulicas dos romanos, que transformaram a *Provincia Africana* num paraiso, escreve,

com referencia aos regulamentos determinadores da distribuição das aguas: «Ils existaient sans doute encore *du temps des vandales*, qui, *comme tous les germains*, conserverent l'administration des anciens maîtres du pays. Ce sont les arabes qui ont tout laissé périr». *(L' Afrique Romaine*, pag. 140.)

Muito haveria a dizer ácerca do trabalho desde os mais remotos tempos nas Hespanhas,—já adverti—no intuito de provar a inexistencia alli do parasitismo bomfinico em todas as epochas e até na phase da reconquista, que, depois de oitenta a noventa annos, libertou todo o norte da peninsula de mar a mar e estabeleceu o regimem normal da vida.

Muito haveria a dizer; mas o pouco, que já ficou lembrado, parece sufficiente para desvendar as exaggerações de Bomfim, sobre as depredações ibericas na America.

Urge examinar outro ponto, que, aliás, se prende ao precedente. E' o que se refere ao estado em que os povos ibericos deixaram suas colonias da America, especialmente o Brasil. Tal estado, no entender do moço escriptor, era do mais completo atrazo, da mais accentuada miseria, miseria economica, miseria politica, miseria intellectual, miseria moral.

Escreve, falando da America do Sul em geral: «Eis a razão porque, exanime, embrutecida, a America do Sul, na hora da Independencia, como um mundo onde tudo estava por fazer: eram uns vinte milhões de homens, desunidos, *assanhados* (?), po-

bres, espalhados por estas vastidões, tendo noticia de que existe civilisação, padecendo todos os desejos de possuil-a, mas carecendo refazer toda a vida social, politica e intellectual, a começar pela educação do trabalho e pela instrucção do *a b c*». (Pag. 143). Estas linhas encerram um desmedido exaggero. O auctor, é claro, força a nota para ter o prazer de mostrar provada sua these do parasitismo depredador.

Sem saír da litteratura brasileira, existem noticias do contrario.

O general Abreu e Lima, o famoso *general das massas*, que teve a honra de combater sob as ordens de Bolivar, e foi um esforçado auxiliar da independencia de Venezuela, Colombia, Equador, Bolivia e Perú, no seu *Ensaio politico, economico, social e litterario do Brasil*, traz bellas referencias ao florescimento d'aquellas gentes, mui em desacordo aos dizeres do sr. Bomfim.

Havia alli, nas primeiras décadas do seculo XIX, grande desenvolvimento espiritual e material, homens de grande valor e riquezas dignas de mensão. E tudo aquillo não foi obra de um dia. Desde meiados do seculo XVI, os hespanhóes iniciaram, em suas colonias, um movimento cultural de incontestavel valor.

Varnhagen vem em apoio de Abreu e Lima. «A Hespanha não tinha Africas, nem Asias:—as suas Indias eram só as occidentaes. Do territorio hispano não havia já mouros que expulsar, e ás Indias ti-

nham de passar os que queriam ganhar gloria. Assim, emquanto Camões combatia em Africa, e se inspirava em uma ilha dos mares da China, Ercilla, soldado hespanhol no Occidente, deixava gravada uma oitava sua no archipelago de Chilóe; e, quando os *Lusiadas* viam a luz, (1572), havia já tres annos que corria impressa a 1.ª parte da *Araucania.* Os passos de Ercilla eram no Chile seguidos por Diego de Santistevan Osorio e Pedro d'Oña, já filho da America, que, em 1605, publicou em dezenove cantos o seu *Arauco Domado.*

Já então se tinha organizado em Lima uma *Academia Antartica*, e havia na mesma cidade uma typographia, na qual em 1602 Diogo d'Avalos y Figueroa imprimiu a sua *Miscelanea Austral y Defensa de Damas,* obra que faz lembrar a *Miscelanea Antartica y origen de Indios,* que o presbytero Miguel Cabello Balboa deixou manuscripta.

Da mencionada *Academia Antartica* nos transmitte em 1608 os nomes de muitos socios a introducção, feita por uma senhora, ás Epistolas de Ovidio por Pero Mexia. Ahi se mencionam, como mais distinctos arcades, Mexia e os mencionados Oña, Cabello e Duarte Fernandes. Por esse tempo, compunha tambem fr. Diego de Hojeda a sua epica *Christiada,* publicada em 1611, e Fernando Alvares de Toledo o seu *Puren Indomito,* que nunca se imprimiu. A regularmo-nos pelos tons dos cantos do berço, estes montuosos paizes da America Occidental

deveriam ter que representar um importante papel no desenvolvimento futuro da litteratura americana.

O Mexico não deixava tambem de participar do estro iberico; mas aqui com ar de conquistador, e não com fórmas nacionaes, como no Chile, onde o proprio poeta soldado é o primeiro não só a confessar mas até a exaltar generosamente as proezas do mesmo Arauco, que combatia com armas.

Com o titulo de elegias, canta Juan de Castelhanos, em milhares de fluentes oitavas, a historia dos hespanhóes, que desde Colombo mais se illustraram na America.

Gabriel Lasso (1588) e Antonio Saavedra imaginaram epopéas a Cortez.

O pequeno poema *Grandeza Mexicana*, publicado no Mexico em 1604 pelo ao depois bispo Balbuena, auctor da epopéa — *El Bernardo* — é, apezar de suas hyperboles e exaggerações sempre poeticas, o primeiro trecho de bôa poesia que produziu a vista d'esse bello paiz.

Força é confessar que a obra de Balbuena é, de todas as que temos mencionado, a que mais abunda em scenas descriptivas, por se haver elle inspirado, mais que todos os outros, de um dos grandes elementos, que deve entrar em toda a elevada poesia americana, a magestade de suas scenas naturaes. Todos os demais poetas queriam ser demasiado historiadores, no que caíu algum tanto o proprio Ercilla, e muito mais outros que chegam a ter a since-

ridade de assim o declarar. D'este numero, foi Saavedra e o capitão Gaspar de Villagra, que em 1610 publicou em Alcalá a sua — *Historia de la Nueva (sic) Mexico* — e n'esta descreve os feitos do Aviantado Oñate e seus companheiros.

Mais poeta nos parece que seria o padre Rodrigo de Valdez, de quem possuimos a *Fundação de Lima;* mas infelizmente escripto em quadras, que deviam ser a um tempo hespanholas e latinas, é, ás vezes, obscuro; e, com mira de fazer heroico o panegyrico, o deixa apparecer antes, a trechos, demasiado empolado.

Buenos Ayres occupou as attenções de Martim del Barco Contenera. Mas a *Argentina* é tambem mais uma d'essas historias em verso que um poema.» (*Florilegio*, I, pag. XII).

O grande historiador se refere apenas aos primeiros tempos da colonisação: meiados do seculo XVI e começos do XVII e só se reporta ao movimento litterario. Mas por ahi se está a ver que não foi só de rapinas que cogitaram os hespanhóes na America. Escolas, academias, universidades crearam elles nas colonias, e desde os primeiros tempos.

Pelo que toca aos interesses materiaes, basta ver as cidades que fundaram, as explorações agricolas que estabeleceram, os arduos trabalhos de mineração que multiplicaram, as magnificas estradas de rodagem que abriram, para notar quão longe da verdade correm as ideas do sr. Bomfim.

Não é mistér esconder as durezas da administração colonial hespanhola, para se fazer justiça áquella nação. Passados os primeiros periodos de luctas e desvarios, abriram-se epochas de innegavel fulgor. O reinado de Carlos III foi uma d'essas.

Em 1764, estabeleceram-se communicações directas e mensaes da America para a Europa, com o intuito de attender ás reclamações das colonias e introduzir n'ellas as refórmas mais urgentes e mais uteis.

Em 1765, o commercio livre foi concedido ás Antilhas.

Numerosos melhoramentos fôram introduzidos em todas ao colonias e os encargos impostos aos povos diminuidos.

E como a experiencia do livre cambio tivesse surtido excellentes resultados nas Antilhas, em 1778 fôram as mesmas medidas applicadas ás colonias do continente. Os portos do Perú e da Nova-Hespanha fôram abertos e não se fez demorar o immenso impulso de prosperidade geral.

Resultou d'ahi, accrescenta Buckle, de quem tomei a nota d'estes factos, uma reacção tão rapida sobre a metropole, que o seu commercio, como por encanto, progrediu por tal arte que a importação e a exportação attingiram a uma cifra que ultrapassou a espectativa dos proprios auctores da refórma. A exportação de generos estrangeiros triplicou, a dos productos da metropole quintuplicou e a cifra das

importações da America se multiplicou por nove. *(History of Civilization in England,* II, pag. 557.)

Por tudo isto, está a entrar pelos olhos que o atrazo da America hespanhola não era, não podia ser tão profundo quanto o suppõe o illustre Manoel.

Mais grosseiro ainda é o erro pelo que toca ao Brasil.

«Como fructo de 300 annos de trabalho, restavam: engenhocas, casebres, egrejas, santos, monjolos e almanjarras, bois minusculos, de mais chifres do que carnes, cavallos anões e ossudos, carneiros sem preço, estradas intransitaveis». (Pag. 141).

Era um verdadeiro estado de degradação; o paiz se encontrava subvertido e abjecto, como qualquer sertão africano de Angola ha duzentos annos atraz.

Será mistér provar o contrario com factos e documentos?

O Brasil da ultima década do seculo XVIII e das duas primeiras do seculo XIX não podia ser isso que espalha o sr. Bomfim.

Pelo que toca ao lado espiritual, bastante é ponderar que seria um impossivel a olhos vistos ser tanta a treva numa terra e numa gente que possuia, então, os mais elevados espiritos de nossa raça: Rodrigues Ferreira, José Bonifacio, Vieira Couto, Velloso de Miranda, Conceição Velloso, Arruda Camara, Bittencourt e Sá, Cayrú, Azeredo Coitinho e outros cincoenta.

Deante d'esta pleiade, Oliveira Martins, nos seus

momentos de bom senso e culto á verdade, exclamava: —brasileiros eram os primeiros sabios portuguezes de fins do seculo XVIII.

Confissões d'estas, é que o auctor da *America Latina* devia repetir no seu livro.

Mas dispensavel é ir adeante, porque o proprio auctor se encarrega de refutar-se, paginas alem, caindo na mais palmar das contradicções.

Esse Brasil desgraçado, mergulhado na ignorancia e na miseria, cheio de engenhocas e bois chifrudos, monjolos e almanjarras, na epocha de sua Independencia, apparece, n'esse tempo e até antes, fortemente feito, constituido, organisado, como um grande povo.

Leiam: «O Brasil apresentava desde muito tempo os elementos constitucionaes de uma nacionalidade *(Pois admira!...)* as idéas de liberdade andavam por toda a parte; *a colonia era forte de mais*, e Portugal, decrepito, era a sombra, apenas, de uma grandeza passada e ephemera... Em verdade, será bem difficil dizer em que momento justo (?!) o Brasil começou a sua independencia. Era colonia, sem nenhum valor em face da metropole; com o tempo, foi crescendo, crescendo, crescendo. *(E poderia crescer tanto assim no meio de tamanhas depredações parasitarias?)* e, um bello dia, verificaram todos que alli *estava uma nacionalidade, formada, vigorosa,* e prompta a fazer-se inteiramente *senhora de seus destinos...»* (Pag. 258).

Admiravel, por ser até quasi miraculoso, é que o terrivel parasitismo da metropole, com suas ladroeiras, suas depredações, seus crimes, seus despotismos, désse em resultado esse *povo vigoroso, senhor de seus destinos, prospero, independente de facto* de ha muito. Admira.

Mas, quando falla a verdade o engenhoso Manoel? quando pinta esse guapo Brasil, feito, adeantado? ou quando descreve o Brasil mendigo das engenhócas, dos bois chifrudos e dos carneiros sem preço? Quando?

XVI

Entre os assumptos, ácerca dos quaes entendeu o sr. Bomfim dissertar a rédeas soltas, dizendo, na 4.ª parte de seu livro, as coisas mais arriscadas e aventurosas, figura a formação das populações nacionaes.

Impossivel é ser mais levianamente cruel, o que tanto mais admira, quanto o fim principal do guapo brasileiro — foi vingar a America latina das calumnias dos invejosos europeus...

Bello systema de nos defender, affirmando que não passamos aqui da mais infima canalha que é dado imaginar!

Eis os documentos: « Cada colono, sem freios aos instinctos egoisticos, organizou o seu dominio em

feudo *(E' evidente que Bomfim não sabe o que é feudo).* São caricaturas dos senhores medievaes — um feudalismo vilão, sobre uma vassalagem de negros escravos. Nos *intersticios* dos feudos, uma população que, de ignorante e embrutecida, *voltou á condição do selvagem primitivo.»* (Pag. 146).

Ainda mais: «O primeiro effeito d'esses processos de exploração, desenvolvidos pela metropole, foi preparar uma população hecterogenea, instavel, scindida em grupos, possuidos de odios entre si, desde o primeiro momento, formada quasi que de castas distinctas. Nos campos, o colono fazendeiro, arremedo do senhor feudal, constituiu desde logo uma fidalguia territorial, pretenciosa, arrogante, brutal, ignorante e omnipotente, sobre a camada de escravos, indios e africanos.

Nos *intersticios (Gosta tanto d'esses intersticios...)* d'essa malha de feudos, uma população de mestiçagem, productos de indios e negros, negras e refugos de brancos, indigenas e escravos reveis, uma mescla de gentes desmoralisadas pela escravidão ou animadas de rancores, uma população vivendo *á margem da civilisação, contaminada de todos os seus vicios e defeitos, sem participar de nenhuma de suas vantagens, reduzida ao viver rudimentar das hordas primitivas.* Em torno dos senhores territoriaes, o enxame de parasitas. Correntes de aventureiros, caçadores de indios, negociantes de escravos, mercadores de toda a especie, atravessavam continuamente esses povos

dos sertões e reconcavos, agitando-os, pervertendo-os, provocando conflictos, mantendo-os n'um estado de instabilidade e irritação permanentes.» (Pag. 148).

Esta é a monstruosa população dos campos.

Eis aqui a das cidades: «Nas cidades a instabilidade á ainda mais accentuada. Alli se encontravam: as *auctoridades*, o *fisco*, a *tropa*, tudo estrangeiro e hostil á colonia, todos anciosos de enriquecer e ver chegar o dia de voltar; os *commerciantes*, intermediarios, representantes de privilegios e monopolios, tão ligados, elles, á metropole como os proprios funccionarios, tão hostis á população nativa como os outros, tão instaveis e passageiros como os enviados directos da corôa. Esse mundo de estrangeiros se completa pela onda de aventureiros, sem pouso fixo e sem mistér determinado, ora no sertão, ora na cidade, ora ao mar, ora na metropole, e que rouba, mata, compra, vende, intriga, depreda, parasita, em summa, á mercê do momento. Fóra d'isto, o resto da cidade é a continuação das fazendas, o logar de recreio do colono, onde elle tem casa, escravaria, quinta... O escravo faz tudo, na cidade, como na roça. O curandeiro, o mestre-escola, o fogueteiro, o alfaiate, o padre, quasi não merecem que se os nomeiem. A fradaria gorda vive egualmente nas roças e na cidade... Sobre uns e outros, vive, na cidade, como nos campos, um enxame de *parasitas vis, molles como tenias, nojentos como piolhos* (!!!) Em vão se buscará nas chronicas do tempo *(De que tempo?)*, menção de

outra gente. Só mais tarde *(Quando?)*, se vê surgir, transudar de todas essas camadas, uma população nova, producto de todas ellas, *especie de deposito, sedimento de particulas vindas de toda parte*, e que constitúe a verdadeira população nativa das cidades. Nos campos, as gentes não se fundem, continúam distinctas as tres classes—o senhor, o escravo e a mestiçagem livre *(Se as gentes não se fundem como apparece essa mestiçagem?!)*; mas, pelo menos ahi, ellas se affeiçôam á terra, se nacionalizam. Nas cidades, não. A' proporção que se passam os annos, e que váe surgindo *essa população nativa*, á proporção que ella váe engrossando e reclamando o que lhe é de direito, mais estrangeiros, mais hostis e tyrannicos se vão tornando *os representantes das metropoles*, unidos num sentimento unico, funccionarios e intermediarios. Breve (Este *breve* está pedindo vaia...), é a lucta, que não findará mais, entre a classe privilegiada pela tradição, pela patria de origem, solidarisada pelo egoismo collectivo, ciosa dos *seus direitos*, garantida pela fortuna, fortalecida pela auctoridade, gosadora indisputada até então, senhora absoluta de toda a riqueza e de todas as posições, é a lucta entre ella e as novas *populações, extenuadas já ao nascerem, miseraveis, desabrigadas de todo o conforto, ignorantes e pobres...*» (Pag. 149 e 150).

O resumo de todas estas duras, asperrimas palavras é que no Brazil, como em todas as colonias latino-americanas, a *população dos campos* se redu-

zia, durante os primeiros seculos da colonia ou até durante todo o periodo colonial, á classe dos *senhores*, á dos *escravos* e um *rebotalho* informe de *mestiços, brutos, selvagens, miseraveis;* e *a das cidades* á classe dos *funccionarios e representantes do poder*, a dos *negociantes* que o auctor alcunha de *intermediarios representantes de privilegios*, e a do *populacho vil*, extenuado ao nascer, miseravel, falho de todo conforto e ignorante.

Se o sr. Manoel Bomfim se tivesse dado ao cuidado de estudar a historia verdadeira das populações brasileiras, ou a tivesse procurado conhecer, ao menos no presente, para d'ahi induzir o que teria sido, *mutatis mutandis*, no passado, não seria tão prodigo em grosseiros erros e duros absurdos.

O auctor da *America Latina* entendeu de phantaziar a historia ao gosto de seu sombrio pessimismo, em vez de a estudar nos documentos e nas chronicas.

Se não tivesse sido inspirado por tão desastrado conselheiro, teria visto que, desde o seculo XVII, avultava no paiz a chamada *nobreza da terra*, os filhos d'esses senhores de engenho e fazendeiros, chefes de grandes e *opulentas familias*, que fôram os verdadeiros descobridores e colonisadores do interior do continente. D'este numero fôram os famosos *ban'eirantes*, troncos de casas riquissimas, d'onde saíram s melhores classes das populações de S. Paulo, inas, Goyaz e Matto-Grosso. E o que os *bandeirantes* "eram para estas regiões, os senhores de engenho

e fazendeiros creadores do norte praticaram nas terras septentrionaes brasileiras. E' um absurdo fazer desapparecer, por capricho, esse principal motor do povoamento e da riqueza nacional, só para ter a velleidade de afeiçoar os factos ás exigencias de uma theoria illusoria. As gentes dos campos não se reduziam aos *mestiços*, brotados dos *intersticios* do nosso Manoel. Havia e ha numerosa população branca, nervo principal da resistencia d'este povo como nacionalidade. O mesmo acontecia e acontece nas cidades. Os *funccionarios* e os *negociantes*, nomeadamente estes, fundaram casas, constituiram familias, ajuntaram riquezas, que se transmittiram aos seus filhos, nascidos no paiz. Innumeras fôram as familias ricas, residentes nas cidades, d'onde saíram muitos dos nossos homens mais distinctos e a quem o paiz mais deve. Que eram os Andradas, os Silvas Lisbôas, os Carneiros de Campos, os Azeredos Coitinhos, os Vieiras Coutos, os Paes Lemes, os Belforts Vieiras e quinhentos outros?

Bastante seria compulsar, de leve que fôsse, a obra historica de João Francisco Lisbôa, para a psychologia do *Pedagogium* tomar outro rumo.

A população branca e rica, principalmente nas cidades, chegou ao ponto de pretender e alcançar o privilegio de representação nas camaras municipaes, excluindo os *reinóes*, os filhos de Portugal. Francisco Lisbôa trata apenas do Maranhão do seculo XVII; mas o que diz de sua terra se applica ao Brasil inteiro.

«Os habitantes das antigas capitanias do Estado do Maranhão, escreve o principe dos historiadores brasileiros, se dividiam em raças e classes, como ainda hoje (1858). Em primeiro logar, estavam os *moradores*, como então geralmente se chamavam, os quaes eram os *portuguezes* e seus *descententes brancos* e se dividiam em tres classes, a dos *nobres* ou *cidadãos*; a dos *peões*, ou dos *mercadores*, *mecanicos*, *operarios* e *trabalhadores* de qualquer especie; e a dos *descaídos* pela raça ou pelos crimes, ou *christãos novos* e *degradados*.

Seguiam-se os *indios* naturaes da terra, que se classificavam em *gentio selvagem*; em *indios christãos livres*, administrados em aldeias, ou em serviço dos moradores; e, finalmente, em *indios escravos*. Com estes ultimos se confundiam os *escravos negros* de Angola, Guiné, Cacheu, Mina e Cabo-Verde. E da mescla de todas estas raças resultava a dos homens *pardos* ou gente de côr de diversas graduações, que nas referidas capitanias se denominavam *mamelucos*, *mulatos*, *caboclos* e *cafuzes*, segundo se approximavam ou afastavam mais ou menos dos diversos typos de que eram oriundos; uns livres, outros escravos. . . A classe predominante dos *nobres* ou *cidadãos* era composta dos primeiros portuguezes que povoaram a terra, depois de haverem-na conquistado aos francezes e indios, e que por esses titulos se perpetuaram na governança, occupando os principaes cargos civis e militares da republica. A esses primeiros serviços

juntaram elles depois o da expulsão dos hollandezes, em attenção ao qual lhes fôram concedidos os privilegios de cidadãos do Porto...

A exclusão dos *peões mercadores* (das companhias da nobreza), que a principio se reportava só á profissão e resultava simplesmente da disposição da lei, tornou-se depois uma competencia entre *antigos nobres* e os que, pelas riquezas adquiridas, se reputavam taes, e aspiravam á egualdade; e por isso só que os mais dos mesmos mercadores eram naturaes do reino, essa competencia degenerou em rivalidade do logar do nascimento e foi a principal origem da guerra civil que rebentou em Pernambuco entre os *nobres* de Olinda e de varias outras povoações da capitania, e os denominados *mascates* do Recife.

A mesma rivalidade existia então no Rio de Janeiro, e já em 1707 os habitantes portuguezes representavam a el-rei D. João v queixando-se dos *filhos da terra* que lhes não consentiam *servissem de vereadores*... Posto que mais tarde, descobrem-se no Maranhão vestigios da mesma rivalidade nas provisões de 1745 e de 1747, que tambem excluiam das camaras *os filhos do reino.*» (*Obras de* J. F. Lisbôa, iii, pag. 109).

Claro, evidentissimo é que a vasta população branca, rica, prospera, opulenta, que, desde o segundo seculo da conquista, sente força para prevalecer sobre os proprios seus antepassados, conquistadores reinóes, não podia ser esse amontoado amorpho,

informe e vil, brotado dos *intersticios* de Manoel Bomfim.

Claro, evidentissimo é que esse imaginador de tetricas ethnographias nada melhor póde fazer do que pôr no fogo a sua *America Latina* com todas as lazeiras que a deturpam.

N'este ponto de minha critica ao desastrado livro, na analyse d'essas medonhas 4.ª e 5.ª partes, não posso fazer mais do que, como alvitrei já, referir, ás carreiras, quatro ou cinco das oitentas theses de que se occupa o auctor.

Já alguma coisa ficou dito da *escravidão* e das *industrias domesticas*, do *estado do paiz* durante o periodo colonial, das *populações nacionaes*.

E' interessante ouvir o que diz da *lavoura* no Brasil.

Eis aqui o palavreado de Bomfim: «Portugal explorava o Brasil, e, para garantir uma exploração facil e completa, determinou que a colonia *fôsse exclusivamente agricola* (E' falso); assim foi, e a tradição ficou. Um dia, um estadista rhetorico, cujas idéas politicas eram essas mesmas—do Estado colonial—formulou: *O Brasil é uma nação assencialmente agricola.* Foi o bastante, ficou assim consagrada a rotina economica; ninguem teve coragem de tomar esta *inepcia (E' inexacto; o ministro, que estava no* ...m *caminho, tomou uma vaia geral da leviandade* ...*rasileira),* e mostrar quanto é *idiota* e irracional ...*llude-se!)* o conservar um paiz, qualquer que elle ...ja, como puramente agricola.» (Pag. 188).

Cacho de disparates é todo este trecho. Mistér é destrinçal-o aos poucos.

E' falso que Portugal tivesse determinado que sua colonia americana fôsse *exclusivamente agricola* e que ella se tivesse de facto a isto condemnado.

Para saber do contrario, bastante é passar a vista no magnifico opusculo de Andreoni—*Cultura e Opulencia do Brasil*, publicado em 1711. Por elle se conhece existirem no paiz, desde os seculos XVI e XVII, além da lavoura, a criação de gados, a pesca, incluida a das baleias, a mineração do ouro e de outros metaes preciosos, a que os historiadores de nota juntam a fabricação de barcos de navegação, além de fabricas de tecidos, cortumes, etc.

O desenvolvimento pastoril, agricola, mineiro, industrial, commercial, da colonia, ia obdecendo ás leis naturaes economicas e ás condições peculiares ás diversas zonas do territorio.

A despeito do peculiar cuidado que tinha a metropole de tirar largos proventos de sua possessão americana, não chegou, nem podia chegar, ao desproposito de pretender inverter a ordem fatal dos factos.

Não é verdade que, systematicamente, e em todos os tempos, tivesse prohibido o surto das industrias fabris no paiz.

Numerosas são as leis que as amparavam e protegiam, além das que cuidavam da agricultura e do commercio.

A epocha de D. José I, por exemplo, foi fertil em amplas e acertadas providencias. «O commercio em geral, ensina Varnhagen, deveu ao reinado de D. José o estabelecimento de uma *aula de commercio*, em Lisbôa, para guarda-livros e praticantes, a creação de um *tribunal*, ou *junta de commercio*, para o animar e proteger, em utilidade dos seus *dominios*, tendo as attribuições e privilegios da antiga *Companhia do Commercio*. A instituição, em 1755, da *Companhia do Grão Pará e Maranhão*, com o fundo de um milhão e duzentos mil cruzados, fez surgir essas duas capitanias do definhamento em que jaziam. O algodão e o arroz especialmente prosperaram muito, favorecendo ao *primeiro* a introducção das *machinas nas fabricas*, e ao segundo as guerras dos Estados-Unidos... O commercio do assucar e do tabaco cobrou grande desenvolvimento... O tabaco do Brasil, pelo Reg. de 18 de outubro de 1702, pagava de entrada em Portugal 1600 réis e o do Maranhão 800 réis.

Este favor concedido á agricultura do Maranhão, se fez agóra extensivo ao *anil*, que foi por dez annos isento de todos os direitos de entrada e saída; já então, se exportava d'alli o café, cacáu, gengibre, algodão, mais de vinte mil couros, e duas mil oitoentas e quarenta e sete arrobas de arroz... Receeu egualmente protecção uma *fabrica de cortumes* no Rio; consentiu-se o estabelecimento de uma *fabrica de lonas* na Bahia; já annos antes, em 1750,

se ordenou o estabelecimento no Pará de *fabricas de chitas*, trazendo-se para isso tecelões (*Repare, sr. Bomfim!*) da costa de Coromandel... Quanto a providencias favoraveis á navegação do Brasil, bastante é citar a preferencia dada para a mesma navegação aos *navios fabricados no paiz*, a permissão de se fazer a navegação sem ser em frotas; Alv. de 10 de setembro de 1765». (*Historia Geral do Brasil*, II, pag. 234, 1.ª edição).

Os factos mencionados em Varnhagen estão longe de abranger toda a realidade.

Fabricas de tecidos, officinas de manipular o ouro e os metaes preciosos existiam por quasi todo o Brasil; estaleiros de construcção naval por quasi toda a costa maritima. As artes e os officios medravam por toda a extensão do territorio.

A liberdade de trabalho era geral e estimulada pelo Estado, tanto quanto o permittiam as idéas predominantes no periodo em que o Brasil foi colonia, singular phase historica, que, aberta pelo *Renascimento* e fechada pela *Revolução*, se chama, na historia geral, o periodo do *absolutismo regio*.

Portugal não podia saír fóra da atmosphera social de seu tempo. Pretender o contrario é tecer absurdos.

Mas para se vêr quão errado anda o sr. Bomfim quando phantazía que a metropole tivesse querido curvar todos os brasileiros á *lavoura* e só á *lavoura*, bastante é só que nos lembremos que tal não pode-

*

ria pretender quem respeitava a *pesca* da costa e do valle *amazonico*, a *criação dos gados* dos *sertões* pastoris, a *mineração* dos *planaltos* mineiros e goyanos; que tal não poderia pretender quem deixava crear *fabricas* e mandava até contractar *operarios technicos* na India, na costa de Coromandel.

O sr. Bomfim ouviu roncar o trovão, mas não sabe onde; por isso, vive a pensar que o governo portuguez levou tres seculos a vedar as fabricas e a chumbar os brasileiros á lavoura.

Não falando de duas ou tres prohibições de officinas de ourives, que, aliás, nunca tiveram execução, foi só pelo alvará de 5 de janeiro de 1785, quasi tres seculos depois da descoberta do paiz e quando elle já era quasi tão desenvolvido como hoje, que se mandaram fechar as fabricas e manufacturas de ouro, prata, seda, algodão, lã e linho, existentes na colonia.

Foi, por ventura, um acto pouco pensado, que, porém, vigorou apenas 23 annos.

E' o manancial onde vão beber todos os declamadores e brunidores de phrases tetricas, que não estudam calmamente a historia.

O alvará, que tanto enthusiasma os pacotilheiros de esconjuros e amadores das reacções posthumas a indisciplina americana, não teve nunca execução éria e foi revogado pelo de 1 de abril de 1808, assim concebido: «Desejando promover e adeantar a queza nacional, e sendo um dos mananciaes d'ella

as manufacturas e a industria, que multiplicam, melhoram e dão mais valor aos generos e productos da agricultura e das artes, dando que fazer a muitos braços e fornecendo meios de subsistencia a muitos vassallos que, por falta d'elles, se entregariam aos vicios da ociosidade; e convindo remover todos os obstaculos que pódem inutilizar e frustrar tão vantajosos proveitos, é o principe regente servido abolir e revogar toda e qualquer prohibição que haja a este respeito no Estado do Brasil e dominios ultramarinos, e ordenar que d'ora em deante seja licito a todos os vassallos, qualquer que seja a parte em que habitem, estabelecer todo genero de manufacturas, sem excepção de uma só, fazendo os seus trabalhos em pequeno ou em grande, como entenderem que mais lhes convém, para cujo effeito fica expressamente revogado o alvará de 5 de janeiro de 1785 e toda a mais legislação em contrario».

A citada legislação se reduzia a muito pouco, — dois ou tres actos, nunca cumpridos.

Tenho assim reduzido a nada, a poeira impalpavel, a aleivosia historica de Manoel Bomfim, quando ouza dizer que a metropole forçou os brasileiros, d'alto a baixo, a ser agricultores.

Isto, porém, não basta; preciso é mostrar que, ainda quando a realeza o tivesse pretendido, teria feito muito bem, teria mostrado um alto discernimento economico-politico, teria-se antecipado aos modernissimos pensadores e reformistas que todos,

á uma, proclamam o erradissimo caminho tomado pelo louco industrialismo moderno, que vae, pelo absurdo de sua hyperproducção, chegando a cavar a propria ruina. Todos prégam a *volta á terra*, a *volta á lavoura* como a solução da dolorosissima situação moderna. A *Escola da Sciencia Social* arvorou este programma, e os proprios grandes *socialistas*, como Jules Méline, o acceitam e defendem com calor. Tal é o assumpto do bello e incisivo livro d'este ultimo, intitulado — *Le Retour á la Terre*, que deveria ser lido, relido e decorado por Manoel e seus companheiros de *magicas bysantinas* nas celebres conferencias, que serviram bem para photographar, ao vivo, o estado deploravel da cultura brasileira nos começos do seculo xx: *vacuidade, declamação, hysteria do pensamento e da phrase, poeira e nada*...

Estudem, meditem livros d'essa natureza, que os habilitem a atirar pela janella todos os pannos pintados, fitas réles e rendas sujas que lhes andam a empanar as idéas n'uma especie de ronda adoidada de bailhadeiras doentes.

Méline se refere aos paizes atacados de febre da grande, da enorme, da colossal producção manufactureira: Allemanha, Inglaterra, Estados-Unidos, França, Belgica, Austria, Italia, e lhes aponta a salvação *retour á la terre*, isto é, incita-os á volta á indus-a das industrias, á agricultura, reduzindo forte-nte a furia manufactureira e fabril, que tem viciado la a vida economica dos ultimos cincoenta annos.

E', *mutatis mutandis*, o pensamento do governo portuguez no alvará de 1785...

E se assim se póde falar hoje em dia entre gente que tem de que viver, que trabalha, que produz, que tem dinheiro, que possue capitaes accumulados em sommas fabulosas, que não se ha de dizer no Brasil, entre treze ou quatorze milhões de pobretões, entre os quaes os mais felizes vivem dos *empregos publicos*, federaes, estadoaes e municipaes, ou arrolados no *exercito* e nos corpos de *policia?* Que se ha-de dizer d'uma gente, que, possuindo as mais ferteis terras da America, vive sangrada n'um avultadissimo *deficit de subsistencias*, na linguagem dos economistas, *deficit* superior a 60 mil contos, no paiz inteiro, pois que, de norte a sul, se compra do estrangeiro — trigo, carne, milho, feijão, arroz, queijo, manteiga, vinho, e uma duzia de outras coisas que todas poderiam ser produzidas em nosso proprio sólo?

A nefasta propaganda dos Bomfins, que vivem a sonhar com um socialismo bastardo em nossas maiores cidades, maximé no Rio de Janeiro, onde, por amor á pagodeira e á calaçaria, se accumulam os destroços do operariato refugado de todo o mundo; onde se tenta fundar um industrialismo esconso, que melhor faria em ir lavrar intelligentemente os campos e produzir a nossa independencia economica, — a nefasta propaganda dos Bomfins rhetoricos e desnorteados, faria bem em mudar de rumo.

Sim; tinha razão o velho ministro do Imperio,

quando disse que o *Brasil devia ser um paiz essencialmente agricola!* Tinha razão, havendo apenas a ponderar que o maior mal do Brasil é não ter completamente tomado o conselho do antigo estadista e se deixado levar pelos sonhos e illusões dos declamadores que, então e ainda hoje, taxaram de inepcia — o dito do distincto servidor do Estado. *Inepcia,* e rematada, é proclamar o contrario. Sirva-nos de exemplo a Argentina: desde quando se compenetrou que devia ser *essencialmente agricola,* achou o caminho da salvação, tem o *pão* e a *carne* para comer e para exportar; não se perdeu no *pis aller* d'um industrialismo bastardo para inglez vêr...

Agóra reparo que não vá o sr. Bomfim suppôr que me péga em flagrante delicto de erronia, por haver, cómo coisas agricolas, ligado o pão á *carne.*

Não se assuste, Manoel: na bôa organisação industrial moderna, o criatorio é um appendice da agricultura, some-se na designação commum.

Em summa, o conselho, a propaganda, todo o esforço dos pensadores e dos homens praticos que amem este paiz e desejem-no ver ir adeante é: que elle, deixando as miragens d'um industrialisimo que começa a ser batido no grande mundo, cuide de sua *lavoura,* melhorando a producção de todos os gene-
s de *cultura;* cuide de desenvolver e aperfeiçoar *criação dos gados;* cuide de sua *mineração* com
lo o desvélo; cuide systematicamente de suas in-
istrias *extractivas;* e, quanto á producção fabril,

manufactureira e mechanica, reduza-se a um *minimum* intelligente d'aquillo que puder, nas grandes capitaes, fazer com perfeição.

Para concluir este ponto: o *commercio* e a *industria* são muito bôas coisas; mas como força nacional e principio de conservação, a *agricultura* é superior.

Se o Brazil não se apressar em tomar o caminho do campo que vae sendo buscado pelos povos europeus e mesmo americanos, vae acontecer o seguinte: nunca poderá ser um paiz *industrial*, por não poder seriamente competir com rivaes perfeitamente apparelhados; não poderá ser vantajosamente *agricola*, porque irá encontrar a terrivel concorrencia dos rivaes, revigorados pela evolução nova.

Lembremo-nos do caso typico e illustrativo do assucar: *a beterraba desthronou a canna, sendo-lhe infinitamente inferior*. Que ha a fazer? Desthronal-a por sua vez, aperfeiçoando o mais possivel os nossos processos de producção que tornem possivel, ajudados pelas vantagens naturaes da canna, levar de vencida o producto estrangeiro nos seus proprios centros productores.

O sr. Bomfim não desce a pensar n'estes assumptos.

Pois é lá possivel que o fazedor de phrases sobre o *ciúme*, phrases aliás mal feitas, porque elle não tem imaginação, nem vigor, nem paixão, nem enthusiasmo, — é lá possivel que esse fazedor de phrases tortas e toscas desça do alto cothurno do pala-

vreado para pensar na producção do *assucar*, ou do *café*, ou do *algodão?* Como ha de um *virtuose*, que faz conferencias para serem ouvidas por moças bonitas, afeiar o seu estylo, falando de coisas tão prosaicas?...

Muito mais facil e muito mais *chic* é declamar sobre o *parasitismo* dos povos hispanicos ou descrever uma *surra de bolos n'um engenho*, curiosa pagina que hei-de transcrever opportunamente. Por agora, cumpre-me fechar este capitulo com as palavras com que Méline acaba o seu livro; porque o meu processo no estudo da *America Latina* tem sido, propositadamente, citar as toliçadas de Bomfim e atirar-lhe em cima — para o estimular e desenganar ao mesmo tempo, *estimular* ao estudo e *desenganar* das babuzeiras em que anda hoje mettido — a lição dos mestres, mas mestres de verdade.

«Ce n'est pas par des grèves, — pondéra Méline, após a pintura do estado hodierno do mundo operario, — ce n'est pas par des grèves qu'on changera cet état de choses; on ne fera que l'aggraver en empirant la situation déjà si difficile de nos industries, en diminuant leur force de résistance à l'étranger et en leur faisant perdre des commandes, d'où une nouvelle cause de réduction du travail et de perte de laire.

Dans une semblable situation que reste-t-il à faire ns l'intérêt bien entendu des ouvriers pour amérer leur sort et conjurer les dangers, de l'avenir?

Une seule chose, à notre avis: ouvrir le plus vite possible de nouvelles sources de travail pour remplacer celles qui commencent à se tarir, afin de ne pas être obligés un jour de rouvrir les ateliers nationaux de triste mémoire.

N'attendons pas d'être débordés par les événements pour agir; sachons prévoir afin de ne pas être surpris et mettons-nous courageusement à l'œuvre pour préparer l'évolution qui permettra de reconstituer insensiblement les cadres de l'armée du travail sur de nouvelles bases.

Sans dout, la tâche est difficile et le retour à la terre ne se fera pas en un jour.

On ne remonte pas d'un coup un courant qui emporte tout depuis un demi-siècle, mais l'entreprise est digne de l'effort qu'elle exige puis qu'elle tend à assurer aux travailleurs la sécurité de l'avenir. C'est pour faciliter la propagande de l'idée en fournissant des arguments et des armes à ceux qui voudront se jeter dans la bataille, que nous avons écrit ce livre.

Il n'est que le commentaire développé de cette grande et forte parole d'un philosophe chinois qu'on ne saurait trop méditer et qui devrait être écrite en lettres d'or sur tous les murs de nos écoles, parce qu'elle résume d'un trait lumineux tout ce qu'on peut dire sur ce grand probléme de la répartition du travail humain:

« *La prospérité publique est semblable à un arbre: l'agriculture en est la racine, l'industrie et le com-*

merce en sont les branches et les feuilles; si la racine vient à souffrir, les feuilles tombent, les branches se détachent et l'arbre meurt».

Tome nota, Bomfim! Veja que *inepcia* a d'esse chinez, que *sandice* a de Méline, que o repete...

XVII

Na famosa, por demasiado cheia de erros de toda a especie, 4.ª *parte* da *America Latina*, o seu destemido auctor atreve-se a tentar uma caracteristica do genio, do espirito sul-americano, nomeadamente do brasileiro.

Raro se encontrará um maior acervo de banalidades, reproduzidas um pouco de toda parte, sem a menor particula devida a trabalho pessoal do escriptor.

Os dois caracteristicos principaes dos latino-americanos, badalados ahi por toda a gente, e que Bomfim tem a ingenuidade de suppor que fôram agóra, pela prima vez, descobertos por elle, são — o *genio conservador* e a *falha de espirito de observação*.—

São duas notações simplissimas, quinhentas vezes itas antes do pretencioso desorganisador do *pedagium*.

O que n'ellas, de facto, lhe pertence são as tolices m que teve a habilidade de as deturpar.

Comecemos pelo *conservantismo*, ou, melhor, *espirito rotineiro*, que é o que a nós latino-americanos melhor nos cabe, porque o largo e fecundo genio conservador — nós não o possuimos sufficientemente.

A notação é exacta, quando feita em termos, mas o mestrinho das tortas psychologias teve geito para a deitar a perder.

Eis aqui: «Das qualidades a nós transmittidas, a mais sensivel e mais interessante, por ser a mais funesta *(Mais interessante por ser mais funesta!? Que vem a ser isto?)*, é um *conservatismo*, não se póde dizer obstinado, por ser, em grande parte, inconsciente, mas que se póde chamar propriamente um *conservantismo essencial*, mais affectivo que intellectual.

Em theoria, os homens das classes dirigentes acceitam e proclamam, como bôas, a maior parte das idéas geraes, communs, de progresso; mas nem sabem relacionar essas idéas e principios geraes com as necessidades proprias de cada epocha e com as circumstancias especiaes de cada paiz, nem sabem fazer essa applicação, nem são capazes, quando ella se impõe por si mesma, do menor esforço para adaptar-se a uma conducta diversa *(Se fôsse Le Bon que tivesse escripto isto, que não diria o terrivel Manoel?)*. Não supportam que as coisas mudem em torno d'elles.

...Vivem elles e o paiz que dirigem — uma vida de adiamentos e vãos expedientes.

Para todos o idéal é dizerem-se *conservadores*.

Ha politicos ouzados de idéas, radicaes, e até revolucionarios; mas, obedecendo a uma necessidade intima de organisação affectiva, acham sempre o meio de explicar que *não querem ser mais que conservadores*. E de facto é o que elles são. A tendencia instinctiva ao conservantismo não lhes permitte reflectir que essa politica *conservadora, anti-social*, mesmo para os povos que possúem um passado capaz de despertar enthusiasmos, *(E' falso) funesta* para os proprios paizes que trazem de outras éras instituições bemfazejas e obras grandiosas *(E' falso!)*, que esta politica vem a ser não só *ridiculamente absurda, como essencialmente criminosa*, tratando-se de nações onde *não ha, em verdade, o que conservar (Ah! Le Bon!)*. A historia nos mostrará *(Pobre historia!)* que, nas nacionalidades sul-americanas, antes mesmo de completa a independencia, já apparece um partido *conservador*, pezando decisivamente sobre a marcha das coisas publicas. Pergunta-se agóra: *que é que havia então para conservar? A vida das populações, a linguagem, os territorios? E ainda hoje: em nome do que se justifica esse programma de politica conservadora?* São nações, estas, em que tudo está por fazer, a começar pela educação politica e social das populações.

Que pretendem então defender, d'este passado? Elle é uma série de crimes, iniquidades, violações de direitos, resistencias systematicas ao progresso. Que é

que pretendem conservar? Só se é justamente a DECADENCIA (Já não se lembra que xingou, paginas atráz, Le Bon, por achar DECADENTES os latino-americanos!), a resignação social, e tudo mais que, prendendo-nos ao passado, se oppõe obstinadamente á vida e ao progresso.» (Pag. 166 e seguintes).

Curioso trecho, em verdade.

Para o homem do *Pedagogium,* todo o passado sul-americano é imprestavel, nada existe n'elle a conservar, porque não foi mais *todo elle do que uma série de crimes, iniquidades, violações de direitos, resistencias systematicas ao progresso*...

Não ha, não existe, nunca vi uma mais formal e categorica condemnação das gentes sul-americanas. Nunca houve europeu, nunca existiu Gustavo Le Bon algum que tivesse dito a metade, se quer, de tantos esconjuros e maldições.

Será verdadeira a pintura do nosso passado e do nosso presente feita por Bomfim?

Não o creio absolutamente; mas vá que seja.

Se assim é, não sabe esse professor de psychologia que as forças do passado, o que vale dizer a pressão da tradição, as energias da historia, que importam no concurso accumulado de qualidades e predisposições ethnicas, sociaes, politicas, religiosas, costumeiras, economicas, e trinta outras prendem fatalmente os homens a um certo trilho da vida, imprimindo-lhes uma direcção predeterminada? *Conser-*

var o que? Pergunta, muito ancho de si, o curioso psychologo.

Nunca vi interrogação mais impertinentemente banal.

Que conservar? Muito: o espirito da raça, o seu caracter, a lingua, a alma de seus grandes homens, o bom senso, os bons costumes, o equilibrio do genio, o amor da patria, das tradições, do progresso bem entendido, da liberdade, da ordem, e, em geral, todas as nobres qualidades seleccionadas pela historia no coração de nossos maiores.

Eis o que havia, ha e haverá para conservar, emquanto a propaganda anniquiladora de todos os Bomfins não nos submergir nas tintas incolores d'um estrangeirismo apagado e vil.

O sr. Bomfim, em seus momentos, acredita na força da hereditariedade physiologica, psychica e *social*, tanto que se dá ao luxo de, antes de dissertar sobre o nosso *conservantismo*, dilatar-se por seis longas paginas ácerca da ultima d'aquellas manifestações do alludido factor bio-sociologico, n'uma série de considerações que não brilham muito nem pelo aproposito, nem pela profundeza.

Ora, assim sendo, qual é o seu criterio, quando entra a descompor os latino-americanos, por obedecerem a uma coisa *fatal*, como é a hereditariedade?

Que diabo de psychologia aprendeu, para ensinar, esse homem, que nem sequer percebe ser o seu insensato negativismo, ácerca da *tendencia conserva-*

dora no homem e na sociedade, uma contradicção de collegial?

Sim, se Manoel mesmo escreve isto: Em que consiste a hereditariedade social? Consiste na transmissão, por herança, das qualidades psychologicas, *communs e constantes*, e que, por serem *constantes e communs atravéz de todas as gerações*, dão a cada grupo social um caracter proprio distincto: transmissão por herança, no grupo anglo-saxonio, das qualidades que caracterizam o typo anglo-saxonio, perpetuação nos judeus das qualidades typicas da raça; se Bomfim mesmo escreve isso, com que seriedade vem exprobrar aos latino-americanos o obedecerem a taes principios e terem, pois, alguma coisa a *conservar?*

Ora, meu caro psychologista, um pouco mais de logica e senso não lhe fariam mal algum.

Não é a tendencia conservadora, que o proprio auctor denomina *affectiva* e *essencial*, qualificativo este ultimo, por certo, mal empregado, que deve ser censurada e combatida; porque a *hereditariedade* é uma força sem a qual não se concebe a propria vida. O que ha a fazer é procurar dar-lhe, por assim dizer, um alimento forte e sadio. Para tanto, deve-se ir modificando, conduzindo, educando a força contraria — *a adaptação* a novos meios, a novas necessidades, a novos impulsos. Estes, bem dirigidos, vão formando novos habitos, que se vão substituindo aos antigos, e acabarão por se transmittir tambem por

hereditariedade. Tal a licção que se deveria esperar de quem se quer dar por psychologo e é director de um instituto de educação, e não declamações insensatas contra a *tendencia conservadora,* qualidade sem a qual não se poderia sequer comprehender o genio, a indole, a individualidade dos povos.

Outro ponto, porque este está liquidado.

No que diz respeito á *falta de observação*, de que padecem os latino-americanos, não passa no livro de Bomfim da repetição impertinente de notação mil vezes feita por escriptores de muito mais esclarecido criterio e de muito maior saber.

E' um traço verdadeiro, posto a perder pelo auctor por suas exaggerações e pela mania de attribuir tudo e até isto ao parasitismo. Eis as suas palavras: «O *parasitismo* não só dispensa o individuo de progredir, immobilisando-o, como o torna incompativel com o progresso, porque *annulla a faculdade de observação*, e o subtráe á influencia d'esse transformar incessante das coisas; e assim se perde o sentimento immediato da vida. Assim se explica a *falta de observação,* tão sensivel nos povos sul-americanos, principalmente nos individuos das classes dirigentes. (Se assim é nas *dirigentes*, que não será no rebotalho brotado dos famosos *intersticios* de Bomfim?!) Essa falta de observação constitúe, mesmo, o *segundo traço dominante no seu caracter.* Esses homens que se deviam reportar ás necessidades reaes da nação, n'ellas inspirar-se, vivem fóra dos factos, não sabem

vel-os; o mundo actual, ambiente, não tem significação para elles *(E' de mais)*; fazem toda a sua obra com o cabedal *livresco*. Em vão se procurará nos seus discursos, programmas, pareceres, proclamações, a expressão dos problemas effectivos do momento e as suas soluções possiveis». (Paginas 178 e 79.)

Não passa este palavreado da repetição, com ares de quem está a dizer novidades nunca sonhadas, de notações feitas por outros escriptores; o que é *novo* aqui é apenas o séstro de deformar, exaggerando. Na penna d'esse escriptorzinho de sexta ou setima ordem, tudo, todos os factos se transformam em caricaturas. Não ha nada em seu livro, menos a pulhice do parasitismo, que já não tivesse sido dito e redito em duzentos escriptores nacionaes. O que se nota é que Manoel não os cita, na doce illusão de enganar os *badauds* que o cercam e cujas manhas conhece.

O mestrinho do *pedagogium* ainda estava no *abc* nas classes primarias, quando eu já caracterizava os latino-americanos, respectivé os brasileiros, por estas palavras, que não troco por toda *a America Latina*, com todos os seus parasitismos, falsos ou verdadeiros:

«Entre bôas, e podéra dizer até optimas, qualidades espirituaes que as gentes latino-americanas possúem, como sejam a facilidade de aprender e assimilar, a curiosidade por tudo que se diz novo, impossivel é negar o pouco alento de sua imaginativa,

a pouca profundeza de suas faculdades de observação, o pouco vigor de seu talento inventivo.

Demasiado habeis para inteirar-se do que se faz nos paizes de sua predilecção, maximé a França, os latino-americanos fôram sempre, até hoje pelo menos, incapazes de abrir por si mesmos uma phase qualquer ao seu proprio pensamento.

Todas as suas idéas, todas as suas theorias, todas as suas doutrinas em todos os ramos da cultura, teem sido sempre de importação. Por isso, elles quasi nunca pensam, citam; não crêam, reproduzem; não descobrem, imitam; não investigam, esperam que lhes mostrem o resultado obtido.

N'essa faina, entram com a paixão ardente, propria de meridionaes e mestiços. Por isso, quando abraçam uma doutrina e se filiam n'uma escola, chegam até a ter a illusão de que essas fôram creações suas. D'ahi, o desembaraço com que elogiam, proclamam, endeozam o que suppõem *novo*, e desrespeitam, descompõem, maltratam, injuriam os que os não acompanham, a quem chamam *velhos* e *atrazados*. A *phrase*, isto é, o colorido das palavras, o onduloso dos periodos, a sonoridade dos adjectivos, teem para elles um prestigio invencivel.

O criteiro das idéas confunde-se, no seu sentir, com o brilho do estylo. Quem mais sabe e mais pensa é quem escreve mais *bonito*, no seu conceito.

Chegam a chamar *genios*, quero dizer, chegam, até ingenuamente a proclamar espiritos originaes,

creadores, inventivos, abridores de novos horisontes e novas prespectivas á humanidade, a meia duzia de rethoricos, verdadeiros ôdres de vocabulos que teem possuido no correr dos tempos. Quanto mais facil e mais superficial, mais verdadeira lhes parece uma doutrina e mais acceitavel um systema. Se fôr exposto em estylo cantante, em palavras marchetadas, espalhar-se-á aos quatro cantos do continente.

Desejo de saber teem elles, não pelo attractivo impessoal da alta e grande cultura, nem até pela necessidade de manejarem as armas intellectuaes na lucta pela vida, se não como uma especie de decoração para brilharem, passando por talentosos e adeantados.

Por isso, do saber tomam apenas a parte e chegam sómente até o ponto em que possam ostentar o que desejam. Por isso, não aprofundam, o que seria uma fadiga inutil, que não poderiam supportar. D'ahi, o não passarem, em tudo que diz respeito a attitudes autonomicas do pensamento e a evoluções que revolucionem por completo o velho edificio de suas idéas, de certa média commoda, de todos comprehendida.

São capazes de fazer uma revolução politica, se fôr ajudada pelo exercito, só por culto de phrases feitas, de estribilhos demagogicos, jámais com o firme proposito de reformar as inqualificaveis tropelias de sua vida partidaria, de sua administração publica, de sua organisação do Estado.

Emfim, não terá, talvez, muito errado quem disser dos latino-americanos tomados em geral, como typo ethnico, serem elles um singular mixto de curiosidade e superficialidade, de leguleismo e chicana, de irreverencia e rotina, de effusões lyricas e mediocridade philosophica e scientifica.

Mais do que á primeira vista póde parecer, seu proverbial desrespeito, a sua notada irreverencia encobre um real fundo de incapacidade, de fraqueza das forças creadoras do espirito.

Se elles produzissem por si — conheceriam quanto é laboriosa e sagrada a faina das grandes conquistas da intelligencia, do sentimento e da vontade dos homens, e teriam, infallivelmente, mais attenções para com o caracter dos individuos, das classes, das instituições. A formalistica os domina mais do que levianamente suppõem; todas as suas questões dão, por via de regra, novos ensejos á mania da regulamentação.

As chamadas classes dirigentes, os ditos intellectuaes nada dirigem e nada illustram. Os mais graves problemas politicos, financeiros, economicos, administrativos, ou não teem solução, ou a teem do acaso, ou de alguma imposição estrangeira. Dá-se com esta classe de assumptos o mesmo que acontece aos meramente litterarios, philosophicos, scientificos; esperam que lhes mandem livros para *citar* sobre taes assumptos e *copiar* qualquer coisa que alhúres se tenha praticado, sem attenderem que coisas existem

que as nações ou as fazem por si mesmas ou vão cavando a propria ruina... D'est'arte, se não possuem genio inventivo, menos ainda possuem genio pratico.

Em sua litteratura geral, manifesta-se a ausencia do primeiro; e na litteratura scientifica, se de uma tal se póde cogitar entre elles, patentea-se a falta de ambos. Dos ramos scientificos que de preferencia teem cultivado no seculo XIX, para só d'elle fallar, o direito foi o que mais labores lhes consumiu. Mas ahi mesmo possuem uma bibliotheca inteira de formularios e rabularias, e não contam um só livro de doutrina e especulação que mereça a attenção da sciencia universal.

O mesmo em medicina, o mesmo em engenharia e mathematica, o mesmo em historia natural e em philosophia.

E' que, de par com as liberdades consagradas por méra ostentação nas leis, regulamenta-lhes a vida, de alto a baixo, um disfarçado e quasi inconsciente systema de captiveiro e impotencia intellectual, que, da escola primaria, chega aos mais altos gráus de todo o systema educativo, fundamentalmente jesuitico, transmittido por hereditariedade.

N'estas condições, não é inexplicavel que andem sempre, a despeito de sua curiosidade, que, o mais das vezes, não passa de uma verdadeira *curiosité malsaine*, alguns decenios atrasados no curso das idéas. »

Isto, modestia á parte, é sobrio, correcto e verdadeiro; não contém exaggeros, nem parasitismos, e foi escripto, quando Bomfim cursava o *abc* em Sergipe.

Paginas d'essas, peculiarmente dedicadas ao Brasil, contam-se ás duzias em nossos melhores criticos. Valem sempre um pouco mais do que os delirios de Oliveira Martins e as patacoadas de Bomfim.

Outro assumpto. Na parte, ora analysada, do livro do iracundo sergipano avultam uns destemperos ácerca das funcções do Estado moderno, que estão a pedir valente rebate.

Essa tarefa de desbastar tão intensa selva de despropositos requer certa extensão que não devo dar a estes artigos.

Ficará para outra occasião, se fôr forçado a voltar a dizer da *America Latina*, pondo, então, em completa nudez, quasi linha a linha, as centenas de erros que se occultam n'aquellas cerradas paginas.

XVIII

A quinta e ultima parte do livro do dr. Bomfim é, sem duvida, a mais extravagante de todo elle.

Para tal privilegio, bastante é considerar ser aquella em que se contém a sciencia anthropologica e ethnographica do auctor. E' uma verdadeira comedia.

*

Percebe-se facilmente ter sido, n'este ponto, o alvo principal do joven medico — dizer mal, systematicamente, dos brancos, principalmente hespanhoes e portuguezes, e exaltar os negros, indios e mestiços de todas as gradações. Bomfim bate-se pela unidade e egualdade completa, absoluta dos homens e das raças.

Houve tempo em que essa patranha liberalisante era defendida em nome do dogmatismo christão, em nome da theologica catholica principalmente: *eramos todos filhos de Deus, nosso Senhor*. Podia-se lá falar em desegualdade entre essa irmandade?

Hoje defende-se a mesmissima curiosa illusão em nome do dogmatismo democrata, em nome do catechismo socialista. Bomfim é d'este ultimo partido.

O mais interessante, porém, é que o desembaraçado esculapio não sabe o que quer. Em coisas de anthropologia e ethnographia — seu espirito é uma gruta opaca, onde nada se destaca nitido. As contradições andam aos pares e de braço dado.

D'est'arte, chega a passar uma surriada em quem ainda agora cáe na patetice de falar em *raça aryana* e vive, entretanto, com a bocca cheia de *raça latina!*... Não repara que se absurdo é crer n'aquella, maior ainda é acreditar na outra.

«E' caso para admirar, escreve Jean Finot, a teimosia dos francezes ou dos italianos em se proclamarem *povos latinos*. No momento em que a Hespanha, gravemente ferida por uma crise que chega a

ser inquietadora ácerca de sua salvação, é objecto dos debiques dos outros povos; no momento em que tantas republicas intituladas *latinas* espantam o mundo pela incoherencia de sua vida social e politica, teimar, a despeito de tudo, em filiar-se na familia, cujas táras e defeitos não se cessa de criticar, é o cumulo do heroismo. E, todavia, as provas formigam todos os dias em livros sérios ou humoristicos, nos discursos dos politicos ou dos homens de Estado, nos escriptos dos jornalistas, dos pensadores ou dos scientistas. Tanto o poder do erro disfarçado em verdade é maior do que o da propria verdade!»

Este João Finot, ao menos, é coherente; não acredita em *distincção* alguma de *raças* e escreve um livro — *Le Préjugé des Races*, cheio dos maiores disparates, valha a verdade, mas de uma admiravel coherencia no erro. Isto comprehende-se. A attitude incerta e vacillante dos Bomfins é que não produz a menor vantagem a qualquer dos partidos que se degladiam.

Mas examinemos a alludida quinta parte, tocando-lhe nos problemas principaes.

Tomei nota alli das seguintes questões: *hombridade* das gentes peninsulares, sua assombrosa faculdade de *assimilação, reproducção* d'estas nas colonias, caracter do indio e do africano, suas grandes virtudes, raças suppostas *inferiores*, os louros *dolichocephalos*, povos morenos, raça aryana, selecção natural applicada aos povos, Oliveira Martins e o quilombo

dos Palmares, mestiços, revivescencias das luctas historicas, estado do povo, a Republica, possibilidade ou não de aggressão e conquista da America do Sul por parte de nações européas, doutrina de Monröe, eliminação das classes superiores, o estado real da America do Sul, calumnias de Gustavo Le Bon, etc., etc. E' uma encyclopedia, uma interminavel miscelania. Quasi tudo errado. Bomfim abriu a torneira e deixou correr abundante a caudal dos espantosos... pensamentos. Abençoado rapaz... que intrepidez!

Não poderei, certo, ferir se não um ou outro ponto; isto mesmo, indicando apenas as theses do livro e fazendo-lhes um rapido commentario.

Os capitulos da citada parte, são: I — *Elementos essenciaes do caracter; raças colonisadoras; effeitos dos cruzamentos;* II — *Revivescencia das luctas anteriores;* III — *Perspectiva da aggressão;* IV — *As nações sul-americanas em face á civilisação e ao progresso.*

E' tempo de passar ás theses e seus indispensaveis commentarios:

a) «As nações peninsulares se destacam na historia, á parte o *parasitismo*, por duas qualidades primordiaes: uma *hombridade* patriotica, intransigente, irreductivel, levando os individuos a todos os heroismos e resistencias; e um extraordinario *poder de assimilação social.* D'esta *hombridade* patriotica derivam todos os exaggeros e perversões guerreiras dos povos ibericos... Apezar d'isso, as raças ibericas mostraram possuir uma força de *assimilação*

de que não se tem exemplo em nenhum outro povo da Europa. Não se conhece outro caso de se fundirem, assim rapidamente e tão perfeitamente, raças tão diversas e tantas, como na peninsula». (Paginas 264, 5 e 6.)

E' uma caracterisação ethnica falsa, reproduzida, sem criterio, das phantasias de Oliveira Martins. Bomfim, de facto, nas duas ultimas partes do livro voltou a depenar o imaginoso escriptor portuguez. Acha ensejo de lhe tomar quatorze trechos com um total de cento e cincoenta e duas linhas, colheita menor do que a recolhida nas partes anteriores, mas, ainda assim, assás consideravel.

O principal, porém, é mostrar serem falsas as duas singularidades hispanicas.

A *hombridade*, se bem a comprehendo, é synonima de amor á patria, á liberdade, coragem de defendel-a, intrepidez na lucta.

Os ibericos possuem, até certo ponto, essas qualidades; mas devemos lembrar-nos de que as esqueceram, quando foi da conquista dos godos, que não encontraram resistencia, e, ainda mais quando foi da dos arabes, que a encontraram ainda menor.

Cumpre, outrosim, advertir que mais intensa se tem revelado a famosa *hombridade* nos povos *scandinavos*, que nunca fôram, que se saiba, conquistados por estranhos; pelos *allemães*, que tambem nunca gemeram sob o jugo estrangeiro; pelos *albanezes*, os *corsos*, e até os proprios *francezes*, cujo *furor*

bellico é proverbial. O mesmo se observa entre os *berberes*; e a tenacidade *saxonica*, que chegou a absorver todos os seus adversarios, mereceria egual denominação, se os inglezes tambem fôssem cultores de phrases feitas.

A *hombridade*, para tudo dizer de uma só vez, é como *a presumpção e a agua benta*, de que cada um toma a porção que lhe convém. O que ha é que a *caldeirinha* em que os hespanhóes costumam aspergir-se, é tão grande que elles pódem tomar banho dentro d'ella. Sáem de lá ensopados e entram a bradar que elles, sim, elles é que sabem ter *hombridade*... E' um sestro. Deixal-os com elle.

Pelo que toca á *assimilação das raças, mais profunda do que á de todos os paizes conhecidos*, é apenas uma tolice de Martins, quero dizer... de Bomfim.

O contrario é exactamente a verdade: o *particularismo* hespanhol é mais accentuado do que o de qualquer outro povo europeu. O *gallego* dista immenso do *catalão*; ambos, enormemente, do *castelhano*; os tres, porfundamente, do *andaluz*, e assim por deante...

A mim me dizia uma vez o saudoso Juan Gutierres, o denodado mancebo que foi morrer heroicamente em Canudos, tendo-lhe eu perguntado se não pretendia ir visitar a sua terra: «Não; estou já muito acostumado a este meio fluminense; a *diversidade profunda* das gente hespanholas me havia de chocar

demasiado». E como me admirasse d'esse motivo e me revelasse incredulo deante de taes divergencias, narrou-me então coisas curiosissimas a respeito.

Não vem ao caso repetil-as. O moço artista, porém, tinha razão, porque vejo o que elle me dizia confirmado em Pompeyo Gener. Este distincto scientista, notavel como philosopho e critico, assim se expressa: «España no es un pais *unico,* sinó un pais esencialmente *mútiple.* Más bien es *una federación de pueblos diversos* que un *mismo pueblo.* Varias son sus razas, distintas sus procedencias, diferentes los medios en que han vivido desde su instalación en la peninsula. Invasiones varias *han dejado* en le suelo ibero sus descendencias, *cada qual en las co marcas más apropriadas á su temperamento y aptitudes.* Sin contar con los antiguos autoctenas del pais, cuyo origen es insuficientemente conocido, viniero á poblar nuestra peninsula, iberos, celtas, presemitas (hiksos? egipcios?), griegos, fenicios, cartagineses, romanos, godos, suevos, vándalos, arabes, francos, moros, judios, y varios otros pueblos.

En el territorio peninsular *cinco grandes divisiones geográficas* marcan las principales agrupaciones de estas razas y pueblos, correspondiendo asi á *cinco agrupaciones etnográficas y filologicas actuales.*

En el pais *vasco* una raza análoga á las turco-altaicas ó ugro-finezas, conserva aún una lengua primitiva del grupo de las aglutinadas.

Extiendense los *catalanes* (raza latina en el fondo, mesclada de godo, celta, griegos y fenicio) desde los Pirineos orientales á Murcia, y desde las llanuras de Aragón á las islas Baleares, mezclándose en el reino de Valencia con la raza sarracena.

Predominó este pueblo en el antiguo reino de Aragón y extendió sus conquistas á oriente. Corresponden á los *castellanos* las llanuras de ambas Castillas con toda la España central, el reino de León y las alturas de Asturias hacia el norte; su sangre es la mezcla de la latina y de la goda con la céltica en el norte, y la árabe y la morisca en el centro y en el sur. Los *gallegos* forman una raza unica con los *portuguezes;* en el fondo todos son antiguos lusitanos, y predominan en ellos los elementos céltico y latino, en proporciones casi iguales. Y por fin los *andaluces* al sur de la peninsula, sobrepujando en ellos al elemento latino y vándalo el elemento semitico, presemitico y aún, en ciertos logares, el mogol». (*Heregias*, pagina 60.)

E' a esta variedade de gentes, com seus impulsos, genios, indoles, caracteres, costumes diversos, que Bomfim chama o paiz onde *mais profundamente se fundiram as raças*... Martins tinha escripto esse disparate e o trabalho do sr. Manoel foi só o de copiar. Quiz resgatar os enormes *xingamentos* passados aos povos peninsulares, como bulhentos, anarchicos, depredadores, crueis e parasitas, outorgando-lhes dois privilegios, a *hombridade* e a faculdade *assimi-*

ladora, que, por exaggerados, se transformam em dois erros, duas falsidades.

Urge passar a outro ponto. Eis aqui uma segunda proposição:

b) «Este paragrapho—*inferioridade de raças*—é o mais interessante. Ao examinar a influencia de cada uma das raças sobre as novas sociedades, importa pouco o estudo das qualidades positivas dos selvagens e dos negros *(E' falso)*; o essencial é saber qual o valor absoluto *(Valor absoluto é tolice)* d'essas raças em si, a sua capacidade progressista: se são civilisaveis ou não. Tanto vale discutir logo toda a celebre theoria das *raças inferiores*. Que vem a ser esta theoria? Como nasceu ella? A resposta a estas questões nos dirá que tal theoria *não passa de um sophysma abjecto do egoismo humano, hypocritamente mascarado de sciencia barata* (Faz sociologia insultando os maiores escriptores), e cobardemente applicado á exploração dos fracos, pelos fortes *(E' falso...)* Em face das reivindicações, que formam a essencia mesma da moral moderna, o egoismo dos fortes teria que ceder: *Os homens são eguaes; não devem uns explorar os outros.*

Eguaes? reflectiu a philosophia dos dominadores. *E se nós pudessemos contestar uma tal* (Que lingua!) *egualdade? Estamos no seculo da razão e da sciencia, recorramos á sciencia, e provemos que os homens não são eguaes.* Voltaram-se, então *(Quando foi isto?)* os sociologos do egoismo e da exploração para a historia

contemporanea, e encontraram que, *no momento*, como em todos os tempos, os homens não se apresentavam no mesmo estado de desenvolvimento social e economico *(E' falso; não é este o motivo)*: havia uns mais adeantados do que outros, uns já decaidos, outros ainda na infancia; e, sem hesitar, traduziram *(Está errado)* elles esta desegualdade actual, e as condições historicas do momento, como a expressão do *valor absoluto* (?!) das raças e das gentes, a prova de sua aptidão ou inaptidão para o progresso. A argumentação, a demonstração scientifica, não chega a ser *perfida*, porque é *estulta*; mas foi bastante que lhe pudessem dar esse nome de *theoria scientifica do valor das raças* (Quem foi e quando?), para que os exploradores *(Quaes?)*, os fortes do momento *(Que momento?)*, se apegassem a ella. Ha povos superiores e povos inferiores, pois que, neste momento, ha uns que são mais cultos, e mais ricos e poderosos do que outros.

Estes se se mantêm ainda na barbaria, é porque são incapazes de progredir; os que decaíram são povos decrepitos, exgotados; formam uns e outros a categoria dos inferiores; só os adeantados n'este seculo *(Quanto disparate, santo Deus!)*, só estes, devem ser considerados aptos para o progresso, — concluiu a ethnologia privativa das grandes nações salteadoras...» (Pag. 278 e seg.)

Eis ahi: nunca a doutrina da *egualdade das raças* teve um advogado tão desasado. Multiplica os adje-

ctivos insultuosos, julgando que basta este grosseiro expediente para dar ganho de causa ao seu socialismo de collegial; finge argumentar com algum pobre de espirito, que houvesse caído na patetice de fazer provir a *desegualdade* das raças do facto de agóra, hoje em dia, estarem umas mais adeantadas do que outras, para se gabar de victoria; assoalha que a velha doutrina, por elle desastradamente combatida, é uma invenção recentissima do que actualmente se costuma chamar a pretenção *imperialista,* no claro intuito de desviar um debate meramente scientifico para o das paixões partidarias da actualidade. Baldado esforço, porém!...

As differenciações entre as raças humanas, a maior ou menor progressibilidade entre ellas — não é coisa para ser apagada por motivos tão futeis. E' velha, é secular doutrina, estribada nos mais imparciaes e despreoccupados estudos da pre-historia e da historia, da anthropologia e da ethnographia, com que a politica nada tem a ver. São investigações sinceras, objectivas, meramente scientificas em que teem tomado parte os maiores espiritos e os mais profundos sabios. Boucher de Perthes, Lartet, Broca, Darwin, Mortillet, Huxley, Topinard, Häckel, Wallace, Lyell, ao lado de Bopp, Pott, Ewald, Schleicher, Max Müller, Schrader, Bréal, Burnouf, Jubainville, Renan, Ihering, e milhares de outros, todos á uma, biologos, anthropologistas, historiadores, linguistas, sociologos, — depararam essas differenciações, sem a minima

preoccupação pejorativa, politica, religiosa ou de qualquer outra ordem.

O *imperialismo hodierno*, que não passa d'uma attribulação de fracos inspirada pelo medo, é uma graciosa phantasia dos modernos, se o compararmos com o dos antigos, dos medievicos e dos temerosos tempos do chamado *absolutismo regio*.

Chefes selvagens ou barbaros, reis despotas, sedentos de sangue, aristocracias bulhentas, de grosseiros instinctos e insaciaveis appetites, levavam pelo cabrestro a pobre humanidade. As conquistas, as *razzias*, as depredações eram do numero das fontes mais abundantes dos erarios nacionaes.

Hoje quasi tudo isto passou; não existem mais terras abandonadas para ser occupadas, nem continentes exoticos para ser submettidos. A partilha européa da America fez-se nos seculos XVI e XVII; a da Oceania, nos seculos XVII e XVIII; a da Africa, no seculo XIX; a da Asia, tanto quanto podia sel-o, nos seculos XVIII e XIX. E digo — *tanto quanto podia sel-o*, porque é evidente haver alli parado a aventura partilhadora.

A fatalidade que impellia o europeu a apoderar-se de todos os continentes, para os explorar por si ou por seus descendentes, chegou a illudir-se com a Asia. Animada com as conquistas dos russos na [S]iberia, no Caucaso, no Turquestan; com as dos ing[le]zes na India e na Indo-China; com as dos france[zes] na Conchinchina e no Touquim, a audacia europ[éa]

tentou ir por deante; mas teve de recuar em face da maior licção historica de todos os tempos, após a dos persas na Europa, no periodo das guerras medicas.

Quero-me referir á sublime e nunca assás admirada derrota dos russos pelos japonezes.

Assim como a derrocada dos persas serviu para mostrar, desde os velhos tempos, — que a *Europa era dos europeus*, chegada é a occasião de se ficar sabendo que a *Asia deve ser dos asiaticos*. A audacia européa deve parar.

Salutares avisos já tinham sido dados; mas de prompto esquecidos.

Assim, a humilhação dos francezes no Mexico em 1864, e a recente dos hespanhóes, em Cuba, deante dos Estados-Unidos, já claramente estavam a indicar que a divisa de Monroe é muito mais séria do que possam suppor os orgulhosos europeus e seus inconscientes sectarios latino-americanos.

Na propria Africa, a gananciosa filaucia dos agitadores do Velho-Mundo, inebriada com a facil divisão do Congo, do Soldão, do Zanzibar, da costa e da contra-costa de Angola, de Moçambique, do Cabo e do interior do continente, não falando na Argelia e em Tunis, atreveu-se a medir-se com velhas, respeitaveis, venerandas nações historicas, como a Abyssinia.

O resultado foi essa tragedia de Adua, Makalé e Abigha-Rima, que só encontra superiores, em moder-

nos tempos, nas abençoadas victorias dos japonezes no Extremo-Oriente e dos americanos em Manilha e Santiago de Cuba.

Quero com estas indicações mostrar que o *imperialismo europeu*, longe de ser uma creação de nossa epocha, recebeu n'ella, ao contrario, rudes golpes, que o fizeram recuar e comprehender que hoje só lhe resta um campo licito de lucta: o das industrias, da navegação, do commercio, da competencia economica, em summa.

Ora, não seria em tal momento e em taes conjuncturas que elle havia de *inventar*, com fins politicos, a theoria das *raças inferiores*. Seria a mais rematada das inepcias, porque importava implicitamente o reconhecimento da superioridade dos *japonezes*, dos *abexins*, não falando já na dos *norte-americanos*, coisas que os vaidosos europeus não seriam tão tolos que viessem a proclamar perante o mundo inteiro.

A explicação do sr. Bomfim é, pois, uma creancice que se esborôa por si.

A doutrina das differenciações das raças e sua *divisão em mais progressistas e menos progressistas* não é, repito, uma creação de agóra, nem é uma invenção propositada de politicos gananciosos e depredadores, sedentos de conquistas.

Menos ainda se originou do facto da desegualdade *actual* dos diversos estados de cultura entre os povos. Seria um contra-senso que só espiritos

desvairados se lembrariam, como o sr. Manoel, de attribuir aos mais notaveis scientistas.

As distincções entre as raças são notadas pelos competentes em todo o curso da existencia do homem, desde a prehistoria até as gentes actuaes.

A analyse mostrou que as primeiras e mais rudimentares fôram substituidas por outras, que se revelaram mais capazes; mostrou que as primeiras não chegaram a crear civilisações prosperas e adeantadas, ao passo que as outras o conseguiram; mostrou, finalmente, que, ainda hoje, existem certos povos, antiquissimos aliás, alguns dos quaes andaram em contacto com altas e famosas civilisações sem que se tivessem civilisado. Incapazes de produzir uma civilisação propria, autochtone, original, teem-se revelado ao mesmo tempo inhabeis para, em massa, adoptarem a civilisação alheia e a desenvolverem n'um sentido proprio.

Tal é o caso dos indigenas equatoriaes da Africa e da America: os negros e os indios.

D'onde provieram as differenças nativas, se do facto do precursor do homem ter chegado a elle em pontos varios da terra *(hypothese polygenista)*; se de violentos cataclismas em regiões variadas terem actuado sobre os primitivos, separando-os irremessivelmente em grupos, que se conservaram distinctos e sem cruzamento durante millenios, distincção ajudada cada vez mais pela acção dos meios physicos *(hypothese monogenista)*, o caso vem a ser o mesmo para a sciencia imparcial.

Tanto é isto exacto, pondera J. Deniker, que o mais ferrenho sectario da *unidade primordial* e da *indistincção originaria* das raças, é forçado, quer queira quer não, a admittir, sob a acção dos meios, desde os primordios, tres ou quatro ou mais typos distinctos. « D'ailleurs, que l'on admette l'unitè ou la pluralité des espèces dans le genre *Homo,* on sera toujours obligé de reconaitre le fait positif de l'existence, dans l'humanité, de plusieurs *unités somatologiques,* ayant chacune son caractère propre, et dont les combinaisons et les mélanges constituent les différents *groupes ethniques.* Ainsi, les monogénistes, même les plus intransigeants, aussitot aprés avoir établi, par hypothèse, une *seule espéce d'homme* ou de *précurseur de l'homme,* font vite évoluer cette espèce sous *l'action des milieux,* en trois ou quatre ou en plus grand nombre de *troncs primitifs,* ou *types,* ou *races,* etc., en un mot en *unités somatologiques,* qui, en suite, vont se mélanger entre elles et former les peuples, etc. » (*Races et Peuples de la Terre,* pag. 10).

Deniker, que é actualmente um dos mais distinctos anthropologistas francezes, apezar de suas tendencias para a doutrina dos unitaristas e confusicionistas dos homens, não tem a coragem e a semceremonia de apagar as differenças entre as raças como faz o inconsciente e mediocre J. Finot.

Ensinando que se não devem confundir os *grupo. ethnicos* com as *raças,* estabelece que, examinando-s‹

attentamente os primeiros, chamados *povos*, *nações* e *tribus*, etc., conhece-se que se distinguem uns dos outros sobretudo pela lingua, o genero de vida, os costumes, e verifica-se que os mesmos traços do typo physico se encontram em dois, tres ou mais grupos ethnicos, ás vezes assás afastados um do outro. No seio mesmo da maior parte d'estes grupos, encontram-se variações do typo physico tão accentuadas que se chega a admittir a hypothese da formação d'estes grupos pela mistura de muitas *unidades somatologicas* distinctas.

E' a estas *unidades*, pondera sempre o auctor, que se deve dar o nome de *raças*, tomando o termo em sentido largo. E' um *conjuncto de caracteres somatologicos*, que outr'óra se encontrava em uma reunião real de individuos e que hoje se encontra espalhado por fragmentos, em dózes variaveis, em diversos *grupos ethnicos*, dos quaes não se póde mais separar senão por uma analyse delicada.

Seria possivel, se o quizesse, com o auxilio de Broca, Huxley, Bagehot, Wallace, que peculiarmente consultei no ponto em debate, aprofundar o assumpto e accentuar as *differenças* das raças.

Não se faz preciso, porque o nosso Bomfim poderá dizer que as não contesta, refugando apenas a *superioridade* de umas e a *inferioridade* de outras.

Será um mero sophysma, porque a maior capacidade para a civilisação origina-se da propria diffe-

*

renciação ethnica, ou, melhor, é exactamente uma das provas d'essas distincções e separações.

Concedo que não seja, como faz o proprio J. Deniker, preciso fazer do *Homem* um *genero,* dividido em *especies,* mas apenas uma *especie,* dividida em *variedades;* concedo mais que, em vez de *raças superiores,* se diga — *mais progressivas,* e em vez de *inferiores,* qualificativo que tanto assanha o sr. Bomfim, se diga *menos progressivas.* Mas d'ahi a chegar ao que pretende levianamente o auctor da *A America Latina* — váe um abysmo.

Já agóra não acabo esta parte de minha analyse sem lhe pôr sob os olhos uma pagina de um escriptor alheio á politica, pagina bem anterior ao que se veio a chamar o *imperialismo* hodierno.

Por ella o sr. Bomfim poderá ver o sentido em que a sciencia veio a falar desde os inicios do seculo XIX em raças inferiores ou incultas e raças superiores ou *civilisadas.*

Em 1855, escrevia Ernesto Renan em seu extraordinario livro — *Historia Geral e Systema comparado das linguas semiticas,* referindo-se ao apparecimento e successão das raças no velho mundo: « 1.º: Raças inferiores, não tendo deixado recordações, cobrindo o sólo desde uma epocha impossivel de investigar historicamente e cuja determinação cabe ao geologo. Estas raças desappareceram, em geral, em todas as partes do mundo occupadas pelas grandes raças civilisadas. Por toda parte, realmente,

os aryas e os semitas encontram, quando se véem estabelecer em um paiz, raças semi-selvagens por elles exterminadas e que sobrevivem nos mythos dos povos mais civilisados sob a fórma de raças gigantescas ou magicas, nascidas da terra, não raro sob a fórma de animaes. As partes do mundo onde não chegaram as grandes raças, Oceania, Africa do centro e do sul, Asia septentrional, ficaram entregues a essa humanidade primitiva que devia mostrar profundas diversidades, desde o doce e ingenuo filho das Antilhas ás populações más de Assam e de Bornéo, até o voluptuoso taitiano, *mas sempre uma incapacidade absoluta de organisação e de progresso.* (Vá vendo, Bomfim, o que são raças inferiores ou improgressivas). 2.°: Apparição das primeiras raças civilisadas: chins, na Asia oriental, kuschito-hamitas, na Asia occidental e Africa do Norte. Primeiras civilisações impregnadas d'um caracter materialista; instinctos religiosos e poeticos pouco desenvolvidos; fraco sentimento da arte, mas sentimento mui apurado da elegancia; grande aptidão para as artes manuaes e as sciencias de applicação; litteraturas exactas, mas sem idéal; espirito positivo, voltado para o negocio, o bem-estar e o prazer da vida; ausencia de espirito publico e de vida politica; ao contrario, uma administração muito aperfeiçoada, e tal que os povos europeus só a vieram a ter na epocha dos romanos e nos tempos modernos; pouca aptidão militar; linguas monosyllabicas ou sem flexões; escripta

hieroglyphica ou ideiographica. Estas raças contam 3.000 ou 4.000 annos de historia antes da éra vulgar.

Todas as civilisações kuschito-hamitas desappareceram sob o esforço dos semitas e dos aryas. Na China, porém, esse typo de civilisação sobreviveu e chegou até nós.

3.º: Apparecimento das grandes raças nobres, aryas e semitas. Surgem ao mesmo tempo na historia, a primeira na Bactriana, a segunda na Armenia, 2.000 annos antes da éra christã.

Muito inferiores, a principio, aos kuschito-hamitas no tocante á civilisação exterior, os trabalhos materiaes e a sciencia de organisação que faz os grandes imperios, excediam-nos immensamente quanto ao vigor, a coragem, o genio poetico e religioso.

Os aryas excedem, logo de começo, os semitas em espirito politico e militar, e, mais tarde, na intelligencia e aptidão para as especulações racionaes; os semitas, porém, conservam por muito tempo uma grande superioridade religiosa e acabam por attraír todos os povos aryas para as suas idéas monotheistas.

O mahometismo, sob este aspecto, corôa a obra essencial dos semitas, que foi de simplificar o espirito humano, banir e polytheismo e as enormes complicaçoes em que se perdia o pensamento religioso dos aryas. Cumprida esta missão, a raça semitica decáe rapidamente e deixa a gente dos aryas cami nhar á frente dos destinos do genero humano».

Não sei se este bello escorço do apparecimento

e successão das raças no velho-mundo dará ao sr. Bomfim uma idéa do qualificativo — *inferiores,* — que se póde trocar por — *menos progressivos,* applicado a certos grupos humanos, desapparecidos ou ainda existentes. Senão, *tant pis pour lui*...

Mas, cumpre lembrar, no livro, pelo que diz respeito a raças, não existe só essa arrelia sobre povos *inferiores;* ha umas duras investidas contra os aryas, de que tanto falou Renan na pagina transcripta.

XIX

Em seus arrazoados anthropologico-ethnographicos, Manoel Bomfim estabelece as seguintes proposições:

c) « Esta *differença dos direitos* (Refere-se a umas phrases de M. Gerente ácerca dos argelinos) esta *differença dos direitos* consiste em que o colono francez tem direito de despojar o indigena das terras, obrigal-o a trabalhar como assalariado, e envial-o, por intermedio dos *tribunaes repressivos,* para os presidios, quando o indigena recalcitra. Agóra, sabem quem é esse indigena-*inferior,* e em nome de cuja inferioridade a França tem o direito de assim proceder? E' o *arabe*... O arabe, cuja civilisação, nos seculos de barbaria da Europa, resumia toda a sciencia e riqueza do mundo occidental! »

Temos ahi dois erros formidaveis; o *indigenismo do arabe* no norte da Africa, a grandeza *unica* de sua civilisação no mundo occidental na epocha medievica.

Se Bomfim, para conhecer bem a gente brasileira e latino-americana em geral, se tivesse dado ao trabalho de estudar, o mais possivel, as populações antigas e modernas da peninsula iberica, e mais as da Africa, e mais as da America, não cairia na patetice de suppor os arabes os representantes hoje dos indigenas da Africa do norte, onde se acham as colonias francezas.

O arabe é alli uma minoria apenas e quasi recente.

Abra—Gaston Boissier, *Africa Romana,* e veja o quadro dos povos da região—desde a mais remota antiguidade.

Ficará sabendo que os *berberes,* dos quaes os *kabylas,* os *chanias* e *tuaregues* são ramos, constituiram e constitúem o fundo indestructivel da população. «Dans cet immense espace de près de 5.000 kilomètres de long, un peuple a vécu *et vit encore,* divisé aujourd'hui en une multitude de tribus toujours jalouses, souvent ennemies les unes des outres et prêtes à s'entredéchirer, mais qui formaient autrefois une seule nation, et qui *a gardé de son ancienne unité une langue commune,* la même qu'il parlait du temps de Jugurtha: ce sont les *berbéres* pour leur donner le nom sous le quel les arabes les désignent, ceux que les romains appellaint *maures* et *numides,* c'est'à dire le fond indigéne au dessus du quel les

nations du dehors sont venues s'établir, et qu'elles ont reconvert, sans le détruire. » (*L'Afrique Romaine*, pag. 8).

Claro é que no periodo punico, no romano, no vandalo, no bysantino, no arabe—a população principal foi a dos *berberes;* e se assim foi com esses conquistadores estaveis, por maioria de razão o foi e é com os arabes, gentes nomadas alli, como em terreno a isto adequado.

Tal o motivo pelo qual no seu recentissimo estudo, intitulado — *A França em Marrocos* — o illustre Léon Poinsard, no cap. *Les Populations Marrocaines*, enumera, como habitantes da região: Os *berberes*, os *mouros* (assim considera os *berberes* misturados das cidades), os *judeus*, e, no 4.° logar, os *arabes nomadas.*

Sr. Bomfim, não seja trapalhão e estude mais os assumptos de que se occupar. N'estas materias, não se improvisa, meu caro!

Mistér é estudar, estudar, e ainda estudar.

E se é evidente que o auctor d'*A America Latina* — não sabe nada das gentes africanas, mais evidente ainda é que desconhece completamente o que tenham sido e sejam ainda hoje os arabes.

Na pag. 46 do seu livro dá-nos o arabe — como *o typo perfeito de civilisação guerreira e depredadora;* na pag. 248 nol-o apresenta como *reunindo toda a sciencia do mundo occidental.*

A verdade é que o arabe teve na historia não

uma missão creadora e original e sim meramente de *mediação*. O papel creador pertencia, ainda n'aquella phase, ao genio hellenico.

«Devia caber, escreve um historiador que sabe, devia caber a um povo que tinha sido, durante dois seculos, adversario encarniçado dos gregos, e contra o qual o Occidente devia armar todas as suas forças, um povo que tudo distinguia e separava tanto dos gregos como dos occidentaes, origem, tradições, costumes, lingua, religião, disposições naturaes do espirito, o preencher, máu grado seu, o *papel de mediador* entre os dois herdeiros dessemelhantes do mundo antigo: o imperio do Oriente de um lado e a Europa latina e germanica de outro. Os arabes estavam predispostos para este papel pelas condições geographicas de seu imperio e por sua indole propria. Em menos de cem annos—este povo que tinha gasto seculos e seculos a amadurecer e cujo despertar foi subito, se tinha espalhado da India aos Pyreneus. Por seus estabelecimentos extremos, estava em contacto com os gregos do imperio e os christãos da Europa occidental... Foi á seita christã dos nestorianos, perseguida pelos imperadores de Constantinopla, que coube o merito de *iniciar os arabes nas lettras gregas* por intermedio dos syrios. Os kalifas da Syria aprenderam a conhecer e a aprecia[r] *litteratura grega;* mandaram fazer *traducções* [d]suas obras primas em syriaco e em arabe. A esc[ola] de Edessa, fundada pelos nestorianos na Mesopo[tamia]

mia, foi a *fonte* d'onde brotou para os arabes a primeira corrente dos conhecimentos da antiguidade.

A Persia foi para elles tambem uma terra de descobertas, porque alli puderam recolher as lições de numerosos philosophos exilados *da escola de Athenas* pelas perseguições de Justiniano. Deve-se, porém, notar que na *opulenta herança hellenica*, os arabes desprezaram propositadamente o que não se referia á philosophia e ás sciencias. Quanto aos *monumentos litterarios* propriamente ditos, não os quizeram conhecer, ou porque mestres idoneos lhes tenham faltado para esta parte delicada da obra grega, ou porque a sobriedade e perfeição hellenicas tenham tido poucos attractivos para a exúberancia arabe e a differença dos genios tenha tornado esse commercio importuno e esteril.

Por isso, a *obra de mediação dos arabes* foi diminuida e encurtada. Em vez de darem a conhecer á Europa medieval *o hellenismo inteiro*, elles lhe offereceram uma só parte — o hellenismo scientifico. Foi mistér esperar até aos seculos XV e XVI para que o hellenismo litterario fôsse mostrado por outras mãos ao Occidente.»

E', pois, evidente que os arabes não estavam sós no terreno scientifico na edade-média. Gregos, bysantinos e syrios christãos competiam com elles n'uma obra em que o papel dos novos conquistadores não era original, não passava de méra *mediação* e *propaganda*.

Mas vamos a coisas mais graves. Eis aqui nova proposição:

d) «Pois não vemos, hoje, admittida pela quasi unanimidade *(E' falso)* das anthropologias e ethnologias a *superioridade* dos famosos *dolichocephalos loiros* da Europa — allemães *(E' inexacto; muitos dos allemães nem são loiros, nem dolichocephalos)*, inglezes *(O mesmo que os allemães; muitos nem são loiros, nem dolichocephalos)*, suecos, etc., sobre todos os povos da terra, inclusive os outros da propria Europa?...

Porque as nações por elles constituidas são, hoje, mais fortes e ricas *(Falso; os norueguezes, suecos e dinamarquezes, e mesmo os hollandezes e flamengos, não são do numero dos mais fortes, posto que os ultimos estejam no numero dos mais ricos)*, eil-os proclamados superiores a esses proprios *morenos* do Mediterraneo *(Falso; alli, como na Asia e Africa sempre houve e ha loiros dolichocephalos)*, que produziram a civilisação occidental *(Falso)*, tudo que n'ella se encontra de bello e original. Os taes *loiros* seriam superiores á raça d'onde sairam esses gregos *(Falso; os thracios e os hellenos eram loiros)*, os creadores da arte... Seriam superiores os taes dolichocephalos loiros a estes *latinos*, que instituiram a vida civil, segundo a qual ainda hoje se regem os povos; superiores a esses *povos morenos* d'onde saiu a moral do amor e da egualdade entre os homens!... Que é que ha no progresso humano que não tenha sido

creado por esta *raça morena*, hoje tão detractada? Arte, sciencia, philosophia, direito, moral, tudo *creado* por elles...» (Pag. 284).

E' um tecido, u'a malha de erros este trecho.

São taes e tantos que ha até difficuldade em destrinçar esse cipoal!

O sr. Manoel, no seu enthusiasmo pelos *morenos*, quasi chegou ao ponto de entoar a modinha casquilha dos capadocios emeritos:

> «Eu gosto da côr morena,
> Sempre amena,
> Que mimosa me arrebata;
> Essa côr é da faceira,
> Feiticeira,
> Mulatinha que me mata.»

Foi o que faltou.

Por mais um pouco, em furor laudatorio, Bomfim desandaria no canto predilecto. Mas é precizo fallar serio: não ha nos periodos citados, uma linha certa. Tudo errado.

Attenda o leitor.

Não é verdade que os anthropologos *quasi unanimemente* tenham declarado os *dolichocephalos loiros* da Europa do norte superiores ao resto dos homens.

E' opinião, que eu acceito, mas, infelizmente, não vejo seriamente adoptada senão por pequeno numero de pensadores, entre os quaes se destacam de Gobineau, Ammon, Lapouge, Chamberlain (Não confundir

com o famoso politico) e poucos mais, em cujo numero póde ser incluido o grande Haeckel.

Os ethnologos francezes, italianos, hespanhóes e crescido numero dos slavos, inglezes e até allemães não cogitam d'essa opinião ou a repellem resolutamente.

N'este ponto, Bomfim exaggerou de proposito para reduzir ao absurdo a doutrina adversa.

Não é verdade que os dolichocephalos loiros do norte sejam hodiernamente os mais ricos e por isso os mais fortes.

Os suecos e norueguezes que figuram entre os mais puros typos d'aquella variedade de gente, nem são os mais ricos nem os mais fortes Estados de hoje [1].

Os hollandezes e flamengos, entre os quaes superabunda, talvez, o typo, são ricos, mas não são poderosos.

Por outro lado, os allemães, inglezes e norte-americanos, gentes onde os brachycephalos e mesocephalos occorrem em proporções quasi eguaes aos dolichocephalos, são realmente ricos e poderosos.

O mesmo se póde quasi dizer dos francezes; n'estes, a mixtura é um pouco maior: existem dolichocephalos loiros ao norte, dolichocephalos morenos

[1] Não inclúo no numero os dinamarquezes, porque passam por brachycephalos.

*

ao oéste, brachycephalos morenos ao centro, brachycephalos loiros espalhados, nomeadamente em algumas regiões de léste, o que tudo não impede aquelle paiz de ser forte e riquissimo.

Não é tudo: não é verdadeiro Bomfim, quando entre os *dolichocephalos loiros* enumera os allemães e os inglezes, sem fazer a mais leve restricção, porque os allemães do sul são uns loiros, outros morenos — brachycephalos ou mesocephalos; os inglezes do oéste são dolichocephalos, é certo, na quasi generalidade, porém são morenos. E' o testemunho de Huxley nos seus tres admiraveis ensaios — *Os methodos e resultados da ethnologia. Alguns factos assentes da ethnologia ingleza, A questão aryana e o homem prehistorico.*

Não é só: não é verdade que as gentes *mediterraneas* tenham sido, ou sejam ainda hoje, *morenas,* nem que o tivessem sido ou sejam, até agóra, os *gregos.*

O esquecido Manoel, pelo modo porque falla, parece suppor a existencia dos *malditos loiros* só em o norte da Europa.

Porque não estudou esse joven o assumpto antes de cozer a *America Latina?*

O typo loiro existiu e existe nas tres partes do mundo que formam o chamado antigo continente.

Na Asia sua presença é positiva nas margens do rio Amour; no sudéste da China entre os miaotses; na India, entre os kattes; em Ceylão, entre os cin-

galezes; nas origens do Ganger, no meio dos bisahuris; no Kaffiristan, na juncção do Himalaya e do Hindú-Kho; no Darnistan; entre os kirghis, os osse-tas, os abassianos nas vertentes meridionaes do Caucaso (Topinard).

Na Africa, sua existencia é de vulgar noticia nas regiões do norte, na Tunisia, na Algeria, em Marrocos, nas ilhas Canarias e algumas partes do Sahara (Topinard).

São factos consignados na *Anthropologia* d'este illustre scientista.

Vejo-os comprovados em Huxley, quando diz: «No tempo em que vivemos, e a despeito da mescla consideravel produzida pelos movimentos da civilisação e pelas mudanças politicas, predominam os homens *morenos* a oéste e os *loiros* a léste e ao norte da Grã-Bretanha. Hoje, como nos mais antigos tempos, os elementos dominantes nas populações ribeirinhas do Mar do Norte e da metade oriental da Mancha — são os homens *loiros*.

O tronco *loiro* segue atravéz de toda a Europa central até ir perder-se no interior da Asia. Ramos d'este troncos e estendem pela Hespanha, pela Italia, (pelos Balkans), pela India do norte, pela Syria e norte da Africa até ás Canarias. Fôram, desde remotos tempos, conhecidos dos chins, e, em temp ainda mais remotos, dos egypcios como tribus d fronteiras. Os thracios (raça hellenica) eram famos por seus cabellos loiros e seus olhos azues, mui'

seculos antes de nossa éra.» *O logar do homem na Natureza*, pag. 293, traducção franceza, 1891).

Já vê o sr. Bomfim que essa historia de *loiros* é mais complicada do que lhe approuve phantasiar.

Quem eram esses loiros que lançaram ramos pela Europa do centro, do norte, de léste, do sul, que invadiram a Hespanha, a Italia, a Grecia, a Syria, o Egypto, o norte da Africa, a Armenia, a Persia, a India e até a China e o Turquestan?

Que relação tinham ou teem elles com os aryanos? Eram a mesma raça?

De Gobineau, o valente defensor do *aryanismo*, responde pela affirmativa. *(Essai sur l'inégalité des races humaines)*.

Para este venerando pensador, os *aryanos*, raça tão antiga quanto a dos negros, dos amarellos, dos semitas e chamitas, era originaria da Asia occidental, d'entre os montes Uráes e o curso superior do Amour, região cortada pelo Yenissei. *(Inégalité des races humaines*, I, pag. 502 e segs.)

Tinha, conforme seu modo de pensar, além das colonias que expelliu para a Europa, para a Persia e para a India, enviado emigrantes para a China e Egypto, elementos esses que não fôram estranhos ás antigas civilisações d'esses paizes. Mais tarde é que as vagas das gentes amarellas teriam expellido do seu antigo *habitat*, essas populações brancas e loiras, sem que, todavia, tivessem ellas deixado evidentes traços da sua residencia em varios pontos da Asia e Africa.

O grande geographo Ritter era da mesma opinião, mais ou menos identica á de Huxley, que lhes dava por patria a região do continente eurasiatico, que tem por centro os Urâes. O grande biologo e naturalista britannico estendia, de accordo com Latham, essa patria primitiva ás terras que se estendem ao occidente d'aquelles montes na direcção para o Volga e mesmo além.

Pelo que diz respeito á Africa, innumeros são os anthropologistas que consideram os loiros da Berberia, como aryanos e, por isso, adeanta G. Boissier — *comme on l'a prétendu, les gens du type blond appartiennent aux races aryennes, et sont arrivés de l'Occident par le détroit de Gadés.* (*L'Afrique Romaine*, pag. 7).

Manoel Bomfim faz muito barulho com o *morenismo* de seus gregos, que inventaram a *arte,* e com o *morenismo*, em geral, das gentes mediterraneas, que inventaram a *civilisação,* a *philosophia,* o *direito* e não sei que mais. Aqui é mistér ir um pouco mais de vagar.

Primeiramente, não é verdade que os *gregos* tivessem inventado a *arte.* Isto é um falar incorrecto de gente sem cultura. A arte é um patrimonio commum de todos os povos que se civilizaram. Os chins a tiveram e a teem; egualmente os japonezes, egualmente os egypcios, os assyrios, os hittitas, os chaldeus, os persas... Ora, sr. Bomfim, queira arrolhar o garrafão.

Depois, não é verdade que os gregos tivessem sido nos aureos tempos de sua civilisação original tão *morenos*, como a Manoel parece, quando exulta a cantar:

« A côr morena
E' côr do ouro;
A côr morena
E' meu thezouro;
E' de meu gosto,
E' da minha opinião,
Hei de amar a côr morena
Com fervor no coração. »

Bomfim toma essas *morenices*, tão queridas no Brasil, terra onde abundam os mestiços namorados de si proprios, ao sério.

Quando vi os meus velhos gregos de Homero dados por *morenos* de cabellos negros, assim pouco mais ou menos como os Nerys do Amazonas, puz-me a scismar... Seria possivel que um nobre povo, cujos heróes e cujos deuses fulguram á luz da poesia com *cabelleiras doiradas*, fôsse um agrupamento dos taes *morenos* de Bomfim?

Não, ahi havia engano por força.

Se o typo de belleza para o grego, typo por elle encarnado nos deuses e nos heróes era de *brancos* de olhos *azues* e cabellos *loiros*, é que esse typo era corrente entre o povo.

O contrario seria absurdo.

Das primeiras paginas da *Iliada*, quando se váe

travar o combate entre Agamennon e Achilles, lembrava-me da passagem: «Minerva desce, então, do céo, por ordem de Juno, pára atraz de Achilles, e, visivel só para elle, pega-lhe a *loira cabelleira.* O heróe, tomado de susto, volta-se, brilham-lhe os olhos com um fulgor terrivel, reconhece Minerva e diz-lhe rapido: — Para que vens a mim, filha de Jupiter? Vens testemunhar os ultrages de Agamennon? Asseguro-te que seu orgulho lhe fará perder a vida.

A deusa de *olhos azúes* responde n'estes termos...»

Eis ahi: logo nos primeiros versos da *Iliada* temos um heróe *loiro* e uma deuza de olhos *azúes.*

Onde andarão os *morenos* de cabello preto do anthropologista da *America Latina?*

Era só proseguir na leitura; mas lembrei-me de recorrer ao magnifico livro de d'Arbois de Jubainville — *La Civilisation des celtes et celle de l'épopée homérique,* onde me lembrava de alguma coisa a respeito.

Effectivamente, na pag. 370, escreve: «Uma parte dos gregos, n'essa data (tempos homericos) tinha conservado a cabelleira loura dos povos septentrionaes; tres dos principaes heróes da *Iliada,* Achilles, Ulysses, Meneláu, são loiros como os gaulezes.»

Uma part , diz Jubainville, a maior parte de dizer para de melhor accordo ficar com as tradiçõ e os factos.

Em um admiravel ensaio modernissimo, pois q

é de 1891, dizia um dos fundadores da anatomia comparada, tão distincto como naturalista quanto como philosopho, o eminente Huxley: «Pelo que diz respeito aos povos que falaram grego e latim, não tenho a pretenção de destrinçar a complicada ethnologia da peninsula dos Balkans e de pôr em ordem o cahos da Italia. Quanto á primeira, existem felizmente alguns elementos satisfactorios.

Os antigos thracios eram *loiros de olhos azúes*. Os *grandes-louros* eram vulgares entre os antigos *gregos (Repare, sr. Bomfim!)*, que tinham a cabeça *comprida (dolichocephalos)*, e os sphakiotas de Creta, *os mais puros* representantes que existem hoje dos antigos hellenos, são altos e *loiros*. (Santo Deus, onde andam os *morenos* de Bomfim?)

Os dorios pódem ter conservado o typo original, e sua famosa migração póde ser considerada como o primeiro exemplo conhecido d'esses movimentos da raça aryana que deviam mudar a face da Europa... Em todo caso, os *loiros altos*, de cabeça *comprida* estão tambem representados na mais primitiva historia da peninsula dos Balkans, que se *pódem attribuir a elles* as linguas aryanas alli faladas.» *(A questão aryana e o homem prehistorico, in Logar do Homem na Natureza*, pag. 324*)*.

E eis a que se reduzem os *morenos* que crearam a *arte* e o *direito*, esses *morenos*, dos quaes *saiu a moral do amor e da egualdade entre os homens*, a ponto de nada haver no progresso humano que não tenha sido invenção sua!...

«Arte, sciencia, philosophia, direito, moral, tudo creado por elles», brada Bomfim (pag. 285).

Este terrivel improvisador de historia e de ethnographia refere-se aos que elle chama os *morenos* do Mediterraneo.

Claro é que se refere ás populações das tres peninsulas sul-européas que, na sua profunda ignorancia, acredita que são e sempre fôram *morenas.*

E porque esconde as creações dos egypcios e dos kuschito-chamitas em geral? E porque occulta as dos semitas, dos judeus, dos assyrios, dos babylonios? Pensará que todos elles eram *morenos?*

E porque nada diz das dos persas e hindús? E porque guarda silencio ácerca dos chins e japonezes? Estarão tambem no numero dos seus *morenos?*

Ora!...

Mas eis agóra outra proposição do escriptor sergipano:

e) «Oliveira Martins quer referir-se á muito falada emigração na Europa das raças vindas dos platós da Asia Central, a celebre theoria aryana, *que ninguem hoje acceita...*» (Pag. 287, em nota).

Já, em 1878, A. Hovelaque tinha dito com certa rudeza: «Onc ommence aujourd'hui *à ne plus parler d'une race aryenne.* On commense enfin á reconnaitre qu'il y a bien une *famille linguistique aryenne* (langues de l'Inde du norde, persan, grec, langues romanes, germaniques, slaves, celtiques, lettiques), qu'il existe bien des langues aryennes, mais qu'on

ne *saurait parler en aucune façon d'une race aryenne.* Nos rencontrons encore çá et lá quelques attardés, mais, eu somme, sur cette question la lumiére est faite et bien faite.» *(E'tudes de Linguistique et d'Ethnographie,* par A. Hovelaque et J. Vinson, 1878).

Paul Topinard, em 1900, escrevia: «Il'y a les aryens *de la linguistique,* mais il n'y a pas de *race aryenne,* il y a une race française au point de vue de la linguistique, il n'y en a au point de vue de l'anthropologie». *(L'Anthropologie et La Science Sociale,* pag. 229).

No mesmo anno, J. Deniker, exclamava: «A' un certain moment, que d'Arbois de Jubainville place vaguement á vingt ou vingt cinq siécles av. J. C., l'Europe aurait été envahie par les aryens vénant d'Asie, qui imposérent leurs langues aux autochtones. Le point capital pour l'histoire ethnographique de l'Europe serait donc, suivante les linguistes, l'arrivée des aryens. Mais qu'étaient—ce que ces aryens? Personne ne le sait au juste». (J. Deniker —*Races de la Terre,* pag. 375.)

Paginas adeante conclúe: «En sommes, *la question aryenne* n'a plus aujour-d'hui l'importance qu'on lui prêtait jadis. Tout ce que nous pouvons supposer légitimement, c'est qu'á l'époque, voisine de l'âge néolithique, les habitants de l'Europe ont été *aryanisés au point de vu de la langue,* sans changement notable dans la constituition de leur type physique, ni, probablemente, de leur civilisation». (*Op. cit.,* pag. 379.)

Escusado é dizer que todas estas coisas caíram no goto do destemido J. Finot, que as exaggera enormemente no seu livro já citado — *Le Préjugé des Races*. Mas tudo não passa de repetição do que já havia, com criterio e moderação, dito Paulo Broca, desde 1862 em seu estudo — *La Linguistique et l'Anthropologie*, e em 1864 — no ensaio — *Sur les Origines des Races d'Europe*. (Vide — *Mémoires d'Anthropologie*, de Paul Broca, I, Paris, 1877.)

Que pensar d'essas affirmações, adoptadas com gaudio por Bomfim, que se insurge contra *loiros* e *aryanos*, como se fôssem seus inimigos pessoaes?

O caso é o seguinte:

Acreditou-se por muito tempo, mais ou menos, sob a influencia de idéas biblicas, que o antigo continente era habitado pelas tres raças: a *negra* na Africa; a *amarella*, na Asia; a *branca*, na Europa.

Ora, os brancos da Europa não eram senão os *filhos de Japhet*, pois que os outros brancos, isto é, os *filhos de Sem e os de Cham*, estavam relegados para o norte da Africa e para a Asia anterior. A esses suppostos filhos de Japhet, que se suppunham exclusivos da Europa, os linguistas juntaram os *aryas* da India e os *iranianos* da Persia. Ao conjuncto dos da Asia e Europa se veio a chamar — *indo-germanicos*, *indo-europeus*, ou *aryanos*.

Como se vê, era um escorço ethnographico, mu simples, com alguns erros e grande fundo de v dade. A isto se póde chamar a primeira phase questão aryana.

Mas, eis que o advento dos estudos anthropologicos, verdadeiramente organisados, abriu desde certo tempo uma brecha no *aryanismo*, se assim posso falar. Retzius, Pruner-Bey e outros comprovaram a existencia na Europa de uma população que diziam *brachycephala*, a que davam o nome de *raça turaniana*, e que tinha sido anterior á invasão dos chamados aryanos. E' a segunda phase da questão.

Paulo Broca, principalmente, em França, e Thurnam na Inglaterra — rebateram as idéas de Retzius e discipulos, mostrando ter sido a Europa habitada antes dos famosos aryanos, *dolichocephalos*, pelo menos em sua quasi generalidade, não só pelos suppostos *turanianos* de Retzius, mas por outras gentes desconhecidas, anteriores e tambem *dolichocephalas*, como os indo-europeus. Variadas tinham sido as populações prehistoricas d'aquella parte do antigo mundo. Era a terceira phase da questão. Mas não bastava: Roberto Latham, Omalius d'Halloy, seguidos por Penka, Schrader, Taylor, Huxley, Poesche e outros sabios modernos, atacaram a *origem asiatica* dos aryanos, cuja origem acreditam ter sido a propria Europa. E' a quarta e ultima phase da questão.

Dest'arte, o que se contesta hoje vem a ser: 1.°, a unidade das primitivas populações da Europa; 2.°, a identificação das primitivas populações com os aryanos; 3.° a pretenção de que todos os que hoje falam linguas indo-européas, pertençam a essa raça aryana, que não devia ter passado d'uns grupos pri-

mordiaes cujas linguas irmãs se espalharam sobre povos de outras raças; 4.°, a origem *asiatica* dos *aryanos*.

Isto é que se contesta; a existencia, porém, de um *nucleo*, um *grupo*, uma *gente*, um *povo*, distincto de quaesquer outros, fôsse qual fôsse o seu *numero* e fôsse qual fôsse a *sua patria de origem*, é o que ninguem, em bom juizo, poderá, com razão, negar.

Nunca houve aryanos; mas existem *linguas aryanas*... Quem as inventou? Teriam caido do céo?

Os habitantes da Europa *fôram arynisados, quanto á lingua*, assevera Deniker.

Cumpre perguntar: por quem? quaes fôram os auctores d'essa *aryanisação?* Teriam brotado das hervas dos campos? Que moveis, que motivos, que factores produziram taes resultados?

Confesso que me parece mais difficil de tragar do que a existencia de uma raça aryana.

E' como se alguem, notando, na Asia, na Africa, na America, na Europa, typos anthropologicos e ethnicos diversos falando *portuguez*, dissesse: essas varias gentes fôram *aportuguezadas quanto á lingua*; ha, pois, uma lingua portugueza, *mas não existe um povo portuguez.*

Não seria uma rematada extravagancia? A *aportuguezação linguistica* de negros, vermelhos e ar rellos — não é devida a um povo, uma nação, (existe alli em carne e osso?

Pois foi em muito maior escala o caso ary

O mais são reacções francezas contra allemães, repetidas inconscientemente pelos mestiços do Brasil. Origina-se isto do facto de ter havido quem identificasse os aryanos com os *dolichocephalos loiros* do norte da Europa, representados nos *allemães, anglo-saxonios* e scandinavos, com os *dolichocephalos loiros,* com quem os francezes e Bomfins implicam devéras. Não houve mais geito de os conter; não se contentam com o negar a origem asiatica dos *aryanos,* ponto em que tinha ficado a doutrina; negam a *identificação com os loiros* e chegam até a negar a *existencia* do povo aryano. Chegam ao absurdo de affirmar a existencia de um grupo de linguas que não *tiveram donos,* que fôram inventadas pelos passaros.

Sabe-se bem que o criterio linguistico é fallivel no sentido de pretender *que todos que falam a mesma lingua sejam, ipso facto, da mesma raça.* Os que hoje falam inglez por esse mundo em fóra não são, necessariamente, anglo-saxões; existem gentes *anglicanisadas* quanto á lingua nas cinco partes do mundo. No futuro remoto, quando a Inglaterra tiver deixado de existir, ou se tiver apagado a historia de suas colonisações, os Bomfins de então hão de dizer, deante da diversidade ethnica dos que falarem inglez, qual *anglo-saxões,* qual nada, qual *inglezes,* qual nada, nunca houve semelhante gente: existe, sim, uma lingua que se espalhou e nada mais. Pois é o caso dos aryanos.

Verdade é que por este systema chega-se até a contestar a existencia de raças e de todas as variedades entre os homens. Nada mais simples: applica-se o criterio linguistico e verifica-se que, hoje e em varios periodos do passado, houve gentes que impuzeram sua lingua a povos diversos e estes tiveram a esperteza de as acceitar. O resultado é que estes, além da lingua, ficaram com o privilegio da existencia e aquellas se dissiparam como sombras. E senão vejamos.

Sabido é que as linguas semiticas fôram faladas por gentes dessemelhantes anthropologicamente. Renan deixou dito: «Cette dénomination (de sémites) est tout à fait defectueuse, puisqu'un grand nombre de peuples qui parlaient les langues sémitiques, les phéniciens par exemple, et plusieurs tribus arabes, étaient, d'après le chapitre X de la Genèse, de la race de Cham, et qu'au contraire des peuples donnés par le même document comme issus de Sem, les élamites, par exemple, ne parlaient point une langue sémitique». (*Histoire génerale et Systéme comparé des langues sémitiques*, I, pag. 2.)

O mesmo dizem Prichard, A. Maury e outros; logo, não existiram nunca gentes que se devessem chamar *semitas;* houve apenas um grupo de *linguas semiticas*, e certos povos que se *semitisaram quanto lingua*.

Não é só: anda-se ahi a falar em raça *mongo ca;* pois não existe n'este mundo maior dispara

Quem se quizer convencer é só ler o bello estudo de Abel Hovelaque, *Le Type Mongolique*, cuja summula é a seguinte: ou as palavras não teem sentido, ou o nome de *typo mongolico*, raças mongolicas, mongoloides, pertencem aos grupos de individuos cujos caracteristicos ethnicos são os caracteres dos mongóes, propriamente ditos.

Ora, a raça mongolica é geralmente dividida em dois grupos: o ramo *mongol* e o ramo *tonguz;* n'aquelle se contam os *kalmuks* e os *buriates;* no outro, os *mandchús* e os *tonguzes*. Entre esses varios grupos notam-se já grandes variedades, que indicam raças diversas. Não é tudo: entre os mongolicos se contam os *chins;* mas isso é erro, por oito motivos serios: 1.º, o chim tem tendencia para a obesidade e o mongol tem tendencia inversa; 2.º, a tez amarellada do chim (anegrada no sul) nada tem de commum com a do mongol; 3.º, este é de compleição muito mais robusta do que o chim; 4.º, o filho do Celeste Imperio tem a palpebra muito mais obliqua do que o mongal; 5.º, o chim é muito mais prognatha do que o outro; 6.º, o craneo do chim tem menos capacidade do que o do mongol; 7.º, o nariz do chim não é chato como o do mongol; 8.º, a fórma geral do craneo do chim está em completa opposição á subbrachycephalia dos mongóes.

Entre as populações denominodas mangolicas é tambem de uso contemplar os annamitas, os siamezes, os birmanos, os thibeanos e, em geral, as gen-

tes indo-chinezas. N'este ponto, Hovelaque entra n'uma discussão que não posso reproduzir e chega á conclusão de que toda região do continente asiatico foi antigamente povoada pelas raças negras, não só os negritos como os negros de cabellos lisos. N'este fundo de população, se vieram estabelecer diversas raças de tez clara, d'onde saiu um extraordinario mestiçamento, no qual os mongóes teriam tido uma parte muito insignificante.

Se se deixa o terreno ethnographico e se váe ao linguistico, a famosa *raça mongolica* mantem-se ainda menos. Cinco são os grupos da familia chamada *uralo-altaica: mongol, tonguz, tartaro, finnico* e *samoyeda.*

Acontece, porém, que os tartaros, turcos, etc., são, segundo Pallas, Demoulins e outros viajantes celebres, inteiramente diversos dos mongóes. Pallas chega a dizer que distam tanto entre si quanto os negros dos mouros.

Pelo que toca aos finnezes, se é certo que sua lingua se deve ligar á dos mongóes, bem diverso é o caso quanto á origem ethnica dos dois povos.

O finnez ou filandez tem cabellos vermelhos ou amarellos, ou de um louro dourado ou esbranquiçado. Barba abundante e ruiva; olhos azues, verdolengos ou castanhos; tez branca, cheia de sardas muitas vezes; nariz recto, narinas pequenas; labios pequenos; queixo redondo.

Tudo inverso do mongol. Só quem não conhece as duas raças poderá irmanal-as.

*

Quanto aos lapões, é evidente que nada teem nem com os mongóes, nem com os filandezes.

O typo samoyeda não está estudado com segurança; uns o collocam entre os lapões; outros, entre os esquimós; outros, entre os mongóes.

Quanto ás populações especialmente denominadas hyperboreas, são completamente diversas dos mongóes. «Nossa conclusão é que a expressão *typo mongolico* ou deve ser inteiramente abandonada ou restringida ao grupo dos verdadeiros mongóes e de seus mais proximos parentes», diz, por fim, Hovelaque.

E' que o criterio linguistico alli, como n'outros casos, não é criterio seguro de parentesco ethnographico. Nem todos que falam linguas mongolicas são mongóes.

Mas Hovelaque não deixou de ter o bom senso de reconhecer um grupo mongolico propriamente dito, digno d'este nome.

Identico é o caso dos aryanos. Houve, antes da dispersão, um grupo que merecia tal denominação.

Contra isto não prevalecem sophismas.

Se os mongolicos se tivessem espalhado nas mesmas proporções, ou tivessem sido victimas da conquista na sua patria nativa, a vasta steppe central da Asia, a ponto de seu typo se haver de todo misturado e pervertido, sua existencia seria agora tambem posta em duvida, como se põe a dos aryanos.

Diz o sr. Bomfim, repetindo o negativismo de

certos francezes, que *ninguem hoje fala mais em aryanos*. Será verdade?

Não creio.

Para não ir muito adeante, basta que lhe diga que os discipulos da escola de Le Palay, entre os quaes se contam homens, como Ed. Demolins, Léon Poinsard, Robert Pinot, A. de Préville, Paul Bureau, P. de Rousièrs, não falando no grande Tourville, já fallecido, todos admittem os aryanos e sua origem asiatica.

Não é tudo; A. H. Sayce, ainda em 1883, publicava a edição feanceza de seus *Principios de Philologia Comparada*, com um *appendice*, sob o titulo — *Quelle rout ont suivi les aryens occidentaux dans leur migration en Europe?*

Na edição, a 2.ª, de 1893, ainda figura o mesmo interessante appendice.

Sayce, que não sei se ainda existe, abraçou mais tarde a doutrina da *origem européa* dos aryanos; mas, nem por isso, deixou de lhes aceitar a existencia.

Ainda mais; o preclaro Huxley, ainda em 1891, escrevia seu excellente estudo — *A questão aryana e o homem prehistorico*. Segue ahi a theoria européa; mas não contesta a existencia dos aryanos. Ao contrario, dá-lhes alto valor na historia da civilisa

Não é só; nos ultimos annos de sua nobre teneia, o principe dos juristas, o genial Rod. Ihering, escrevia sua portentosa obra — *Os Indo*

ropeus antes da historia, cuja edição allemã é de 1893 e a franceza do anno seguinte.

Foi hontem, por assim dizer.

Ihering, que tinha uma erudição historica assombrosa, escreveu, logo nas primeiras paginas: «O reconhecimento da descendencia dos povos indo-europeus dos aryas é uma das mais brilhantes descobertas scientificas do seculo XIX. O primeiro fructo aproveitou á sciencia da linguagam. Eram informações preciosas tanto ácerca do desenvolvimento historico das diversas linguas, quanto ácerca da formação da linguagem em geral. A sciencia, porém, reconheceu immediatamente que as conclusões da linguistica encerram ao mesmo tempo indicações das coisas e da historia. A lingua de um povo contém o inventario de tudo que elle acredita ser-lhe proprio, a existencia da palavra — affirma a existencia da coisa designada por essa palavra, a ausencia da palavra equivale á ausencia da coisa: a lingua é a imagem fiel da realidade.» *(Les Indo-européens avant l'Histoire,* Paris, 1895, pag. 2).

Assim fallava um homem do valor espiritual de von Ihering; este não acreditava que as linguas aryanas tivessem brotado do chão.

Acreditava na existencia do povo e era sectario de sua origem asiatica.

N'isto se separava de Sayce e de Huxley, sectarios da hypothese européa, como disse.

E ha ainda mais; ainda vivo está na Europa o

maior *celticista* actual, o famoso d'Arbois de Jubainville; e não só fala em aryanos — como lhes dá por patria a Asia.

E' o que consta de seu livro — *Les Premiers Habitants de l'Europe,* cujo 1.º volume appareceu em 1878 ou 1879, (Possúo a 2.ª edição de 1889), e o 2.º em 1894.

Este livro celebre é contado entre os maiores monumentos da sciencia franceza e serve bem para contrabalançar as negaças de Hovelaque e Deniker.

Finalmente, André Lefèvre, a quem não se poderá negar saber e competencia, não se bate pelos aryanos, como por sua origem asiatica.

Verifique, sr. Bomfim; é no livrinho de ouro — *Les Gaulois — Origines et Croyances,* Paris, 1900.

E' recentissimo.

Lefèvre não se limita a falar vagamente na *patria asiatica* dos aryanos.

Como bom francez, na supposição de ser a *theoria européa* uma invenção de allemães que com isso pretendem glorificar sua terra e seu povo, o illustre poeta da *Epopéa Terrestre,* abre lucta franca contra os innovadores.

Depois de falar das populações autochtones da Europa de varias migrações que para alli se dirigiram, chega á migração indo-européa e desenvolve forte, posto que concisa argumentação, de que transcreverei dois pequenos trechos: «La theorie indo-européenne n'a pas eté acceptée sans amendements

par certains *pangermanistes* qui reclament pour le nord l'honneur d'avoir envahi et subjugué de toute antiquité l'Europe entiére, même l'Asie. Elle a eté combatue par de trés savants hommes qui, *pris d'une défiance bizarre*, n'ont pas voulu s'initier á la méthode linguistique, ou n'en ont admis les inductions que pour les autres groupes humains: sémites, ougro-finnois, maléo-polynésiens, bantous ou algonkins; pour tous en un mot, *la famille indo-européenne dûment exceptée*,... Qui dit langue dit un groupe d'hommes qui la parlent et la comprend.

A' la nécessité d'un idiome aryen *répond l'égale necessité d'un groupe arya*, situé quelque part dans la durée et dans l'espace, ayant existé dans un temps et dans un lieu quelconques. Réduizez autant que vous voudrez, jusqu'á l'absurde *(Toma, Bomfim!)*, l'aire et le nombre de ce peuple. Il faudra toujours admettre qu'un individu arya, ou un étranger instruit par un arya, a porté chez ses voisins la langue et la culture qui se sont répandues de proche en proche.

Il n'ya que les graines qui soient semées par le vente. Je dis que *l'existence nécessaire de cet unique arya* ou élève d'arya suffit á demontrer *l'existence d'une primitive patrie aryenne et d'un peuple aryen.*» *(Les Gaulois*, pag. 191, nota).

Pudéra citar muitos outros sabios contemporaneos que falam e acreditam em aryanos. Mas quiz só referir auctores que tenho á vista e pude verificar sem esforço.

*

Não tenho competencia para decidir entre a hypothese *asiatica* e a *européa* na questão da origem dos aryanos. Nem isso vem ao caso; no debate, basta-me apenas provar a necessidade da crença na existencia d'um *grupo primitivo* ao qual se deve dar esse nome.

Bomfim tampouco tem competencia para resolver a questão, tanto menos quanto se mostra ouzado em dizer que hoje *ninguem mais fala em aryanos...*

Para meu uso particular, dou preferencia á hypothese asiatica pelos motivos astromonicos expostos, entre outros, por Ad. d'Assier em seu *Essai de Philosophie Naturelle*, 3.ª parte —, *L'Homme*, pag. 272 a 291.

E' que, quando se formaram as primeiras civilisações — no Egypto, na Assyria, na India, na Media, na Bactriana, a Europa do Norte estava debaixo dos gelos, atravessava um periodo glaciario.

Entende, Bomfim?

Peça a um geologo que lh'o ensine e não deixe de ler o excellente Adolphe d'Assier.

Tome o conselho.

XX

Deixo de analyzar innumeras questões agitadas na quinta parte da *America Latina*. Não é porque não se contenham n'ellas, ás duzias, os erros e a

affirmações infundadas. Não é tampouco para poupar a Bomfim. E' a urgencia de voltar a meu trabalho, interrompido por esta incursão nos campos devastados pelo theorista do parasitismo.

Mais umas palavras sobre o final do livro, final que tem por titulo—*Resumo e Conclusão,* e terei posto remate a estes simples e innocentissimos artigos.

N'esse final é que Bomfim propõe o REMEDIO para todos os males latino-americanos: a *instrucção.*

Repete esta panacéa por cerca de cincoenta paginas. Eis aqui uns trechos significativos: «Soffremos, n'este momento, uma inferioridade, é verdade, relativamente aos povos cultos. E' a IGNORANCIA, e a falta de preparo e de educação para o progresso, eis a inferioridade effectiva; *mas ella* é curavel *(Como medico, Bomfim sabe que as mazellas são curaveis. . .)* facilmente curavel. O REMEDIO está indicado. Eis a conclusão ultima d'esta longa demonstração: a necessidade imprescindivel de attender-se á INSTRUCÇÃO popular, se a America latina se quer salvar». (Pag. 399.)

E mais: «Ahi está o REMEDIO contra o nosso atrazo, contra a miseria geral; e os que teem o coração bem no seu logar não se pódem negar a essa obra de redempção social... Façamos a campanha contra a *ignorancia; não ha outro meio de salvar esta America...* O progresso é um triumpho,—a victoria crescente sobre a natureza; e na batalha

que a elle condúz, a primeira condição é estar desembaraçado da *ignorancia*, dos preconceitos e dos desalentos que n'ella se geram, *conhecer* os inimigos a vencer, *conhecer* os recursos que pódem servir, *conhecer* o alcance de cada tentativa, *conhecer*, *conhecer*, *conhecer* de mais em mais... Sem isto, sem a *instrucção* da massa popular, sem o seu realçamento, não é só a riqueza que nos faltará: — é a propria qualidade de *gentes* entre as gentes modernas... Calemos queixas e condemnações vãs; na hora actual, só ha um meio seguro de convidar os individuos á actividade: é INSTRUIL-OS *(Como se engana! Alguns conheço instruidissimos que são os mais apathicos e preguiçosos que é dado imaginar!...)*; não se comprehende, hoje, trabalho que não seja intelligente». (Paginas 390, 400, 401 e seguintes.)

Trechos, como estes, abundam no *Resumo e Conclusão*. E' inutil multiplical-os. Não resta sombra de duvida: a INSTRUCÇÃO é o remedio proposto por Manoel Bomfim aos males latino-americanos, respectivé — aos males brasileiros.

Inscrevo-me resolutamente contra essa these. A instrucção, com ser uma bella coisa e uma arma muito util, é inefficaz para preparar um largo e brilhante futuro ao Brasil.

Parece paradoxo, maximé depois que, de 1870 em deante, começaram as arengas francezas, verdadeiras lôas em pról da instrucção, como a coisa unica

que poderia reerguer aquella nação, humilhada pelas victorias allemãs. Parece paradoxo; mas não é.

A historia dá testemunho de gentes altamente cultas que arrastaram sempre uma existencia ultrajada e mesquinha. Dá tambem, em compensação, testemunho de povos, menos cultos que seus rivaes e contemporaneos, que a estes ultrapassaram sempre em prestigio e bem estar.

A India foi sempre terra de gentes ultra-cultas. Os sabios *brahmanides*, e, ainda mais, os *budhistas* não tiveram nunca rivaes na cultura, durante toda a antiquidade, toda a edade-média e grande parte dos tempos modernos, o que não impediu aquelle desgraçado paíz de arrastar uma vida politica detestavel, que o tornou a victima de constantes e repetidas conquistas.

A China, em compensação, menos culta, mas de um genio mais pratico, mais seguro, mais sensato, é uma verdadeira maravilha da historia por seu espirito de resistencia.

A Grecia foi sempre não só mais culta senão tambem muito melhor dotada de qualidades intellectuaes, *méramente intellectuaes,* do que Roma, o que não impediu de ser a primeira uma terra politicamente infeliz e a outra um modelo de força organisadora, que chegou a assombrar o mundo. A menos *instruida* acabou por conquistar a sua *mestra* nas lettras e sciencias.

O imperio bysantino era, na Europa, a terra mais

culta que existiu durante toda a edade-médida; lá estavam concentradas todas as luzes da antiguidade. Mas, nem por isso, deixou de fazer uma figura desgraçada durante aquelle periodo. Povos rudes e barbaros atiraram-no para o segundo plano e ultrapassaram-no em influencia e prestigio.

A Italia do Renascimento foi a patria do *humanismo*, a rainha das *lettras* e das *artes*, o que não a impediu de ser apenas uma simples *expressão geographica*, na phrase caustica de Metternich. A França, por aquelle tempo, invadiu-a com vantagem.

Hespanha, França, Austria e a propria Inglaterra tinham mór valia no mundo do que ella, e eram muito menos instruidas.

Mesmo nos tempos modernos, não errará quem sustentar a superioridade da alta cultura da Italia e da França sobre a dos Estados-Unidos e da Inglaterra, e, não obstante, estes excedem aquellas immensamente em espirito de iniciativa, plasticidade constructora, capacidade de organisação, genio inventivo, energia de vontade, poder de ordem e de mando.

Nós mesmos, aqui em nosso Brasil, temos talentos, cheios de grande instrucção, nomeadamente nas carreiras technicas, entre advogados, medicos e engenheiros, mais illustrados que o geral dos juristas, esculapios e mechanicos inglezes e norte-americanos, máu grado o que, não passamos da situação miserrima em que nos debatemos, e aquellas nações andam á frente da humanidade...

A consequencia ineluctavel de tudo isto é que intelligencia e instrucção não bastam para seleccionar povos e propulsionar nações. Alguma coisa existe de mór valia no caso, coisa essa que anda muito descurada entre nós, pobres francelhos de arribação consumidos pela vaidade, estragados pela vesania da phrase.

Suppondo-nos eguaes, senão superiores, a todos os povos, ainda os mais illustres e cultos, pensamos que para os egualar, ou até exceder, nos basta apenas frequentar as aulas e encher a cabeça de theorias, doutrinas, systemas, opiniões, fórmulas, receitas, etc. etc.

Dahi, esse badalar, que se ouve de todos os lados, de *instrucção, instrucção*, o que nos falta é a *instrucção!...*

Não póde haver maior engano. O Rio de Janeiro está cheio de escolas, collegios, lyceus, aulas publicas e particulares, academias civis e militares, conservatorios, cursos de bellas-artes, cursos commerciaes; transborda de poetas, romancistas, contistas, criticos, jornalistas, homens de lettras de toda a casta, de todos os generos, de advogados, medicos, engenheiros, publicistas de todos os matizes, padres de todas as religiões, feiticeiros de todas as magicas sonhadas e por sonhar, politicos e politiqueiros de todos os credos e de todas as côres, e nada obsta a que sejamos frivolos e incapazes. Nada quasi existe digno de nota, n'este paiz, de norte a sul e de léste

a oéste, que seja uma conquista exclusiva, um acto de força creadora, autonoma, só da vontade nacional. Quasi tudo tem sido provocado pela iniciativa insistente do capital estrangeiro, que procura collocar-se e auferir lucros.

As forças vivas do paiz, as emprezas de vulto, a navegação, o alto commercio bancario, o importador e o exportador, as industrias, as fabricas, na quasi completa generalidade, tudo está em mãos dos que sabem preferir trabalho, progresso, fortuna, bem estar, a enfiar palavras e alinhavar periodos.

A mania da instrucção, como panacéa para curar males e desventuras nacionaes, foi febre franceza, após os desastres da guerra de 1870.

Ferido o orgulho d'aquella nação illustre, não poderia occorrer que os motivos mais serios do desastre estivessem em certas qualidades do *caracter*. Não; estavam, com certeza, nas lacunas da *instrucção imperial!*...

Houve rebate geral; chegaram a postos Israel e Judá; formaram-se commissões, congressos, para se tratar da instrucção dos tres gráus; escreveram-se livros que enchem uma bibliotheca, alguns devidos ás mais illustres penas dos mais famosos sabios e homens de lettras.

Era uma obsessão. Não havia tal atrazo da instrucção. A mentalidade franceza era, n'esse tempo, representada por homens, como Littré, Taine, Renan, Berthelot, Claude Bernard, Pasteur, Bréal, Sche-

rer, Th. Ribot, Jubainville, Fustel de Coulanges, Broca, Monod, Victor Henry, Zola, Daudet, Flaubert, Sorel, espiritos de primeira ordem na philosophia, na critica, nas sciencias, na historia, nas lettras.

O proprio Renan, que tomou parte activissima na campanha, dizia, então, que, a despeito de certas vantagens, a Allemanha não possuia, pelos annos de 1870,—um prosador como Sand, um poeta como Victor Hugo, um critico da envergadura de Sainte-Beuve, um homem de imaginação como Michelet, um caracter austero de philosopho como Littré.

E, todavia, o famoso historiador das *Origens do Christianismo* affirmava que a causa primordial da derrota de sua patria estava na inferioridade da sua organisação do ensino. Elle insistia sobremaneira na bôa contextura do *ensino superior*, que devia dar o tom e o sentido ao *primario* e ao *secundario*. E' que lhe parecia decisivo, no assumpto, o exemplo da Allemanha. «La force de l'instruction populaire en Allemagne vient de la force de l'enseignement supérieur en ce pays. C'est l'université qui fait l'écóle. On a dit que ce qui a vaincu á Sadowa, c'est l'instituteur primaire. Non; ce qui a vaincu á Sadowa, c'est la science germanique, c'est la vertu germanique, c'est le protestantisme, c'est la philosophie, c'est Luther, c'est Kant, c'est Fichte, c'est Hegel. L'instruction du peuple est un effet de la haute culture de certaines classes. Les pays, comme les E'tats-Unis, qui ont créé un enseignement populaire

considérable sans instruction supérieure sérieuse, expieront longtemps encore cette faute par leur médiocrité intellectuelle, leur grossiereté de mœurs, leur espirit superficiel, leur manque d'intelligence générale.» (*Questions Contemporaines*, pag. VI).

Creio bem que a alta cultura universitaria, movida de 1830 e, nomeadamente, de 1848 em deante, no sentido do mais puro e fervente nacionalismo, tenha influido na Allemanha para a formação do *caracter* do povo, como força moral, e haja, por isso, agido nas victorias d'aquella vigorosa nação.

E' que esse activo, esperançado e tenacissimo *caracter* já existia, e a sciencia, tomando-lhe a coloração, era já um resultado d'elle, que veio ajudal-o, funccionando tambem como causa de alento, ousadia e vida.

Isto creio eu; mas toda a sciencia do mundo junta seria incapaz de fazer a unidade germanica e levantar aquella nacionalidade ao ponto fulgurante em que hoje se acha, se esse povo exemplar não tivesse a fibra que produz os altos feitos, abatendo reinos e levantando imperios.

Poderia Renan ficar certo d'isto; e as linhas finaes do seu trecho reproduzido véem dar-me razão. Elle consigna a inferioridade da organisação dos altos estudos nos Estados-Unidos. Entretanto, se as derro da Austria em Sadowa e da França em Sedan devem á superioridade dos estudos universitar da Allemanha, a situação desfavoravel dos norte-a

ricanos pelo referido lado — não os priva de estarem na influencia mundial, acima da França e d'Austria, que venceriam, por certo, em lucta aberta nos campos de batalha, se as fatalidades da historia os conduzissem a essa apertada conjunctura.

Tenho, pois, duvidas muito serias ácerca das excellencias therapeuticas da panacéa *instructiva* do sr. Manoel Bomfim, maximé, conhecendo a fundo, como creio conhecer sem medo de contestação séria, o deploravel estado de apathia e vacuidade do caracter brasileiro, e sabendo, por experiencia de mais de quarenta annos, o que é e em que consiste o valor do ensino entre nós... Prodúz, por via de regra, nas classes, não direi *inferiores*, porque este qualificativo assanha os prophetas da Avenida, os *libertarios* das confeitarias, mas nas classes menos *favorecidas*, menos bem collocadas, u'a meia-sciencia, u'a meia instrucção que faz em cacos cabeças e corações, insuflando-lhes vaidades incoerciveis, que desesperam os mais bem equilibrados. Nas classes chamadas *dirigentes*, superiores, entre os afamados intellectuaes, quasi sempre serve apenas para requintar-lhes certos defeitos de raça.

A instrucção não muda o genio apathico, contemplativo, se quizerem, sonhador, chimerico do povo.

O brasileiro instruido reforça suas qualidades ethnicas e dá para jornalista, litterato, poeta, fazedor de chronicas, orador, rhetorico generalisador de banalidades, de palavras que lhe parecem *bonitas*, de

phrases que suppõe bem urdidas, bem equilibradas...

Genio creador, espirito de iniciativa, disposição para conquistar a vida por si, vencendo todas as difficuldades, atilamento para emprezas ousadas e seguras, a *vis organisatrix* das grandes almas plasticas e productivas, não lhe surgem jámais.

E bem se vê quanta razão tinha Spencer contra Buckle, quando affirmava que as forças *moraes* levam preferencia ás méramente *intellectuaes*, como estimulos de acção e alavancas de progresso.

Não sei se o nosso interessante sr. Manoel Bomfim comprehende bem esta allegação. Como professor de psychologia, deve saber do papel da sensação e da idéa na formação d'esses productos syntheticos, na linguagem de Wundt, que se chamam *sentimentos*, e entender, d'est'arte, a força das *emoções*, seleccionadas pela hereditariedade, na formação do *caracter* das nações, respectivé a força que representam ellas como moveis de acção.

Não é precizo juntar mais nada para comprehender que Spencer tinha acertado.

Indispensavel é lançar as vistas sobre a solução do sr. Manoel Bomfim e as idéas que lhe devem ser oppostas.

XXI

Precizo se torna vêr mais de perto a solução de Bomfim ás difficuldades latino-americanas.

Pelo que se refere á salvação das sociedades de nosso continente, o auctor brasileiro exprime-se n'estes termos: «A verdade é que, nas condições actuaes da America do Sul, *só ha dois meios* de se construirem aqui nacionalidades prosperas, cultas e fortes; ou deixar que as actuaes, *entregues a si mesmas*, completem a sua evolução, e consigam remover as causas que ainda hoje entorpecem o seu progresso; ou, então, *eliminal-as, eliminar* litteralmente as populações existentes *(Misericordia!)*, como succede aos selvagens da Australia.» (Pag. 346).

Bomfim desarrazôa evidentemente: ou os povos do continente *entregues a si mesmos*, sem auxilio estranho, ou, ao contrario, a sua *eliminação geral*. São dois pontos de vista em completa polaridade. Dois partidos extremos.

Opina, como não podia deixar de ser, pelo primeiro, tanto mais quanto o segundo não poderia ser levado a effeito pelas resistencias que seriam oppostas a tão louco intento.

Mas nota-se quão pouco tem meditado o auctor sobre a vida e os destinos de nossa patria.

No que houver de dizer d'aqui por deante, me referirei sómente ao Brasil.

Não conheço sufficientemente a vida das outras gentes ibero-americanas, e, ainda que a conhecesse a fundo, não me atreveria a fazer prognosticos sobre o seu porvir.

Creio que, no que concerne ao nosso viver social e politico, á nossa existencia como nação, quatro são os caminhos que teremos a seguir: 1.º, o *actual* systema, rotineiro e perigoso, que, além do atrazo e da apathia geral que produz, traz, fatalmente, o *desequilibrio* entre o norte e o sul do paiz com o *desastrado regimen de immigração* que se tem seguido; 2.º, o systema de infusão de *novas e altas idéas, nova intuição realistica* do mundo e das nações, preparada por *forte instrucção moderna* superior e technica; 3.º, o systema de *formação de caracter novo* por um regimen especifico de *educação adequada;* 4.º, o systema de *formação de caracter novo* por meio da *colonisação integral* do paiz, com a *immigração espalhada por todas as zonas.*

O primeiro systema é anachronico e tem dado pessimos resultados e ha-de acarretar, se proseguirmos n'elle, o desmembramento futuro do paiz E' o systema que se póde chamar *brasileiro.*

O segundo é util e conveniente, quando encontra a base forte de *um caracter firme,* capaz de grandes emprehendimentos. E' o systema *japonez.* Este admiravel povo, *sem pedir immigrantes,* sem se misturar

com estrangeiros, povo de qualidades moraes superiores, senhor de uma alta cultura, entendeu de a modernizar no sentido europeu, adoptando os proventos materiaes da civilisação occidental.

Fel-o com uma segurança, um atilamento sem igual. E' hoje uma das primeiras potencias do mundo.

O Brasil não se acha absolutamente em eguaes condições.

E' systema que só póde ser empregado de combinação com o terceiro.

Este é muito seguro, mas extremamente difficil de obter. E' o systema de Le Play e Demolins.

Seria precisa a acção combinada de milhares de pessôas que, por todos os angulos d'esta terra, se propuzessem a modificar a nossa pessima *educação*, substituindo-a por outra mui diversa, que aproveitasse sómente certas qualidades bôas que nos herdaram nossos maiores.

O quarto systema, que, aliás, póde e deve ser empregado de combinação com os dois anteriores, póde ser chamado o systema—*norte-americano*. E' salutar, com a condição da inoculação de elementos ethnicos de primeira ordem, por todas as regiões do paiz, de forma que sejam *assimilados á nossa gente pelo uso de nossa lingua*.

E' o opposto do regimen que temos seguido até agora, a datar de 1825, epocha em que se formaram os primeiros nucleos coloniaes allemães nas provincias do sul.

Esse desgraçado modo de colonizar constitue o mais serio problema que o Brasil terá de resolver em futuro muito proximo.

Sobre este terrivel assumpto, o sr. dr. Bomfim guarda em seu livro o mais completo silencio. E' singular...

Discute um milhão de banalidades e deixa completamente de lado a mais seria de todas as questões que possamos debater.

Não canso de repetir: tal systema póde ser optimo, e o é, por certo, do *ponto de vista germanico;* mas é pessimo, é perniciosissimo, do *ponto de vista brasileiro.*

Para se formar idéa exacta da gravidade do assumpto, mistér é ter estudado diligentemente o povo allemão, conhecel-o bem no seu desenvolvimento historico, e, acima de tudo, no seu assombroso progresso contemporaneo, nas industrias, na navegação, no commercio, na expansão colonial, direi melhor, na necessidade indeclinavel que sente de escoar para *colonias suas* o excesso de sua população, que augmenta, a olhos vistos, de fórma assustadora.

E' que de todas as gentes aryanas dotadas de altas qualidades em qualquer sentido, os allemães são aquella a quem coube na partilha da terra uma região mais pobre.

Os hindus tiveram a India vasta e uberrina; iranianos, a Persia extensa e de variadas zonas; slavos, o norte dos Balkans e a Russia immensa;

celtas, a França fertilissima; os hellenos, a Grecia encantadora e as ilhas maravilhosas; os italiotas, a Italia risonha, de clima dulcissimo.

Os scandinavos e seus proximos parentes — os germanicos, os allemães, — as asperas terras do norte da Europa.

Estão, por isso, estes ultimos, os mais prolificos e emprehendedores, condemnados *á busca de melhores terras*. Foi sempre o seu papel durante os dois mil e duzentos annos de sua existencia; depois que appareceram na historia.

Occupam certamente hoje uma vasta região na Europa, zona que, na porção meridional, é regularmente fertil e rica e cuja porção do norte está grandemente modificada por maravilhosos esforços d'uma cultura acima de todo elogio. Mas, para gente de tal vitalidade, de tão intenso impeto de expansão, é pouco.

Assim, de todos os povos aryanos — os germanicos, portadores de qualidades de primeira ordem, são os peiores aquinhoados no tocante á terra. E essa desproporção torna-se ainda mais chocante, se é comparada á de certos povos que, com razão ou sem ella, os germanicos julgam seus inferiores.

Não lhes soffre muito a paciencia que vastas regiões da Asia, da America e d'Africa, estejam n'outras mãos que não as d'elles.

O mais antigo surto da raça, atraz de terras, arrojou-as ás regiões do alto norte da Europa, e perde-se nas sombras impenetraveis do passado.

*

O seu destino era, d'ahi por deante, procurar sempre o sul, em demanda de mansões mais largas e mais doces.

O seu primeiro arranco n'esse sentido já é quasi historico e foi quando occuparam a famosa *planice saxonica*, onde ramos energicos da raça lançaram as bases de seu viver particularista.

Mas não bastava; novas incursões teriam de ser feitas.

Os *cimbros* e *teutões* demandaram as terras que se lhes antolhavam maravilhosas do sul, regiões amansadas pelo colosso romano.

D'ahi por deante, durante quatro seculos, os germanicos fôram lentamente se escoando pelos membros extensos do imperio.

Metteram-se por todas as provincias, como hoje se mettem pelo sul do nosso Brasil.

Desde então, os dias de Roma estavam contados, e os vencedores, os destruidores, os herdeiros do imperio só não eram conhecidos dos cegos optimistas, dos patrioteiros de vistas curtas, que não falham nunca entre os povos que vão morrer.

O inconsciente da historia produz sempre gente d'essa, para o fim de mascarar e illudir a quéda das nações. Quanto mais se estas precipitam, mais esses novelleiros de bellos e rozeos augurios se acreditam no melhor dos mundos.

Manda a justiça, porém, declarar que nem todos fôram cegos aos claros symptomas da verdade.

Os espiritos clarividentes tiveram d'esse enorme desacerto da politica imperial perfeito conhecimento.

E' o caso, entre outros, de Ammiano Marcellino e Synésius, que escreveram antes da grande invasão do principio do v seculo.

O primeiro, falando do tratado ajustado entre o imperador Valente e os godos, convenio pelo qual lhes concedia que passassem o Danubio e se estabelecessem na Thracia, escreveu: «Quando os mensageiros vieram ter com o imperador, os cortezãos applaudiram; enalteceram a felicidade do principe a quem a fortuna trazia recursos inesperados e de tão longinquas regiões. Um bom ajuste devia ter immediatamente logar. O exercito romano ia ficar invencivel com a incorporação de tantos estrangeiros; o tributo que as provincias deviam em soldados, convertido em ouro, augmentaria indefinidamente os recursos do thezouro, o imperio ganharia segurança e riqueza. O imperador firmou a convenção, estipulando a admissão dos barbaros. Enviaram-se immediatamente numerosos funccionarios para ordenarem o transporte; teve-se muito cuidado para que um só d'estes *destruidores do imperio* não ficasse da outra banda, ainda que estivesse atacado de molestia mortal. Dia e noite, em cumprimento da ordem imperial, essa plebe truculenta, apinhada em barcas, taboas, troncos de arvores, foi transportada para cá do Danubio. A pressa era tamanha que varios morreram afogados. Tanta azáfama, tanto trabalho *para introduzir o flagello e a ruina do mundo romano!...* «

Ammiano Marcellino era d'aquelles que não se illudiam a respeito da inconveniencia de tratados, como esse que foi levado a effeito pelo infeliz imperador Valente. Este principe, tendo ido, pouco após, combater os seus alliados godos revoltados, foi vencido. Fugitivo, depois da batalha, tinha-se acolhido a uma palhoça que havia em caminho. Alcançado pelos godos, lançaram estes fogo á choça, morrendo lá dentro queimado aquelle que lhes havia aberto as portas do imperio... Que lição!

Synesius via ainda mais claro nos factos do que Ammiano Marcellino.

«Quando se imagina, escreveu elle, o que póde emprehender, n'um momento de perigo para o Estado, uma mocidade estrangeira, numerosa, formada por leis diversas das nossas, tendo outras idéas, outros costumes, é mistér *haver perdido toda a previdencia para não tremer*...

O rochedo de Sisypho está suspenso sobre nossas cabeças.

Appareça-lhes a mais leve esperança de victoria, e *havemos de ver que tenebrosos pensamentos alimentam em segredo nossos defensores de hoje*... Os barbaros são hoje tudo; sejam, pois, de tudo afastados. Sejam para elles inaccessiveis as magistraturas e especialmente a dignidade senatorial, honraria suprema dos romanos...

E' espantoso! não existe uma só de nossas familias na qual não esteja empregado um godo em a

gum serviço! Em nossas cidades os pedreiros, os vendedores d'agua, os carregadores, são godos!...»

O resultado todo o mundo sabe qual tenha sido; preparado o terreno, dado um arranco invasor no começo do v seculo, em toda linha, os que estavam dentro deram as mãos aos companheiros de fóra e o imperio ruiu.

Durante a primeira phase da edade média estenderam-se os germanos pela Gallia, Italia, Hespanha, Britania, regiões centraes da Europa, norte da Africa.

Declararam-se herdeiros e continuadores do imperio e constituiram o *Santo Imperio Romano Germanico*, que durou seculos e anda reproduzido, para os bons patriotas, no imperio da Allemanha actual.

No assumpto, é digna de ler-se a obra magistral de J. Bryce, o grande historiador inglez.

Trahit, entretanto, *sua quemque indoles populum;* o genio do povo não se desmentiu: sempre emprehendedor, sempre ouzado, sempre activo, a despeito de sua pessima posição geographica, máu grado difficuldades historicas, oriundas d'essa mesma situação, quasi invenciveis, eil-o que na segunda phase da edade medieval revela desusado vigor no movimento extraordinario das *Hansas*.

O romano anglo-saxonio e o hollandez começaram, pouco após, a bracejar pelo mundo. Cobriram-no de colonias por toda parte.

O grupo central, os allemães propriamente ditos, acrysolado pelas luctas e embaraços que se lhe op-

punham, desafogava-se nas lettras e nas sciencias, á espera de seu dia, e esse dia chegou.

A sua alta posição militar, *terra, marique*, é actualmente immensa; mas é nada deante de sua expansão commercial pelo mundo em fóra. Ahi é que bate o ponto.

E' assumpto para ser estudado em Paul Roussiers, —em livros, como—*Hambourg et l'Allemagne Contemporaine, Les Syndicats industriels de Producteurs en France et à l'E'tranger;* em Georges Blondel, *L'Essor Industriel et Commercial du Peuple Allemand;* em Jules Stoecklin,—*Les Colonies et l'E'migration Allemandes;* em V. A. Malte Brun,—*L'Allemagne Illustrée;* em Henri de Tourville,—*Histoire de la Formation Particulariste;* em Arthur Raffalovich,—*Trusts, Cartels et Syndicats.*

Sem esse preparo, não se póde fazer uma idéa do conjuncto das forças em acção; não se póde fazer idéa da amplidão do systema; não se póde marcar n'elle o logar em que se prende o caso brasileiro, quero dizer, o que em meio das aspirações allemães representam *as suas colonias do Brasil*...

Quem não apprehende a questão d'esta altura não logra conceber-lhe o alcance e não chega a formar a consciencia clara de quanto ella tem de brilhante e esperançosa para allemães e de vergonhosa e humilhante para brasileiros...

A tendencia do povo allemão para emigrar, estimulada pela pobreza do sólo, é antiga, já deixei ponderado.

O seu subito apparecimento, como potencia fundadora de colonias, é modernissimo, e principalmente provocado, além da pobreza da terra, pelo desenvolvimento extraordinario da população, pelo crescimento anormal de seus productos industriaes, pelas grandes despezas do orçamento militar, que, multiplicando os impostos, força grande numero de individuos a saírem do paiz, o que tudo levou o governo allemão, secundado n'este ponto pelo commercio e pelas classes productoras, a procurar tambem *crear por ahi além outras pequenas Allemanhas.*

Em quatro annos, de 1884 a 1888, o imperio germanico, que até então não possuía um palmo de terra fóra da Europa, — nos continentes longinquos, se fez a terceira potencia colonial do mundo.

Está abaixo apenas da Inglaterra e da França. De um impeto, collocou-se acima de Portugal e da Hollanda. No genero, não se tinha visto nunca egual testemunho de força de vontade, segurança de planos e rapidez de acção. Nas ribas occidentaes da Africa, principalmente em *Costa de Camarão* e em *Angra Pequena,* apoderaram-se os allemães de enormes terrenos. Foi, porém, na costa oriental que a fortuna lhes sorriu benefica e ultra-compensadora. Toda a região de Zanzibar, desde o mar das Indias até á zona dos lagos centraes africanos, comprehendendo as melhores terras do continente, caiu-lhes nas mãos. E' um imperio collossal.

Na Oceania, apoderaram-se das *Ilhas de Bismarck,*

das *Ilhas Marshall* e de toda a parte norte da *Nova-Guiné*, a maior ilha do mundo. O que de habilidade, de decisão, de presteza empregaram elles para, em menos de quatro annos, chegar a este assombroso resultado, não vem para aqui o referir. Baste dizer que tudo isto obedeceu a um plano, que se vae realizando a golpes de audacia.

A sua acção mundial se divide em duas direcções bem distinctas: a *emigração* para os paizes feitos, como os Estados-Unidos, por exemplo, onde teem grupos ou individuos esparsos, o que se costuma impropriamente denominar colonias, mas não merece este nome; e as *colonias propriamente ditas*, que são dependencias politicas, porque estão debaixo da soberania e protectorado do imperio.

Nas primeiras, como entre os norte-americanos, acontece que, segundo conta Malte-Brun, os allemães, uma vez estabelecidos, não ficam mais allemães de nação.

A vida facil que encontram os leva a acceitarem a nacionalidade estranha. A lingua allemã continua a servir aos paes; os filhos nasçem americanos e, depois de uma ou duas gerações, os descendentes d'allemães não sabem mais falar a lingua de seus maiores. (*L'Allemagne Illustrée*, IV, pag. 310.)

Foi em consequencia d'isto, ajunta Raoul Poste que os homens de Estado da Allemanha viram qı seria preferivel, *do ponto de vista nacional*, dirigı o movimento da emigração para colonias allem

que deveriam ser fundadas em varias regiões do globo, ainda não occupadas. Dito e feito; d'ahi por deante, a *colonisação*, no velho sentido, foi com exito tentada pelo imperio, e hoje os allemães não emigram só para as terras estranhas; dirigem-se tambem para as suas *conquistas* de além-mar.

Em 1882, um economista tedesco dizia na *Sociedade de Oéste para a colonisação e a exportação:* «Nosso fim, nosso alvo supremo é elevar a Allemanha do papel de potencia continental ao de uma potencia, cuja influencia se estenda pelo mundo inteiro. Nosso fim é fazer de nossa patria uma nação que abrace poderosamente a terra e exerça um influxo renovador na civilisação da humanidade». J. Stoecklin —(*Les Colonies et l'Émigration Allemandes* pag. 164.)

Estas palavras, refere o auctor que me fornece a noticia acima citada, provocaram applausos do auditorio, porque correspondiam a uma necessidade. Esta foi explicada por van der Brügger no fasciculo de janeiro de 1883 dos *Preussiche Jahrbücher:* «Nós temos um excedente annual de população que orça por 600.000 pessôas. O melhor partido que se póde tirar de nosso sólo, o arroteamento de nossos pantanos e terras incultas, o aperfeiçoamento de nossa agricultura, a melhor organisação de nosso trabalho, não bastam para assegurar a alimentação a um tal excesso de gente além de algumas dezenas de annos. Será precizo que, então, tiremos pela conquista, a

preço de sangue e dinheiro, as colonias dos Estados europeus?»

Van der Brügger aconselhava a fundação de colonias allemãs.

Aquillo é que é um povo. Vejam a grandeza, a audacia dos planos, o desassombro com que fala. E ha mais uma singularidade: *alli os governos ouvem os chefes intellectuaes da nação e tomam-lhes os conselhos*.

De 1882 é o brado do economista; de 1883 o appello de van der Brügger; em 1884 Bismarck iniciava seu plano de colonias, que realizou em quatro annos.

Para elles, para esses homens que sabem o que querem, o criterio supremo da nacionalidade, o signal revelador, o expoente excelso da raça é a *lingua*, ouçam bem—é a *lingua*. Este signal é tudo. *Onde é a patria allemã?* perguntava o poeta, e elle mesmo respondia:—*E' onde se fala a lingua allemã.*

Entre nós, a linguagem é apenas um instrumento para rhetoricas e parlapatices; não tem outro prestimo, e tanto não tem, e aqui chego ao ponto onde queria aportar, que nas colonias allemãs do Brasil não se *fala portuguez*...

Proh pudor! Fala-se, n'ellas, *allemão*. E' dizer tudo; não preciza juntar mais nada para quem comprehende a gravidade do facto.

Lê-se todo o livro de Stoecklin, esse livro do qual, diz Raoul Postel: «Puisse ce livre ouvrir les

yeux aux indifferents, les prémunir en même temps contre les parti pris et les coteries... il doit prendre place dans toutes les bibliothèques, même dans les moindres écoles»; lê-se todo esse pequeno volume em que o auctor condensa a acção e os feitos dos allemães nas cinco partes do mundo, já como *emigrantes*, já como *fundadores de colonias*, e só se encontra, como padrão immorredoiro da inepcia brasileira, *uma excepção, uma só, a unica, em todo mundo*, de um paiz estranho onde os descendentes dos emigrantes allemães conservem o uzo completo, exclusivo de sua lingua: *é no sul do Brasil...*

Fala-se allemão na Allemanha, na Austria, na Suissa germanica, n'um resto das chamadas *provincias do Baltico*, na Russia, terras estas antigas de allemães e que fôram por elles perdidas.

E' natural.

Fóra d'ahi, onde não poderia ser por outra fórma, sendo que na Russia a slavisação das citadas provincias *balticas* vàe adeantadissima com o systema energico do governo do czar, só incipientemente se vàe falando allemão nas colonias da Africa e da Oceania, *dependencias politicas do governo do imperio*. Em terras de *nações soberanas*, — na Asia, America e Africa, não se repete o phenomenal caso.

Só no Brasil!...

Quando se acompanha o desenvolvimento do plano germanico, hoje conscientemente encaminhado, porque a Allemanha de hoje não é a Allemanha de 1825,

quando começaram no Brasil as colonisações, e se nota a insistencia com que *é assignalada a excepção brasileira*, as lagrimas brotam espontaneas de todos que amam n'este paiz a *formosa peça de architectura politica*—de que falava o grande Andrada...

«Os colonos allemães do Brasil meridional gozam de completa liberdade; além de raras auctoridades de justiça e policia, nenhum empregado brasileiro exerce funcções nas colonias... Se no Brasil, como nos Estados-Unidos, os colonos allemães não teem mostrado, por emquanto, fortes tendencias de se metterem na politica, ao menos *no primeiro d'estes dois paizes, não teem, como no segundo, perdido o uzo de sua lingua materna*». (J. Stocklin, *Op. cit.*, pag. 193.)

G. Blondel accrescenta: «A lingua allemã, conservada nas colonias pelas sociedades locaes, pelas agencias de tres grandes associações allemãs, pelas escolas (*Realschule*, de Porto-Alegre; *Höhere Lehranstalt*, de São Leopoldo; *Waisenhaus*, de Taquary); pelos jornaes, *é a unica uzada em Blumenau, Neudorf, Joinville, São Bento, Budenfort, localidades onde a proporção dos allemães varía de 80 a 90 %. Ainda mais acontece isto na região inteiramente germanisada da Serra*». (*L'Essor Industriel et Commerciel du Peuple Allemand*, pag. 265.)

Dest'arte, as famosas *colonias* allemãs no sul do Brasil nem são simples *casos de immigrações*, que tenham sido *assimiladas* pelas populações circum-

*

visinhas, como sóe acontecer entre as *nações soberanas:* nem são, *por emquanto*, colonias no antigo sentido, dependencias politicas d'uma metropole d'além-mar. Vão para-ahi. Constituem, por agóra, um caso especial, que merece estudo.

XXII

Em 1884, sob a direcção do genial Bismarck, foi iniciada definitivamente a carreira official da Allemanha *como fundadora de colonias no ultramar.*

Por esse tempo, tinha escripto um ex-official do exercito allemão — Adolph von Couring, em seu livro de propaganda — *Marrocos, seu Territorio, seus Habitantes:* «Não existe potencia maritima *sem colonias;* ora, a Allemanha já é, e pretende sel-o cada vez mais, uma grande potencia maritima. A Allemanha espalha, sem proveito para si propria, o excesso de sua população pelo mundo inteiro; depende de nós, allemães, conservar para o nosso paiz suas forças vivas, *dirigindo a emigração para regiões que fiquem sujeitas ás nossas leis e á nossa protecção. Ha, para isto, logar na Africa, nas ilhas da Oceania e na America do Sul.*»

E... note-se bem, na — *America do Sul* (!)

Onde? *No Brasil e na Patagonia* (!!)

Eram os dois pontos indicados.

Prepararam-se mappas de todas as regiões da terra, onde se poderiam, como donos, estabelecer os allemães.

Por isto é que, começada a faina, se apoderaram elles das zonas que encontraram desoccupadas n'Africa e na Oceania.

Pelo que toca á America do Sul, chegou-se a pensar muito seriamente num golpe de audacia contra a Patagonia, cuja posse pela Argentina ou pelo Chile andava ainda em litigio; e, quanto ao Brasil, immensa foi a agitação das *associações de emigração e commercio* n'Allemanha, com *repercussão nas colonias do sul.*

Só uma coisa nos salvou então, está salvando ainda agóra e salvará no futuro, até certo tempo: A DOUTRINA DE MONROE, o recreio de uma complicação possivel com os Estados-Unidos.

Por isto, custa-se a conter a indignação quando se vê a inconsciente ingratidão do mestiço ibero-americano chasquear levianamente da *doutrina de Monroe,* a que devemos ter escapado da conquista allemã em terras do sul.

O Chile e a Argentina, mais habeis do que nós, trataram logo de fechar a porta da Patagonia, dividindo-a entre si. De incursões em qualquer outro ponto de seus territorios estão livres; porque lá não existem zonas onde os *teutos* sejam senhores, onde *só se fale a lingua allemã.*

Diversa é a situação do Brasil, no qual o processo de desaggregação váe ser dirigido habilmente com alguma demora; mas infallivelmente seguro.

Quando, pois, ha poucos dias, os jornaes falaram do *dito* de um diplomata russo que havia affirmado ter visto no estado-maior, em Berlim, *um mappa do Brasil em que estão assignaladas as regiões que apresentam a possibilidade de ser incorporadas á soberania allemã*, não avançaram nada de novo... Repetiram verdade conhecida por quem vem acompanhando esta questão de annos para cá.

Os amantes e collecionadores de papeis velhos devem ter em mão varios documentos sobre o assumpto.

Os mesmos telegrammas recentissimos falaram tambem do discurso feito por um allemão de nome Arendt, ex-general do exercito, que esteve contractado em Buenos-Aires, e foi dispensado da sua commissão, por motivo moral, pelo general Roca, quando presidente d'essa Republica. N'esse discurso, o referido Arendt chamou a attenção de seus compatriotas para *a facilidade de colonizarem a Patagonia*, conservando os colonos as suas *tradições, costumes e sentimento nacional*, contrariamente ao que succedeu no Canadá, onde, na segunda geração de descendencia allemã, se observa uma identificação completa com o ambiente local e a perda de todos os caracteristicos de origem. *El Tiempo*, de Buenos-Aires, de 12 de janeiro de 1906, commentando a affir-

mativa do diplomata russo sobre o Brasil e as declarações de Arendt ácerca da Patagonia, diz que merecem toda a fé, porquanto o principe de Bismarck, quando chefiou a chancellaria allemã, teve os olhos postos constantemente n'aquellas terras, e d'isso *dão testemunho irrefragavel as notas enviadas ao governo argentino* por Carlos Calvo, representante, então, da Republica junto ao governo imperial. (*Jornal do Commercio*, de 11 e 13 de janeiro de 1906).

O diplomata russo disse o que viu; e Arendt repete ainda hoje o que se falava na Allemanha, com insistencia, de 1884 ou annos proximamente anteriores até 1888 e annos subsequentes.

Eis aqui alguns papeis velhos, que provam a excitação existente n'Allemanha n'aquelle tempo, e cuja noticia chegou até nós:

«A Allemanha, douda por arranjar colonias, annexou, diz um telegramma de Londres, os territorios do sudoéste da Patagonia, tomando posse d'elles na devida fórma, devendo brevemente ser expedidas as respectivas communicações ás outras nações.

Ora, se o diabo se metter de permeio, bem póde isto dar uma segunda edição das Carolinas.» (*Gazeta de Noticias*, de 18 de setembro de 1886.)

Era na phase aguda do furor de Bismarck atráz de colonias.

Tinha posto a mão nas *Ilhas Carolinas*, abandonadas depois de uma barulheira diabolica dos hespanhóes, renuncia, porém, só feita após *laudo* do

papa, que decidiu a questão a favor dos antigos descobridores das referidas ilhas.

Chegou-se a acreditar que tinham os allemães declarado a tomada de posse da Patagonia.

Na mesma folha, na *Gazeta de Noticias*, de 12 de dezembro de 1885, está para ler-se um artigo intitulado — *O sr. de Bismarck e o Brasil*, e é como segue:

«Ha dias transcrevemos um artigo da *Gazeta de Campinas*, que commentava um outro do *Matin*, de Paris, que fazia graves considerações sobre a politica colonisadora do grande chanceller allemão.

Hoje pedimos venia para transcrever, do correspondente de Berlim para o *Jornal do Commercio*, a parte relativa a esse assumpto, de tão vital interesse para nós.

Diz o correspondente:

«A associação colonial allemã *Deutsche Colonialverein*, como conclusão dos inqueritos e explorações por ella subvencionados na America, resolveu fundar uma *Sociedade de Colonisação para a America do Sul*, cujo fim seria encaminhar a emigração allemã para terras onde haja condições e perspectivas, tanto de prosperidade para o lavrador, *como de preservação do caracter nacional allemão (Deutschtum)*.

N'uma circular assignada por varias pessôas, entre as quaes avulta o nome do deputado Spielberg, de cujas explorações e visitas ás colonias allemães no Brasil o *Jornal do Commercio* tem dado conta

*

por varias vezes, véem recommendados os Estados do Prata e a porção extratropical do Brasil.

«—Esses territorios offerecem espaço sufficiente, «—diz a circular que estou traduzindo litteralmente, «—para receber toda a emigração allemã na sua «importancia actual, por um periodo de tempo su- «perior a um seculo. Tem effectivamente uma super- «ficie dez vezes maior do que a do imperio allemão, «e a densidade da população não chega á oitava «parte da da nossa patria.

«—Em particular, o sul do Brasil torna possivel «e garante a *preservação da lingua, costumes e edu- «cação allemães,* visto como *a sua população é muito «pouco numerosa e illustrada,* para poder desviar «a emigração allemã da sua nacionalidade, ao mesmo «tempo que o elemento allemão já tem adquirido «ahi uma poderosa situação. De facto, os 250.000 «allemães que actualmente residem nas provincias «meridionaes do Brasil, *conservaram-se até hoje alle- «mães,* contraste agradavel com os nossos patricios «na America do Norte, que rapidamente succumbem «á superioridade do anglo-saxonismo.

Continúa a dita circular do seguinte modo:

«—No sul do Brasil encontra a prosperidade do «emigrante uma garantia no facto de alli ser tempe- «rado e salubre o clima e fecundo o sólo, de exis- «tirem ferro-vias faceis de extender e prolongar, rios «navegaveis, além de que não ha necessidade de «combater os indigenas, e a proximidade do littoral

«facilita o commercio com o mundo inteiro e torna «possiveis todas as transacções».

A *Gazeta de Colonia*, reproduzindo a circular, accrescenta que o interesse nacional do povo allemão exige, com urgencia, que se desvie para a America do Sul a larga corrente da emigração allemã que váe para a America do Norte. Ahi, com effeito, esta corrente priva o germanismo *(Deutschtum)* de massas poderosas fortalecendo outra nacionalidade; aqui, (no Brasil) *ella conquista para o typo allemão novo campo*, que offerece á mãe patria importantes vantagens.

«O commercio e industria da nossa patria hão de auferir d'ahi immensos proveitos. E' precizo, portanto, que o emigrante allemão encontre nas partes indigitadas da America do Sul condições tão favoraveis para o seu estabelecimento, como as poderia ter na America do Norte. Convém, pois, formar uma sociedade financeira, que, depois de minuciosas indagações, faça em larga escala acquisição de terras apropriadas, etc. etc.

A provincia de Santa Catharina é a que parece, sobretudo, chamar a attenção da *Colonialverein*.

Fundou-se uma sociedade com o capital de 1.000.000 de marcos (cerca de 650 contos), dividido em 1.000 acções de 1.000 marcos, subscrevendo a secção berlineza da *Colonialverein* uma quantia avultada.

Ante-hontem (4 de setembro), teve logar em

Dusseldorf uma importante reunião da associação, na qual fôram approvados os planos acima mencionados, assim como a nomeação de uma commissão encarregada de visitar o Brasil.»

Noticias como esta andam nas folhas do tempo esparsas ás duzias.

Conhecedores do risco a correr com o levantar no mundo um enormissimo alvoroço, se ouzassem tratar terras americanas como fizeram ás costas d'Africa e de Nova-Guiné, receiosos d'um conflicto armado com os Estados-Unidos, que teriam a seu lado provavelmente a Inglaterra e a França, deixaram o plano da conquista directa do sul do Brasil, mudaram de tactica, contentando-se, por emquanto, com a expansão do *Deutschtum*, com a formação d'um *Brasil Germanico* ou d'uma — *Allemanha Antartica*, que vem a ser a mesma coisa.

N'este sentido, a propaganda nos ultimos trinta annos tem sido d'uma tenacidade, como só elles sabem empregar. Os esforços despendidos são extraordinarios e os resultados que vão obtendo esplendidos.

Se a propaganda em prol do *allemanismo*, do famoso *Deutschtum*, é feita com tanto calor, com tanta intrepidez em paizes, nos quaes os allemães contam apenas grupos de compatriotas espars prestes a serem assimilados, que não será er giões, como o Brasil, onde elles acham o te preparado por nucleos compactos, que formar

nias cheias de cidades e villas puramente germanicas?

Para se comprehender o que é ella no mundo em geral e peculiarmente no caso singularissimo do Brasil, eis aqui algumas palavras do *Européen*, segundo a versão do *Jornal do Commercio*, de 5 de agosto de 1904:

«—Pelo transbordamento da sua população, pela importancia do seu commercio de além-mar, a Allemanha merece ser estudada nos incansaveis esforços que emprega para desenvolver em todo o Universo o que ella chama o *Deutschtum*, isto é, os interesses e a fortuna allemães. O exito verdadeiramente maravilhoso d'esse emprehendimento, sobretudo nos ultimos vinte annos, póde ser attribuido á creação e ao funccionamento de uma associação que estende as suas raizes a todas as camadas da sociedade allemã e alastra os seus ramos pelo mundo inteiro, a *Allgemeiner deutsche' Schulverein!* Não sómente essa associação se encarregou de conservar entre os nacionaes estabelecidos no estrangeiro e entre os seus filhos, os costumes e o idioma allemães, mas ainda se faz considerar um instrumento da cultura intellectual allemã e da producção industrial allemã.

Em 1881, fôram as bases da «Associação de Protecção Nacional» assentadas por patriotas conhecidos, taes como Mommsen, Gneist, Brunner, Boch e tantos outros. Em dezembro d'esse mesmo anno, realizou-se em Berlim a primeira assemblea geral e se procedeu

á completa organisação da Associação, que logo começou a funccionar. O theatro da sua actividade ia ser a terra inteira; e se ella a si mesma se prohibia qualquer acção politica ou religiosa, em compensação, fazia appello a todos, homens, mulheres e creanças, para levantarem bem alto o bom renome da Allemanha, para conservar e espalhar a sua lingua, para affirmar prudentemente, mas com tenacidade, a excellencia da producção allemã.

Na Allemanha, os grupos locaes, as ligas regionaes estão sob a direcção da commissão geral de Berlim, presidida pelo embaixador imperial von Braunschweig. Todos os membros d'essa commissão são altas personagens da administração imperial; da armada, das lettras, da industria e do commercio. A Associação dispõe hoje de um capital já consideravel, producto de cotisações e de depositos excepcionaes. Além do auxilio pecuniario, os membros da Associação prestam-se apoio em todas as circumstancias, ainda que a maior parte só se conheçam de vêr os seus nomes nas listas da Associação. De todos os pontos do mundo, se trocam informações por meio de uma correspondencia muito activa, facilitada pelas agencias consulares do imperio, cujo primeiro dever é procurar de qualquer procedencia allemã as informações que lhe possam ser uteis no estrangeiro, *correndo estas despezas por conta da chancellaria allemã*. Além d'isso, n'um periodico, dos muitos que a Associação redige, *Das Handebuch des Deutschtums*

im Ausland, põe os associados ao corrente de tudo o que lhes póde e deve interessar, do ponto de vista do progresso da influencia allemã no estrangeiro. Percorrendo esse periodico, que é o principal orgão do *Deutschtum*, encontram-se dados bem eloquentes e suggestivos ácerca da expansão que a ambição germanica alcançou em todos os pontos de globo.

Doze milhões de vassalos do rei Guilherme estão estabelecidos além-mar, onze milhões dos quaes habitam os Estados-Unidos. E' n'este paiz que a missão da Associação se torna mais ardua para manter em espirito e de facto o caracter allemão nos emigrados. E', com effeito, sabido que, da segunda geração em deante, elles perdiam a noção da sua origem e se confundiam na massa da nação *yankee*. Para reagir contra esse prejuizo do *Deutschtum*, tem a Associação de defeza dos interesses allemães empregado todos os meios. Relações pessoaes, cartas, tenaz e energica propaganda, de tudo se lançou mão e, em pouco, fôram excellentes os resultados obtidos. Jornaes em lingua allemã, «casas allemãs», *clubs* muito praticos em que se reunem todas as commodidades, quer para o habitante, quer para o forasteiro, associações de *sport*, mundanas, de toda a natureza, emfim, teem mantido estreitamente as relações entre os allemães dos Estados-Unidos e os seus compatriotas da Europa.

Em S. Francisco, as estatuas de Gœthe e de Schiller, erigidas nos graciosos terraços que descem sobre as ondas do oceano, que egualmente banha as costas

da China e do Japão, mostram como a cultura e influencia allemãs tomaram na capital occidental dos Estados-Unidos um logar predominante. Na America do Sul, seiscentos mil allemães conservam religiosamente a sua nacionalidade. *No Brasil ha cidades quasi inteiramente allemães e tendo á volta numerosas povoações que constituem verdadeiras colonias.* »

Por estas palavras tem-se á vista um quadro rapido e seguro da amplidão e da segurança do systema. Vê-se a téla geral e o ponto n'ella occupado, de modo singular, pelo nosso querido Brasil.

O *Deutschtum* é pelo mundo em fóra uma aspiração, ouzada sem duvida, mas irrealisavel no sentido politico, ao que se póde suppor; no Brasil, infelizmente para o nosso ponto de vista nacional, *elle é uma realidade*...

Cresce todos os dias e ha de chegar, não muito longe, a ser ameaçador.

Ninguem se illuda com as blandicias e negativas da diplomacia:

A realidade não são as palavras doces do governo allemão, habil em contemporizar, esperando o momento azado; a realidade são os desaforos da *Panther*, são os emissarios despachados para as colonias, quasi todos os annos, para animar os patricios, que devem crescer e proliferar, até chegar a occasião se fundar o *Novo Estado,* na phrase de meu ami Koseritz.

Amicus Plato, sed magis amica veritas, silii Patria!

Dando conta dos progressos do germanismo no sul brasileiro — o citado *Européen*, de 21 de janeiro do anno de 1905, inseriu artigo, do qual convém citar algumas palavras, segundó a traducção do *Jornal do Commercio*, de 18 de fevereiro do alludido anno:

«Os escriptores coloniaes de além-Rheno procuram despertar o interesse da parte illustrada do publico e do governo *em favor do grande numero de allemães residentes no sul do Brasil.*

Por muito tempo, bem pouca attenção se prestou a essas communidades longinquas, que se consideravam como perdidas para a mãe-patria. Entretanto, importantes colonias germanicas conseguiram formar-se no Brasil meridional e, *differentemente de todas, que se espalharam nos Estados-Unidos e na Australia*, — sabe-se que estas ultimas se deixam promptamente assimilar; *ellas teem mantido até aqui, de modo notavel, a sua originalidade.* As colonias ruraes conservam o seu caracter distincto, principalmente as que se extendem na vertente da Serra Geral.

A lingua allemã, na qual se introduziram alguns termos portuguezes, é a unica uzada, e as mais das vezes a unica comprehendida.

Ella se impoz aos proprios brasileiros, e até aos pretos, que se misturaram com a população immigrada.

E' sómente nas tres provincias (hoje deve-se dizer

nos tres Estados) do sul do Brasil: Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, que os allemães teem fundado estabelecimentos agricolas duraveis.

Numerosas colonias allemãs espalham-se pelo ter ritorio oriental da parte sul do Brasil, desde os arredores de Curityba, capital do Paraná, até o municipio de Pelotas. Entre Mundo Novo e Santa Maria, ellas formam, em uma extensão de 300 kilometros, uma cadeia muito ligada. Estão, na sua maior parte, situadas sobre os declives da Serra Geral, reverso oriental e meridional do vasto planalto, que, tendo voltada para o Atlantico a sua maior altura, se inclina, na direcção do oéste até os valles do Paraná e do Uruguay.

Comprehende no todo, com o accrescimo fornecido pelas cidades visinhas, 300 a 350 mil allemães, dos quaes 50 mil no Paraná, 100 mil em Santa Catharina, e 150 a 200 mil (estes ultimos saidos na maior parte da Pomerania e do Hunsrück) no Rio Grande do Sul.

Graças á altitude muito elevada do paiz, são favoraveis as condições climatologicas. São muito numerosas as familias; a raça conserva todo o seu vigor, e não se vêem em parte alguma, nem mesmo na Allemanha, amostras mais sãs e mais authenticas.

A Allemanha tem o maior e o mais real interesse, ao mesmo tempo moral e economico, *em preservar o mais possivel de absorpção essas colonias relativamente numerosas, que ficam impregnadas do seu*

espirito e são fieis clientes da sua industria. Ella quereria hoje fortifical-as, dirigindo para ellas os elementos que não póde conservar no seu proprio seio.

O governo allemão tomou, ha alguns mezes, medidas n'esse sentido. Poderosas companhias particulares tambem se occupam em organizar no sul do Brasil emprezas de colonisação em ponto grande. O *Norddeustche Lloyd* e a *Hamburg Südamerik Linie*, de concerto com a Associação colonial hanseatica, adquiriu, na visinhança de D. Francisca e de Blumenau, um vasto dominio de 6.500 kilometros quadrados, afim de installar n'elles aldeões allemães. Na região florestal do rio Uruguay, o dr. Hermann Meyer fundou uma colonia nova e importante.»

Por todos estes documentos, por todas estas citações, creio que se terá comprehendido a gravidade do caso *teuto-brasileiro*. E' vital para o Brasil ibero-latino, e admira que o sr. dr. Manoel Bomfim, n'um livro em que discute o futuro das gentes latino-americanas e innumeras theses de *omni rescibili*, não tivesse encontrado duas palavras para lhe consagrar.

Mistér é aprofundar algum tanto a *excepção brasileira*.

De trinta annos a esta parte, não perco ensejo de despertar a attenção dos brasileiros e dos poderes publicos da nação para esse gravissimo assumpto.

Releva ponderar que alguns orgãos da imprensa do paiz não se teem deixado ficar mudos deante das perturbações que nos ameaçam.

Não faz muito tempo, o *Jornal do Commercio*, do Rio, que tem sido um benemerito n'esta questão, publicou um magistral artigo, que deveria ser tirado em avulso e espalhado *gratis* por todo o Brasil.

Refiro-me ao artigo inserto no seu num. de 6 de janeiro do anno de 1905.

E' uma magistral noticia critica de oito publicações allemães relativas ao desenvolvimento das colonias germanicas dos nossos estados meridionaes: I — *Das Deutschtum in Südbraslien und Süchili*, do dr. Alfred Hettner; II — *Deutsches Kolonistenleben im Staate Santa Catharina*, de Hermann Leyfer; III — *Die Besiedlung des oestlichen Südamerica mit besonderer Berücksichtilung des Deutschtums*, do dr. Alfred Funke; IV — *Die Deutschen im Tropichem Amerika*, do dr. Wilhelm Wintzer; V — *Brasilien und seine Bedeutung für Deutschlands Handel und Industrie*, do dr. Walther Kundt; VI — *Deutsche Siedlung über See: — Ein Abriss iher Geschchte iher Gedeihen in Rio Grande do Sul*, de Alfred Funcke; VII — *Rathschlage für Auswanderer nach Südbrasilien* do dr. R. Iannasch; VIII — *Deutsche Interessen in Brasilien*, do dr. R. Krauel.

E' este o vasto manancial de informações que chegaram a esclarecer o atilado espirito do articulista.

Vejo ahi confirmadas as noticias que pude obter por outros caminhos.

O debate é d'aquelles nos quaes nunca é demasiado insistir e em que se deve entrar munido de todas as armas.

*

Em um estudo a que devo imprimir accentuado espirito e destino de propaganda, seria um erro deixar de aproveitar o auxilio provindo de uma auctoridade como a do *Jornal do Commercio.*

Por isso, aqui vão as palavras que em brilhante synthese abrem o alludido artigo de 6 de janeiro do anno de 1905 e que traz por titulo:—*Allemães no Brasil:*

«Ao problema colonial, na Allemanha, estão ligados os mais altos interesses economicos; n'elle, de certo modo, se radicam os destinos futuros do imperio. E' por isso que uma grande parte da opinião publica allemã está constantemente voltada para elle e que todos os assumptos que directa ou indirectamente entendam com essa questão capital teem alli o poder de apaixonar os espiritos.

O rapido desenvolvimento de uma população assombrosamente prolifica, comprimida em um territorio demasiado exiguo, gerando o mal estar e a penuria nas massas inferiores, acossada até aos extremos do littoral pela pressão de necessidades cada vez mais urgentes; de outro lado, o pouco successo de antigas tentativas no sentido de dilatar os limites do imperio pela creação de dominios coloniaes ou paizes de protectorado (schutzgebiete), como lhes chamava Bismarck, fizeram com que cedo a Allemanha lançasse as suas vistas para o paiz que de todos se affigurava o mais apropriado a receber, com o excesso da sua população, o influxo da civilisação germanica e reali-

zar, atravez dos mares, o sonho ambicioso do prolongamento da terra allemã. Essa nova patria, um dia os allemães pensaram tel-a encontrado nos Estados-Unidos. Durante annos, vapores saidos de Hamburgo, Bremen e portos do norte despejaram no vasto littoral norte-americano levas numerosas de colonos, destinados a derramar em sólo *yankee* a semente asperrima do *Deutschtum* e fazel-a fructificar para gloria e proveito da patria longinqua. Não tardou, porém, que na Allemanha se verificasse quanto eram fallazes essas esperanças.

Transplantado para os Estados-Unidos, o allemão tornou-se em breve tão norte-americano como o mais legitimo dos *yankees*, e o mais acerbo concurrente da mãe patria. O valor da emigração era, portanto, completamente falso; o vasto plano de germanisação frustrára-se de maneira deploravel.

Foi então que espiritos sagazes, viajantes experimentados que tinham visitado o nosso paiz e admirado de perto riquezas e maravilhas, levantaram a idéa da colonisação do Brasil onde, desde 1825, tinham vindo fixar-se os primeiros immigrantes allemães.

Quem diz potencia colonial, diz implicitamente esquadra, diz força maritima; haja vista Portugal e Hespanha, nos periodos aureos de sua historia, a Hollanda do seculo XVII, a França, a Inglaterra de sempre. Ora, ao lado do assombroso poder naval que representam essas nações em epochas diversas da sua historia, a Allemanha, por muito tempo reduzida

com os seus poucos guarda-costas a uma estricta defensiva, estava, é força convir, bem pobremente apparelhada para a funcção colonisadora a que a impellia o refluxo vertiginoso da sua população sempre crescente. Este estado de coisas durou até á data da fundação do imperio; a Prussia e os estados maritimos allemães chegaram a 1870 absolutamente desprovidos de navios de combate. O seculo XIX, fecundo de gloriosas promessas, realizadas umas, outras apenas esboçadas, não devia passar sem que lhe fôsse dado assistir á soberba eclosão de uma nova grandeza maritima, que se annunciava.

Ao genio de Guilherme II deve a Allemanha o ter afinal adquirido a inteira consciencia dos seus destinos maritimos e mais lhe deve o ter reunido, com pulso implacavel, do chaos em que se achavam, os destroços esparsos da sua frota para o apogeu do presente.

Assim, de chofre a Allemanha viu-se erigida em potencia maritima de 1.ª ordem e, condemnada outr'ora a uma rigorosa e estricta defensiva entrava desassombradamente na politica mundial, apparelhada de elementos formidaveis que se lhe não asseguravam a supremacia, certamente a collocavam em logar invejavel entre as nações armadas. *Em caso de guerra, a Allemanha tomará a offensiva;* não são do proprio imperador estas palavras memoraveis dirigidas aos seus almirantes e que bem exprimem o pensamento do actual monarcha?

A politica de expansão inaugurada por Bismarck, evidentemente a contra gosto e *para acompanhar a corrente*, como elle proprio declarou ao Reichstag, achou no rebelde neto do seu augusto amo o mais eminente e decidido campeão. De anno para anno, o pensamento de Guilherme II vem adquirindo novas e surprehendentes fórmas para a sua crystallisação integral e luminosa, a que o mundo civilisado assiste com assombro e admiração talvez, mas a que se mistura certamente um sentimento muito natural de apprehensão e receio.

Do que fica exposto póde-se avaliar a profunda revolução que estes ultimos annos assignalam na marinha de guerra allemã. Quizemos acenar para o facto porque, como nenhum outro, elle nos parece accentuar a nova orientação politica da Allemanha e, mais propriamente, do kaiser, e porque a orbita da sua influencia, longe de estar de todo percorrida, ainda mal se delinea no horizonte de um futuro mais ou menos remoto.

No Brasil, sobretudo, estas questões seriam bem dignas de excitar por um pouco o fakirismo indigena de uma nefasta politica de campanario, e myope absolutamente, de uma myopia incuravel além da orbita restricta dos interesses do momento. As nossas relações com a Allemanha, relações de ordem muito especial e que tendem necessariamente a avolumar-se para o futuro, não nos pódem deixar indefferentes ao seu progresso, ao desenvolvimento incessante das

suas energias economicas, de suas forças expansivas, ao espectaculo incomparavel de sua pujança sempre crescente. *São factores esses que hão-de fatalmente, tarde ou cedo, surprehender a prudencia dos nossos estadistas.*

A cifra total dos colonos allemães estabelecidos actualmente na zona meridional do Brasil (Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul) póde ser calculada, á falta de dados estatisticos exactos, em cerca de 350.000. Para alli vieram desde 1825, alli se fixaram em vastos territorios despovoados ou em pleno sertão, desbastaram a matta, abriram picadas, arrotearam os campos, plantaram e edificaram e, á força de labor insano, ajudados pela opulencia de um sólo uberrimo que só está pedindo braços e actividade que infelizmente não se encontram nos naturaes, em breve crearam nucleos florescentes, colonias importantes e populosas, animadas por um commercio diligente e productivo, centros de bem estar e de fartura que fazem o encanto dos que visitam aquelles lugares.

Mas no meio d'essa opulencia que veio achar na terra alheia o immigrado allemão, expellido da patria pelo espectro da fome e da miseria, *o allemão conservou no paiz adoptivo a piedosa e indestructivel fidelidade á terra natal, aos uzos e costumes do norte, a sua lingua, as suas tradições, e, ao contrario do que succedeu nos Estados-Unidos, onde o elemento nacional absorvera por completo o elemento extran-*

geiro, no Brasil, depois de mais de meio seculo de residencia no paiz, aquelle colono é ainda hoje tão profundamente allemão como o que primeiro aqui aportou de Hamburgo ou Bremen á cata de pão e trabalho.

Não entraremos no exame das circumstancias que muito provavelmente terão influido para semelhante situação; o *nosso intuito é apenas orientar a attenção para esse exquisito estado de coisas a que a sabedoria dos governos será chamada a pôr alguma ordem, senão para remediar os males já existentes, para conjurar peiores, futuros.*

Temos á mão uma bôa duzia de brochuras publicadas na Allemanha sobre o assumpto especial da colonisação nos nossos Estados do sul. N'esses escriptos, datados todos de epocha muito recente, entre 1900 e 1903, sob a fórma de conselhos e instrucções aos immigrantes, de monographias historicas, de relatorios ou simples narrativas de viagem, *a propaganda da emigração para o Brasil é feita com enthusiasmo.*

Aqui, já se vê, não existe o *perigo* que comprometteu, por exemplo, o plano de colonisação nos Estados-Unidos. Fixados *em grandes massas*, em um territorio excepcionalmente favoravel ao estabelecimento do colono europeu, isolados do resto dos naturaes por distancias materiaes consideraveis que difficultam, se não impossibilitam, um commercio seguido com o brasileiro, *fortes, além d'isso, da con-*

sciencia de sua superioridade de raça sobre o elemento indigena — falso, ignorante e indolente, — que elles desprezam, com o qual não fazem liga e de quem só querem a terra, que é generosa e capaz de produzir todos os fructos da cultura européa, *confiantes além d'isso na longanimidade dos governos locaes, que, absorvidos pelos pequeninos interesses da politica, os abandonam aos seus recursos proprios; os colonos allemães apresentam nos Estados do sul o curioso phenomeno de uma população á parte que vive sobre si, que se administra e se governa, onde domina a cultura allemã*, onde o espirito allemão prevalece e é alimentado, de geração em geração, pelas condições do meio, pela pratica da religião, que é exercida por sacerdotes allemães, *pelo uzo da lingua, que é exclusivamente a allemã no povo e nas unicas escolas existentes onde o ensino é ministrado em allemão, por professores allemães mandados vir da Europa á custa dos colonos ou subvencionados pelo governo imperial.* Em taes condições, não seria de admirar que a absorpção pelo elemento nacional fôsse aqui um facto quasi materialmente impossivel, e que essa população de 350.000 almas, que, dia a dia, váe crescendo e se multiplicando pela constituição de familias ou pela acquisição de novos elementos vindos do extrangeiro, se de um lado está geographicamente mais perto de nós, *permanecesse, comtudo, intransigentemente alheiada de nós por affinidades de raça, costumes, tradições e tendencias, e constituisse no*

nosso proprio meio um elemento antes hostil e por ventura capaz de affirmar, em uma opportunidade mais ou menos remota, essa connexão effectiva com a mãe patria.

Sobre essas vistas geraes parecem estar de accordo todos os auctores dos mencionados escriptos.»

De posse das premissas, estabelecidas ellas com toda a segurança, poderei, agóra desenvolver a minha argumentação e tirar as consequencias.

XXIII

Conhecida a necessidade que sentem os allemães de emigrar; — dada a noticia de suas *colonias politicas* a de suas *colonias commerciaes;* estabelecida a pertinacia da propaganda do *allemanismo* até entre as nações soberanas; determinado *o caso singular de sua situação no sul do Brasil,* resta considerar as consequencias futuras que d'ahi pódem advir á nossa patria.

Antes de tudo, importa considerar o *estado de espirito* das gentes das colonias situadas em nosso paiz.

Esse espirito nos é adverso. Ao passo que nos Estados-Unidos, — segundo informa J. Stoecklin, — il est d'autant plus difficil de reconnaitre les citoyens

américains d'origine allemande *que la plupart d'entre eux ont honte de leur origine et ont anglicisé leur nom :* les Zimmermann sont devenus des *Carpenter*, les Braun des *Brown*, les Löwenstein — des *Livinstone*, etc.; ao passo que nos Estados-Unidos os allemães e seus descendentes se deixam attrair gostosamente pela sociedade anglo-saxonia, no Brasil fazem vida á parte e nos aborrecem evidentemente.

As provas do facto são innumeraveis.

O aferro que mostram por sua lingua e tradições, que não trocam pelas nossas, é uma d'ellas e da maior importancia.

Se nos estimassem, deixar-se-iam assimilar no meio de nossas populações.

O desprezo que ostentam por nossa vida publica, da qual não participam de proposito, é outra prova irrefragavel.

A abstinencia é tão compteta que chega a parecer maravilhosa, chega a parecer materialmente impossivel.

E' assim que se pódem ferir a seu lado, em torno de suas terras, as mais intensas luctas entre as populações brasileiras, sem que elles dêem o mais leve signal de vida.

Importam-lhes menos do que lhes importou a guerra entre a China e o Japão.

Assistem impassiveis, e com secreto gaudio, ás dissenções politicas dos rio-grandenses, dos habitantes de Santa-Catharina e Paraná. E' como se fôssem contendas de estrangeiros, de tribus africanas.

Prova evidentissima de que não se interessam por nosso viver, nem fazem o menor caso das aspirações das gentes entre as quaes se vieram collocar.

Este signal tem todo pezo — para quem sabe o valor dos phenomenos sociaes, como força impulsora da acção politica, e o valor do estado d'alma das populações, como força determinante do estado social.

Existem, em perto de 400.000 pessôas de origem germanica, residentes no Brasil, seis ou oito que, para confirmar a regra da abstenção de seus patricios em tudo que é puramente brasileiro, se mettem nas luctas partidarias locaes.

São raros moços, filhos das cidades, ordinariamente nascidos dos rarissimos consorcios de allemães com brasileiras, desviados em parte do pensar genuinamente germanico, que se deixam attrair por ambição politica. E' excepção singular, que nada vale.

Sua aversão, seu desprezo por tudo que é brasileiro, *menos a terra, que chamam sua*, é attestado pelos poucos nacionaes que ouzam viver no meio d'elles nas colonias compactas.

Começam os nossos por ter vergonha de falar a nossa lingua, por serem chasqueados quando o fazem.

Elles é que teem de aprender a lingua estrangeira!...

N'essas colonias, os actos officiaes, os processos, os despachos dos juizes, os editaes das camaras, tudo, tudo é em lingua allemã.

Se algum juiz, se algum promotor publico tenta reagir, é posto habilmente para fóra.

Digo *habilmente*, porque a calma, a fleugma allemã, esperando o dia do *Novo-Estado*, sabe agir com um tino, com uma prudencia admiravel.

Mas para que gastar tinta em provar coisa de todos sabida, coisa que fingem apenas ignorar os nossos desbriados e infames governos, que tanto teem de ineptos como de covardes?

Os proprios allemães, quer viajantes, quer colonos, o confessam com a maior sem-cerimonia.

Tenho aqui duas provas á mão; uma d'ellas é de viajante e a outra de sujeito que vivia em Porto-Alegre, e, alli mesmo, n'uma cidade que é a capital do Estado, e ainda é em grande parte brasileira, não trepidava em revelar cruamente o pensar de seus patricios a nosso respeito.

Eis aqui o depoimento do sr. Alfredo Funcke:

«...Como representantes do povo brasileiro, o colono allemão só conhece o habitante da serra propriamente dito, indigente e ignorante, e o funccionario publico. O serrano, hostil a todo trabalho regular, condemnado a eterna penuria, sem fé nem probidade nas relações commerciaes e no trato, além d'isso não raro oriundo de sangue negro ou mestiço de indio, vivendo vida de mancebia, entregue a todos os desregramentos dos sentidos, não podia servir ao lavrador allemão de exemplo digno de ser imitado. Quanto ao funccionario publico brasileiro, que não

vê no emprego se não um meio de passar commodamente a vida, geralmente susceptivel de suborno e outras influencias congeneres, que jámais cumpre o seu dever honradamente nem pontualmente, o seu exemplo provoca necessariamente a comparação com os seus collegas allemães. Semelhante cotejo era de natureza a infundir no animo do colono o desprezo pelo brasileiro culto. A tudo isto vinham juntar-se experiencias pessoaes nas relações com as auctoridades e especialmente com a magistratura, relações em que o colono allemão saia prejudicado e ludibriado.

A observação de que tambem os brasileiros abastados iam decaindo progressivamente devido a uma economia desordenada, além d'isso os casos de parentes empobrecidos cairem com a menor sem-ceremonia nas costas de outros e muito frequentemente os ajudarem a devorar minguados haveres, não podiam de modo algum attrair para o natural do paiz a sympathia do camponez allemão, sempre tão economico e poupado.»

Não se póde ser mais rudemente franco. Só o proprio Alfredo Funcke poderia sel-o e foi nas seguintes linhas, em que se refere á *protecção* que o governo allemão deve aos seus *subditos* do Brasil:

«Essa protecção naturalmente só póde ter valor para o allemão emigrado se a força do imperio estiver sufficientemente representada pelo pavilhão de guerra. Os americanos do sul soffrem todos de exag-

gerada presumpção e só respeitam os direitos do estrangeiro quando a amistosa visita de vasos de guerra proximos lhes refresca na memoria, com frequencia significativa, a certeza de um desforço assustador em caso de attentado.»

Mais insultuosa no proposito de nos injuriar é a poesia do professor allemão, de Porto-Alegre, o sr. dr. Frankenberg, lente da Escola Normal, que assim nos pagava o bom emprego que desfructava. E' um *Hymno nacional brasileiro,* no sentir d'esse poeta allemão.

E' documento de vinte annos atráz, prova de que, se a propaganda para nos invadir é antiga, não o é menos a tendencia para nos menosprezar. E' da *Gazeta de Noticias*, de 15 de setembro de 1886, na qual se lê:

«No *Deutsche Post,* jornal que se publica em Porto Alegre, sob a direcção do dr. Frankenberg, lente da Escola Normal, appareceram uns versos em fórma de hymno, que fôram tomados como ridicularizando o Brasil e o nosso exercito.

A *Reforma* deu a traducção d'esses versos, que é a seguinte:

«HYMNO NACIONAL BRASILEIRO

Tens feijão preto e milho, tens xarque e toucinho em abundancia, tens as mais grossas batatas; — Brasil, que queres ter mais?

Tens quantidade de vinho nacional, fabricas de cerveja e licores Christoffel, Rapp, Becker e Campani; — Brasil, que queres ter mais?

Quão bons seriam os caminhos, comtanto que não chovesse, e no emtanto são pantanos e buracos; — Brasil, que queres ter mais?

Como formigam os bandalhos e ladrões, isso chamamos em allemão — militares, esses devem defender a patria; — Brasil, que queres ter mais?

Os pequenos garotos são presos, os grandes vivem ás soltas e mesmo teem titulos pomposos; — Brasil, que queres ter mais?

Tens tres partidos, ó miseria! esses amarguram-te a vida, tens mesmo o Martin de prata; — Brasil, que queres ter mais?

E dividas, e dividas, e dividas, sugam-te os cofres de um todo, e estás dirigido para o abysmo; — Brasil, que queres ter mais? — *Anastasius Blau.*»

«Conhecida e vulgarizada pela cidade esta traducção, o povo indignou-se e reuniu-se em *meeting*, para protestar contra o ultrage e pedir a punição do seu auctor, ou, pelo menos, do director da folha que o inserira.

A' vista da attitude do publico porto-alegrense, a presidencia da provincia demittiu, a bem do serviço publico, o dr. Frankenberg, do cargo de lente da Escola Normal.

A empreza do jornal allemão, por sua vez, e como protesto ao seu procedimento, demittiu do

cargo de redactor-chefe da referida folha, o sr. Frankenberg.

A' vista d'essas plenas satisfações, serenaram os espiritos,»

Houve em 1886 esse pequeno alvoroto, que trouxe a demissão de Frankenberg.

Tudo, porém, caíu logo na usual modorra; a nossa incuria continuou a dormir; o *allemanismo* social e politico proseguiu na sua marcha ovante.

Hoje, nem talvez fôsse demittido da Escola Normal o lente que consentisse, em sua folha, o tal *Hymno nacional brasileiro*...

O *Deutschtum* tem progredido tanto que, ao menor abalo, surgem por cá seus *enviados extraordinarios*, que teem recepções principescas, como se fôram chefes de Estado...

E' incrivel; chega-se até a se lhes manifestar o desejo de que seus patricios façam cada vez mais uso exclusivo da *lingua allemã*. Parece um sonho.

Mas é triste realidade...

Ainda ha menos de dois annos, tivemos exemplos em Porto-Alegre.

Lê-se no *Jornal do Commercio*, de 14 de julho de 1904:

«Porto-Alegre, 13 de julho.—Foi hoje recebido pelo presidente Borges de Medeiros e pelas auctoridades estadoaes o dr. Jannasch, que se hospedou na Pensão Schmidt, *onde o Governo lhe mandou reservar aposentos.*»

Este Jannasch é um dos taes que influem nas *Associações de Immigração*, em Berlim, e tem as vistas voltadas para o Brasil, onde aporta de vez em quando.

Sempre que se levanta alguma poeira nos jornaes, sempre que se allude ao *perigo allemão*, elle toma o paquete em Hamburgo e salta em Porto-Alegre. Vem encarregado de fazer discursos, para apaziguar os *brasileiros*... E' missão por elle cumprida habilmente. E' bom orador e conhece de cór os logares communs amados pelos nossos patricios; *fraternidade dos homens, patria universal, progresso de todos, paz geral, chiméra do perigo allemão, inventado pelos anglo-americanos, que nos querem conquistar.*

De tudo isto lança mão o intrepido homem. E o curioso é que os brasileiros se deixam convencer...

A sua vinda de ha dois annos foi motivada por certos *alarmas*, apparecidos em folhas americanas e inglezas, ácerca da crescente influencia dos grupos autonomos dos germanicos em terras do sul do Brasil.

Jannasch partiu sem demora. Chegou, falou, aconselhou aos *seus patricios que não fôssem nativistas, que não fôssem exclusivistas contra os brasileiros;* mas que, n'essa meia união com os nossos patricios — *não esquecessem a sua lingua e até a sua musica!*

Isto li eu nos jornaes do tempo, que sinto não ter agóra á vista.

*

Era o carro adeante dos bois, prova da consciencia da força de que já dispõem os seus patricios: em vez de pedir aos brasileiros que não usassem de *nativismo* para com os allemães, aconselhava a estes que não o empregassem contra nós. Isto pinta a situação.

Era tambem contraproducente e manhoso; porque, ao passo que batia o exclusivismo, exhortava sua gente a *não deixar a sua lingua, suas tradições e a sua musica,* coisas da paixão caracteristica do allemanismo.

Telegrammas vi que davam conta da recommendação ácerca da *lingua e da musica.*

Não os tenho á vista; mas aqui váe um de 19 de julho do dito anno de 1904, pelo qual se conhece mais ou menos o conteúdo dos discursos de Jannasch, não só pelo que d'elles se contém no alludido despacho, como pela resposta do presidente do Rio Grande, em que declara *não pedir* aos allemães que renunciem ás suas *tradições, á sua lingua*... E' incrivel.

Eis aqui:

«PORTO-ALEGRE, 18 DE JULHO. — As sociedades allemãs aqui existentes offereceram hontem uma grande festa ao sabio dr. Jannasch. Estiveram presentes o dr. Borges de Medeiros, presidente do Estado, e diversas outras auctoridades federaes e estadoaes.

O dr. Jannasch pronunciou um brilhante discurso

no qual *aconselhou os seus patricios a se unirem aos brasileiros e especialmente aos rio-grandenses, condemnando abertamente o preconceito nativista e o exclusivismo que separa as raças e separa os homens, quando a verdade é que a civilisação moderna procura reunil-os* pelo desenvolvimento commercial, artistico, scientifico e maritimo. O orador, proseguindo na mesma ordem de considerações, *atacou com vibrante energia a decantada chimera do perigo allemão.*

O dr. Borges de Medeiros, n'um improviso bastante feliz e cheio de conceitos patrioticos, *disse tambem não ter receios d'essa utopia que anda fluctuante em alguns espiritos timidos e eivados de preconceitos.*

Continuando, o presidente do Estado *declarou não pedir aos allemães que renunciem á sua patria, ás suas tradições e á sua lingua*; pelo contrario, é que honrem a terra de origem, porque assim honrarão tambem o Rio Grande.

Terminou saudando a confraternisação dos dois elementos, germanico e brasileiro, sob o influxo da amizade reciproca.»

Evidentemente, o sr. Borges de Medeiros não avalia a importancia da *patria*, das *tradições* e da *lingua* na vida dos homens. Do contrario, não chegaria a pensar que pudesse alguem possuil-as por partidas dobradas: da Allemanha e, ao mesmo tempo, do Brasil.

Entretanto, desde que o mundo é mundo, a historia e a experiencia teem sido incansaveis em desmentir o erro do presidente do Rio Grande do Sul e de todos os que, por falta do preciso criterio, laboram em tão nociva illusão. As tradições e a lingua teem tal importancia que acabam sempre por vencer e fazer as nações a seu gosto.

Póde a politica, nas suas combinações, não raro insensatas, separar gentes da mesma estirpe, da mesma lingua e das mesmas tradições, como na Italia e na Allemanha até o ultimo quartel do seculo passado. E' debalde; mais cedo ou mais tarde, essas gentes se attráem e se unificam.

Póde a mesma politica, nos seus tresloucados calculos, jungir povos diversos sob o mesmo jugo, debaixo da mesma oppressão, como na Turquia. E' inutil; mais cedo ou mais tarde, os elementos diversos se desaggregam e cada um procura o seu natural centro de gravidade. Assim foi alli: romaicos para um lado, gregos para outro, bulgaros para outro, servios para outro.

E' regra que nunca ha de faltar.

Dest'arte, o erro gravissimo, o erro inexpiavel dos governos brasileiros, o erro que nos ha de trazer a perda das bellissimas regiões do sul, foi se haver consentido a formação lenta, por oitenta dilatados annos, de fortes grupos de população que ficou irreductivelmente germanica, sem a menor fusão com populações brasileiras.

E' o erro irreparavel.

Não ha sophismas que possam illudir a quem enxerga dois dedos adeante de si. Existem duas especies de individuos que teem interesse em fazer acreditar no contrario: os proprios allemães e seus descendentes, e certos politiqueiros brasileiros que precisam de não desagradar os colonos de Santa-Catharina, Paraná e Rio-Grande. O resto do Brasil pensa de modo de todo diverso.

Mas, dizia eu, para se aquilatar da verdadeira situação das coisas no sul, mistér é apreciar o *estado psychico* dos *teutos* com relação aos *brasileiros*.

Já fiz vêr alguma coisa de singular n'este sentido. Existe, porém, outro criterio, originado d'aquelle, que, sendo d'isso effeito, indica, de modo claro e inilludivel, o estado de adeantada divergencia em que andam os dois povos, que acabarão de todo separados: refiro-me á *situação social* de ambos. Este signal é infallivel.

Só existem hoje alguns ignorantes, cujo voto não tem nem póde ter o menor pezo, para acreditarem no valor da *politica*, das relações a que se costuma dar este nome, como força dirigente das nações, independentemente das condições *sociaes*. Toda a gente sabe que o estado social é que representa a substancia, o amago, a verdadeira estructura, o exacto valor de um povo qualquer.

A politica não faz mais do que andar atraz da sociedade, de suas aspirações, de seu caracter, de seu

gráu de cultura, de suas necessidades, de suas tendencias, para as ir definindo e dando satisfação n'aquillo que é de sua competencia. Quando a politica chega, a tendencia social tem surgido e se avolumado ha muito tempo. Negal-o — é ser indigno da menor attenção de gente que pensa.

Ora, os allemães do Brasil são, *socialmente*, completamente distinctos e independentes dos nacionaes. Teem outra lingua, outra religião, outros costumes, outros habitos, outras tradições, outros anhelos, outros generos e systemas de trabalho, outros idéaes. E' innegavel. Logo, estão presos a nós sómente pelo *laço do territorio*; porque mesmo de um *laço politico effectivo* não se póde falar, desde que se sabe que elles não tomam a minima parte em nossa vida por esse lado. Mas, em nosso territorio mesmo, as colonias constitúem verdadeiras *soluções de continuidade* entre as populações nacionaes. São como ilhas, ou oasis no meio do que costumam chamar o deserto brasileiro.

Faltam-lhes, para de todo se separarem de nós, formando *um Estado* á parte, duas condições apenas: uma população maior, e que essa população se espalhe a ponto de ligar entre si, mais ou menos intensamente, os diversos nucleos coloniaes dos tres Estados meridionaes. Nem será talvez preciso que se liguem os nucleos do Paraná aos demais. Logo que os de Santa Catharina tiverem, por assim dizer, arredondado terras com os do Rio-Grande, e isto não

está longe de acontecer, o brado de separação será dado.

E' até possivel que seja dado só pelos do Rio Grande, logo que todo o planalto, *toda a região serrana*, esteja assás povoada por elles, desde as montanhas que dividem aquelle Estado em duas zonas, a do norte e a do sul, até ao curso do rio Uruguay, que o separa da Argentina e de Santa-Catharina. Pouco depois os d'esta, crescidos tambem em numero, se unirão aos seus patricios e parentes allemães do Rio-Grande. Para tanto, basta que a população germanica dos dois Estados attinja a uma cifra respeitavel—de 800.000, ou 1.000.000 de habitantes.

A separação não se fez já com o auxilio e sob o *protectorado* da Allemanha, por causa das perturbações que isto acarretaria deante da chamada *doutrina de Monroe*, freio unico que contém o imperio, conforme os proprios allemães confessam e mostrarei linhas abaixo. Não fôra isso, e o governo imperial teria já feito o que praticou em Zanzibar.

Existe, porém, outro motivo que tem obstado essa terrivel crise de separacão, que terá de ser dada em nosso Brasil: é que os nossos *teutos* não desejam fazer parte do imperio, como *colonia*, como *dependencia politica;* aspiram à formação de *novo Estado*, um Estado soberano, independe como era o Transwaal, como são os Estados-Un e hão de ser o Canadá e a Australasia. Qua

sentirem fortes, pelo numero e pela riqueza, para nos affrontar, darão o signal de se constituirem politicamente á parte.

O governo brasileiro ha de sahir a campo para contel-os; travar-se-á lucta; a Allemanha, então, intervirá com forças militares porque não ha de *consentir que allemães sejam trucidados no Brasil...* N'essa conjunctura, acceitarão os *teutos, si et in quan tum*, o protectorado moral da Allemanha — e não o politico, porque este o imperio não lh'o póde dar, visto como não póde ter novas colonias na America. Mas bastar-lhes-á esse protectorado moral para facilitar o seu reconhecimento como *Estado independente*. Quando, pois, os optimistas, crendeiros no valor invencivel do Brasil, berram que não ha perigo de separação das colonias germanicas, porque o imperio não sonha nem póde sonhar com conquistas na America, fazem apenas um sophisma.

Ninguem disse jámais que os allemães mandariam cá suas esquadras para nos conquistar as terras do sul. A Allemanha não é estupida, nem ingenua; ella deixa as coisas seguirem seu curso normal; espera que o fructo cáia de maduro. Pois póde lá nunca a Allemanha, que conta com a prolificidade de sua gente, com o vigor de seus filhos, e com a habilidade d'elles, admittir que um, ou dois, ou tres milhões de germanicos, collocados no Brasil, se deixem governar, dirigir, pelos *mulatos* (é como elles chamam a todos) do Brasil?

E' mistér não saber nada de Allemanha e allemães, para acredital-o. O *Deutschtum* do Brasil *fará da se;* o da Europa tem confiança e espera.

A evolução d'esta desgraçada questão, descuradissima pela incuria brasileira, é a seguinte: 1.º periodo de immigração por méra necessidade, de 1825 a 1870; 2.º periodo de formação consciente de um grupo ethnico á parte, capaz de ter por si *mesmo* largos destinos, periodo em que teem procurado os directores dos grupos coloniaes firmal-os cada vez mais ao sólo com a agricultura, e vão procurando apoderar-se, nas respectivas zonas, das melhores industrias, da navegação, do commercio bancario, das forças economicas, em summa, de 1870 até agora: o 3.º periodo será o do futuro proximo em que procurarão crescer e prosperar de mais em mais, o que, quando a população fôr numerosa, e a riqueza grande, os levará a se constituirem em corpo de nação, como *Estado soberano.*

A protecção allemã européa será méro auxiliar de segunda ordem.

Que tem o Brasil a fazer para impedir essa desastrada solução do *Deutschtum* que nos ameaça no sul?

E' o que resta indicar.

Emquanto as colonias não crescem demasiado, a ponto de se tornarem perigosas, ha alguma coisa a tentar.

As affirmações que fazem de fidelidade ao Brasil são para nos enganar e para o norte-americano vêr.

Se a empreza fôsse coisa a ser feita pela Allemanha, repito, já ella o teria tentado; mas como não é, porque nem ella o póde, por causa do *monroismo,* nem os allemães de cá teem fortes desejos de se collocar na dura sujeição do imperio, espera-se a solução do tempo, trazida com o augmento da população, do territorio e da riqueza.

O imperio, porém, não suspeita claramente que a aspiração de independencia dos *teutos* não se entende só para com o Brasil e que o envolve tambem a elle.

Por isso, não perde nunca a esperança de empolgar aquellas terras por um arranjo qualquer, possivel no decorrer dos tempos.

N'essa esperança, busca todos os meios imaginaveis de illudir, de sophismar a doutrina de Monroe, contra a qual faz propaganda entre as proprias nações do continente, ás quaes faz acreditar que a *America é dos americanos* — quer dizer d'elles — *americanos do norte, dos filhos dos Estados-Unidos.*

Pintam a estes, umas vezes, como *conquistadores,* que nos virão subjugar; proclamam que o *monroismo* equivale a uma *tutella humilhante,* e outras sophisticarias do genero.

Recorrem, outras vezes, á proposta de harmonia para engolirem, de accordo, a preza latino-americana.

N'este sentido, são dignas de aturada leitura as palavras do sr dr. Walter Kundt, auctor de — *O Brasil, sua importancia para o commercio e a industria*

allemães, conforme a já alludida traducção do *Jornal do Commercio*, de que peço venia para transcrever ainda um trecho caracteristico:

«Quanto á doutrina de Monroe, tenho para mim que ella se baseia em considerações obsoletas, e ainda no correr do seculo terá de ceder o passo a outra politica externa dos Estados-Unidos.

A doutrina de Monroe parte do principio de que os povos da America se tinham libertado do jugo da dominação ingleza, hespanhola e portugueza, e que a esses povos livres cumpria agóra defenderem-se collectivamente contra os appetites conquistadores das nações européas. Mas esta classificação dos povos em livres e não livres, em republicanos e monarchicos, parece-nos hoje muito inhabitual e desnecessaria. Hoje, que o centro de gravidade de toda a politica está no terreno economico, outro é o criterio para proceder á classificação dos povos. Ha, em primeiro logar, povos que, por sua actividade e intelligencia, se collocaram na altura de resolver os problemas economicos que o seu paiz suscita, e n'este numero estão incluidos quasi todos os povos do continente europeu; ha, em segundo logar, povos incapazes de aproveitar os dotes que lhes couberam em parte, que por indolencia ou por outros motivos deixam mais ou menos improductivos os thezouros naturaes que lhes offerece o seu paiz, e a essa categoria pertencem, na Europa, Portugal e a Hespanha e os paizes balkanicos, e, na America, a totalidade

dos povos, com excepção dos de lingua ingleza. *E ha, em terceiro logar, povos a quem o territorio nacional não offerece campo sufficiente para a satisfação da sua actividade e que estão chamados a realizar, nos paizes da ultima das categorias supracitadas, aquillo que os habitantes d'esses paizes não quizeram ou não puderam fazer.*

Povos taes não ha senão tres; são os mais poderosos representantes da raça germanica, os allemães, os inglezes e os norte-americanos. *Esses estão chamados a recolher a herança do decadente mundo latino e teem todo o interesse em concertarem-se sobre o melhor processo de dividirem entre si a tarefa.* Ainda hoje, os povos hispano-lusitanos dominam um territorio que é maior que o immenso imperio moscovita e só muito pouco inferior, em tamanho, ao imperio britannico. A quem virão, um dia, a tocar esses paizes, ninguem o sabe; *mas o que é certo é que elles não pódem continuar nas mãos do mais mesquinho e inepto ramo da raça latina.* Em futuro proximo, esses paizes vão provavelmente representar o mesmo papel que a Turquia e China, cuja subsistencia, se tem sido possivel, é só exclusivamente devido á rivalidade das potencias.»

Que tal?

Continuaremos de braços cruzados em face de tantos e tão repetidos avisos?

Para resistir a essas e outras ameaças e nomeadamente para escapar do perigo de virmos a perder

as terras do sul, minadas pelo elemento germanico, temos a fazer o seguinte:

1.º Seguir o *systema japonez* de nos apparelharmos por meio de todos os recursos da sciencia, no sentido de prepararmo-nos militarmente para a lucta;

2.º Mudar a feição *communaria* de nosso *caracter*, que tudo espera do Estado, e reformar a nossa *educação* no sentido *anglo-saxonico* da *iniciativa pessoal*, da *audacia no emprehendimento*, da *coragem na acção*, da formação d'um alevantado *idéal* de vida e de força individual e collectiva;

3.º Ajudar a essas grandes medidas com o *povoamento do sólo* por um regimen systematico: immigrantes de *nacionalidades diversas espalhados por todas as zonas* do nosso immenso planalto, desde as serras do Rio Grande do Sul até ás fronteiras do valle do Amazonas, que será tambem povoado por gente adequada;

4.º Approveitar, por todos os meios imaginaveis, o *enorme proletariado nacional*, que será transformado em *elemento colonisador*, posto ao lado do estrangeiro para educar-se com elle no trabalho e *o ir abrasileirando;*

5.º Facilitar esse povoamento do paiz em todas as direcções, levando *estradas de ferro por toda a parte*, que sirvam para articular, por assim dizer, este immenso corpo, facilitando-lhe ao mesmo tempo a defeza.

Em vez de andarem ahi a esbanjar milhões com obras de *luxo,* avenidas, theatros, passeios e outras no Rio de Janeiro, que nos fazem representar o papel de um *mendigo*, descalço e maltrapilho, com um *gorro bordado a ouro* na cabeça, deveriam empregal-os nos melhoramentos indicados.

Mas essas são as medidas de ordem geral, reclamadas pelo paiz todo.

Pelo que toca directamente ás colonias allemãs, mistér será embaraçar-lhes o enthusiasmo do *Deutschtum*, pelo seguinte modo:

1.° Prohibir as grandes compras de terrenos pelos syndicatos allemães, maximé nas zonas das colonias;

2.° Obstar a que estas se unam, se liguem entre si, collocando entre ellas, nos terrenos ainda desoccupados, nucleos de colonos nacionaes ou de nacionalidades diversas da allemã;

3.° Vedar o uso da lingua allemã nos actos publicos;

4.° Forçar os colonos a aprenderem o portuguez, multiplicando entre elles as escolas primarias e secundarias, munidas dos melhores mestres e dos mais seguros processos;

5.° Ter o maior escrupulo, o mais rigoroso cuidado em mandar para as colonias, como funccionarios publicos de qualquer categoria, sómente a individuos da mais esmerada moralidade e de segura instrucção;

6.º Desenvolver as relações *brasileiras* de toda a ordem com os colonos, protegendo o commercio nacional n'aquellas regiões, estimulando a navegação dos portos e dos rios por navios nossos, creando mesmo alguma linha de vapores que trafeguem entre elles e o Rio de Janeiro;

7.º Fazer estacionar sempre vasos de guerra nacionaes n'aquelles portos;

8.º Fundar nas zonas de oéste, tolhendo a expansão germanica para o interior, fortes *colonias militares* de gente escolhida no exercito.

Estas e outras medidas, despertadas pela pratica e pelo criterio dos governos, poderão obstar o desmembramento futuro do Brasil nas regiões do sul.

Teremos coragem de as pôr em pratica?

O tempo o dirá.

Antes de proseguir n'estas considerações, que o silencio da *America Latina*, do dr. Bomfim, me forçou a fazer sobre o perigo allemão entre nós, preciso prevenir uma objecção de caracter pessoal.

Sabe-se que o meu amigo Tobias Barreto se bateu no Brasil pelo *germanismo* e eu o applaudi, tanto quanto esse modo de pensar e agir *pudesse servir de* REAGENTE, *de* TONICO *para o caracter nacional*.

E esse era o pensamento de meu patricio e camarada.

Elle sabia da existencia, no sul, do *allemanismo da colonisação*; sabia da propaganda que, inepta-

mente no Rio de Janeiro e machiavelicamente na Allemanha, se fazia para que esse *allemanismo colonial* augmentasse.

Conhecedor dos perigos que d'alli proviriam ao Brasil, procurou substituir aquelle *allemanismo de immigração* pelo *germanismo da sciencia, da cultura, da educação, da fortaleza moral*, unico capaz de nos apparelhar para resistir ao primeiro.

E' uma calumnia, pois, dal-o por favoravel ás pretenções dos *immigrantistas* insensatos.

O que o meu amigo sempre quiz, sempre ensinou a este inconsciente povo de ingratos, desnorteado por litterateiros imbecis, o que elle pretendia, com uma larga intuição verdadeiramente genial, era que o Brasil fizesse o que o Japão *já tinha então começado a fazer*...

E' verdadeiramente admiravel.

Os factos vieram dar plena razão ao pensador sergipano.

Ha trinta e quatro annos, quando no Brasil ninguem sabia da immensa transformação, pouco antes iniciada no Japão, já Tobias Barreto o indicava como modelo a seguir.

Hoje é moda fazer litteratice, á custa do valoroso imperio asiatico.

Litteratões que nada sabem, vivem a aborrecer a gente com patacoadas ácerca d'aquelle povo exemplar.

Em 1872, ha trinta e quatro annos, escrevia o

grande critico, e chamo a atenção dos leitores para este facto, que define a sua propaganda germanica entre nós, fazendo appello para o que se estava praticando no Japão, onde se cogitava de *educação e sciencia* e não de *immigração colonial:* «Já nos factos, e especialmente *nas tendencias intellectuaes,* está o Japão mais adeantado que o Brasil. Eis uma prova entre muitas.

No primeiro de janeiro de 1870, foi aberta, na capital d'aquelle Estado, a qual conta um milhão e meio de habitantes, uma escola para o ensino da lingua allemã, apenas com quatro alumnos, e no fim do anno contava já de 400 a 500.

No correr de 1871, como consequencia dos grandes feitos da guerra franco-allemã e do ascendente da Allemanha, espalharam-se pelas provincias muitas outras escolas, e o proprio imperador se mostrou, desde então, interessado a tal ponto, que por elle e seu governo fôram não só instituidas *escolas pelo modelo allemão* e para esta lingua com maior profusão, como tambem *fôram enviados para se educarem no seio da cultura germanica* diversos moços japonezes de familias consideraveis e de elevada posição. Ultimamente, (1872, anno em que escrevia o sabio brasileiro) o governo fundou altos *institutos scientificos* e uma *academia de medic* onde exclusivamente se acham sabios e profes d'esse paiz, chamados para dirigirem o ensino

D'ahi tem resultado uma viva procura de

allemães, de modo que uma celebre firma commercial em Yedo, A. Ahrens & C., foi levada a entrar em relações activas com o commercio livreiro, principalmente de Leipzig, e a dirigir-lhe uma circular n'este sentido.

E então? Podemos nós rir-nos dos dignos japonezes?

Houvesse quem aconselhasse ao nosso governo para crear uma academia, sómente dirigida por sabios allemães, e vêr-se-ía que barulho!

Se era possivel admittir-se um jurista mais profundo do que o Ribas, de S. Paulo, ou um medico mais sabido do que o Sodrésinho, da Bahia?... A paz do Senhor seja comvosco, espiritos idiotas...

E quem tivesse, como eu já tive, a loucura de conceber e tentar realizar a idéa de uma sociedade de *propaganda germanica*, havia de regalar-se quando a quizesse levar a effeito.»

Que traço de genio! que visão de pensador!

E' pena que Tobias Barreto não tivesse vivido bastante para admirar as estrondosas victorias do Japão e seu ascendente no mundo.

Desventurado Brasil, que, illudido por gralhas palreiras, não tomaste, até hoje, o conselho de teu verdadeiro amigo!

Vê qual é o teu estado e o do longinquo imperio oriental, que não metteu *immigrantes*, mas ingeriu idéas, doutrinas, saber, praticas uteis, que o disciplinaram para luctar e vencer...

Costuma-se dizer que se cura a mordedura do animal com o seu proprio pello.

E' o que se póde imitar: repillamos as incursões de allemães e outros europeus quaesquer com os proprios processos d'elles aprendidos e assimilados.

Para isto é, porém, indispensavel caracter. . .

XXIV

Ainda ha pouco, aos 29 de janeiro d'este anno de 1906, o *Jornal do Commercio* transcreveu em suas columnas, um artigo da *Fortnightly Review*, devido á penna do sr. Frederico William Wile.

O artigo é admiravel de lucidez, de logica e de segurança de critica.

Trata da influencia que os allemães procuram exercer em todo o Brasil.

Refere-se á navegação, ás estradas de ferro, ao commercio bancario, ao commercio importador e exportador, ás industrias fabris e até á propria lavoura de café, de cacáo, de algodão, etc.

O sr. Frederico William Wile, no que se refere á colonisação do Brasil meridional, chegou clusões que são identicas áquellas a que eu t tinha chegado de muitos annos a esta parte.

Peço licença á illustre redacção do *Jo*

Commercio, para inserir n'estas paginas alguns periodos do brilhante estudo da *Fortnightly*, sómente dos que se referem á colonisação germanica das regiões meridionaes da nossa patria.

N'um ponto porém, se engana o sr. Frederico W. Wile—, e é quando parece suppôr ter sido alguma coisa de novo o protesto do sr. Barbosa Lima, no Congresso Brasileiro, contra a *desnacionalização crescente do Brasil meridional.*

Bem antes d'esse illustre politico, por cerca de trinta annos seguidos tenho deixado igual protesto em quasi todos os meus escriptos.

E aqui vae uma rapida indicação de alguns d'elles:

1.º No 1.º vol. da *Historia da Litteratura Brasileira*, no artigo consagrado a Hippolyto da Costa;

2.º No mesmo volume, no artigo que trata do Visconde de São Leopoldo;

3.º No 2.º volume, no estudo que se refere ao Banco de Paranapiacaba;

4.º No opusculo—*A Immigração e o futuro do povo brasileiro*, reproduzido em *Novos Estudos de Litteratura Contemporanea*, em *O Elemento Portuguez no Brasil* e em o volume intitulado—*Discursos*.

5.º Na citada conferencia—*O Elemento portuguez no Brasil:*

6.º Na *Historia do Direito Nacional* (Revista Braleira), no capitulo sobre os Wisigodos;

7.º No ensaio — *O Direito Brasileiro no seculo XVI*, reproduzido em *Ensaios de Sociologia e Litteratura*;

8.º No discurso proferido no Congresso Nacional aos 23 de maio de 1900.

9.º No discurso alli proferido na sessão de 25 do mesmo mez e anno;

10.º No discurso tambem alli proferido aos 24 de maio de 1901;

11.º Na resposta que dei aos estudantes da Universidade de Coimbra, que me honraram com uma mensagem.

Claro é que não esperei pelo muito digno, illustrado e patriotico dr. Barbosa Lima, a quem aliás me desvaneço de render um alto apreço de estima e admiração, para me pronunciar no assumpto, no qual folgo immensamente de o ter a meu lado.

Aqui vão os trechos do excellente artigo de Frederico W. Wile. Chamo especialmente a attenção para os periodos que elle refere do famoso economista Schmoller, de Walter Kundt e do *Grenzboten*, de Leipzig.

São caracteristicos a mais não poder ser.

Não sei se a evolução do allemanismo no sul do Brasil, que não passa despercebido aos escriptores europeos, ainda encontrará incredulidade no Brasil entre levianos ou interessados.

Escreveu F. W. Wile:

"Os allemães almejam ardentemente ter um pé no Brasil, porque a sua enorme área de riquezas virgens ainda sem donos realiza os sonhos de uma *Magna Allemanha ultramarina* economicamente independente.

Caminham para a realização de suas esperanças com precisão lenta e firme e essa paciente confiança resultante de planos bem organisados.

O caminho para a conquista territorial está sendo preparado de modo a tornal-a comparativamente facil, dado que se offereça viavel a sua realisação. Assim, ao passo que os professores militantes vão dando á doutrina de Monroe um fim inglorio no acumulo mixto das cousas obsoletas, banqueiros, linhas de navegação, negociantes, industriaes e syndicatos colonisadores allemães estão emprehendendo uma campanha incessante no sentido de germanizar o commercio e a industria do Brasil, de infiltrar o paiz do germanismo puro e de povoar grandes regiões d'elle de nucleos de colonos allemães.

No sul, onde o seu numero é mais espesso, tornaram-se o elemento dominante. O paiz está cheio por toda a parte de fabricas, de armazens, de lojas, de lavouras, de escolas e de igrejas allemãs. Em dezenas de communidades a lingua allemã tem substituido a portugueza, a lingua official do Brasil.

Por sobre esta conquista puramente commercial, porém, se desenha um factor de importancia mais vital para as susceptibilidades norte-americanas, a creação de *uma nação de Allemães no Brasil.* E' esse o intuito confessado de tres emprezas colonisadoras allemãs, que se tornaram senhoras e donas de mais de 8.000 milhas quadradas de territorio brasileiro, superficie consideravelmente maior do que o Reino da Saxonia e capaz de absorver meia duzia de Grãos-Ducados allemães.

E' objectivo d'esses syndicatos territoriaes povoar essas terras de immigrantes desejosos de *se conservarem*

allemães — de uma raça de homens e mulheres transplantados, que se verão no meio de condições adrede preparadas para perpetuar o *Deutschtum*, — o que quer dizer, a lingua allemã, os costumes allemães e a inquebrantavel fidelidade ás esperanças economicas allemãs.

Eis o motivo porque os sonhos de expansão dos allemães se centralizam em outra parte e particularmente no Brasil. Vêem ahi um paiz de recursos illimitaveis, rivalizando em variedade e calculada riqueza com a grande riqueza natural dos Estados-Unidos e habitado por um povo latino inferior que não é apto, quer pela natureza quer pela educação, para desenvolver e El-Dorado existente em torno e debaixo d'elle. A industria allemã e a população multiplicante da nação, dependentes, em grao humilhantemente crescente, das materias primas e dos generos alimenticios do extrangeiro, sentem-se arrebatadas com a perspectiva da libertação do feudalismo economico n'essa Terra de Promissão.

Esse almejar por um pedaço de territorio abaixo do Equador Occidental tem, pois, base mais real do que as aspirações sentimentaes de um Imperador ambicioso ou a parolagem jacobina dos Pan-Germanos. Nasceu da necessidade propulsora e tem de ser satisfeito, segundo a opinião dos seus apostolos, a menos que a Allemanha tenha de ficar na rabadilha de paizes rivaes, contente com o seu glorioso passado e indifferente pelo seu futuro.

Seria um insulto ao varonil germanismo da época do Imperador Guilherme alimentar a illusão de que o seu povo sonha em resignar-se a semelhante alternativa.

A *germanização do Brasil* não é projecto do seculo vigesimo. Está em andamento ha mais de oitenta annos embora só se tenha realizado aggressivamente durante a ultima década, coincidindo isso com o nascimento e crescimento do exagerado movimento expansionista conhecido por Pan-Germanismo.

Actualmente as suas 1.800 ou 2.000 milhas quadradas de superficie estão densamente cheias de cidades e villas prosperas, em que o elemento allemão, quando não exclusivo, é acabrunhadoramente predominante.

Com estas bases formou-se em 1897 a *Companhia de Colonisação Hanseatica de Hamburgo*, como successora da antiga *Sociedade Colonisadora de Hamburgo*. Tem ella um capital nominal de £ 65.000, 3.500 membros e um orgão official. Embora não seja sobre aspecto algum uma empreza governamental, recebeu o reconhecimento official em 1898 por meio de *uma patente official*.

Além d'isso, os que a sustentam são recrutados nas fileiras dos capitalistas, armadores e exportadores, cujos interesses os alliam inseparavelmente a todos os emprehendimentos ultramarinos da Allemanha. A Companhia mantem uma casa matriz em Hamburgo e filiaes de propaganda por todo o Imperio.

Assignalou o seu nascimento obtendo do Governo do Estado de Santa Catharina uma concessão territorial de 1.075.000 geiras, que, accrescentadas ao que lhe legou a sua antecessora, constitue uma possessão actual de cêrca de 1.600.000 geiras.

Esse enorme territorio é conhecido pelo nome de "Colonia Hansa„. Contando com as velhas e adjacentes colonias de Blumenau e Dona Francisca, os allemães dominam, em Santa Catharina, sobre uma esphera colonial de umas 4.000 milhas quadradas. Uma quinta parte dos 320.000 habitantes de Santa Catharina é de Allemães. Têm o monopolio do commercio e das industrias, e são os unicos lavradores prosperos.

Na capital, Desterro, no porto de S. Francisco e nas cidades de Joinville, Blumenau, Itajahy e Brusque, os Allemães são os principaes cidadãos, sendo encontrados por toda a parte como funccionarios locaes, negociantes, sacerdotes, professores e artistas. Nas numerosas com-

munidades onde o elemento allemão é de facto exclusivo, existe o governo autonomo allemão. Os Estados do Brasil acham-se divididos em pequenos districtos municipaes, e grande numero d'estes alli no sul são administrados por e para allemães.

A construcção de estradas, a irrigação e os serviços de utilidade publica estão sob a fiscalização allemã, e aos Allemães se permitte manter um systema de contribuição para a manutenção de escolas e igrejas allemãs exclusivas. Sómente nos negocios externos dos municipios se vê que o territorio é brasileiro. Falla-se allemão por toda a parte. Até os negros indigenas se viram forçados, devido á monopolização do commercio e das industrias por patrões allemães, a adquirir alguns conhecimentos do intrincado idioma. Nada mostra tão excepcionalmente a extensão da invasão allemã no Brasil no ponto de vista territorial, como o mappa de propaganda publicado pela *Sociedade de Colonisação Hanseatica*, o qual indica com côres distinctas as secções germanizadas de Santa Catharina. Uma notação explica que as manchas coloridas são "*Colonias allemãs.*" Dá-se assim a impressão de que uma boa fatia d'este Estado brasileiro é sólo allemão.

No adjacente Estado do Rio Grande do Sul, embora a colonisação esteja menos adiantada, o germanismo é ainda mais pronunciado do que em Santa Catharina. Residem no Estado 250.000 Allemães, constituindo 25 °/ₒ da sua população. Tem penetrado todos os campos da actividade economica e são proeminentes em alguns. A colonisação organizada é dirigida pelo Dr. Hermann Meyer, de Leipzig, que, ha seis annos, obteve uma concessão territorial de 51.600 geiras e fundou as colonias de N[illegible] Würtenberg e de Xingú. Segundo o prospecto por [illegible] publicado, o "*Rio Grande do Sul é muito mais a[illegible]priado para a creação de um Estado dentro do Est[illegible] do que os districtos para os quaes os Allemães f[illegible] em quantidade na America do Norte.*"

Em resposta a um inquerito sobre qual a porcentagem de Allemães estabelecidos no Brasil, que renunciaram a nacionalidade allemã, escreve o Dr. Meyer *a maioria d'elles, pelas leis da Republica, se tornaram cidadãos brasileiros, mas, permaneceram allemães na lingua e nos seus ideaes, e mantém em negocios e em tudo em geral as mais intimas relações com a Vaterland.*

Muito menos desenvolvida do que as colonias hanseaticas de Santa Catharina, mas mais vasta em extensão, é a immensa concessão territorial da Estrada de Ferro Allemã do Noroeste Rio Grande, do Rio Grande do Sul, corporação de Dresden que possue uma concessão para uma linha ferrea ao longo do rio Uruguay, cobrindo uma superficie total de 4.600 milhas quadradas.

Estas varias emprezas colonisadoras fazem uma propaganda incessante por toda a Europa allemã. Publicam livrarias inteiras em fórma de folhetos, brochuras, mappas e publicações periodicas, rivalisando uns com os outros em pintar o Brasil como um quadro de futuro glorioso, sempre dado o caso dos Allemães para lá irem em numero sufficiente para desenvolvel-o. Fazem-se de vez em quando conferencias, salientando os oradores emphaticamente, em termos vehementes, a conveniencia de germanisar-se a gigantesca Republica dos Dons Pedros. O *Tageblatt*, de Berlim, correspondendo ao interesse crescente dos Allemães na America do Sul, enviou um commissario especial ao Brasil para apresentar um relatorio extenso ácerca do estado do *Deutschthum* alli. Offerece-se toda a casta de alliciamentos aos Hans e Migueis que pensam em emigrar. Garantem-lhes, por exemplo, que os Allemães vivem no Brasil annos e annos sem nunca vêr um policia ou um soldado.

Os esforços das companhias colonisadoras ou exportadoras são ajudados vigorosamente por uma organização influente conhecida por *Sociedade Germano-Brasileira,*

com casa matriz em Berlim e filiaes em todo o paiz. Ella mantém uma campanha systematica de educação por meio de comicios publicos e de publicações destinadas a manter o Brasil sempre em vista como a sahida idéal para o capital e o excesso de população da Allemanha.

A Sociedade para o perpetuamento da lingua no estrangeiro é tambem uma promotora activa do germanismo no Brasil, applicando fundos com a dotação de escolas, bibliothecas e igrejas nos districtos germanisados.

E' presidente d'essa Sociedade o professor Adolf Wagner, da Universidade de Berlim, que faz periodicamente objurgatorias causticas contra a doutrina de Monroe.

A resolução dos Allemães de permanecerem Allemães em tudo excepto na naturalisação *pro formula*, não deixa naturalmente de incommodar os proprios Brasileiros. Parece certo que não têm assimilado nada do espirito nacionalista na sua patria *adoptiva*. Esquivam-se de facto a essas influencias. Por origem e educação superiores ao latino indigena, recusam a se tornar assimilados com uma civilisação inferior. Dirigindo-se ao Congresso Federal no Rio de Janeiro do outomno passado, um distincto Deputado, o Sr. Barbosa Lima, referiu-se vehemente a esta invasão estrangeira organisada, persistente, e affirmou que por influencia d'ella o sul do Brasil está soffrendo gradual mas certa desnacionalisação.

Fez-se referencia aos apostolos e historiadores do movimento allemão no Brasil. O seu nome é legião, mas tão identico o seu modo de pensar, que citar um ou dous d'elles é represental-os todos.

Um dos mais francos expositores d'esse movimento é o conhecidissimo Professor Gustavo Schmoller, da secção de Economia Politica da Universidade de Berlim.

Na sua obra sobre *Commercio e Poder* (1904) Schmoller diz: "Devemos a todo o custo querer que, durante os

"proximos cem annos, *surja no sul do Brasil um paiz* "*allemão* com 20.000.000 a 30.000.000 de Allemães. Pouco "importa que elle continue como parte do Brasil, que "forme um Estado independente ou que venha a ter re- "lações mais intimas com o Imperio allemão. Sem uma "ligação, porém, cuja estabilidade seja garantida por na- "vios de guerra, sem a possibilidade da intervenção alle- "mã violenta alli, semelhante facto corre perigo de se "não realisar.„

"Mais adiante no mesmo capitulo accrescenta Schmol- "ler: A conquista de Cuba e das Phillipinas alterou a "moral politica e economica dos Estados-Unidos. A sua "tendencia para excluir a Europa dos mercados da Ame- "rica do Norte e do Sul presagia necessariamente graves "conflictos para o futuro„ Mais ainda : Sem feitorias como "as que a Allemanha possue em Kiao-chan (China) e sem "a protecção de uma poderosa esquadra, será impossivel "a exploração e o manter-se abertos os mercados central "e sul-americanos.„

O Dr. Walther Kundt, que publicou um dos livros mais recentes e mais autorisados sobre o *Deutschthum* no Brasil, fecha a sua obra com as seguintes observações:

"O Brasil é uma communidade aleijada, mal organi- "zada, de 16.000.000 de almas, frivolas, mal educadas, "anti-scientificas, anti-artisticas, anti-militares; que não "sabem nem colonisar, nem estabelecer meios conve- "nientes de communicação, nem construir uma esquadra, "nem regular as finanças, nem garantir a justiça; um "Governo que não póde ser descripto como outra cousa "senão como um bando de ladrões. Todavia, esse povo "tem o dominio de um rico e fertil Imperio, do tamanho "da Europa, que poderia assumir o papel ora represen- "tado pelos Estados-Unidos se sómente gente de progenie "germanica, em vez de latina, governasse alli. O Brasi- "leiro não gosta do estrangeiro. Sente antipathia pelos

"representantes de uma nação que lhe é superior em in-"telligencia; os Brasileiros não sabem, porém, manter "resistencia firme a pedidos. Se companhias ou Estados "estrangeiros quizerem concessões do governo do Rio de "Janeiro, obtel-as-hão. Não são, porém, possiveis no Bra-"sil triumphos reaes—e cumpre tornar isto bem empha-"tico – por meio de tentativas isoladas por parte de indi-"viduos ou pequenas corporações, mas sómente se o "capital allemão, sustentado pela opinião publica e pelo "governo allemão, se voltar para o Brasil.

"Ninguem espera que o governo allemão já possa im-"pôr-se pela força no Brasil. E' dever do governo proteger "e fomentar os interesses existentes; mas uma vez esta-"belecidos os interesses precisamos ter certeza que o go-"verno Imperial *intervirá em nosso favor com mais vigor "possivel.*"

Talvez a confissão mais significativa das aspirações allemães no Brasil jámais feita por entidade responsavel seja um artigo publicado em 1903 pelo *Grenzboten* de Leipzig, revista semanal influente, cujo caracter semi-official se firmou com o facto de haver sido ella escolhida como o vehiculo para trazer ao conhecimento do publico o celebre manifesto religioso do imperador Guilherme.

Depois de mostrar que a Asia estava-se tornando cada vez mais russa e a Africa mais ingleza, perguntou o *Grenzboten* se os Allemães deixariam trancar-lhes o restante continente disponivel (a America do Sul) e accrescentou:

"Sobretudo, os emprehendimentos allemães na Ame-"rica do Sul devem evitar um derperdicio de forças *con-"centrando a sua energia nos tres Estados mais m-"dionaes do Brasil.* No sul do Brasil, segundo a opi "dos competentes, existem as melhores condições pa "desenvolvimento da colonisação e os Allemães que "se teem estabelecido, teem conservado, através de -

"gerações, a sua identidade allemã. O estabelecimento de "Consulados Allemães Imperiaes em Curityba, Desterro, "Porto Alegre e Rio Grande prova que já começamos *a "preparar essas áreas gigantescas.* Do mesmo modo que "o velho escriptor Von der Keydt prohibiu outr'ora a "emigração allemã para o Brasil, devemos agora votar "leis constituindo crime passivel de punição para Alle-"mães o emigrarem para outros paizes que não o Brasil.

"Logo que houvermos trazido o Sul do Brasil para "dentro da nossa esphera de interesse, poderemos garan-"tir aos colonos desenvolvimento absolutamente tran-"quillo, tanto mais quanto o capital allemão ha de natu-"ralmente, em taes circumstancias, ser induzido a interes-"sar-se largamente por essas secções.

"Devemos, todavia, guardar-nos de transplantar os "burocratas allemães para o Brasil.

"Concedamos ao paiz tanto Governo autonomo quanto "possivel. Deixemol-o ser governado por funccionarios "criados e educados lá, e organizemos um exercito colo-"nial em que todo individuo faça o seu tempo de serviço "militar sem voltar á Allemanha. Devemos tambem ao "Brasil as preferencias da tarifa da nação mais favorecida.

"Então, dentro de alguns annos, *veremos surgir do "outro lado do Atlantico um vigoroso Imperio Colonial "Allemão, que será talvez o mais bello e o mais dura-"douro emprehendimento colonial que a velha Europa "jámais tenha creado.„*

Baseado, pois, no que já se tem feito até agora e nas suas esperanças expressas para o futuro, parece que o programma allemão no Brasil visa:

1—Colonisação do Brasil meridional, com emigrantes que se conservarão allemães na lingua, no commercio, nos idéaes.

2—Expansão da actividade commercial, industrial e financeira allemã, dispondo dos meios de communicação, tanto por terra como por mar.

3—Abandono ou modificação da doutrina de Monroe, por parte dos Estados-Unidos, que hão de eventualmente permittir que o predominio economico seja *aproveitado politicamente* sem guerra.„

Que dirão a isto certos politicos brasileiros do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, que precisam das boas graças dos colonos e que, por isto, não trepidam em esconder a verdade aos nossos compatriotas alarmados?

Virão ainda e sempre repetir que são phantasias... phantasias... phantasias... de espiritos doentes!...

Ousam affirmar que os adeptos do *Deutschtum* são tão *brasileiros* como os que mais o sejam!

Por demasiado inepta esta imbecilidade chega a metter pêna.

Sim; são brasileiros, pela mesma fórma e pelo mesmo systema que os *Afrikanders*, do Sul d'Africa, são africanos, isto é, senhores da terra, com exclusão dos antigos donos, dos *Cafres* e dos *Boers*...

De igual modo os *Teutos* são optimos brasileiros, mas com a exclusão dos antigos donos do paiz, os *Indios* e os *Luso-americanos*...

Mas—*contra a estupidez nem os deuses*... dizia Schiller, e é caso de o repetir aos insensatos de cá...

Nada, porém, como a ideia da *creação d'um exercito colonial allemão em terras do Brasil!*—

E' assombroso de desembaraço e de audacia.

Diante d'isto ainda haverá gente que duvide?

Ainda ha poucos dias o famoso economista P. Leroy Beaulieu publicou em a revista de que é redactor em Paris um estudo, no qual, servindo-se de fontes germanicas, analysa o estado de cousas pelos allemães creado no sul do Brasil. O illustre scientista faz desagradaveis vaticinios sobre o futuro do predominio dos brasileiros alli e acha espantosa a *falta de clarividencia* nossa e de nossos governos.

Se Leroy Beaulieu soubesse que o insulto e a descompostura são a paga que se lança em rosto a quem cumpre o elementarissimo dever patriotico de, pelo menos, despertar a attenção para este problema, por certo não chamaria sómente *falta de clarividencia* o que se está passando entre nós n'este assumpto.

Chamaria mais alguma cousa.

Realmente n'alguns ha falta de clarividencia; n'outros, porém, consciente ou inconscientemente, sóbra o *espirito de traição.*

A raça dos *Calabares* infelizmente é immortal e vejo-a até glorificada no presente com a tentada rehabilitação historica do famoso desclassificado das Alagoas.

Analysando, segundo os preceitos da Sciencia Social, as nossas populações do sul, descobrem-se facilmente os motivos que levam nossos patricios d'alli a se julgarem no melhor dos mundos, sem correr o minimo perigo futuro da parte da supremacia germanica.

No que se refere a essa *vexata quæstio* da *futura germanisação de nossas terras meridionaes*, elles se dividem naturalmente em tres grupos: os espiritos levianos e apathicos que não se preoccupam de questões sérias quaesquer, ou por ignorancia ou por indifferença; os velhacos e espertalhões (pequeno numero aliás) que vêem o perigo, que o conhecem perfeitamente, mas não se lhes dá que o predominio politico passe aos allemães, como já hoje lhes pertence o predominio economico e social; finalmente, a enorme maioria dos homens de boa fé que se acham calmos e apaziguados sem divisarem no futuro a menor sombra ameaçadora.

Por isto é que se não interpella um habitante qualquer das zonas do sul ácerca do grande assumpto que não se mostre elle convencido da falta de fundamento dos nossos receios. E' que o interpellado pertence necessariamente a uma qualquer das tres categorias.

De todos elles—só os da ultima, a maioria aliás, é que merecem attenção.

Mas o seu estado de espirito é perfeitamente explicavel pelas condições mesmas da vida social nas rogiões do sul.

As populações luso-americanas acolá nunca tiveram grande aferro á industria agricola, a unica que prende indissoluvelmente o homem ao solo.

Esta qualidade ethnica, geral aliás em todo Brasil, aggravou-se enormemonte nas zonas extremas meridionaes.

*

Não vem agora ao caso demonstrar que as gentes brasileiras, a despeito da crença erronea corrente em contrario, nunca foram nem são sufficientemente dadas á agricultura. Baste lembrar que os seus progenitores *indios* e *negros*, caçadores e pescadores, nunca passaram, em cousas da cultura, da phase da *recolta* de producções espontaneas ou da mais rudimentar colheita *de fructos arborecentes*, e os seus progenitores portuguezes, não foram até hoje muito além d'essa mesma leve cultura em que predomina a *ceuillette* de fructos, nozes, figos, amendoas, ameixas, uvas e mais a azeitona, o milho, que dão logar a amanhos industriaes facilimos, vinhos, azeites, passas, etc., etc.

Existe, é certo, tambem ,alli a cultura, quasi mera jardinagem, de verduras, de legumes e hortaliças, além da mais séria do centeio e do trigo; mas esta ultima sem o desenvolvimento que devia ter, deixando um *deficit* de subsistencias.

Nos paizes tropicaes os portuguezes, desacostumados ás asperas lides da lavoura digna d'este nome, só poderam chegar á concepção da agricultura movida pelo braço escravo, a *fazenda*, o *engenho*, isto é, a exploração da terra com vista ao commercio. Eram mais emprezas commerciaes do que agricolas.

No sul, de Paraná para baixo, o desprazer pela ıvoura, a industria mater que cria as nações indesuctiveis, cresceu de ponto, ajudado pela natureza o sólo: o planalto com os seus chapadões, seus

campos geraes, em Paraná e Santa Catharina; os pampas, com suas cochilhas, suas campinas, no Rio Grande. A criação dos gados naturalmente preponderou como força economica, como genero de trabalho, como fonte de riqueza.

Dest'arte, temos no Rio Grande do Sul, entre as populações genuinamente brasileiras; 1.º as *gentes das cidades*, nas quaes predominam os empregados publicos, os que se alliciam nos corpos de policia e da milicia estadoal, os que se dedicam ás profissões liberaes, medicos, engenheiros, advogados, pharmaceuticos e uma pequena burguezia e pequeno operariado, que se dedicam ás artes e officios mechanicos e ao pequeno commercio; 2.º as *gentes dos campos*, os criadores que se dividem em estancieiros e seus capatazes e aggregados; 3.º nas *zonas da serra e da matta*, pequenos *grupos agricolas*, que vão sendo em toda a linha desbancados pelos colonos allemães; 4.º os fortes destacamentos do exercito, nomeadamente nas regiões das fronteiras, o que demanda grandes remessas de dinheiros federaes.

Ora, é evidente, que taes gentes não teem base economica séria, estavel e amplamente productiva. D'ahi o recorrerem ao que na escola social de Le Play, Tourville, Rousiers e Ed. Demolins se chama a *politica alimentaria*.

Ao passo, porém, que as nossas populações assim vegetam em um viver economico instavel, as

populações germanicas vão progredindo a olhos vistos; porque, pelo regimen do trabalho, se acham de posse das verdadeiras fontes das riquezas e do bem estar.

Acham-se de posse da industria agricola, no goso quasi exclusivo da terra, das industrias fabris, do alto commercio importador e exportador, do commercio bancario, da navegação, etc., etc.

Os nossos patricios, imprevidentes e pretenciosos por indole, sentem-se bem; porque se lhes afigura que os colonos estão alli para trabalharem exclusivamente para supprir-lhes as faltas do proprio esforço. Desde que o elemento germanico produz e gera a riqueza, ajuda largamente a pagar os impostos e a cobrir as despezas, parece-lhes que aquillo é o melhor dos mundos.

Não reparam, porém, os ingenuos, e aqui é que bate o ponto principal da questão, que o elemento allemão o que está fazendo é trabalhar principalmente para si proprio e que, á medida que elle cresce, augmenta, prolifera, se estende e enriquece, vae tomando a dianteira em todos os ramos da actividade social, vae subindo, e atirando os outros para o segundo e terceiro plano.

As nossas gentes acabarão irrecusavelmente por ser de todo supplantadas.

E' fatal, é a consequencia inilludivel dos phenomenos sociaes e economicos. Não ha, não póde haver ahi duas opiniões. O contrario é pintar n'agua.

Em Santa Catharina é, *mutatis mutantis*, a mesma a situação. Só não existem alli os corpos de exercito federal destacados, que attrahem os dinheiros da União, e a immensa fronteira com os estrangeiros do Prata, porta aberta ao *contrabando*, uma das fontes, mas fonte falsa e envenenada, da vida economica do Rio Grande do Sul.

No Paraná, póde-se dizer que nem ao menos existe a tal ou qual agricultura que os nossos possuem nos dois Estados extremos do meio-dia. E' ella substituida pela simples *recolta* primitiva da herva matte e pelo corte de madeiras, duas fontes aleiatorias de renda e de base economica.

Em taes condições não admira que os nossos patricios do Paraná, como os de Santa Catharina, como os do Rio Grande, se julguem n'um mar de felicidades, pelo facto de terem os colonos a trabalhar para elles, como ingenuamente acreditam.

Não olham para o futuro, não vêem que estão sendo geitosamente supplantados, entregues aos sonhos delirantes de uma politicagem refece que vae ajudando a matal-os. Por isso não admira que, cégos como andam, se mostrem surprezos, quando se lhes fala no abysmo que os vae engulir.

E' a acção do tempo e a historia não mente; é a lucta entre o trabalho estavel do elemento ousado, inventivo, cheio de iniciativa, de coragem pessoal, do elemento de *formação particularista* e o viver desordenado, instavel, aleatorio do velho elemento

communario de Estado, que tudo espera da politica alimentaria, da politica — meio de vida...

O resultado do combate só não é enxergado por quem não quer vêr, ou não entende duas palavras de sciencia social.

Os laços *politicos*, que são os ultimos que se rompem, quebrar-se-hão a seu tempo.

E depois, não venham dizer que não houve quem os avisasse.

De trinta annos a esta parte não tenho cessado de cumprir este doloroso dever, e ainda agora indico os meios para se conjurar o perigo.

Fallo como patriota, não tendo interesses immediatos na questão senão o amor entranhado que tenho a este desventurado Brasil.

Inventaram agora de fresco que ando eivado de violento *lusitanismo*...

Assim loucamente appelidam o ardente desejo que mostro de que esta pobre patria brasileira assimile os elementos, todos os elementos estranhos que n'ella se têem vindo implantar, para não perder a sua feição historica de povo — luso-americano, para não perder em parte alguma o uso da bella e magestosa lingua de Camões.

Infelizmente creio que ainda d'esta vez serão perdos os meus esforços.

Os Brasileiros estão cégos.

Que desgraça!

XXV

O sr. Manoel Bomfim não quiz discutir essa *vexata questio* do *Deutschtum;* julgou-a, por certo, abaixo de suas cogitações, entretidas com o *ciume* e o *parasitismo.*

Não me arrependo, entretanto, das paginas que lhe consagrei, a proposito da *America Latina.* Para me despedir do sr. Manoel, resta-me tão sómente escrever algumas linhas ácerca de seu estylo.

Poderia, se não fôsse o receio de protrair por muito tempo a terminação d'este estudo, discutir grande porção de questões aventadas na *America Latina*, todas mal solvidas pelo auctor. Não o farei.

Deixo tambem de enumerar grande copia de erros de ordem secundaria, erros de minucias, que afeiam o livro.

Um d'estes, por exemplo, é dizer, na pag. 157: «Os hollandezes tomaram a Bahia, e fôram senhores de Pernambuco por *quatorze annos.*»

Dizem que o sr. Manoel Bomfim vae ser nomeado *Director geral da Instrucção Publica do Districto Federal*, cargo que anda agora a exercer interinamente.

Sabe-se mais que é ou tem sido *director* d'essa casa de gastos inuteis, chamada *Pedagogium.*

Pois bem: aviso ás alumnas das mais elementa-

res escolas primarias que o chamem a contas por esse erro de palmatoria, — de *terem sido os hollandezes senhores de Pernambuco quatorze annos*, quando fôram 24, quasi o dobro!...

Outro caso. No final d'uma pagina grosseirissima ácerca de José Bonifacio (Pag. 259 a 260), occorrem estas palavras: «Não admira, nem mesmo o ver surgir no governo do Brasil independente, homens como esse *Villela Barbosa*, que alguns annos antes confessava — *ter vergonha de haver nascido no Brasil*, e jurava, *com o rosto ainda turgido da bofetada de Barata*, jurava e promettia, nas côrtes portuguezas, atravessar o Atlantico, etc.»

Este trecho contém dois erros; primeiramente, o nome do velho homem de Estado não é *Villela* e sim *Vilella*, que é como se escreve, e, depois, não foi no distincto *marquez de Paranaguá* (1.º do nome) que o trefego, irrequieto e mediocre Cypriano José Barata de Almeida se atracou n'uma das salas do palacio das côrtes e sim com o marechal José P. Pinto da França, como consta das *Memorias do visconde de S. Leopoldo*. Consulte o Vieira Fazenda, meu caro Bomfim.

Barata nunca tocou com um dedo sequer em Francisco Vilella Barbosa, marquez de Paranaguá, auctor d'*A Primavera*.

O modo como o sr. Manoel Bomfim escreve erradamente o nome — *Vilella*, no que aliás não anda só entre a litteratada do Rio de Janeiro, leva-me a tratar do seu estylo e da sua linguagem.

A questão do estylo é a mais desastradamente apreciada na litteratura brasileira.

A mais elementar verdade existente em todo o mundo ácerca d'essa qualidade litteraria e artistica denominada *estylo*, é que sua primeira qualidade é a *personalidade*. Cada escriptor, cada artista deve ter sua tonalidade, sua vibração propria.

Pretender, portanto, como se faz ahi a cada passo, lavrar um *canon*, uma regra, uma norma, u'a medida, um feitio geral para todos os estylos, para o modo de escrever, pintar, musicar, orar, fazer architectura ou estatuaria, de todos os escriptores, poetas e artistas, é o cumulo da insensatez.

E é o que andam a fazer ahi todos os dias certos sujeitos que se arrogaram o direito de dirigir as coisas litterarias e artisticas n'esta desventurada Beocia.

E se algumas e determinadas qualidades se houvessem de exigir no estylo, para o tornar mais distincto, como regra geral, deveriam, além da personalidade, ser — a clareza, a sobriedade, a propriedade, a completa equação entre o pensamento e sua expressão, a naturalidade, — o movimento, o rhythmo.

No Brasil, na phase romantica, e das escolas que se lhe seguiram, — naturalista, parnasiana, nephelibata, entendeu-se sempre o contrario, com honrosas excepções.

O emprego de palavras, exquisitas por qualquer

titulo, a pretenção de riqueza de vocabulario, a preoccupação de brilho, de colorido, degenerada quasi sempre em affectação de máu gosto, a quéda para o emphatico, o rebuscado, o abuso de metaphoras ouzadas, de tropos inesperados, descambando, não raro, para o *amphigouri*, eis as excellencias estylisticas do geral dos escriptores.

Quem não veste estes trajos de mascarados e não põe estes guizos não sabe escrever nem falar, não é escriptor nem orador.

Agora, recentemente, deram em exhibir uns arremedilhos de classicismo, uns arrebiques de 1500 e 1600, que são mui do gosto corrente. Quem não se adereça com essas fitas e galões, é selvagem, não sabe *vernaculo*, não sabe se exprimir em *vulgar*.

E' uma corja; e difficil é resistir a esse bando de malfeitores do bom senso e bom gosto.

O sr. Manoel Bomfim escreveu *A America Latina* para tomar posto no grupo; mas, — coitado! — foi tão infeliz que o mandaram voltar a proseguir nos preparatorios, taes e tantos são os erros de linguagem que pezam nas paginas do livro.

Ao correr da leitura — meu lapis marcou diversos, que vou mostrar.

Antes de tudo, n'este sentido, n'esta questão da fórma, do estylo, releva ponderar que o medico sergipano tem pretenções a lyrico e forceja por agarrar figuras novas; mas quasi sempre empolga sómente

megeras. Tem-se pena do esforço do jovem psychologo; apparece suado, luctando pela expressão *torturada*, quando mais facil, mais normal, mais hygienica seria a expressão simples e natural. Os dizeres improprios, inadequados, surgem ás duzias.

Na furia do lyrismo, teima, por exemplo, descrever uma *tempestade*, que compara ás *luctas sociaes* e escreve phrases d'estas:

«Em torno, a vaga ruge, salta... mordendo aqui *a trama aspera do gneiss*, lambendo alli a *areia fatigada*... Agora apparece *um retalho de lenho*». (Pag. 389.)

Trama aspera do gneiss, areia fatigada, retalho de lenho... são modos de falar pretenciosos, improprios e inadequados.

Antes de proseguir por este caminho, convém dar larga amostra do estylo do director do *Petalogium*. (E' este o verdadeiro nome do famigerado *Pedagogium*), quando se quer fazer poeta, descriptivo e lyrico.

Sirva, para o caso, a curiosa *surra de bôlos* nos engenhos do norte.

E' esta: «Em toda *a* (Este *a* é demais) em toda *a* fazenda, *havia* um quarto, — uma prisão, *apparelhado* (A prisão ou o quarto? devia ser a prisão) com dois ou tres troncos, gargalheiras, cepos, correntes... Alli *apodreciam*, invariavelmente, *(Colloca quasi sempre os adverbios entre virgulas;* não se sabe porque...), um ou dois negros. Pela ma-

nhã, ao tempo em que se *marcavam* as tarefas aos outros escravos, esses que no quarto do tronco *expiavam* o crime de haver fugido ao trabalho devorador — (Em vez de uma *virgula* põe um *traço)* — esses *recebiam* a refeição quotidiana, de bolos ou açoites, quatro ou cinco duzias, *applicadas* com todo o requinte *sobre as* carnes (Devia ser nas carnes) doloridas, *inflammadas,* sensiveis como uma chaga muitas vezes *maguada e renovada* (E' muita *ada* junto). *Levantava-se* o *desgraçado,* bambas as pernas pela abstinencia, tropegas, *adormentadas*, da posição contrafeita e dolorosa no tronco, *pisados* os musculos, *emaciado* o rosto, *apagados* os olhos pelo soffrer *accumulado* (E' muito *ado* junto); as mãos *inchadas* não se *fecham* (Muda, sem motivo, o tempo do verbo), turgidas, luzentes; a sanie *transuda* por entre os dedos abertos; a pelle *rachou* (Passa sem mais nem menos para outro tempo do verbo —) desde os primeiros dias; as unhas *já caíram*; as costas *estão* (Muda de novo sem razão o tempo do verbo) em carne viva... O miseravel n'um desvario de bruto, *estende* a mão ao executor. Cáe o primeiro bolo, sôa um grito, uivo e lamento, gemido violento de todas as dôres que acordam... E os golpes se repetem: é um —*Ai!... Ai!...* contínuo, como uma vida que se esfrangalha *(Tão sem graça!...)*, uma alma que se esgota. O lamento desesperado passa travando os corações, n'um accento de miseria que traspassa os animos; envenena, hallu-

cina... Um espirito justo, a ouvir aquelle grito cinco minutos enlouqueceria...»

E' a rhetorica réles, amaneirada de todos os escriptores sem vocação. Aprecie quem quizer; não lhe acho graça.

Não é, porém, só essa inhabilidade de artista que busca modelar um estylo sobre especimens desprezíveis e de máu gosto, que devo assignalar. Existe no livro coisa muito mais grave: — erros de linguagem, de grammatica, reclamadores de *bôlos, como os da surra.*

Notem estes:

Pag. VII — «*expontaneamente*». Vê-se que não é lapso typographico, porque se repete na pag. 35. Bomfim não sabe latim; do contrario, fugiria horrorisado d'aquelle *x*.

Pag. 6 — «não ha individuo menos *possuido de espirito* militar que o caudilho». Aquelle *possuido de espirito* é puro gallicismo,

Pag. 15 — «Ella nos embaraça de toda a *sorte* de embaraços». *Sorte* ahi não é portuguez; é gallicismo escusado.

Pag. 27 — «E' tão perfeita a larva do *Chondracanthus*, que os naturalistas tiveram de reconhecer que não se tratava de uma larva de verme; *breve*, reconheceram tambem, etc.» Este *breve* não é lição admissivel em vulgar.

Pag. 38 — «*Spartiatas*». Creio que se queria referir aos espartanos.

Pag. 47 — «... quadro *ligeiro*». *Ligeiro* em vez de *leve, superficial*, é gallicismo indecoroso.

Pag. 47 — «*alternaturas* — ». Não sei o que seja, nem o leitor o sabe tão pouco.

Pag. 67 — ... «com exclamações que respondiam, *justas*, áquellas secretas esperanças». Aquelle *respondiam, justas* — é tambem falar francez; não é nosso.

Pag. 101 — «Tudo servia, que pudesse pagar esse luxo». Está nas mesmas condições.

Pag. 113 — ... «e as varias *sortes* de instrumentos». *Sortes* ainda uma vez em sentido errado.

Pag. 128 — «Fazendas, explorações MINEREAS, havia aonde os escravos se contavam por milhares...» Aqui o erro é horroroso. Apezar de medico, apezar de dever ter estudado algo de mineralogia e geologia, Manoel Bomfim — ainda não sabe o que é *minereo* ou *minerio*; faz d'este substantivo um adjectivo, que confunde com *mineiro* e *mineral*. Bomfim inventou o adjectivo *minereo, minerea*.

E' uma graça ouvil-o a falar nas *explorações* minereas, nas *terras* minereas, nas *riquezas* minereas.

E' para fazer estylo; acha *mineiro* e *mineral* muito vulgar...

Esta pandega apparece em varios pontos do livro; é d'isto exemplo, além da pag. citada, a pag. 152, onde se lê: «... os feudos, representados nas fazendas e *dominios minerios;* a escravidão, na escravaria ignara, etc.»

Coitado!

Pag. 137—«...sem outras despezas, sem onus, sem cansaço de nenhuma *sorte. Breve*, a metropole reconheceu...»

Erros já notados, que se repetem ás duzias; o *breve* no sentido de—*em summa, por fim, finalmente, emfim*, e a *sorte*, no significado de *genero, especie, casta, qualidade*, etc.

Pag. 145—«... a metropole não tem outros intentos senão cobrar os tributos e *impedir* que as colonias *possam furtar-se a não* nos pagar.»

Bomfim queria dizer—que as colonias *possam furtar-se a pagar*, e escreveu o inverso. Elle pensa que se póde dizer *impedir de não fazer, de não furtar*, etc.

Este erro é grosseirissimo e apparece varias vezes no livro.

Pag. 345—«Será uma resistencia desorganizada, muitas vezes, mas por isto mesmo, permanente, irreductivel, garantida pelas condições geraes da vida, mais propicias do que *não* eram as dos portuguezes e hespanhoes...» O mesmo erro.

Pag. 374 «... hoje, bem mais proximas de um estado de organisação regular do que *não* estavam *a* cincoenta annos.»

Aqui, além do *não* de mais, existe aquelle *a* em vez de *ha*.

Pag. 410—«... *nem* o meio social *não* poderia ser um entre-cruzamento de vontades arbitrarias.»

Tudo está a mostrar a impericia com que o sr. Bomfim maneja esse bello apparelho que é a lingua portugueza.

Pag. 164.— «Um passado *todo inteiro* contribuiu para fórmal-a».

Falar francez.

Pag. 164 — « . . . a sua intelligencia *se* fórma-*se* e desenvolve-*se*. . . »

Não seria melhor dizer — se se fórma e desenvolve?

Pag. 201 — « . . . apuram a instrucção superior antes de propagar a primaria; fazem doutores para *boiar* sobre uma onda de analphabetos.»

Boiar está errado; é verbo no singular e sujeito no plural. E' infinito pessoal.

Pag. 203 — «Sim, trabalham; mas o seu labor se faz como uma tarefa, quando devera ser uma campanha, enthusiastica e ardente, como o trabalho se apresenta aos que avançam convencidos do exito, porque *marcham* em contacto directo com os acontecimentos. . . »

Marcham alli é gallicismo grosseiro. *Marchar* em portuguez tem significado peculiar e technico; *marcham* soldados em fórma e attitude militar.

Os mais *andam, caminham.*

Quem lê o periodo de Bomfim crê que são al-ns batalhões que *marcham* em contacto com os ›ntecimentos. . .

E' erro muito vulgar, que deveria ser evitado por quem faz conferencias a beldades...

Pag. 211—«...mas não chegaram a mudar o concepto...»

Pag. 212—«...o mesmo *concepto* se mantem...»

E' sempre assim; Bomfim, por ser um escrevinhador affectado, diz sempre *concepto* em vez de *conceito*.

Não é um erro, é uma affectação.

Pag. 232—«... armando propriedades agricolas ou mesmo *minereas*.»

E' reincidencia no disparate das *minereas* como adjectivo em logar de *mineiras*, etc.

Pag. 243—«... dos irmãos *Carrera*...»

244—«... os *Carrera*...»

253—«... os irmãos *Carrera*...»

Bomfim faz côro com os litteratos da porta do Garnier, gallicistas incuraveis, que ainda pensam que os nomes proprios em portuguez não teem plural, mesmo que sejam nomes estrangeiros. E' gente que escreve—os *Platão*, os *Spinosa*, os *Albuquerque*, os *Conceição*, os *Almeida*, os *Gama*... E' uma miseria. Só bôlos,

Não se lembram, ao menos, de Camões, que diz: —«O quarto e o quinto *Affonsos* e o terceiro—» ou de Garrett que escreve: —«E' proprio dos Camões—falar dos *Gamas*, ou de Herculano, que ensina: «Depois dos graves e profundos trabalhos his-

toricos de Agostingo Thierry, quasi ninguem ignora qual era o valor politico dos Xeques e Caciques dos antigos selvagens da Europa; o que eram os *Alariks, Hlodewigs* e *Theoderiks*, que os escriptores, etc.» (*Opusculos*, v, pag. 157).

E' inutil multiplicar exemplos.

Pag. 248 — «A emancipação estava feita, completa e acabada, *no momento justo em que* o governo da antiga metropole assignasse o tratado, etc.»

Falar francez inutilissimo, já notado.

Pag. 252 — «...que se submettam a *discrição*» Queria se referir a *discreção*.

Pag. 256 — «...á *discrição* da metropole.»

O mesmo caso acima.

Pag. 258 — «Em verdade, será bem difficil dizer em que *momento justo* o Brazil começou a sua independencia...»

E' o caso á saciedade notado.

Pag. 278 — «...não pense n'outra coisa sinão em d'elles se servir para obrigar os outros a *trabalhar*.»

Este ultimo infinito é pessoal; está, pois, em discordancia com o sujeito.

Pag. 298 — «Se a familia, a posição, a fortuna herdada não *lhe vem auxiliar*, elle é condemnado...»

Devia dizer: — *não no vem auxiliar*, ou *não lhe vem em auxilio.*»

Não LHE *venho auxiliar* — é como *ha muito que não* LHE *vejo.*

Pag. 302 — «...que se apresentariam ámanhã taes como eram *a* 40 seculos.»

Pag. 375 — «Pensem esses optimistas no que eram as nações latino-americanas *a* sessenta annos atraz.»

Dois casos mais de *a* em vez de *ha*.

Pag. 338 — «...uma natureza compassiva e *ubera*.»

Em portuguez temos o substantivo *ubere* ou *ubre*.

Temos o adjectivo *uberrimo, a*; mas *ubero, a*, não existe.

Pag. 407 — «Não lhe *trabalha* o espirito nenhuma aspiração superior.»

Não é falar vernaculo.

Pag. 409 — «...se queremos *partilhar* do progresso.»

Dois erros de pancada: *partilhar* é fazer *partilhas*, é officio do *partidor* em juizo. Nem mesmo em rigor, existe o verbo *partilhar* e sim *partir*; e quando se lhe queira admittir a existencia, é no sentido indicado.

Admittido o *partilhar* por analogia — teremos — *compartilhar* — no sentido de *ter parte, quinhão na partilha*, que era o que Bomfim queria dizer. Mas ainda n'este caso, o verdadeiro verbo portuguez é *compartir*.

O outro erro está em o — *se queremos*, em logar de *se quizermos*.

Pag. 427 — «.. *os Ruskin*.»

E' o plural dos nomes proprios,

Existem outros exemplos no livro. Basta isto.

E' a primeira vez, em trinta e seis annos de critica, que desço a indicar erros de linguagem, quédas grammaticaes.

E' que, actualmente, no Rio de Janeiro, se faz isto mistér, — no intuito de cohibir a petulancia de certos pretenciosos, pessimos escriptores entretanto, que vivem na inebriante illusão de haver feito monopolio da bôa linguagem.

E caso é bem diverso do que pensam.

Erram, erram, e erram muito.

O nosso Manoel Bomfim, de tempos a esta parte, anda se enfeitando para tomar assento na companhia. Já tem bilhete de assignatura na porta do Garnier e canta solos no Conservatorio.

E váe tendo *claque*...

Não é, pois, de mais chamal-o á ordem, emquanto é tempo e não se julga invulneravel.

Foi o que fiz nos poucos artigos consagrados á sua *America*, prestando-lhe inestimavel serviço, si é que ainda lhe anda integro o criterio e o animo.

Resta-me pedir desculpas aos homens illustrados que houverem lido *A America Latina*, — de ter deixado n'aquellas paginas ainda tantas duzias de erros e passaram sem corrigenda.

FIM

[illegible]